

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

ADRIANA CHAVES BORGES HOMRICH

O conceito de superego na teoria freudiana

**São Paulo
2008**

ADRIANA CHAVES BORGES HOMRICH

O conceito de superego na teoria freudiana

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo para a obtenção do
título de Doutor em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia clínica
Orientadora: Prof.^a Dra. Eva Maria
Migliavacca.

**São Paulo
2008**

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTES TRABALHOS, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Homrich, Adriana Chaves Borges.

O conceito de superego na teoria freudiana / Adriana Chaves Borges Homrich; orientadora Eva Maria Migliavacca. -- São Paulo, 2008.

248 p.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Superego 2. Teoria psicanalítica 3. Ego 4. Narcisismo 5. Pulsão de morte 6. Identificação (psicanálise) 7. Consciência 8. Moral 9. Complexo de Édipo 10. Humor I. Título.

RC504

FOLHA DE APROVAÇÃO

Adriana Chaves Borges Homrich
O conceito de superego na teoria freudiana

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia
da Universidade de São Paulo para a
obtenção do título de Doutor em Psicologia

Área de concentração: Psicologia Clínica
Orientadora: Prof.^a Dra. Eva Maria
Migliavacca.

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

*Este trabalho é dedicado à minha mãe, quem além de tudo, ainda me ensinou a ler e a escrever.
Como diz um ditado judaico: “Deus não pode estar em todos os lugares, por isto fez as mães”.*

Agradecimentos

Uma tese é fundamentalmente fruto de uma história de vida que inclui a par de um longo percurso acadêmico, a dádiva de relacionamentos fecundos que paulatinamente, porém de forma indelével, transformam nosso modo de ser e de viver, influenciando definitivamente em nossos valores e no nosso alcance e percepção da vida psíquica. Por isto sou eternamente grata ao amor, ao cuidado, às generosas ofertas de idéias estimulantes, ao incentivo, ao apoio e à tolerância de familiares, amigos e pacientes que puderam gentilmente contribuir, direta ou indiretamente, para que este trabalho pudesse ser realizado.

Eu sei que não conseguiria nomear todas as pessoas importantes que cruzaram meu caminho e que deixaram seu traço em meu percurso, mas gostaria especialmente de mencionar algumas delas, e assim poder expressar diretamente o meu mais profundo agradecimento por fazerem parte da minha vida. Começo então por minhas filhas Julia e Laura, que são a razão, o sentido e a porção mais sublime da minha existência, e por meu marido Victor Hugo, que além de admirar meu trabalho e de ter me incentivado desde o início a me tornar psicanalista, é um parceiro de muitos anos, cujo modo de ser muito contribuiu para ampliar a minha percepção do mundo mental e principalmente para meu amadurecimento.

Meus pais, Lecy e Romeu, que me apoiaram incondicionalmente a vida inteira e estiveram presentes, de corpo e alma, sempre, em todas as minhas maiores conquistas e em todos meus maiores enganos. A minha irmã Lili, quem em qualquer ocasião está por perto, disponível e generosa, sempre trazendo uma palavra inteligente, um comentário bem humorado e uma mão amiga; e também a meu irmão Alex, que é um admirador distante, porém incondicional.

A minha avó Elzinha, que a vida toda me presenteou com seu grande amor e com palavras de incentivo que vêm do fundo de sua alma incansavelmente alerta; a minha tia Mirinha e ao meu tio Enilton, por sua dedicação, por seu amor e pela presença, todas as vezes que eu precisei, ou desejei, sem exceção; as minhas sobrinhas Isadora e Karol e a Mariana Meyer, por sua alegria que preenche e contagia.

A Ludmila, que com sua tenacidade e generosidade infinitas me ajudou a acreditar em mim mesma e me mostrou que a vida é possível, apesar de todas as suas vicissitudes. Sem as estrelas de seus olhos sempre vivos, eu jamais poderia ter vislumbrado ou percorrido este caminho, e estaria presa em algum lugar escuro do abismo que assombra a minha alma. Tenho certeza.

A Dra. Eva Migliavacca, a quem eu sou imensamente grata por sua orientação generosa, pela crítica construtiva e enriquecedora, por seu suporte acolhedor nos momentos difíceis, e também por ter, todos estes anos, gentilmente compartilhado seus sólidos conhecimentos e suas impagáveis percepções da vida

psíquica, valiosas não só no campo da psicanálise ou da clínica, mas também em minha vida pessoal.

A Dra. Norma Lottemberg Semmer, que com sua alma gentil me ofereceu valiosas contribuições através de observações e críticas construtivas, que foram muito importantes para a execução deste trabalho.

Ao Dr. Pérsio Nogueira, pelas observações precisas, por sua obsessão pela experiência e sua aversão a idéias especulativas, por sua paciência e presença dadivosa para me abrir os olhos e me guiar pelo complexo universo da mente humana e da psicanálise.

A minha querida amiga Adriana Tannús de Souza, que além de compartilhar minhas dúvidas, medos e sonhos, zelosa, me ajudou com as disciplinas, cuidou para que eu não perdesse os prazos, e me deu idéias e impulsos valiosos para que este trabalho finalmente ficasse pronto.

A minha amiga Maria Vitória Terra, por ser uma irmã que a vida um dia me presenteou, acrescentando em minha existência a sua alma poética, amorosa e generosa.

A meus amigos Marcelo Labaki e Denise Monteiro pelas discussões estimulantes e pelo apoio sincero.

A minhas queridas amigas Cristina Frazer, Julia Nosek, Paula Citrin, Alessandra Baldochi, Maria Luiza Zambom, Ivona Fernandes e Maira Lopes, que de formas diferentes, porém valiosíssimas, muito contribuíram.

A Regina Pupin pelo cuidadoso trabalho de revisão desta tese e ao Caio Camargo, por ter prontamente me ajudado na confecção do *abstract*.

A meus ajudantes de todo dia, Rute, Silma, Narcí, Rosângela, Tânia e Misael por sua dedicação.

E por último, mas nem por isto menos importante, meu sincero agradecimento a todos meus pacientes, que são uma fonte constante e preciosa de crescimento e inspiração.

Agradeço a todos, do fundo do coração.

HOMRICH, A. C. B. **O conceito de superego na teoria freudiana**. 2008. 248 p. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

Este trabalho trata da trajetória do conceito de superego na teoria freudiana desde o momento que os primeiros indícios de sua existência emergiram na clínica da histeria em 1892 até a segunda tópica em 1923, quando esta noção foi formalmente inserida na psicanálise, constituindo um dos pilares do aparelho psíquico ao lado do id e do ego. Para tanto a autora percorreu 1) as experiências pessoais e auto-analíticas de Freud descritas por seus biógrafos e por ele mesmo em sua extensa correspondência com Fliess, e também ao longo de seu livro *A interpretação dos sonhos*, que na verdade é uma valiosa peça autobiográfica; 2) a percepção de Freud dos fenômenos superegóticos relatados em alguns de seus casos clínicos desde a pré-história da psicanálise; e 3) a teoria psicanalítica, sendo que o foco principal foi o período de investigação conduzido por Freud entre os anos de 1892 e 1923. Ao longo deste estudo foram ressaltados os principais atributos, a natureza, as origens e as funções que o superego desempenha no psiquismo humano e concluiu-se que o superego, por conta de seu vínculo com a pulsão de morte, de sua militância no id e de sua ascendência nos conflitos incestuosos e parricidas do complexo de Édipo, é uma estrutura psíquica por natureza violenta e cruel. Uma vez que a participação do superego é estrutural na organização psíquica, cabe ao ego controlar sua fúria, defendendo o psiquismo de seus ataques destrutivos.

Palavras-chave: superego, teoria psicanalítica, ego, narcisismo, pulsão de morte, identificação (psicanálise), consciência, moral, complexo de Édipo, humor.

HOMRICH, A. C. B. **The concept of superego in Freud's theory**. 2008. 248 p. Thesis (Doctorate) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

This paper follows the trajectory of the concept of the superego in Freudian theory from the first signs of its development in 1892 through hysteria clinic, to the point in 1923 when it was formally incorporated in his psychoanalysis, forming one of the pillars of the psychical apparatus next to the ego and the id. To achieve this objective, the author examined 1) Freud's personal and auto-analytical experiences as described by his biographers and by himself in both his book *The Interpretation of Dreams* and in the long and intense correspondence with Wilhelm Fliess; 2) Freud's perceptions of the superego's role in the human psyche as described in some of his clinical cases; and 3) psychoanalytic theory, focused mainly on Freud's work between 1892 and 1923. The author aimed to highlight the main features, the nature, the origins and the functions that the superego performs in the human psyche and concluded that the superego, because of its close link with the death drive, its confrontational relationship with the id and its emergence in the incestuous and parricidal conflicts of the Oedipus complex, is by nature a cruel and violent psychological structure. Given the superego's structural participation in the psychological mechanism, it is up to the ego to control its wrath, defending itself from the destructive assault of the superego.

Keywords: superego, psychoanalytic theory, ego, narcissism, death instinct, identification (psychoanalysis), moral, conscience, Oedipus complex, humor.

*Não é bastante não ser cego
Para ver as árvores e as flores,
É preciso também não ter filosofia nenhuma.
Com filosofia não há árvores; há idéias apenas.*

Alberto Caeiro, Poemas Inconjuntos

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
2 OBJETIVOS.....	22
3 METODOLOGIA.....	24
4 O PERÍODO PRÉ-PSICANALÍTICO	30
4.1 O SUPEREGO NO LABIRINTO DO PAI	31
4.2 O SUPEREGO E A CONSCIÊNCIA MORAL NOS PRIMEIROS CASOS CLÍNICOS	51
4.3 TRAUMA, REPULSA, DOR MORAL E AUTOPUNIÇÃO	60
5 SEGUINDO A VIA-RÉGIA	70
5.1 PEDE-SE FECHAR OS OLHOS	71
5.2 CENSURA DOS SONHOS, SONHOS PUNITIVOS E SUPEREGO	88
6 CRIME E CASTIGO.....	95
6.1 O FATOR DESCONHECIDO QUE CAUSA ANGÚSTIA.....	96
6.2 UM MITO CIENTÍFICO: CULPA DE SANGUE, SACRIFÍCIO E NOSTALGIA DO PAI	113
6.3 AS VERSÕES DO PAI	128
6.4 SACRIFÍCIO E CULPA SANGUÍNEA.....	138
7 O CARÁTER E SUA RELAÇÃO COM O SUPEREGO.....	144
7.1 O CARÁTER NA TEORIA FREUDIANA	145
7.2 OS TIPOS DE CARÁTER QUE FREUD ENCONTROU NO TRABALHO PSICANALÍTICO	147

7.2.1 As exceções.....	147
7.2.2 Os arruinados pelo êxito	152
7.2.3 Criminosos em consequência de um sentimento de culpa.....	161
8 O SUPEREGO E AS PULSÕES	168
8.1 UM RESÍDUO DO PIOR DO PAI.....	169
8.2 A PULSÃO DE MORTE, ALIMENTO DO SUPEREGO	174
8.3 OS PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO.....	183
9 O SUPEREGO É FINALMENTE INSERIDO NA TEORIA PSICANALÍTICA.....	192
9.1 O CONCEITO DE SUPEREGO	193
9.2 A RELAÇÃO DO SUPEREGO COM O EGO	206
9.2.1 Sobre a origem do superego.....	207
9.2.2 Quanto às funções que o superego desempenha no psiquismo	212
9.2.3 Sobre a natureza do superego	222
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS	234
REFERÊNCIAS.....	239

1 Considerações iniciais

A impotência original do ser humano torna-se a fonte primeira de todos os motivos morais.
Freud (1952/1985)

Tal como aprendemos com Freud, o superego é uma das instâncias basilares da personalidade, formando junto com o ego e o id a estrutura tripartite do aparelho psíquico. Considerado a agência moral e crítica da mente, o superego é um juiz implacável que freqüentemente tem o poder de dominar, controlar e destruir o ego com censuras ferozes e críticas depreciativas. Como definiu Gerez-Ambertín (2003),

a incidência do superego está lá onde emerge o esquiteamento do sujeito: mandatos insensatos que irrompem surpreendentemente no mais normal dos sujeitos, compulsões irrefreáveis, coerções inexplicáveis, obediências masoquistas, 'traços de caráter' indelévels, práticas autodestrutivas silenciosas ou estrepitosas, atos expiatórios e sacrificiais ligados a culpas infundadas, estrondosos fracassos como respostas ao êxito, estranhas pioras em momentos de franca melhora, delitos cometidos para obter castigos que apaziguem obscuras culpas, crimes sem motivação, covardia moral... arsenal nuclear do superego (p.19).

O superego é um conceito extremamente complexo e ainda obscuro, que ultrapassou os limites da teoria psicanalítica e deixou marcas profundas não só no psiquismo do sujeito individualmente considerado, mas também na vida social e cultural do homem. Apesar da complexidade do universo superegógico, não encontramos na teoria freudiana uma sistematização deste conceito, mas sim um conjunto teórico inconclusivo que está disperso por sua obra. De acordo com Jones (1926), Freud reconhecia que apesar de ser inegável o valor de uma concepção como o

superego para a psicanálise, este conceito não foi suficientemente esclarecido, o que contribuiu para gerar inúmeras controvérsias teóricas que bem ao estilo de Freud, não puderam, ou não foram propositadamente elucidadas antes do termo de sua vida e obra.

Acreditamos que a obscuridade do universo superegógico emana das inúmeras incertezas que ainda pairam na psicanálise a respeito de suas origens, das funções que ele desempenha no psiquismo e principalmente dos paradoxos inerentes à sua conceitualização. De acordo com a teoria freudiana, o superego é uma entidade ao mesmo tempo interior e exterior, individual e social, masculina e feminina; ele nasce do id e ao mesmo tempo é herdeiro dos conflitos edipianos, e apesar disto, tem a função de se opor a ambos, tornando-se simultaneamente fruto e juiz do id e também do Édipo; o superego ainda é tido como o guardião da moral e dos bons costumes, mas surpreendentemente ele tem o mesmo caráter violento e irracional dos impulsos edipianos que Freud pressupôs que ele deveria reprimir; e ao lado de tudo isto, o superego na visão de Freud, é ao mesmo tempo estrutura constituinte da personalidade e agente crítico dela mesma.

Quanto à complexidade da teoria superegógica, nos referimos ao fato de que a noção de superego não se relaciona apenas com os conceitos de id e de complexo de Édipo, mas seus múltiplos tentáculos se imbricam em outras noções igualmente complexas como os tipos de caráter, a pulsão de morte, o narcisismo, o masoquismo e o sadismo, bem como a dinâmica das identificações, a idealização, a projeção e a onipotência dos pensamentos. Além disto, sua atuação está presente nas neuroses e psicoses produzindo culpa, angústia, autocrítica, autodepreciação e autopunição

exacerbadas, sentimentos que surpreendentemente estão presentes de forma inequívoca não só na patologia, mas também na normalidade, variando apenas o grau de sua incidência.

O conceito de superego, que veio ao mundo em 1923 e adquiriu neste momento não só um nome próprio, como também um certificado de origem, uma identidade e um endereço no aparelho psíquico, foi fruto de uma longa gestação, que absorveu aproximadamente 30 anos de trabalho de Freud. Alguns leitores desavisados acreditam que o superego surgiu em 1914 na *Introdução ao narcisismo*, quando Freud postulou o conceito de ideal de ego¹. Mas percebemos que os primeiros indícios da existência desta instância crítica capaz de avassalar o ego e produzir neuroses precedem a psicanálise, tendo surgido já na descrição dos casos clínicos do início da carreira de Freud, quando ele entrou em contato com suas primeiras pacientes histéricas junto com Charcot e Breuer.

Os casos clínicos compilados nas *Obras Completas* começam em 1886 e os primeiros relatos são de um período em que Freud, apesar de estar interessado em descobrir a etiologia e a cura das neuroses, se ocupava prioritariamente dos dados fisiológicos e neurológicos das doenças, fazendo poucas referências aos processos mentais. No entanto, a sua experiência clínica e seus conhecimentos de neurologia o alertaram para o fato de que a maior parte dos pacientes histéricos não apresentava lesões no sistema nervoso, levando-o a suspeitar da existência de impedimentos psíquicos na etiologia das neuroses.

¹ Ou ego ideal, pois Freud não discriminou estes dois conceitos, como fizeram alguns autores posteriores a ele.

Acreditamos que foi no ano de 1892 que os primeiros germes do futuro conceito de superego se anunciaram na teoria freudiana emergindo pela via da rigidez da consciência moral, que somada ao afeto de autocensura, exerciam um papel central na doença psíquica. Em seus primeiros trabalhos, Freud levantou a hipótese de que a histeria poderia ser causada pela repressão de *idéias antitéticas* que insurgiam na consciência independente da vontade racional das pacientes. De acordo com Freud, estas idéias antitéticas eram extremamente aflitivas e constrangedoras devido a seu conteúdo sexual, que era considerado moralmente inadmissível.

Depois de um período de apatia psíquica e intelectual após a morte de seu pai, em outubro de 1896, Freud intensificou sua auto-análise e partiu célere em direção às suas suspeitas de que a causa das neuroses poderia estar relacionada com a atuação no psiquismo de impulsos sexuais amorosos e incestuosos, como também hostis e parricidas, tanto que poucos meses depois ele comunicou a Fliess um esboço do conceito de complexo de Édipo, que logo em seguida seria formalmente definido como uma experiência psíquica humana universal, de cuja elaboração, vinte anos depois, nasceria a noção de superego.

Na *Interpretação dos Sonhos* (1900), Freud retomou a análise de algumas categorias psíquicas anteriormente estudadas tais como o incesto, o parricídio, a culpa, a punição e a censura, sendo que todas estas aparecem atreladas às primeiras noções de consciência moral, que foi o primeiro prenome concedido ao superego na teoria freudiana. Foi neste livro seminal que Freud não só interpretou o sonho que ele teve

por ocasião da morte de seu pai² e que lhe despertou para descoberta dos conflitos edipianos, como também ele conseguiu universalizar a teoria do complexo de Édipo, inserindo este conceito no plano da cultura, através do Édipo Rei de Sófocles e o Hamlet de Shakespeare. Além disto, Freud analisou os sonhos de conteúdo punitivo e os sonhos com a morte de pessoas queridas, e voltou à questão da censura, da repressão, do deslocamento e da deformação onírica, um estudo que transportou o conflito edípico e as primeiras moções superegóicas do campo da psicopatologia para o universo da normalidade, portanto próprias do psiquismo do ser humano em geral.

As primeiras impressões de Freud acerca do superego emergiram do estudo e da observação da psicopatologia, sendo que já na ante-sala da psicanálise ele registrou a necessidade de castigo e a vitimização na histeria; a hiper-culpabilidade na neurose obsessiva; a auto-recriminação na melancolia; os delírios de perseguição e de ser notado (vergonha) na paranóia; e a culpa e a repressão de impulsos hostis na fobia. No entanto, foi ao aprofundar o estudo dos sintomas e das causas da neurose obsessiva, apelidada sugestivamente de *doença dos tabus*, que Freud erigiu alguns dos principais alicerces do conceito de superego.

Foi no contexto de *Totem e tabu* (1913) que Freud elucidou a obediência cega a mandatos imperativos e categóricos; estudou o funcionamento mental primitivo baseado na lei de talião, segundo a qual deve haver uma rigorosa reciprocidade do crime e da pena (*olho por olho, dente por dente*); elucidou o poder da onipotência do pensamento, da idealização e dos mecanismos de projeção; aprofundou o estudo do

² A primeira vez que Freud mencionou este sonho que ficou conhecido como *Pede-se fechar os olhos* foi em 1986 na carta 50 a Fliess, como veremos.

sentimento de culpa, que é um dos principais astros do universo superegótico, e pela primeira vez elucidou como ocorrem os processos identificatórios, que segundo ele, têm uma participação decisiva na estruturação de todo o psiquismo humano e claro, do superego.

Um ano depois, na *Introdução ao narcisismo* (1914), Freud deu um grande salto perceptual e teórico em direção ao conceito de superego ao constatar que ego é uma estrutura propensa a se dividir, sendo que uma de suas partes pode se voltar violentamente contra a outra. Mas como sempre ocorria com Freud, esta idéia não emergiu apenas neste momento de sua mente privilegiada. Ao contrário, ele já suspeitava da existência desta inclinação autodestrutiva do ego desde 1900 quando ele descobriu os sonhos autopunitivos, que segundo ele, constituem uma exceção à teoria dos sonhos como realização de desejos, comprovando a existência no destino de todo ser humano de uma força destrutiva que atua desde o seu mundo interno e é capaz de transformar cada um de nós num trágico personagem da vida, assim como Édipo.

Foi em 1914 que Freud postulou a existência do ideal de ego como uma formação narcísica que se destaca do ego e surge da identificação com os pais e com outros ideais coletivos, vindo constituir um modelo de perfeição que o ego deseja realizar e ao qual se sente compelido a se submeter. Este conceito gerou inúmeras controvérsias teóricas que persistem até hoje na psicanálise, principalmente porque Freud atribuiu a esta entidade duas funções psíquicas opostas, que são a de proteger o narcisismo infantil e a de medir e criticar ego real, comparando-o a seus ideais. São as vozes do superego que começam a ecoar na teoria psicanalítica e que gritam desde

dentro do sujeito, lançando mandatos imperativos e críticas avassaladoras, lançando-o no lamaçal das culpas infundadas.

Antes de ter sido nomeado em 1923, o superego recebeu alguns prenomes como a *consciência moral* (desde os primeiros casos clínicos), *o fator desconhecido que causa angústia* (1913) e por último, ele foi chamado de *agente crítico* no ensaio sobre *o Luto e a melancolia* (1915). A atuação perniciososa do superego no psiquismo ficou especialmente visível para Freud através do estudo da melancolia, sendo que é nesta afecção psíquica que esta entidade revela claramente sua natureza maligna, tornando-se especialmente cruel com ego, podendo inclusive levá-lo à destruição. Quando Freud escreveu este ensaio em 1915, ele ainda não havia postulado o conceito de pulsão de morte, o que ele fez em 1920, em *Mais além do princípio do prazer*. Foi neste momento de sua teorização que Freud concluiu que a pulsão de morte, esta força interna autodestrutiva presente no psiquismo de todo ser humano, é o principal combustível do superego, sendo que é na melancolia que este último se torna especialmente mortífero, devido justamente ao patrocínio da pulsão de morte.

Em 1923, tendo conhecido os mecanismos fundamentais que regem o funcionamento psíquico, Freud chegou à segunda tópica concluindo que a divisão do aparelho mental em inconsciente, pré-consciente e consciente não era satisfatória, e como sabemos, instituiu a sua divisão em ego, id e superego. Foi neste texto que aquele autor semeou a infindável controvérsia quanto à distinção entre o ideal de ego e o superego, pois ele tratou os dois conceitos indiscriminadamente. Ou seja, superego e ideal de ego formavam uma única instância que reunia a dupla função de interdição e de ideal, criando-se assim um intrigante paradoxo, na medida em que o ideal de ego é

ao mesmo tempo o ideal a que o ego deve se adequar e o instrumento que forçaria o ego a se adequar a ele.

Neste trabalho de 1923, Freud definiu as origens do superego no id e no complexo de Édipo, reforçou a contribuição da pulsão de morte como sua parceira inseparável e demonstrou a militância do superego no id, fatores que influenciaram definitivamente a atuação do superego no psiquismo e a constituição de seu caráter. No entanto, Freud não foi decisivo quanto à definição da natureza do superego, ao contrário, ele hesitou entre a sua extrema nocividade expressa na melancolia, a versão amenizada na normalidade e outra benevolente, que segundo ele, surge no humor.

Apesar do espectro de atuação do superego ser bastante extenso – da normalidade até a patologia, atingindo a vida social, religiosa e cultural humana, além de pesar diretamente sobre a clínica e a técnica psicanalítica –, não pretendemos nos deter nas profundas implicações do superego na cultura e nos conflitos sociais, como Freud avançou principalmente no ensaio sobre o *Mal estar da civilização*, que ele escreveu no final de 1929 e no começo do ano seguinte.

Nós nos propomos a seguir as pegadas deixadas pelo fundador da psicanálise em sua impremeditada trajetória que começou em 1892 com seus primeiros casos clínicos, e seguir até a formulação da noção de superego em 1923. Sem pretender dirimir dúvidas ou desembaraçar a constelação superegóica de seus paradoxos, gostaríamos de ao longo deste trabalho, tentar iluminar o “imbróglio” formado na definição de suas origens, na especificação de suas funções e principalmente na determinação de seu caráter.

Quanto a este último, trabalhamos com a hipótese de que o superego é uma entidade por natureza cruel, violenta e malévola, que é capaz de açoitar o ego até ver seu fim, com o intuito pernicioso de não ter um oponente à sua altura no psiquismo. O sujeito, cujo eu está debilitado, pode ser completamente dominado pelo superego, que vai perverter ou destruir as funções egóicas de observação e percepção, impedindo seu crescimento psíquico.

O superego é *condição estruturante de um sujeito sem eu*, disse Gerez-Ambertin (2003). Concordamos, pois na ausência do ego, o superego assume as funções do ego no psiquismo, mas como o *agente crítico* realiza essa tarefa, é que é o grande problema do sujeito. Sob o domínio do superego, a observação é substituída por regras de comportamento, a violência é confundida com força, a intuição e a percepção são obscurecidas pela submissão a autoridades inventadas, e a liberdade criativa é substituída pela obediência compulsiva a mandatos insensatos e imperativos. Desta forma, o superego é uma estrutura maliciosa que finge estruturar, mas na que verdade, desestrutura. Veremos.

2 Objetivos

Nesta tese pretendemos reconstruir o percurso teórico e clínico do conceito de superego na psicanálise freudiana, partindo do momento em que os primeiros indícios de sua presença e atuação puderam ser percebidos através da clínica das neuroses e posteriormente na auto-análise de Freud, até chegar ao momento em que ele foi nomeado e inscrito na teoria psicanalítica, recebendo o status de estrutura psíquica junto ao ego e ao id na divisão tripartite da mente.

Desta reconstrução histórica do conceito de superego gostaríamos de destacar seus principais atributos, iluminar seus paradoxos e contradições teóricas, explorar suas origens, esclarecer as funções que ele desempenha no psiquismo humano e principalmente tentar definir o caráter desta entidade tão controversa. É comum em psicanálise, até pela indefinição de Freud sobre esta questão, que o superego seja tratado como uma entidade extremamente severa e crítica, mas que pode tornar-se benevolente. Nossa hipótese é justamente contrária a esta, e gostaríamos de demonstrá-la até o final desta tese. Nós entendemos que a natureza do superego é invariavelmente maligna, cruel e punitiva, sendo que nos momentos em que ele se apresenta de forma mais amena, como na normalidade, é porque ele está cerceado pela força do ego. O superego pode parecer benevolente quando ele se associa ao id, mas mesmo neste caso, a sua “bondade” é um ardil para enganar e destruir o ego, enredando-o nas malhas do princípio do prazer. Se o ego se fragiliza e baixa a guarda, o superego assume o poder, e sem sombra de dúvida, ele será especialmente violento.

3 Metodologia

Este trabalho é uma pesquisa conceitual, que como definimos, se propõe a refazer o impremeditado percurso freudiano em direção à noção de superego. Como este trabalho implica a sugestão de um trajeto particular e pessoal pelo legado de Freud, entendemos que o mais adequado seria nos basearmos no método qualitativo de pesquisa em psicanálise, como o próprio Freud nos ensinou.

De acordo com Parker (1996), a pesquisa qualitativa é uma elaboração, um processo de interpretação de um problema específico que inevitavelmente sofre a interferência da pessoa do investigador, pois seu olhar sobre os fenômenos é uma espécie de ponte que une o objeto de pesquisa e sua representação teórica. Além disto, a pesquisa qualitativa é por natureza não conclusiva e dinâmica, sendo que a interpretação dos dados é na verdade um processo de interpretação que acompanha as transformações que ocorrem ao longo do tempo na percepção e na relação do investigador com seu objeto de estudo.

Freud (1915/1969a1) já fazia as seguintes considerações a respeito da metodologia de pesquisa em psicanálise:

Ouvimos com frequência a afirmação de que as ciências devem ser estruturadas em conceitos básicos claros e bem definidos. De fato, nenhuma ciência, nem mesmo a mais exata, começa com estas definições. O verdadeiro início da atividade científica consiste antes na descrição dos fenômenos, passando então a seu agrupamento, sua classificação e sua correlação. Mesmo na fase de descrição não é possível evitar que se apliquem certas idéias abstratas ao material manipulado, idéias provenientes daqui e dali, mas por certo não apenas das novas observações. Tais idéias – que depois se tornarão os conceitos básicos da ciência – são ainda mais

indispensáveis à medida que o material se torna mais elaborado. Devem, de início, possuir necessariamente certo grau de indefinição; não pode haver dúvida quanto a qualquer delimitação nítida de seu conteúdo. Enquanto permanecem nessa condição, chegamos a uma compreensão acerca de seu significado por meio de repetidas referências ao material de observação do qual parecem ter provindo, mas ao qual, de fato, foram impostas. Assim, rigorosamente falando, elas são da natureza das convenções - embora tudo dependa de não serem arbitrariamente escolhidas, mas determinadas por terem relações significativas com o material empírico, relações que parecemos sentir antes de podermos reconhecê-las e determiná-las claramente. Só depois de uma investigação mais completa do campo de observação, somos capazes de formular seus conceitos científicos básicos com exatidão progressivamente maior, modificando-os de forma a se tornarem úteis e coerentes numa vasta área. Então, na realidade, talvez tenha chegado o momento de confiná-los em definições. O avanço do conhecimento, contudo, não tolera qualquer rigidez, inclusive se tratando de definições. A física proporciona excelente ilustração da forma pela qual mesmo 'conceitos básicos', que tenham sido estabelecidos sob a forma de definições, estão sendo constantemente alterados em seu conteúdo (p. 123).

Sem perdermos de vista que nosso objetivo é destrinçar o conceito de superego na teoria freudiana, nós estruturamos esta tese em torno de três pilares fundamentais que são: 1) as experiências pessoais e auto-analíticas de Freud; 2) seu trabalho clínico; e 3) a teoria psicanalítica. Iniciamos a pesquisa com uma passagem pela vida pessoal de Freud incluindo as experiências psíquicas que ele mesmo trouxe à superfície através do relato de sua auto-análise, que foi não só compartilhada com Fliess em sua correspondência, como também foi descrita na *Interpretação dos sonhos*, um livro que acima de tudo é um corajoso relato autobiográfico. Nós ainda acatamos as informações e considerações tecidas por alguns de seus biógrafos³ como Rodrigué, Marthe Robert, Schur, Peter Gay, Anzieu, Roudinesco e Ernest Jones, pois sabemos que a vivência pessoal e auto-analítica de Freud refletiu em seu olhar sobre a clínica, influenciou sua

³ Incorremos no risco de não mencionarmos algum biógrafo relevante de Freud, mas dado os limites deste trabalho e nossos limites pessoais, nos detivemos nestes biógrafos supra citados.

técnica e conseqüentemente interferiu na concepção dos conceitos psicanalíticos, principalmente o superego, que sem sombra de dúvida está relacionado com a elaboração do complexo paterno do próprio Freud.

Quanto à experiência clínica, selecionamos alguns atendimentos, tanto analíticos quanto médicos, conduzidos e relatados por Freud a partir de 1892, cujo conteúdo se relaciona ao conceito que estamos trabalhando. Procuramos recuperar a história clínica de Freud para demonstrar que desde os primórdios da psicanálise já era possível capturar os elementos de observação que prenunciaram a noção de superego, que desde os primeiros casos já se apresentava sob a forma de uma moção psíquica inconsciente que produzia angústia e neurose.

Com relação à teoria, percorremos essencialmente o período de investigação compreendido entre os anos de 1892 e 1923, acompanhando em alguns trabalhos pré-psicanalíticos e em textos selecionados da primeira tópica a espetacular evolução deste conceito na psicanálise, que surgiu como um censor da consciência moral e conquistou o posto de estrutura psíquica, com nome e endereço específicos na divisão do aparelho psíquico. Da segunda tópica selecionamos apenas alguns trabalhos de Freud que nos ajudaram a compreender melhor a origem, a natureza e as funções que o superego desempenha no psiquismo, iluminando e revelando os paradoxos que constituem o cerne deste conceito, que na conceitualização freudiana é considerado ao mesmo tempo um entidade interior e exterior, individual e social. Além disto, o superego tem a função de reprimir as forças que lhe deram origem, é igualmente fonte da neurose e da moralidade, está presente na saúde e na doença, ordena o impossível, perpetua o

castigo sem aludir a culpa, é parte integrante da estruturação do psiquismo, mas urde a dor e enreda o sujeito nas tramas espinhosas da culpa.

Do período considerado pré-psicanalítico estudamos *Um caso de cura pelo Hipnotismo* (1892/1969b); os *Estudos sobre a histeria* (1893/1969c); o *Projeto para uma psicologia científica* (1895/1969g); os *Rascunhos E* (1894/1969e), *H* (1895/1969f), *K* (1896/1969h) e *N* (1897/1969l); *As neuropsicoses de defesa* (1894/1969d) e as *cartas a Fliess* de número 30 e 31 (1895/1954a), 49 e 50 (1896/1954b, 1954c), 60, 61, 64, 69, 70, 71, 72 e 73 (1897/1969i, 1969j, 1969k, 1969m, 1969n, 1969o, 1954d, 1954e). Depois, já na etapa psicanalítica propriamente dita, percorremos principalmente *A interpretação dos sonhos* (1900/1969p); *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* (1901/1969q); os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1969r); *Os chistes e sua relação com o inconsciente*; *Atos obsessivos e práticas religiosas* (1907/1969t); *Formulações sobre os dois princípios do suceder psíquico* (1911/1969u); *A disposição à neurose obsessiva* (1913/1969x); *Totem e tabu* (1913/1969w); *Sobre o Narcisismo: uma introdução* (1914/1969v); *Os instintos e suas vicissitudes* (1915/1969a1); *Luto e Melancolia* (1915/1969z); *Conferências IX e XIV* (1916/1969b1, 1969c1); *Alguns tipos de caráter encontrado no trabalho psicanalítico* (1916/1969d1); *Uma criança é espancada* (1919/1969e1); *Além do princípio do prazer* (1920/1969f1); *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921/1969g1) e *O ego e o id* (1923/1969h1). Da segunda tópica nós passamos por *Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925/1969i1); *O humor* (1927/1969j1); a *Conferência XXXI* (1933/1969k1); *Um*

distúrbio de memória na Acrópole (1936/1969m1) e *O esboço de psicanálise* (1938/1969m1).

A nossa escolha e a utilização dos textos ao longo da tese foi norteada por seu conteúdo, não necessariamente pela ordem cronológica, sendo priorizados aqueles trabalhos de Freud que são grávidos de indícios teóricos e de observações clínicas que direcionaram seu olhar para a incidência dos principais atributos do superego no psiquismo humano, que tecidos na trama conceitual da psicanálise e após um longo período de gestação, contribuíram para seu nascimento em 1923 e para a instalação definitiva deste conceito na psicanálise.

4 O Período Pré-Psicanalítico

Um outro pressentimento também me diz, como eu já sabia – embora de fato eu não saiba absolutamente nada – que muito em breve descobrirei a origem da moralidade....

Carta 64 de Freud a Fliess de 1897.

4.1 O SUPEREGO NOS LABIRINTOS DO PAI

Apesar de ser controversa a data de nascimento da psicanálise⁴, parece ser um consenso que algumas vivências de seu fundador tais como a sua relação com Jakob Freud, o seu encontro com Charcot em 1886, o aprofundamento da auto-análise depois da morte de seu pai em 1896, e a curta, porém extraordinária amizade por Fliess entre 1897 e 1902⁵, interagiram e reagiram entre si para o surgimento da psicanálise.

Esta ciência, que evoluiu a partir do interesse de Freud em desvendar os mistérios da histeria aprofundando os estudos de Charcot e Breuer, tomou forma, segundo Mezan (1985/2006), *no espírito singular* de seu criador. É inútil tentar desenredar a pessoa de Freud de sua obra, principalmente se tratando do conceito de superego, cujos principais antecedentes remontam à pré-história psicanalítica, estando

⁴ Segundo Mezan (1985/2006), poderíamos fixar como a data de nascimento da psicanálise tanto o ano de 1896 quando o termo *psicanálise* apareceu pela primeira vez no artigo *A Hereditariedade e a Etiologia das Neuroses*, ou o ano de 1895, com o *Projeto para uma Psicologia Científica* quando Freud formula a hipótese da sedução no engendramento das neuroses. Já para Rodrigué (1995), o nascimento da psicanálise se deu exatamente em 24 de Julho de 1895 com o marco histórico do sonho da injeção em Irma.

⁵ O período Fliess, segundo Jones (1953/1989).

presente em estado embrionário desde os primeiros casos clínicos e das primeiras iniciativas de Freud em direção à sua auto-análise.

Segundo seus biógrafos, Freud foi o primeiro rebento da união em segundas (ou terceiras) núpcias⁶ de Jakob Kallamon Freud com Amalie Nathansohn, uma bela jovem de 20 anos, que na ocasião tinha a metade da idade de seu noivo, um viúvo *de forte constituição física*⁷ que tinha dois filhos de seu primeiro matrimônio: Emmanuel, o primogênito, tinha pouco mais de vinte anos, era casado e pai de John e Pauline; o outro meio irmão de Freud, Philipp, tinha mais ou menos a idade de Amalie, era solteiro e tudo indica que morava junto com a nova família de Jakob. O casal teve mais sete filhos depois de Sigmund, sendo que Julius, o primeiro deles, faleceu ainda bebê, quando Freud tinha apenas um ano e sete meses. Menos de um ano depois, Amalie deu à luz a Anna, e praticamente na sequência vieram Rosa, Marie, Adolfine, Paula e Alexander.

Sigmund Schlomo Freud nasceu logo depois da morte de seu avô Schlomo Freud, que segundo sugeriu Rodrigué (1995), teria morrido de desgosto: tanto Schlomo quanto seu pai, o bisavô de Freud, eram homens respeitáveis e cultos, que poderiam ser naquela época chamados de rabinos. Mas a história familiar teria sido

⁶ Segundo Jones (1953/1989), Jakob Freud teria se casado duas vezes. O primeiro casamento teria ocorrido na idade precoce de 16 anos com Sally Kanner, que faleceu em 1852, aproximadamente. Em 1855, aos 40 anos, Jakob se casou com Amalie Nathansohn. Amalie viveu 95 anos, falecendo em 1930 em Viena, e Jakob faleceu em Outubro de 1896 com 81 anos. Já Rodrigué (1995) menciona a existência de uma terceira esposa, que na ordem cronológica seria a segunda, que se chamava Rebecca, com quem Jakob teria se casado no mesmo ano da morte de Sally Kanner. De acordo com este autor, parece que Freud suspeitava da existência desta esposa de seu pai, sem que este jamais a tenha mencionado.

⁷ Rodrigué (1995) diz que “um ponto omitido por Jones e os biógrafos em geral – com exceção de Dubcovsky e de De Mijolla – é o marcante vigor sexual de Kallamon Jacob, homem de forte constituição física e afeito aos prazeres da carne. O pai de nosso protagonista [Sigmund Freud] apresenta-se como um exemplar robusto, enxuto, sadio, amante das mulheres, como atestam sua reincidência marital e a numerosa progênie.” (p. 73).

enodada por Jakob, que ao contrário dos outros homens da família, não era um judeu militante, ao contrário, parecia ser até um pouco descrente (Anzieu, 1959/1989, p. 23). Jakob era comerciante de lã, uma profissão não muito bem vista por seu pai, e além disto, por conta uma vida supostamente desregrada, teria sido obrigado a casar-se prematuramente aos dezesseis anos, quando engravidou a jovem Sally Kanner. Além deste ressentimento relacionado a Jakob, havia na vida de Schlomo a incômoda presença de seu irmão Joseph, que se dedicava à práticas comerciais ilegais e tinha freqüentemente problemas com a justiça.

Um fato curioso relatado por Rodrigué (1995) se refere à provável culpa de Jakob por ele não ter participado do funeral de seu pai, deixando de cumprir suas obrigações para com o morto e infringindo a lei judaica de recitar o *Kaddish* junto ao túmulo. Segundo este autor, o fato de Jakob ter dado ao filho o nome do avô, significa segundo a Lei dos Ancestrais, que Jakob havia delegado à Freud a obrigação de reparar sua falta. Foi envolvido nesta atmosfera paterna de um *luto culposo* (p. 71) que o pequeno Freud veio ao mundo, mas pelo ângulo de sua jovem mãe, o fato de seu bebê ter nascido em um âmbito auspiciava-lhe profusa fama e felicidade no futuro. Com isto, Freud não só herdou a missão de reparar o erro de um pai displicente como também se viu compelido a atender às expectativas elevadas de sua mãe quanto a seu futuro.

Roudinesco (1998), Jones (1953/1989) e também Rodrigué (1995), relataram que Freud era adorado pela mãe, que o chamava de *meu Sigi de Ouro*. Se pudermos tecer considerações dentro da teoria Freudiana, este grande amor e o orgulho da mãe pelo filho podem ter contribuído para formar o núcleo de um ego ideal, que como

todos sabemos pelo próprio Freud, tanto pode ser usado positivamente como uma meta a ser perseguida e quiçá alcançada no futuro, quanto como munição para o superego, que implacável compara o ego ideal e o real, exigindo deste último que seja tão perfeito quanto o primeiro, produzindo incontáveis sofrimentos ao ego.

Freud (1900/1969p) de certa forma aborda estes dois aspectos do ideal de ego quando por um lado atribui as origens de sua *sede de grandeza* (p.222) ao relacionamento com Amalie – “um homem que foi incontestavelmente o preferido de sua mãe tem por toda a sua vida o sentimento de um conquistador” (citado por Jones, 1953/1989. p. 19), e por outro lado, deposita a dor propiciada por sua *ambição patológica* (Freud, 1900/1969p, p. 222) no relacionamento com o pai. Amalie teria lhe emitido a centelha do sucesso, mas o preço a ser pago por este, muitas vezes sentido como vultoso, foi atribuído à Jakob, por conta de sua origem judaica e de sua pobreza, tanto financeira quanto cultural.

Interessante notar que quando o estímulo vem de seu pai, Freud tende a interpretar como o uso positivo que ele pôde fazer de uma crítica destrutiva de Jakob, como por exemplo, na *Interpretação dos Sonhos* (1900/1969p), quando relata a seguinte cena que disse lembrar-se com muita clareza:

Uma noite, antes de dormir, desprezei as normas formuladas pelo decoro e obedeci aos apelos da natureza no quarto dos meus pais, na presença deles. No decorrer de sua reprimenda, meu pai deixou escapar as seguintes palavras: ‘Esse menino não vai dar para nada.’ Isto deve ter sido um golpe terrível para a minha ambição, pois ainda há referências a essa cena recorrendo constantemente em meus sonhos, e estão sempre ligadas a uma enumeração de minhas realizações e sucessos, como se eu quisesse dizer: ‘Estão vendo, eu dei para alguma coisa.’ (p. 245).

Segundo Robert (1974/1977), o eixo em torno do qual gira a interpretação dos sonhos de Freud é a ambição, um traço difícil de ser reconhecido pelo próprio sonhador, porém marcante em seu caráter, e que se transformou em uma grande fonte de sofrimento nos anos difíceis que se sucederam à morte de seu pai até a publicação da *Traumdeutung*. Freud se atormentava porque até aquele momento não havia feito uma descoberta relevante no campo da ciência, a única chance, acreditava ele, que um homem judeu e pobre teria para ser catapultado de sua posição social inferior e humilhante para um lugar de honra e glória no mundo dos alemães não-judeus⁸. De acordo com esta autora, as idéias de grandeza cotejadas com o sentimento de inferioridade que neste momento estava exacerbado pela frustração, teriam se tornado para Freud quase uma obsessão que o perseguiria em pensamentos e sonhos, dia e noite.

De acordo com Robert (1974/1977), o tema da ambição, repetidamente frustrada e freqüentemente revivida, estava presente nas vinhetas de sonhos que Freud enviou a Fliess, apesar destas terem sido parcialmente censuradas no livro dos sonhos. Foram subtraídas deste ensaio as conseqüências menos nobres do desejo apaixonado de obter sucesso e fama que foram reveladas ao amigo: a violência reprimida, a inveja e a competição desmedida com seus pares. Freud certamente procedeu daquela forma de propósito, acreditando que seria mais palatável à sociedade médica vienense se deparar com os aspectos ambiciosos de sua personalidade do que com as motivações

⁸ Robert interpreta estes fatos da vida de Freud como sendo fruto de uma ambição desmedida. No nosso ponto de vista, a ambição é um sentimento positivo, fruto da pulsão de vida, que não deprime, ao contrário, estimula o ser humano a lutar por seu crescimento em todas as esferas de sua vida. Desta forma, entendemos que o sofrimento que emerge em conseqüência de ambições frustradas é fruto de narcisismo ferido, e a comparação que implica a diminuição do valor do outro, diz respeito à inveja.

sexuais incestuosas e parricidas que ele descobriu subjacentes à neurose, incluindo a sua. De fato, Freud cuidadosamente informou ao leitor da *Traumdeutung* que ele não revelaria tudo que havia descoberto a respeito de si mesmo em sua auto-análise, e que se reservaria o direito de excluir qualquer material relativo à sua vida amorosa e sexual. Aparentemente, para justificar sua decisão, Freud (1900/1969p) citou Goethe, dizendo que esse autor se queixava “da necessidade destas distorções, com as palavras: Afinal, o melhor do que você sabe não pode ser dito aos meninos.” (p.176).

O fato de Freud ter suprimido a sexualidade de um texto fundamental como a *Interpretação dos Sonhos*, principalmente para o homem que asseverou a sua primazia na etiologia das neuroses, não deve ter sido uma decisão fácil, mas certamente atendeu a necessidade prática de não chocar a sociedade, evitando acusações de pornografia. Nas palavras de Robert (1974/1977):

Ninguém ficou escandalizado com a escuridão que Freud encontrou nas profundezas de seus sonhos; a ambição apaixonada, o desejo secreto de eliminar seus rivais e competidores e o ímpeto para ser o primeiro em tudo, não foram julgados muito severamente por uma sociedade que favorece tais esforços. Deste modo, Freud informou Fliess que ele pôde evitar o ‘sexo, mas não a sujeira’, já que seus contemporâneos se incomodavam muito menos com ela do que com as poucas impropriedades sexuais que ele não pôde deixar de mencionar ao longo do texto (p. 68, tradução nossa).⁹

Os aspectos narcísicos e invejosos da personalidade Freud (que foram descritos por Robert como inveja de seus pares e ambição exagerada) ficaram especialmente

⁹ Nossa tradução livre para o seguinte parágrafo: *No one was scandalized at the blackness that Freud found deep in his dreams; the passionate ambition, the secret desire to eliminate his rivals and competitors, the drive to be first in everything, were not judged very severely by a society that does everything it can to favor such strivings. Thus, as Freud wrote to Fliess, he was able to ‘avoid sex but not dirt’, which he regarded as unavoidable, his contemporaries were far less troubled by this dirt than by the few sexual improprieties that could not help letting slip through* (p. 68)

visíveis para nós através do relato e da análise que Freud (1900/1969p) fez de uma vinheta do sonho *Tio com a Barba Amarela*, que segundo ele mesmo, a princípio lhe pareceu completamente absurdo:

I... Meu amigo R era meu tio. — Eu tinha por ele um grande sentimento de afeição.

II. Vi seu rosto diante de mim, um tanto modificado. Era como se tivesse sido repuxado no sentido do comprimento. Uma barba amarela que o circundava destacava-se de maneira especialmente nítida (p. 172).

Ao interpretar este sonho, Freud percebeu que ele havia associado R a seu tio Josef, e considerou, mediante a análise de fatos ocorridos ao longo daqueles dias, que a motivação inconsciente do sonho pode ter sido seu desejo de ser nomeado, em detrimento de seus colegas, para o cargo mais elevado de professor na universidade em que trabalhavam em Viena. A observação de que o grande afeto por tio Josef que surgiu no sonho jamais existiu na realidade¹⁰, fez com que Freud suspeitasse que esta distorção de seu sentimento real dissimulava um ataque a dois de seus colegas que também pleiteavam o cargo de professor, chamando um de tolo e outro de criminoso, características atribuídas ao tio Josef¹¹. Freud então se recorda que conversara com um destes seus amigos alguns dias antes do sonho, e este ponderou que sua promoção poderia estar em risco por conta de um processo judicial de que fora vítima. O processo havia sido arquivado, mas ele acreditava que aquele fato poderia ser usado

¹⁰ Segundo Freud: “naturalmente, eu nunca sentira nenhuma afeição por Tio Josef”(p. 175).

¹¹ “...Havia uma história triste ligada a ele [tio Josef]. Certa vez - há mais de trinta anos - em sua ansiedade de ganhar dinheiro, ele se deixou envolver em um tipo de transação que é severamente punido pela lei, e foi efetivamente castigado por isso. Meu pai, cujos cabelos se embranqueceram de tristeza em poucos dias, costumava sempre dizer que tio Josef não era um mau homem, mas apenas um tolo; essas eram as suas palavras”(Freud, 1900/1969p, p. 173).

como um argumento contra ele no ministério. Mas Freud, asseverou o colega, com seu *caráter impecável*, não corria o mesmo risco que ele. Freud fez a seguinte avaliação deste episódio:

Se a nomeação de meus amigos R. e N. tinha sido adiada por motivos ‘sectários’, minha própria nomeação também era duvidosa; no entanto, se eu pudesse atribuir a rejeição de meus dois amigos a outras razões, que não se aplicavam a mim, minhas esperanças permaneceriam intocadas. Fora este o método adotado por meu sonho: ele transformara um deles, R., num tolo, e o outro, N., num criminoso, ao passo que *eu* não era uma coisa nem outra; assim, já não tínhamos nada mais em comum; eu podia me regozijar com minha nomeação para o cargo de professor e podia evitar a penosa conclusão de que o relato de R. sobre o que lhe dissera o alto funcionário devia aplicar-se igualmente a mim.... Ainda estava inquieto com a despreocupação com que degradara dois respeitados colegas para manter aberto meu próprio acesso ao cargo de professor.... Eu estava disposto a negar com veemência que realmente considerasse R. um tolo e que de fato desacreditasse de história de N. sobre a chantagem.... Em ambos os casos, o que meus sonhos haviam expressado era apenas *meu desejo de que fosse assim* (p. 174).

Em seguida, Freud incrédulo, afirmou que não reconhecia em si tal ambição patológica¹², mas começou a procurar no seu passado as origens deste provável sentimento:

Se fosse realmente verdade que minha ânsia de que se dirigissem a mim por um título diferente era tão forte assim [como apontava o sonho], isso mostrava uma ambição patológica que eu não reconhecia em mim mesmo e que acreditava ser-me estranha. Eu não saberia dizer como as outras pessoas que acreditavam conhecer-me iriam julgar-me a este respeito. Talvez eu fosse realmente ambicioso; mas sendo assim, minha ambição há muito se transferira para objetos diferentes do título e do posto de *professor extraordinarius*. Qual então poderia ter sido a origem da ambição que produziu o sonho em mim? (Freud, 1900/1969p, p. 222).

¹² Com o adjetivo patológico Freud quis dizer, segundo Robert, excessivamente passional.

O próprio Freud responde logo a seguir: na sua infância, provavelmente no relacionamento com Amalie, descrita por Jones (1953/1989) como uma mãe benevolente, orgulhosa e sobretudo apaixonada por Freud. Consta que Amalie não só acreditou, como também repetiu a Freud diversas vezes o vaticínio a ela lançado de que ele seria um grande homem. Freud (1900/1969p) pontuou:

...recordei-me de uma história que ouvi repetidas vezes em minha infância. Na época de meu nascimento, uma velha camponesa profetizara à minha orgulhosa mãe que, com seu primeiro filho, ela havia trazido ao mundo um grande homem. Estas profecias devem ser muito comuns: existem inúmeras mães cheias de expectativas felizes e inúmeras velhas camponesas e outras do gênero que compensam a perda de seu poder de controle sobre as coisas do mundo atual concentrando-o no futuro. Nem teria a profetisa nada a perder com o que disse. Teria sido esta a origem de minha sede de grandeza? (p. 222).

Muitos foram os biógrafos de Freud como Ernest Jones, Elizabeth Roudinesco, Marthe Robert, Rodrigué, Max Schur e Anzieu, dentre outros. E das biografias escritas por estes autores gostaríamos de destacar o relato de algumas recordações da infância de Freud que segundo ele mesmo (1899/1969p1) deixaram “traços inerradicáveis nas profundezas de [sua] mente” (p. 287) e que acreditamos que têm alguma ligação com nosso trabalho, um tanto arqueológico, de buscar as raízes do conceito de superego no legado de Freud.

Com relação às lembranças infantis, Freud (1899/1969p1) é bastante cuidadoso e faz a seguinte avaliação:

Com efeito pode-se questionar se temos mesmo alguma lembrança proveniente de nossa infância: as lembranças relativas à infância talvez seja tudo o que possuímos. Nossas lembranças infantis nos mostram nossos

primeiros anos não como eles foram, mas tal como apareceram nos períodos posteriores em que as lembranças foram despertadas. Nesses períodos de despertar, as lembranças infantis não emergiram, como as pessoas costumam dizer; elas foram formadas nessa época. E inúmeros motivos, sem qualquer preocupação com a precisão histórica, participaram de sua formação, assim como da seleção das próprias lembranças (p. 304).

Foi na esteira deste contexto, no qual o pesquisador já adulto faz o exercício de localizar em algum lugar de seu passado a origem de um aspecto psíquico percebido no momento presente, que Freud atribuiu a origem de sua tendência à *autocensura*, à vivência da morte de Julius, quando teria pela primeira vez enfrentou o potencial destrutivo de seus desejos fratricidas. Em uma carta a Fliess (Freud, 1897/1969n), Freud analisa: “Saudei o nascimento de meu irmão (que era um ano mais novo que eu e morreu depois de alguns meses) com desejos hostis e verdadeiro ciúme infantil, e sua morte deixou em mim a semente das autocensuras” (p. 313).

De acordo com Jones (1953/1989), de todos os irmãos teria sido Anna a grande rival de Freud. E segundo este biógrafo, o desafeto parecia ser mútuo. Ele pontua que Anna, mesmo quando adulta, ainda se ressentia de Freud ter sido o único que possuía um aposento só para si em casa, enquanto os pais e os outros seis irmãos se dividiam nos três cômodos restantes. Houve também o episódio do piano presenteado a Anna por Amalie, cujo som, mesmo à distância, incomodava o irmão preferido. Freud insistiu que o instrumento fosse retirado da casa, e assim foi feito.

A chegada de Anna, segundo Jones, teria não só despertado na criança de dois anos e meio a esperada curiosidade a respeito de onde surgem os bebês, mas também teria causado ciúmes, privando Freud mais uma vez da exclusividade do amor de sua mãe. Além disto, o nascimento de Anna coincidiu com o “desaparecimento” de

Nannie¹³, governanta da casa e babá de Freud, que naquela ocasião teria sido demitida por insistência de Philipp, acusada de furto. A perda simultânea da babá e da exclusividade do amor da mãe certamente foi um duro golpe no reinado do pequeno Freud, que atribuiu todo o acontecido à maldade de Philipp, que na fantasia da criança teria não só produzido na mãe os bebês importunos, como também feito desaparecer sua babá. Esta ferida, *encaixotada* por muitos anos foi descortinada por volta de quarenta anos depois, pelo próprio Freud, ao se deparar com o que ele classificou como sendo uma lembrança encobridora. Freud (1901/1969q) se recorda:

Eu me via exigindo alguma coisa e chorando, parado diante de uma arca cuja porta meu meio irmão, vinte anos mais velho do que eu, mantinha aberta. Então, de repente, linda e esguia, minha mãe entrou no quarto, como se estivesse voltando da rua.... O esforço analítico levou-me a uma concepção totalmente inesperada da cena. Eu sentira falta da minha mãe e passara a suspeitar que ela estivesse trancada neste armário ou arca, e por isto pedira a meu irmão que abrisse a porta. Quando ele me atendeu e me certifiquei que minha mãe não estava no armário, comecei a chorar.... Mas como o menino teve a idéia de procurar a mãe no armário? Os sonhos da mesma época continham alusões vagas a uma babá de quem eu também guardava outras reminiscências.... O desaparecimento repentino da babá não me fora indiferente; perguntei justamente a este irmão onde ela estava porque, provavelmente, eu havia notado que ele desempenhara um papel em seu desaparecimento; e ele respondeu da maneira esquivada e cheia de trocadilhos que lhe era característica, dizendo que ela estava ‘encaixotada’.... Quando minha mãe se ausentou pouco tempo depois, suspeitei que meu irmão malvado tivesse feito com ela o mesmo que fizera com a babá e por isto o forcei a abrir a arca para mim. Agora compreendo também por que, na tradução da cena visual infantil, enfatizei a silhueta esguia de minha mãe: deve ter-me chamado a atenção como algo que ela acabara de recuperar (p. 65).

¹³ Monica Zajic, apelidada simplesmente de *Nannie*, era tcheca, católica e fazia parte da família em cuja casa os Freud alugaram um quarto no período de aproximadamente três anos em que viveram em Freiberg. Segundo Roudinesco (1998), esta babá, para quem Freud tinha uma afeição especial, “o levava para igrejas, falava-lhe do ‘bom Deus’ e lhe revelou outro mundo além do judaísmo e da judeidade.” (p. 273).

Nas palavras de Freud: “a governanta velha e feia, mas esperta que me contou uma porção de coisas a respeito de Deus todo-poderoso e do inferno e me deu uma opinião elevada acerca das minhas próprias capacidades” (Freud, 1897/1969j, p. 312).

Em 1924 Freud analisa esta passagem de sua infância acrescentando a seguinte nota de rodapé ao texto de 1901:

O menino de três anos entendera que a irmãzinha recém-chegada crescera no ventre da mãe. Ele estava muito longe de aprovar esse acréscimo à família, e desconfiava que o ventre da mãe pudesse ocultar mais crianças ainda. O armário ou arca era para ele um símbolo do ventre materno. Por isto ele insistiu em examinar o interior da arca e, para tanto, voltou-se para o irmão maior, que, como se constata em outro material, tomara o lugar do pai como rival do menino. Além da bem-fundada suspeita de que esse irmão mandara encaixotar a babá desaparecida, havia outra suspeita contra ele, a saber, que de algum modo ele introduzira no ventre materno a menina recém-nascida (Freud, 1901/1969q, p. 66).

No rescaldo das lembranças encobridoras, das recordações de infância e dos sonhos, pouco é dito a respeito de sua mãe, mas esta eminência parda que depositou em Freud a semente de sua *familiaridade com o desejo incestuoso*, como definiu Anzieu (1959/1989), foi fundamental na descoberta do complexo de Édipo e da origem das neuroses¹⁴. Para Rodrigué (1995), esta *Jocasta judia, bonita, esguia, vital e sensual*, atrativa para os três homens de sua vida (Jakob, Philipp e Freud, seu *Negrinho*¹⁵) sofreu uma espécie de recalque na obra de Freud, que se relaciona principalmente à história de seu complexo paterno. Os sentimentos hostis foram majoritariamente dirigidos para Jakob, que foi responsabilizado por muitos dos

¹⁴Freud (1897/1969l) compartilha com Fliess a idéia de que “os impulsos hostis contra os pais (desejo que eles morram) também são um elemento integrante nas neuroses. Vem à luz conscientemente como idéias obsessivas. Na paranóia, o que há de pior nos delírios de perseguição (desconfiança patológica dos governantes e monarcas) corresponde a esses impulsos. Estes são recalcados nas ocasiões em que é atuante a compaixão pelos pais — nas épocas de doença ou morte deles. Nessas ocasiões, constitui manifestação de luto uma pessoa acusar-se da morte deles (o que se conhece como melancolia) ou punir-se numa forma histérica (por intermédio da idéia de retribuição) com os mesmos estados [de doença] que eles tiveram.... Parece que esse desejo de morte, no filho, está voltado contra o pai e, na filha, contra a mãe” (p. 304).

¹⁵ Segundo Jones (1953/1989), Freud tinha ao nascer “uma quantidade tão grande de cabelo negro e eriçado que sua jovem mãe apelidou-o de seu ‘negrinho’” (p. 18).

infortúnios de Freud, incluindo a sua suposta tendência hereditária à neurose e sua procedência judaica, que era fonte não só de orgulho, mas também de grande sofrimento¹⁶ para ele.

A julgar por suas reminiscências, os sentimentos de Freud para com a sua origem judaica eram profundamente ambivalentes, gerando inúmeros conflitos entre ele e seu pai. Há um episódio relatado por Freud (1900/1969p), no qual Jakob, para exemplificar ao filho de doze anos como a vida melhorou muito para os judeus na Áustria¹⁷, conta a ele a seguinte passagem:

‘Quando eu era jovem’, disse ele, ‘fui dar um passeio num sábado pelas ruas da cidade onde você nasceu; estava bem vestido e usava um novo gorro de pele’. Um cristão dirigiu-se a mim e, de um só golpe, atirou meu gorro na lama e gritou: ‘Judeu! Saia da calçada!’, ‘E o que fez o senhor?’, perguntei-lhe. ‘Desci da calçada e apanhei meu gorro’, foi sua resposta mansa. Isso me pareceu uma conduta pouco heróica por parte do homem grande e forte que segurava o garotinho pela mão. Contrastei essa situação com outra que se ajustava melhor aos meus sentimentos: a cena em que o pai de Aníbal, Aníbal Barca, fez seu filho jurar perante o altar da casa que se vingaria dos romanos. Desde esta época Aníbal ocupava um lugar em minhas fantasias (p. 226).

¹⁶A relação de Freud com o judaísmo, segundo Mezan (1985/2006), é dividida em duas grandes correntes: “De um lado, uma atração particularmente intensa pelo convívio com judeus, um profundo bem-estar retirado deste convívio, a admiração pelos heróis da história bíblica, a familiaridade com as anedotas e o prazer de colecioná-las e contá-las; de outro, a percepção nítida de que, como judeus, as coisas são mais difíceis para ele que para os outros, a impressão de se chocar com uma barreira sólida, constituída pela animosidade do meio ambiente contra seu grupo étnico, e um imenso processo penal, aberto no tribunal do inconsciente contra o pai responsável por sua condição inferior na sociedade. Estas duas tendências se combinam à idéia de que, alimentado pelas fontes obscuras, mas calorosas da convivência intragrupal, o judeu encontra forças para perseverar em seu caminho e abrir com tenacidade a rota da vitória, indiferente à hostilidade com que depara” (p. 98).

¹⁷ Segundo Robert (1974/1977), na juventude de Freud já eram resguardados juridicamente direitos iguais para judeus e não judeus, mas na prática, os judeus ainda enfrentavam obstáculos sectários velados.

Freud (1900/1969p) explica que Aníbal era um general cartaginês semita e para ele, “Aníbal e Roma simbolizavam o conflito entre a tenacidade dos judeus e a organização da Igreja Católica” (p. 226). Mas Mezan (1985/2006) não deixou por menos, e fez a seguinte interpretação deste fato:

Aníbal representa o filho-modelo que Sigmund está longe de ser, dado que a este falta o pai exemplar do general. O sentido latente deste sonho¹⁸ configura na verdade uma tremenda acusação contra Jakob Freud: ter sido covarde diante da agressão anti-semita.... Se é preciso ter um pai semita (judeu), ao menos que seja alguém que não se envergonhe de sê-lo e que se mostre intransigente no propósito de vingar a humilhação recebida, mesmo por intermédio de seu filho (p. 136).

Robert (1974/1977) pontua que Freud foi fortemente afetado pela morte de seu pai e que até bem pouco antes desta perda, não suspeitava da profundidade da crise pessoal e profissional em que mergulharia, bem como do grande salto qualitativo que a solução deste “imbróglio” proporcionaria à sua vida psíquica e ao trabalho de investigação psicanalítica.¹⁹

Naquele momento Freud se viu atingido por sintomas somáticos e psicológicos semelhantes aos que observara em seus pacientes e se atormentava com a retração de sua energia intelectual. Além disto, o número de pacientes em seu consultório diminuiu muito, o que acarretava um sério problema financeiro para Freud, considerando-se a responsabilidade econômica que ele tinha por sua extensa família. Para agravar a situação, o método recém desenvolvido junto com Breuer para cura das

¹⁸ Este episódio foi relatado no contexto de um dos quatro sonhos da série *Os sonhos romanos*.

¹⁹ Segundo aquela autora, “it was his death [Jakob’s] that gave Freud the violent shock from which psychoanalysis was to derive the heart of its doctrine and the best proof of its soundness” (p. 63).

neuroses não estava produzindo os resultados esperados, e Freud sentia-se culpado por cobrar honorários por um tratamento duvidoso. Além de tudo isto, sua ambição de triunfar no campo da ciência com uma descoberta valiosa não havia sido realizada, o que deixava seu estado de espírito ainda mais rebaixado.

Segundo Robert (1974/1977), Freud teria começado a inusitada empreitada de analisar sistematicamente seus sonhos com o objetivo de chegar ao fundo de sua própria neurose e com isto recuperar sua disposição psíquica para o trabalho clínico e de pesquisa, que naquele momento estava paralisado. Foi assim, pelo caminho da auto-análise e da observação da psicopatologia que uma clínica diferencial da culpa se insinuou desde os primórdios da psicanálise, implantando, justamente com a rigidez da consciência moral, os primeiros germes do papel da futura instância superegóica na obra de Freud. E a história tem tudo a ver com o complexo paterno, que veremos é o fulcro da teoria freudiana.

Quando Freud completou 35 anos, a idade que de acordo com a tradição da Europa Central o homem atinge a maturidade, Jakob lhe presenteou com sua Bíblia²⁰, na qual escreveu a seguinte dedicatória:

Para meu querido filho Solomon: Foi no sétimo ano de sua existência que o espírito de Deus lhe falou: 'Leia em meu livro. Lá serão abertas para você as fontes do conhecimento e do intelecto'. Este é o Livro dos Livros; É a fonte da qual os homens sensatos beberam e da qual legisladores extraíram as águas de seu conhecimento. Neste livro você teve a visão do Todo Poderoso, você o ouviu de boa vontade, você agiu e tentou voar alto nas asas do Espírito Santo. Desde então eu preservei a mesma bíblia. Agora, no seu trigésimo quinto aniversário, eu retiro esta bíblia de seu abrigo e a envio a

²⁰ De acordo com Rodrigué (1995), Jakob teria, no frontispício desta Bíblia, registrado em hebraico a data e o local da morte de seu pai Schlomo Freud e em seguida, poucos meses depois, a data e o local do nascimento de Freud, que recebeu o mesmo nome do avô, Sigmund Schlomo Freud.

você como um sinal do amor de seu velho pai. (citado por Robert, 1974/1977, p. 22, tradução nossa).²¹

De acordo com Robert (1974/1977), apesar de Jakob ter sido indiferente às práticas religiosas judaicas, ele era um fervoroso devoto das *Sagradas Escrituras* e como ele mesmo descreveu nestas poucas linhas dedicadas a seu filho, o *Livro dos Livros* era para ele a única e exclusiva fonte de todo saber. Em seus sonhos e nas memórias de sua infância, Freud nos revela direta ou indiretamente a decepção com a ignorância de seu pai, que desprezava os livros e qualquer conhecimento que não fosse Bíblico ou Talmúdico. Um episódio traumático da infância de Freud, que ele relatou quase quarenta anos depois, reflete a força de antigos sentimentos revividos no pesquisador adulto, que relembra a cena com indignação:

Certa vez, meu pai se divertira ao entregar um livro com pranchas coloridas (um relato de uma viagem pela Pérsia) a mim e a minha irmã mais velha para que o destruíssemos. Nada fácil de justificar do ponto de vista educativo! Nessa época, eu tinha cinco anos de idade e minha irmã ainda não fizera três, e a imagem de nós dois, jubilosamente reduzindo o livro a frangalhos..., foi quase a única lembrança plástica que guardei desse período de minha vida. Depois, quando me tornei estudante, desenvolvi a paixão de colecionar e possuir livros.... E cedo descobri, é claro, que as paixões muitas vezes levam à dor. Quando eu tinha dezessete anos, contrái uma dívida um tanto vultuosa com meu livreiro e não tinha nada com que fazer face a ela; e meu pai teve dificuldade em aceitar como desculpa que minhas inclinações poderiam ter tomado um rumo pior (Freud, 1900/1969p, p. 203).

²¹ Tradução livre do seguinte trecho do livro de Robert (1974/1977): “*To my dear son Solomon: It was in the seventh year of your age that the spirit of God spoke to you thus: ‘Read in my book. There will be opened to thee sources of knowledge and of the intellect.’ It is the Book of Books; it is the well that wise men have digged and from which law-givers have drawn waters of their knowledge. You have seen in this book the vision of the Almighty, you have heard willingly, you have acted and have tried to fly high upon the wings of the Holy Spirit. Since then I have preserved the same bible. Now, on your thirty-fifth birthday I have brought it out of its retirement and I send it to you as a token of love from your old father*” (p. 22).

Segundo Mezan (1985/2006), a indiferença de Jakob pelos livros, que beirava as raias do desprezo, provocou um sério entrevero entre pai e filho. Jakob teria ressentido não só o fato de Freud desperdiçar os escassos recursos da família com inúmeros volumes de literatura alemã e européia, mas também seu distanciamento dele, impulsionado por sua paixão pelos clássicos de outra cultura. A encrenca com o pai era antiga e formou um imbróglio de culpa e punição, ódio e reparação, competição e superação, tornando bastante longa a pauta do *processo penal* (Mezan, 1985/2006) que Freud movia contra o pai em seu inconsciente, remontando inclusive à sua hereditariedade. Mezan (1985/2006) lembra que em uma carta a Martha escrita em 1886, Freud relatou o rol de doenças mentais de sua família:

Nunca te falei de meu tio de Breslau, porque... só o vi duas vezes em minha vida.... É um dos irmãos menores de meu pai.... Um de seus filhos é hidrocefalo e débil mental; o outro... se tornou louco aos dezoito anos, e à terceira filha ocorreu o mesmo... Esquecera tão completamente esse tio meu, que nunca havia pensado em minha família como possivelmente afetada por uma tara hereditária.... Temo não poder atribuir à família da mãe o fato de que um dos filhos de meu infeliz tio de Viena tenha morrido epilético, do que resulta que devo possuir uma considerável 'tara neuropatológica'. Felizmente, em nossa família... há muito poucos sintomas desta natureza, se executarmos minha vigorosa tendência à neurastenia... em minha qualidade de neurólogo, essas coisas me preocupam tanto quanto o mar ao marinheiro.... Essas coisas são muito comuns em famílias judaicas (p. 95).

Freud, que naquele momento atribuía um grande peso à hereditariedade neuropática em detrimento de fatores adquiridos na etiologia das neuroses, acreditava que o costume judaico de fazer casamentos endogâmicos era uma das causas das doenças mentais em seu meio. A responsabilidade por sua *vigorosa tendência à neurastenia* que não pôde ser imputada à família de Amalie, é lançada sobre Jakob,

este pai que além de transmitir às futuras gerações todas as dificuldades inerentes a ser judeu em um mundo particularmente anti-semita, ainda manteve o costume de fazer casamentos intracomunitários, arriscando-se a gerar filhos débeis mentais ou no mínimo, neuróticos *vigorosos*.

O desprezo hostil pelo pai, tido como um judeu ignorante, destruidor de livros e irresponsável, somado ao desejo revanchista de superá-lo para provar a Jakob e principalmente a si mesmo que havia *dado para alguma coisa na vida*, contribuíram para a emergência de um doloroso sentimento de culpa que acompanhou Freud ao longo de sua existência.

Quando Freud (1936/196911) tinha oitenta anos, ele escreveu uma carta a Romain Rolland pela comemoração de seu septuagésimo aniversário, e nesta ele relatou um episódio ocorrido durante uma viagem a Atenas com seu irmão mais novo, Alexander, que havia acontecido por volta de trinta e seis anos atrás. Nesta admirável peça autobiográfica, Freud conta que todos os anos costumava viajar de férias em companhia de seu irmão mais novo para alguma região da Itália ou do Mediterrâneo, mas naquele ano foram convencidos por um conhecido de que seria melhor não seguirem de Trieste para a ilha de Corfu, mas sim para Atenas. Antes mesmo de comprar as passagens, Freud percebeu que o estado de espírito dos irmãos era aborrecido e sombrio, mas não tiveram dúvidas diante do guichê e compraram os bilhetes sem pensar nas dificuldades práticas que poderiam ter com esta mudança repentina de planos. Foram então à Atenas e Freud lembra que diante da Acrópole “um pensamento surpreendente passou rápido em [sua] mente: Então tudo isto realmente existe mesmo, tal como aprendemos no colégio?” (Freud, 1936/196911, p. 238). Este

pensamento surpreendeu Freud porque o levou a constatar a divisão que ocorria em seu ego: uma parte deste jamais duvidara da existência de Atenas e desconhecia a possibilidade de colocar em dúvida este fato; e outra parte se via obrigada a acreditar, diante da inequívoca visão da Acrópole, em algo cuja realidade era anteriormente duvidosa. Mas de onde vinha esta estranha dúvida a respeito da existência da Acrópole? E porque os dois irmãos, ao invés de se sentirem alegres com a perspectiva de ver Atenas, a cidade símbolo da cultura helênica que era tão cara a Freud, sentiam-se inacreditavelmente deprimidos? Questionou-se Freud.

O psicanalista começou analisando o estado de ânimo dos dois irmãos em Trieste relacionando-o a um tipo de caráter já conhecido da psicanálise que é constituído por pessoas que são “arrasadas pelo êxito, que adoecem, ou até mesmo ficam aniquiladas, porque um desejo seu, excepcionalmente intenso, realizou-se”. Há também, acrescenta Freud, pessoas que acreditam que o destino jamais lhe proporcionaria algo de bom – e quando isto acontece, duvidam, como se o acontecido fosse *bom demais para ser verdade*. Segundo Freud (1936/196911), “subjacente a esta idéia encontramos um sentimento de culpa ou de inferioridade que pode ser traduzido assim: ‘Não mereço tanta felicidade, não mereço’.... Conforme há muito se sabe, o destino, que esperamos nos trate tão mal, é materialização de nossa consciência, do severo superego que há dentro de nós, sendo ele próprio um remanescente da instância primitiva de nossa infância.” (p. 240).

Malgrado as intenções maliciosas de seu superego que engendrou a idéia destrutiva de que a ele jamais seria dada a graça de ver com os próprios olhos os monumentos da arte grega, os irmãos empreenderam a viagem. Apesar de seu ânimo

deprimido no início do percurso, logo na primeira tarde após sua chegada, Freud e seu irmão foram visitar a majestosa Acrópole. Mas de onde teria vindo o sentimento de incredulidade frente a este aspecto indubitável da realidade? Perguntou-se o mestre.

Para responder a esta questão, Freud primeiramente teceu algumas considerações a respeito do que ele chamou de fenômeno de desrealização, que tem a finalidade defensiva de afastar do ego as recordações e experiências infantis muito dolorosas, que são sentidas como insuportáveis pelo ego. Remetendo-se à sua própria experiência, Freud (1936/1969) constatou que

não é procedente o fato de que, em meus tempos de colegial, eu, alguma vez, duvidasse da existência real de Atenas. Apenas duvidara se algum dia chegaria a ver Atenas. Parecia-me além dos limites do possível, eu, algum dia, viajar tão longe – eu percorrer caminho tão longo. Isto se ligava às limitações e à pobreza de nossas condições de vida em minha adolescência.... Se me for facultado comparar esse pequeno evento com um outro maior, também Napoleão, durante sua coroação como imperador em Notre Dame, voltou-se para um de seus irmãos – deve ter sido, sem dúvida o irmão mais velho, José – e observou: O que monsieur notre Père teria dito disto, se ele pudesse estar aqui, no dia de hoje? (p.244).

E o que teria dito Jakob se ele tivesse vivido para constatar o papel que ele desempenhou nas descobertas mais chocantes e revolucionárias de seu filho? Questionou-se Robert (1974/1977), para em seguida refletir que esta questão não era pertinente: a morte de Jakob foi o derradeiro impulso que lançou Freud no fundo do labirinto sombrio de sua própria mente e foi justamente por precisar percorrer os caminhos tortuosos e aflitivos a fim de encontrar uma saída, que ele ressurgiu com o conceito angular da psicanálise, o complexo de Édipo, que mais tarde nos legaria um herdeiro, o superego.

Como se andássemos em círculos, estamos novamente às voltas com o pai e com as primeiras moções que engendrariam a futura noção de superego: o ódio parricida, a culpa e a autopunição. Freud muito cedo percebeu que estes atributos superegóticos são capazes de fustigar o ego, produzir depressão e subtrair do sujeito a alegria de viver. Mas passemos a palavra a Freud (1936/1969:11), que singelo, responde as duas questões que ele propôs na carta a Romain Rolland:

...deparamos com a solução do pequeno problema da causa pela qual, já em Trieste, interferíamos em nosso regozijo pela viagem a Atenas. Pode ser que um sentimento de culpa estivesse vinculado à satisfação de havermos realizado tanto: havia nessa conexão algo de errado, que desde os primeiros tempos tinha sido proibido. Era alguma coisa relacionada com as críticas da criança ao pai, com a desvalorização que tomou o lugar da supervalorização do início da infância. Parece como se a essência do êxito consistisse em ter realizado mais do que o pai realizou, e como se ainda fosse proibido ultrapassar o pai.

Como acréscimo a esse motivo, cuja validade é geral, estava presente um fator especial, em nosso caso particular. O próprio tema referente a Atenas e a Acrópole continha provas da superioridade do filho. Nosso pai se dedicara ao comércio, não tinha tido instrução secundária, e Atenas podia não ter significado muito para ele. Assim, o que interferia em nossa satisfação de viajar a Atenas era um sentimento de *respeito filial*. E agora o senhor não mais haverá de se admirar de que a lembrança desse incidente na Acrópole me tenha perturbado tantas vezes, depois que envelheci, agora que tenho de ter paciência e não posso mais viajar (p. 245).

4.2 O SUPEREGO E A CONSCIÊNCIA MORAL NOS PRIMEIROS CASOS CLÍNICOS

Os primeiros casos clínicos compilados nas Obras Completas tratavam principalmente da histeria e foram escritos sob a influência de Charcot, refletindo um período em que o fundador da psicanálise, apesar de já estar interessado na etiologia e na descoberta da cura para as neuroses, ainda se ocupava principalmente de seus aspectos fisiológicos e neurológicos. Freud não tardou a constatar que os sintomas neuróticos não estavam relacionados necessariamente a lesões no sistema nervoso ou a qualquer causa fisiológica, e ele começou a ouvir os pacientes e a investigar, por meio de seu discurso, as possíveis causas psíquicas de sua neurose, utilizando uma técnica que ele mesmo criou, composta pela associação livre por parte do paciente e pela atenção flutuante por parte do analista.

A clínica freudiana entre os anos 1892 e 1895 se afastou paulatinamente dos questionamentos biológicos e voltou-se para a investigação da suposta correlação entre o impulso ou prazer sexual vivido na infância e revivido na idade adulta, e o sentimento de culpa que surge devido a este ato ou pensamento pecaminoso, e entre a autocensura, a severidade da consciência moral e a emergência das neuroses. Foi a partir desta investigação que Freud levantou a hipótese de que as paralisias histéricas, os delírios paranóides, a fobia e a neurose obsessiva poderiam ser diferentes expressões do mesmo conflito psíquico, produzido basicamente pela guerra entre a rigidez da consciência moral e a emergência da sexualidade.²²

²² Segundo Mezan (1985/2006), o que scandalizou a sociedade médica vienense daquele final de século não foi o fato de Freud ter mencionado a questão da sexualidade em suas pesquisas, mas todo o movimento teórico que retirou a questão sexual do domínio exclusivamente fisiológico. Com o trabalho de Freud, o sexo adquiriu um papel central na vida anímica do ser humano e isto a moral vitoriana não podia digerir, sendo provavelmente por esta razão que Freud se tornou alvo de polpudas acusações de pornografia. De acordo com este autor, estas acusações eram infundadas porque Freud, inacreditavelmente, mas segundo a maioria de seus biógrafos, vivia exatamente de acordo com os

Mezan (1985/2006) pontuou que nas primeiras reflexões de Freud, o vínculo entre a moralidade e a sexualidade era extrínseco, ou seja, a rigidez da consciência era fruto de fatores externos e sociológicos como a severidade da educação, a condição social, a idade e a origem geográfica do paciente (campo ou cidade; interior ou um grande centro). De fato, Freud (1894/1969e) inicialmente estava interessado na frustração da mulher que era obrigada a se submeter aos desejos sexuais do marido em detrimento dos seus; na angústia de jovens viúvas que por força do destino foram levadas a se abster sexualmente; nas mulheres solteiras e virgens em idade avançada que não tinham perspectivas de satisfazer seus desejos libidinosos; e na suposta maior liberdade sexual das mulheres de classes menos privilegiadas, o que deveria lhes favorecer do ponto de vista psicopatológico, como imaginou Freud.

Em 1892, Freud escreveu um curto artigo onde ele expôs a teoria da *contravontade* e o conceito de *idéias antitéticas aflitivas*. Neste estudo Freud analisou o caso de uma parturiente, que apesar da necessidade e do desejo expresso de alimentar seu bebê no seio, não podia fazê-lo. A cada tentativa ela era assaltada por sintomas histéricos como a perda de apetite, vômitos e severa insônia, que a deixavam exasperada e deprimida. A partir do atendimento desta paciente, Freud inferiu que o fenômeno histérico inclui uma *perversão da vontade*, ou seja, uma *idéia antitética e aflitiva* emerge e se impõe na mente como uma poderosa *contravontade*, de tal forma

preceitos morais de seu tempo e teria conduzido sua vida pessoal em regime quase monástico. Além disto, a questão sexual na teoria Freudiana não pertence apenas à ordem das relações genitais entre adultos, mas está inscrita em dois outros registros diferentes: um deles quantitativo, relacionado à intensidade da tensão sexual e vinculado às noções de trauma, descarga e soma de excitações; e outro psíquico ou dinâmico, situado no campo das representações e das idéias eróticas.

que a paciente, que imaginava ter uma vontade resoluta, se percebia impotente e dominada por sua doença. Nas palavras de Freud (1892/1969b):

Essa emergência da contravontade é predominantemente responsável pela característica demoníaca tão frequentemente mostrada pela histeria – isto é, a característica de os pacientes serem incapazes de fazer alguma coisa precisamente quando e onde mais ardentemente desejam fazê-la; de fazerem justamente o oposto daquilo que lhes foi solicitado; e de serem obrigados a cobrir de maus-tratos e suspeitas tudo o que mais valorizam. A perversidade de caráter que os histéricos mostram, sua ânsia de fazerem a coisa errada, de parecerem doentes quando mais necessitam estar bem – as compulsões desta ordem (como acontece a todos que têm contato com estes pacientes) muitas vezes podem comprometer os caracteres mais irrepreensíveis, quando, durante algum período, esses pacientes se tornam vítimas desamparadas de suas idéias antitéticas (p. 169).

Três anos depois, em um comunicado a Fliess que tratava basicamente da paranóia, Freud (1895/1954a) substituiu a expressão *idéia antitética aflitiva* por *idéia incompatível* com a consciência moral, e tentou entender como esta é rechaçada do ego nas diferentes afecções psicopatológicas. Segundo ele, na histeria o conteúdo incompatível é retido em algum compartimento mental afastado da consciência e seu afeto é eliminado por conversão na esfera somática; na obsessão, a idéia incompatível é mantida afastada do ego, mas seu afeto é mantido, só que depositado em algum objeto substituto; e na paranóia, tanto a idéia incompatível quanto o afeto são preservados e projetados no mundo externo.

Para Freud (1894/1969d), o que torna uma representação incompatível com a consciência moral de forma que ela precisa ser automática e implacavelmente rechaçada do ego, é a intimidade de seu conteúdo ideativo com a região arqui-proibida da sexualidade. Segundo ele, “é fácil verificar que é precisamente a vida sexual que

traz em si as mais numerosas oportunidades para o surgimento de representações incompatíveis” (p. 59).

No outono de 1892 Freud iniciou o tratamento de Elizabeth Von R.²³, e na narrativa deste caso clínico ele introduziu paulatinamente o leitor na problemática desta jovem, buscando através de uma análise sistemática de seus padecimentos físicos encontrar a fonte do conflito psíquico subjacente e recalcado. Depois de um longo e penoso percurso, o médico e a paciente chegaram ao fulcro do fenômeno histérico, que segundo Freud, estava relacionado ao rechaço de uma representação incompatível com a consciência moral, sendo que o sofrimento físico era uma expressão simbólica destes pensamentos dolorosos. No caso de Elizabeth, a representação incompatível estava ligada a sentimentos afetivos e a impulsos eróticos dirigidos ao marido de uma de suas irmãs. A revelação deste impulso sexual vivido como vergonhoso e imoral produziu na paciente um *efeito devastador*, e ela, inconformada repetia que “seria incapaz de tanta maldade” (Freud, 1893-95/1969c, p. 180). Freud consola a paciente garantindo-lhe que não poderia ser considerada imoral ou pervertida por conta destes seus sentimentos; ao contrário, além de não poder ser responsabilizada por eles, o fato de ter adoecido naquelas circunstâncias “era prova suficiente de seu caráter moral” (p. 181).

Elizabeth já havia experimentado, mas com menor intensidade, a erupção de sintomas histéricos numa ocasião em que seu pai estava enfermo, e ela, mesmo assim, foi a uma festa com um jovem que lhe fazia a corte. Ao voltar para casa e constatar que o estado de saúde de seu pai havia piorado, Elizabeth apresentou o primeiro

²³ Nas palavras de Freud (1893-95/1969c) esta foi “a primeira análise integral de uma histeria empreendida por mim.”

sintoma histérico através de uma forte dor na coxa direita. Segundo Freud (1892/1969b),

por meio da análise, foi possível encontrar uma elucidação adequada para o mecanismo do sintoma. Ele aconteceu no momento em que o círculo de idéias que abrangia seus deveres para com o pai enfermo entrou em conflito com o conteúdo do desejo erótico que ela estava sentindo na época. Sob a pressão de intensas autocensuras, ela se decidiu em favor do primeiro e, ao fazê-lo provocou a dor histérica (p. 187).

No *Projeto Para Uma Psicologia Científica* (Freud, 1895/1969g), Freud relata um fragmento do tratamento de Emma, uma jovem histérica que havia desenvolvido a “compulsão de não poder entrar nas lojas sozinha” (p. 407). A paciente relacionou este impedimento compulsivo com um evento ocorrido em sua adolescência, quando ela estava dentro de uma loja e dois vendedores, conversando entre si, olharam em sua direção e começaram a rir. Diante desta cena ela saiu correndo, tomada por uma espécie de “afeto de susto” (p. 407), mas agora ela se recorda de ter se sentido atraída sexualmente por um daqueles vendedores.

Freud atribuiu a origem do *estado de consciência pesada e opressiva* de Emma não só a este fato, mas também a um evento ocorrido quando ela tinha por volta de oito anos de idade. Segundo a paciente, ela foi assediada sexualmente pelo proprietário de uma confeitaria em que ela entrou para comprar doces, mas mesmo depois deste acontecido, ela voltou outras vezes naquele estabelecimento, como se quisesse provocar outro incidente semelhante, e agora se recrimina por isto. Na interpretação de Freud, Emma encontrou nos padecimentos histéricos a punição que necessitava para

aplacar a culpa e aliviar o peso na consciência produzidos por sua tentação incestuosa, já que o sedutor era um homem bem mais velho que ela, que poderia ser seu pai.

Segundo Freud (1894/1969e), na neurose obsessiva também é possível observar o rechaço pelo ego de uma representação ligada à esfera da sexualidade, mas neste caso, ao contrário da histeria, o afeto incompatível não é convertido em padecimentos físicos e permanece livre na esfera psíquica, apesar de afastado da memória. Para exemplificar como a consciência moral atua na neurose obsessiva, Freud (1894/1969e) trouxe o caso de uma jovem, que quando lia nos jornais sobre ocorrência de algum ato ilícito cometido por qualquer desconhecido, ela acreditava que a criminosa era ela. Como acontece com os obsessivos, no plano racional a jovem sabia do absurdo destas auto-acusações, mas seu ego, atingido por uma poderosa força autodestrutiva, havia perdido a capacidade crítica e ela não só acreditou, como também relatou ao médico e a parentes que ela era, de fato, a responsável pelos crimes. Uma análise minuciosa do caso levou Freud a supor que o sentimento de culpa desmedido provinha da prática compulsiva, mas que a paciente considerava condenável, de se masturbar. Freud concluiu que como a jovem não pôde interromper este hábito aflitivo com a força de sua vontade, ela deslocou a culpa para uma representação considerada menos inaceitável que a sexual, passando a se recriminar por diversos crimes imaginários que ela teria cometido.

Ou seja, as auto-recriminações próprias da neurose obsessiva permitem ao paciente eludir a angústia que eclodiria caso a culpa fosse deixada em estado livre. Como a culpa se liga a outra representação cujo conteúdo não fere os critérios morais da paciente, ela pode ser atenuada tanto pelos rituais obsessivos como pelas idéias e

atos compulsivos. No entanto, como a defesa não é capaz de eliminar total e imediatamente a angústia, ao contrário, ela é apenas um paliativo que alivia a dor psíquica momentaneamente, a angústia ressurgem ato contínuo, disfarçada nos sintomas psiconeuróticos. O resultado final deste procedimento inconsciente é que a defesa, além de não resolver o problema da angústia, acaba criando tormentos adicionais com o comprometimento do ego.

Com relação à paranóia, que Freud (1895/1969f) também considerou como sendo um modo patológico de defesa diante de afetos sexuais que não são tolerados pela rigidez da consciência moral, Freud relatou alguns fragmentos da análise de uma mulher solteira e não muito jovem, que desenvolveu delírios de estar sendo observada e perseguida depois de ter sido molestada por um hóspede que passou alguns dias em sua casa. Quando o homem partiu para jamais retornar, a paciente começou a imaginar que suas vizinhas faziam insinuações maldosas a respeito dela ter sido abandonada por seu suposto namorado. Segundo Freud, tanto o contato com o hóspede, quanto a lembrança do fato, eram excitantes para a paciente, que envergonhada, se autocensurou dolorosamente pelo ‘pecado’ que ela julgou ter cometido. Para aliviar este sentimento recalcitrante, a paciente projetou no mundo externo suas auto-recriminações, e através deste artifício, ela passou a acreditar que as vizinhas é que lançavam sobre ela as imprecações que rogaria a si mesma, trocando a culpa pela raiva. A vantagem imediata deste mecanismo de defesa, segundo Freud, é que “[a paciente] teria sido obrigada a aceitar o julgamento proveniente de dentro; já o que vinha do exterior, podia rejeitar. Dessa forma, o julgamento, a censura, era mantida afastada de seu ego” (p. 255).

Nestes anos iniciais, Freud acreditava que o êxito da análise dependia da descoberta do desejo sexual subjacente ao conflito psíquico. A revelação da representação sexual rechaçada da consciência, apesar de ser dolorosa para o paciente, uma vez que o confrontava com aspectos indesejados de sua personalidade, era fundamental para curá-lo de seus sintomas e para libertá-lo do sentimento de culpa que lhe oprimia. Segundo Mezan (1985/2006), nestes primeiros casos clínicos, a consciência moral já estava diretamente ligada ao registro da culpa e o papel do analista seria o de absolver o paciente de suas autocensuras, não como um confessor religioso que precisa do reconhecimento do pecado e do arrependimento do pecador, mas questionando a regra moral. Vimos Freud aplicar esta metodologia no caso de Elisabeth Von R. quando lhe consolou reafirmando a retidão de seu caráter moral, o que permitiu à paciente aliviar a culpa e curar seus sintomas. Desta forma, Freud garantiu que a histeria não é consequência de um caráter degenerado, ao contrário, é justamente a rigidez do caráter moral em conflito com desejos sexuais inimputáveis que produzia os sintomas histéricos.

Através da leitura destes primeiros casos clínicos podemos concluir que desde os primórdios da psicanálise Freud já se ocupava de uma função mental específica, nomeadamente a faculdade autocrítica, que associada à culpa, sua fiel escudeira, conduziram a psicanálise a resultados teóricos *momentosos*, como afirmou Strachey na introdução de *O Ego e o id*. Ou seja, os primeiros atributos da futura e momentosa noção de superego emergiram no universo da psicopatologia no momento em que Freud percebeu o efeito pernicioso da exagerada escrupulosidade da consciência moral presente na auto-recriminação e na hiper-culpabilidade obsessiva; nos delírios de

perseguição e de *ser notado* na paranóia; e na autovitimização (*consciência pesada e opressiva*) histérica, sendo que em todas estas afecções psíquicas, a irascibilidade da consciência moral é capaz de produzir importantes danos ao ego. Em 1896 Freud já dizia:

Há quatro tipos e muitas formas dessas neuroses. Posso apenas traçar uma comparação entre histeria, neurose obsessiva e uma forma de paranóia. Elas têm várias coisas em comum. São aberrações patológicas de estados afetivos psíquicos normais: de *conflito* (histeria), de *autocensura* (neurose obsessiva), de *mortificação* (paranóia), de *luto* (amênia alucinatória aguda). Diferem desses afetos pelo fato de não conduzirem à resolução de coisa alguma, e sim a um permanente prejuízo para o ego (Freud, 1896/1969h, p. 267).

4.3 TRAUMA, REPULSA, DOR MORAL E AUTOPUNIÇÃO

Vimos que no início de sua clínica, mais especificamente entre os anos de 1892 a 1895, Freud salientou a punição histérica deslocada para estranhos sofrimentos físicos, a autopunição culposa na neurose obsessiva e as autocensuras transformadas em delírios de perseguição na paranóia. Segundo Freud, estes padecimentos guardavam estreita relação com a severidade da consciência moral, que reprime implacavelmente os desejos sexuais considerados impróprios, mas cuja emergência o ego infelizmente não consegue evitar.

Ao longo de 1895, Freud foi paulatinamente atribuindo menos importância às investigações do conflito moral subjacente às neuroses, e baseado na escuta de pacientes histéricas e obsessivas que relatavam ter sido vítimas de sedução sexual na

tenra infância, ele introduziu a idéia de que um trauma sexual sofrido passivamente e em idade pré-sexual poderia desempenhar um papel determinante na etiologia das psiconeuroses.

Nas cartas a Fliess datadas do segundo semestre de 1895, podemos acompanhar o quanto Freud estava entusiasmado com suas recentes pesquisas, acreditando finalmente ter descoberto na teoria da sedução a chave para a cura das neuroses. No dia 15 de Outubro, Freud (1895/1954a) escreveu jubiloso a Fliess:

Teria eu lhe revelado, verbalmente ou por escrito, o grande segredo clínico? A histeria é consequência de um trauma sexual pré-sexual. A neurose obsessiva é consequência do prazer pré-sexual mais tarde transformado em culpa. Pré-sexual significa antes da puberdade, antes da produção de substância sexual; os eventos relevantes se tornam efetivos somente como memórias (p. 127, tradução nossa).²⁴

E no dia seguinte:

Eu estou praticamente seguro que resolvi o enigma da histeria e da neurose obsessiva com a fórmula do trauma sexual infantil e o prazer sexual, e também estou certo de que ambas neuroses são agora radicalmente curáveis – não somente os sintomas isoladamente, como também a própria disposição neurótica (p. 128, tradução nossa).²⁵

²⁴ Tradução livre de: *“Have I revealed the great clinical secret to you, either in writing or by word of mouth? Hysteria is the consequence of a presexual sexual shock. Obsessional neurosis is the consequence of presexual pleasure later transformed into guilt. Presexual means before puberty, before the production of the sexual substance; the relevant events become effective only as memories”* (p. 127).

²⁵ Tradução livre de: *“I am practically sure I have solved the riddle of hysteria and obsessional neurosis with the formula of infantile sexual shock and sexual pleasure, and I am just as sure that both neuroses are radically curable now – not just the individual symptoms but the neurotic disposition itself”* (p.128).

Segundo Laplanche e Pontalis (1982/1995), a teoria da sedução pressupõe a ocorrência de um trauma sexual vivido em dois atos, com um intervalo demarcado pela puberdade. O primeiro ato, que é o da sedução propriamente dita, acontece a partir de uma violência sexual imposta por um adulto a uma criança incapaz de ter emoções sexuais (pré-sexual). Entretanto, este primeiro acontecimento traumático não será objeto de recalque, que ocorrerá apenas em um segundo momento no futuro quando o paciente vivenciar algo (de conteúdo sexual ou não) que evoque as lembranças constrangedoras da primeira vivência traumática, desencadeando a doença. Ou seja, o trauma acontece mediante o desamparo da criança que ainda não desenvolveu recursos internos para se defender da intrusão do outro, e terá eficácia inclusive no futuro, acionado pela memória e pelo julgamento moral: o trauma é uma marca do passado que permanece viva no ego e pode produzir repulsa e dor moral no presente. Segundo Freud (1896/1969h):

Por certo mergulharemos profundamente em enigmas psicológicos, se investigarmos a origem do desprazer que parece ser liberado pela estimulação sexual prematura, e sem o qual, enfim, não é possível explicar um recalque. A resposta mais plausível apontará o fato de que a vergonha e a moralidade são as forças recalcadoras, e que a vizinhança em que estão naturalmente situados os órgãos sexuais deve, inevitavelmente, despertar repugnância junto com as experiências sexuais (p. 268).

Este tríptico formado por trauma, repugnância e dor moral é mais um prenúncio da ação superegógica que desponta no universo freudiano, sendo que aos poucos serão introduzidos outros ingredientes provenientes do complexo paterno, que apesar de já serem conhecidos de Freud, ainda não haviam sido pensados do ponto de vista da causação das neuroses. Veremos que este percurso teórico que começou com a investigação de um crime sexual traumático que vitimizava crianças na tenra idade e

produzia neuroses na idade adulta, acabou desembocando, depois de passar pelas descobertas da sexualidade infantil, das zonas erógenas e da realidade psíquica, no assentamento da pedra fundamental da psicanálise, representada pelo complexo de Édipo.

Mas voltemos à sedução. Se houve um trauma fruto de um crime sexual, certamente existe um culpado, e caberia ao analista investigar e revelar toda a trama recalçada com o intuito de chegar à origem da doença e promover a remissão dos sintomas. Para Freud, o agente do trauma e o causador da neurose deveria ser alguém muito próximo do paciente, e o pai, esta figura que permanecerá em evidência por toda teoria freudiana, era seu principal suspeito.

No entanto, o trabalho minucioso de reconstrução e análise da cena traumática²⁶ levou Freud a perceber que os episódios de sedução a ele relatados poderiam não ter ocorrido de fato, mas apenas na fantasia das pacientes. Foi a partir desta observação que surgiu a hipótese de que a criação de fantasias sexuais com os pais, que eram vividas e descritas como realidade, deveria fazer parte da arquitetura da neurose. Segundo Freud (1897/1969j), as fantasias eram criadas com o objetivo de aplacar a culpa pela sedução:

Tudo remonta à reprodução das cenas, a algumas das quais se pode chegar diretamente, enquanto a outras, só por meio de fantasias erigidas à frente delas. As fantasias derivam de coisas que foram *ouvidas*, mas só compreendidas *posteriormente*, e todo o seu material, naturalmente, é verídico. São estruturas protetoras, sublimações dos fatos, embelezamentos deles e, ao mesmo tempo, servem como auto-absolvição. (p. 296).

²⁶ Com relação à investigação da origem das neuroses, Anzieu (1959/1989) pontuou que para Freud, a essência da neurose é a “verdade desconhecida”, e a essência da psicanálise é a “verdade restaurada” (p. 156).

Os primeiros abalos da crença de Freud na teoria da sedução surgiram a partir de sua dificuldade para confirmar se o crime sexual havia acontecido de fato, mas o derradeiro fim desta teoria veio com a percepção da existência, na relação triangular entre pais e filhos, de dois outros aspectos psíquicos que começaram a emergir, ainda que de forma fugaz, em sua auto-análise: o amor incestuoso e o ódio parricida, que como sabemos, viriam constituir o fulcro do futuro conceito de complexo de Édipo.

Em uma carta datada do final daquele mesmo mês de Maio, Freud relatou a Fliess dois sonhos²⁷ cujo conteúdo estava relacionado aos primórdios do conceito de superego. O primeiro sonho foi assim descrito e interpretado por Freud (1897/1969k):

Não faz muito tempo, sonhei que tinha sentimentos supercarinhosos para com Mathilde²⁸, só que ela se chamava Hella, e depois vi novamente 'Hella' diante de mim, escrito em letras destacadas. Solução: Hella é o nome de uma sobrinha americana cujo retrato nos foi enviado. Mathilde pôde ser chamada de Hella porque, ultimamente, tem chorado muito as derrotas dos gregos. Ela tem grande entusiasmo pela mitologia da antiga Hélade e, naturalmente, considera heróis todos os helenos. O sonho, é claro, mostra a realização do meu desejo de encontrar um pai que seja o causador da neurose e, desse modo, pôr fim às dúvidas que ainda persistem em mim sobre esse assunto. (p.304)

Freud, que neste momento ainda estava às voltas com a teoria da sedução, interpretou este sonho como a realização de seu desejo de encontrar um pai perverso a quem responsabilizar pela neurose. O olhar direcionado para este aspecto do sonho fez com que Freud tangenciasse seu conteúdo incestuoso, em cujas entranhas (ele acabaria concluindo) germinava a semente superegógica da culpa. Mas o feitiço virou-se contra

²⁷ Como observou Anzieu (1959/1989), é freqüente em Freud vermos “uma idéia futura antecipada sob forma de imagem em um sonho, o pensamento figurativo preparando então a via para o pensamento operativo” (p. 421).

²⁸ Filha mais velha de Freud, que segundo o editor das obras completas, tinha 11 anos nesta ocasião.

o feiticeiro: ao realizar seu desejo de encontrar certezas e ratificar a teoria da sedução, descortinou-se outra face da questão, que na verdade já havia sido vislumbrada por Freud, mas que ainda não podia ser contemplada em toda sua dimensão teórica, como pontuou Anzieu (1959/1989):

Isto é o que se chama tornar seus desejos realidades! Freud teve, incontestavelmente, o desejo de verificar sua hipótese: o sonho lhe fornece uma confirmação do desejo, mas não a hipótese. Trata-se de um destes sonhos de complacência, freqüentes em psicanálise. Por que esta complacência? Se os pais cometem, quase que universalmente, atentados sexuais em seus filhos, então o pai de Freud também os cometeu. Pensamento insuportável que o inconsciente de Freud, para escondê-lo, transforma habilmente. Ele, Sigmund Freud, insuspeito do menor desvio sexual, sente também, desejo para com sua filha mais velha! Mas se é desejo e não ato que é a fonte do mal, então toda sua teoria precisa ser mudada (p. 129).

Além disto, se os pais perversos cometiam crimes sexuais contra seus próprios filhos, estes poderiam retaliar, sendo agressivos de volta, e com toda razão. O problema é que justificar a hostilidade não elimina o sentimento de culpa e a necessidade de autopunição que a esta sobrevém. E este procedimento mental é um dos fatores importantes na causação das neuroses, conforme afirmou Freud (1897/1969l):

Os impulsos hostis contra os pais (desejo de que eles morram) também são um elemento integrante das neuroses. Vêm à luz, conscientemente, como idéias obsessivas. Na paranóia, o que há de pior nos delírios de perseguição (desconfiança patológica dos governantes e monarcas) corresponde a esses impulsos. Estes são recalçados nas ocasiões em que é atuante a compaixão pelos pais — nas épocas de doença ou morte deles. Nessas ocasiões, constitui manifestação de luto uma pessoa acusar-se da morte deles (o que se conhece como melancolia) ou punir-se numa forma histérica (por intermédio da idéia de retribuição) com os mesmos estados [de doença] que eles

tiveram.... Parece que esse desejo de morte, no filho, está voltado contra o pai e, na filha, contra a mãe (p. 304).

O segundo sonho, relatado em seguida ao de Hella²⁹, foi outro lampejo que iluminou o conflito edípico no universo mental de Freud, focando precisamente a vertente do desejo incestuoso. Mas como Freud ainda não tinha os elementos necessários para juntar as duas pontas da equação edípica, naquele momento ele pensava que tanto o incesto quanto o impulso agressivo percorriam a mesma estrada de mão dupla, sendo o incesto dirigido exclusivamente no sentido dos pais criminosos para os filhos, e o impulso agressivo no sentido contrário, por legítima defesa. Este sonho de Freud (1897/1969k) foi assim relatado:

Numa outra ocasião, sonhei que subia uma escadaria, vestido com muito pouca roupa. Eu me movimentava, como o sonho enfatizou, com grande agilidade (meu coração — confiança renovada!). De repente, porém, percebi que uma mulher vinha atrás de mim, e então aconteceu aquela experiência, tão comum nos sonhos, de ficar pregado no mesmo lugar, de estar paralisado. A sensação concomitante não foi de angústia, mas de excitação erótica. Assim, você vê como a sensação de paralisia, característica do sono, foi usada para a realização de um desejo exibicionista. Pouco antes, naquela noite, eu realmente tinha subido a escadaria do nosso apartamento no andar térreo — sem colarinho, pelo menos — e tinha pensado que um de nossos vizinhos poderia estar na escada (p. 304).

²⁹ Para Rodrigué (1995), o sonho de Hella pode ter sido o pivô da implosão da teoria da sedução. A pergunta, segundo ele, é a seguinte: “Quem seduz quem? O pai perverso ou a filha lidando com seus próprios desejos edípicos?” (p. 364). Freud opta pela segunda hipótese, reforçado pelo sonho, no qual ele identifica que a personagem Hella de seu sonho representava sua filha Mathilde. É por isto que aquele autor conclui que a carta a Fliess que promulga o fim da teoria da sedução, na verdade é uma carta de “retratação” que inocenta Jakob Freud dos crimes sexuais presumivelmente cometidos contra suas filhas, irmãs de Freud.

Freud não interpretou este sonho na carta dirigida a Fliess em 1897, retomando-o apenas superficialmente na *Interpretação dos Sonhos*.³⁰ A única menção que Freud fez ao conteúdo do sonho foi sobre o horror que o ser humano tem ao incesto, porém, seu comentário foi feito de um ponto de vista mais sociológico que psicológico. Parece que Freud, horrorizado diante da percepção de seus próprios desejos incestuosos, para a qual bastou apenas uma centelha onírica, precisou tergiversar por aquela via lateral. Em suas palavras (1897/1969l):

A ‘santidade’ é algo que se baseia no fato de que os seres humanos, em benefício da comunidade maior, sacrificaram uma parte de sua liberdade sexual e de sua liberdade de se entregarem às perversões. O horror ao incesto (como coisa ímpia) baseia-se no fato de que, em consequência da comunidade da vida sexual (mesmo na infância), os membros de uma família se mantêm permanentemente unidos e se tornam incapazes de contatos com estranhos. Assim, o incesto é anti-social — a civilização consiste nessa renúncia progressiva³¹ (p. 307).

Certamente foi mais difícil para Freud perceber e admitir seu impulso incestuoso do que seu corolário, o impulso parricida, e foi apenas em uma carta enviada a Fliess no dia 3 de Outubro, portanto alguns dias após o abandono formal da teoria da sedução³², que Freud (1897/1969n) pôde isentar Jakob de culpa e mencionar a descoberta de seu próprio desejo incestuoso:

³⁰ Mesmo no trabalho de 1900, Freud tangenciou a questão do incesto, omitindo o comentário que ele fez sobre sua excitação sexual e relacionando a mulher do sonho não com sua mãe, mas com Nannie, figura para a qual Freud costumava deslocar todos os impulsos vergonhosos dirigidos a Amalie.

³¹ Freud retomaria esta via de análise mais de 30 anos depois no *Mal-Estar na Civilização*.

³² É um consenso em psicanálise que a formalização freudiana do abandono da teoria da sedução se deu em Setembro daquele ano quando Freud (1897/1969m) proferiu a famosa e derradeira sentença: “Não acredito mais em minha neurótica” (p. 309). Muitos anos depois, Freud (1933 [1932]/1969k1) trouxe outra vertente para a sedução, dando a entender que jamais abandonou esta teoria por completo: “Os senhores haverão de recordar-se de um interessante episódio da história da

Só posso dizer resumidamente que der Alte [meu pai] não teve papel ativo no meu caso, a partir de mim mesmo; que o ‘originador primordial’ [de meus problemas] foi uma mulher feia e velha³³, mas esperta, que me contou uma porção de coisas a respeito de Deus todo-poderoso e do inferno e que me deu uma opinião elevada acerca das minhas próprias capacidades; que, mais tarde (entre dois e dois anos e meio de idade), minha libido foi despertada para a *matrem*, isto é, por ocasião de uma viagem com ela de Leipzig a Viena, durante a qual devemos ter passado a noite juntos e devo ter tido oportunidade de vê-la *nudam*³⁴ (p. 312).

Provavelmente foi a partir desta percepção auto-analítica que o vínculo entre a moralidade e a sexualidade, que a princípio era tido por Freud como extrínseco, ressurgiu com outra dimensão, ainda mais complexa: na medida em que ficou claro para Freud que o desejo incestuoso acontecia também no sentido contrário, ou seja, dos filhos para os pais, e que o parricídio não era apenas um movimento de legítima defesa, mas uma tentativa hostil de liquidar e superar o pai, era preciso encontrar internamente o objeto transgressor do severo código de ética da consciência moral. Não se trata mais de encontrar culpados a quem atribuir responsabilidades pelas neuroses, mas de reconhecer que sua força propulsora surge desde dentro do ser

pesquisa analítica, que me causou muitas horas de dissabor. No período em que o principal interesse voltava-se para a descoberta de traumas sexuais infantis, quase todas as minhas pacientes contavam-me haverem sido seduzidas pelo pai. Fui forçado a reconhecer, por fim, que tais relatos eram inverídicos, e assim cheguei a compreender que os sintomas histéricos derivam de fantasias, e não de ocorrências reais. Apenas mais tarde pude reconhecer nessa fantasia de ser seduzida pelo pai a expressão do típico complexo de Édipo nas mulheres. E agora encontramos mais uma vez a fantasia de sedução na pré-história pré-edipiana das meninas; contudo, o sedutor é regularmente a mãe. Aqui, a fantasia toca o chão da realidade, pois foi realmente a mãe quem, por suas atividades concernentes à higiene corporal da criança, inevitavelmente estimulou e, talvez, até mesmo despertou, pela primeira vez, sensações prazerosas nos genitais da menina” (p. 120).

³³ Freud se referia à sua babá.

³⁴ É notável que Freud, aquele homem que bradou em alto e bom tom a importância da sexualidade na vida psíquica do ser humano não tenha podido descrever, a não ser em latim, a nudez vislumbrada e desejada de sua mãe. Segundo Anzieu (1959/1989), a necessidade de proteger uma imagem materna idealizada é em Freud um traço dominante: isto deve ter sido favorecido pela presença, desde a primeira infância, de dois personagens maternos, Amalie, sua mãe e Nannie, sua ama, que ele clivou, respectivamente em boa e má (p. 270).

humano: o ódio parricida e seu comparsa, o amor incestuoso, são julgados pelo crivo implacável da consciência moral que engendra sentimentos dolorosos de culpa e produz uma necessidade compulsiva de autopunição, dois aspectos fundamentais que estão na origem das psiconeuroses. Ou seja, a consciência moral que antes exercia exclusivamente a função de reprimir os impulsos sexuais socialmente inaceitáveis, agora tem seu escopo de atuação ampliado pela triangulação edípica e segue célere, produzindo doenças psíquicas e extensos prejuízos ao ego.

5 Seguindo a Via Régia

*Não deve amedrontar-te então, o pensamento
desta união com sua mãe; muitos mortais
em sonhos já subiram ao leito materno.
Vive melhor quem não se prende a tais receios.*

Jocasta, Édipo Rei.

5.1 PEDE-SE FECHAR OS OLHOS

Anzieu (1959/1989) pontuou que o trabalho de Freud se estruturou em torno de três eixos fundamentais e dinâmicos, que se entrelaçam e se completam, que são “a experiência da cura dos neuróticos, a experiência dele próprio e a experiência do inconsciente que as diversas civilizações consignaram em seus produtos culturais” (p. 421).

No nosso entender, a prática clínica e a auto-análise são interdependentes, já que a primeira revelou a dinâmica do psiquismo humano, e a segunda propiciou a Freud um novo vértice de observação – seu próprio mundo mental –, que ele teve a extraordinária capacidade de alcançar e analisar³⁵. Desta forma, quando Freud enunciou o conceito de complexo de Édipo³⁶ ele havia não só percebido este

³⁵Nas palavras de Freud (1897/1954e): “Como eu tenho tempo disponível, decidi aceitar dois casos gratuitos. Estes, incluindo o meu próprio, somam três trabalhos que não produzem receita alguma”. (Tradução livre de: “*As I have time on my hands, I have decided to take on two cases without fee. That, including my own, makes three analyses which bring in nothing*”).

³⁶ O termo *complexo de Édipo* somente será usado em 1910 em *Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens. (Contribuições à Psicologia do Amor)*.

movimento psíquico em seus pacientes, como também experimentado na própria carne, a força dos conflitos edípianos. Freud (1897/1954d) afirmou:

Alguns segredos tristes da vida estão sendo investigados até suas raízes, as suas origens desconcertantes, plenas de orgulho e supremacia estão sendo desnudadas. Eu agora estou experimentando tudo o que presenciei em meus pacientes³⁷ (p. 225, tradução nossa).

O eixo da cultura, personalizado no trágico personagem de Sófocles, emprestou a Freud o elemento que ele precisava para se assegurar de que havia descoberto uma verdade universal. O fenômeno edípico, apesar de singular, é típico do humano, postulou Freud (1897/1969o):

Verifiquei, também no meu caso, a paixão pela mãe e o ciúme do pai, e agora, considero isso como um evento universal do início da infância.... Sendo assim, podemos entender a força avassaladora de Oedipus Rex, apesar de todas as objeções levantadas pela razão contra a sua pressuposição do destino.... Mas a lenda grega capta uma compulsão que toda pessoa reconhece porque sente sua presença dentro de si mesma. Cada pessoa da platéia foi, um dia, em germe ou na fantasia, exatamente um Édipo como esse, e cada qual recua, horrorizada diante da realização de sonho aqui transposta para a realidade, com toda carga de recalçamento que separa seu estado infantil do seu estado atual (p. 316).

Três anos depois na *Interpretação dos Sonhos*, Freud (1900/1969p) continuou:

Seu destino [de Édipo] comove-nos apenas porque poderia ter sido o nosso – porque o oráculo lançou sobre nós, antes de nascermos, a mesma maldição que caiu sobre ele. É destino de todos nós, talvez, dirigir nosso primeiro impulso sexual para nossa mãe, e nosso primeiro ódio e primeiro desejo assassino, para nosso pai. Nossos sonhos nos convencem de que é isto o que se verifica. O Rei Édipo que assassinou Laio, seu pai, e se casou com

³⁷ Tradução livre de: “Some sad secrets of life are being traced back to their roots, the humble origins of much pride and precedence are being laid bare. I am now experiencing myself all the things that as a third party I have witnessed going on with my patients” (p. 225).

Jocasta, sua mãe, simplesmente nos mostra a realização de nossos próprios desejos infantis (p. 289).

Para Anzieu (1959/1989), o mito além de ser uma categoria que permite compreender o humano – Freud observou que os poetas têm uma compreensão imediata e direta da alma humana, enquanto o psicanalista alcança este conhecimento somente com um penoso trabalho psíquico – é como o sonho na visão de Freud, uma realização de desejo: “[Freud] foi, ele próprio, um Édipo, por seus sentimentos pelo casal parental. Ele o é também, porque resolveu o enigma da neurose, que é o enigma de todo homem” (p. 152).

Também podemos inferir, na esteira de Mezan (1985/2006), que a digressão freudiana para a cultura teve a função de atenuar seu sentimento de culpa pela descoberta de seus próprios conflitos edipianos, igualmente condenáveis moralmente: se um fenômeno é típico do humano, ele existe e atua tanto no analista como no analisando. De acordo com Mezan (1985/2006):

Aqui reside a diferença entre Freud e seus pacientes: a capacidade de dar um nome, de integrar na esfera do conceito, como um processo psíquico típico e universal, um conteúdo que a outros inspiraria apenas repugnância e seria provavelmente reprimido de novo. Neste contexto, a passagem pela cultura contribui para diminuir a culpabilidade inerente ao projeto de transgressão dos interditos que é a psicanálise: se os fenômenos observados são passíveis de uma transcrição cultural, é porque se verificam em todos ou pelo menos em outros homens (p. 164).

Freud viu em Hamlet³⁸ o mesmo conflito de Édipo, e foi através da análise deste trágico personagem de William Shakespeare que pela primeira vez ele sustentou a existência de uma estreita relação entre um núcleo edípico e a consciência moral. Saiu da pena de Freud (1897/1969o) a seguinte afirmação:

Como é que ele [Hamlet] consegue explicar sua hesitação em vingar o pai assassinado através do seu tio — ele, o homem que, sem nenhum escrúpulo, envia à morte seus cortesãos e efetivamente se precipita ao matar Laertes³⁹? De que outro modo poderia ele justificar-se melhor do que mediante o tormento de que padece com a obscura lembrança de que ele próprio planejou perpetrar a mesma ação contra seu pai, por causa da paixão pela mãe — ‘a se tratar cada homem segundo seu merecimento, quem escapará do açoite?’ Sua consciência [moral] é seu sentimento inconsciente de culpa. E não será seu afastamento sexual, na conversa com Ofélia, tipicamente histérico? E sua rejeição do instinto que visa a procriar filhos? E, por fim, que dizer de ele ter transferido a ação de seu pai para o de Ofélia? E não faz ele descer sobre si, no final, de modo tão evidente como os meus pacientes histéricos, o castigo, sofrendo o mesmo destino do pai, ao ser envenenado pelo mesmo rival? (p. 316).

Freud completa esta idéia na *Interpretação dos sonhos* (1900/1969p) afirmando:

O que é então que o impede de cumprir a tarefa imposta pelo fantasma do pai? A resposta, mais uma vez, está na natureza peculiar da tarefa. Hamlet é capaz de fazer qualquer coisa – salvo vingar-se do homem que eliminou seu pai e tomou o lugar deste junto à mãe, o homem que lhe mostra os desejos recalçados de sua própria infância realizados. Desse modo, o ódio que deveria impeli-lo à vingança é nele substituído por auto-recriminações, por escrúpulos de consciência que o fazem lembrar que ele próprio, literalmente, não é melhor que o pecador a quem deve punir (p. 292).

³⁸ Anzieu (1959/1989) afirmou que o “espírito fértil [de Freud] já advinha as mesmas raízes inconscientes da obra na tragédia de Hamlet: um desejo incestuoso pela mãe, um desejo homicida pelo substituto do pai. Mas, a diferença é que se o Édipo da lenda não tinha complexo (ele realiza de maneira natural e inocente seus desejos, os problemas lhe vêm depois), Hamlet é o exemplo do homem trabalhado por este complexo, habitado por um desejo inconsciente de culpa devido a estes dois desejos, paralisado por ele em suas ações, seus sentimentos, sua vida. A consciência moral nos torna covardes, diz ele” (p. 152).

³⁹ Para Anzieu (1959/1989), este foi um *curioso equívoco* vindo de Freud e suspeita que este guarde alguma relação com sua transferência sobre Fliess, lembrando-nos que Hamlet ignorava que o florete estava envenenado pelas mãos de Polônio e que Hamlet matou Laertes sem o saber e sem o querer (p. 12).

Neste mesmo texto Freud faz alusão semelhante a Édipo:

Enquanto traz à luz, à medida que desvenda o passado, a culpa de Édipo, o poeta nos compele, ao mesmo tempo, a reconhecer nossa própria alma secreta, onde esses mesmos impulsos, embora suprimidos, ainda podem ser encontrados.... Como Édipo, vivemos na ignorância desses desejos repugnantes à moral que nos foram impostos pela Natureza; e após sua revelação, é bem possível que todos busquemos fechar os olhos às cenas de nossa infância (p. 289).

Tanto Hamlet quanto Édipo representam culpa e castigo, duas categorias que estão enredadas desde o início da psicanálise, que vão constituir, junto com a consciência moral, o núcleo do futuro conceito de superego na teoria freudiana. A culpa e o castigo já haviam sido visitados por Freud em dois sonhos, no da *Injeção em Irma* (1895) e em outro conhecido por *Pede-se fechar os olhos* (1896), ocorrido quando da morte de seu pai. Veremos que o primeiro sonho de Freud iluminou o potencial corrosivo de seus sentimentos de culpa e apontou a necessidade premente de ser desculpabilizado, mas Freud, que naquele momento estava interessado em demonstrar que o sonho é uma via importante para a compreensão da psicologia normal e da neurose, não se deteve na questão da culpa. Foi depois do segundo sonho, ocorrido num momento de profundas reflexões desencadeadas pela morte de Jakob, que Freud pôde elucidar a origem da culpa, que naquele momento foi apercebida, ainda que de forma embrionária, como um subproduto da dimensão parricida da organização edípica.

O sonho da *Injeção em Irma*, que segundo Freud aconteceu na madrugada do dia 24 de Julho de 1895, foi relatado na *Interpretação dos Sonhos* (1900/1969p) da seguinte forma:

Um grande salão — numerosos convidados a quem estávamos recebendo. — Entre eles estava Irma. No mesmo instante, puxei-a de lado, como que para responder a sua carta e repreendê-la por não ter ainda aceitado minha ‘solução’. Disse-lhe: ‘Se você ainda sente dores, é realmente apenas por culpa sua.’ Respondeu ela: ‘Ah! se o senhor pudesse imaginar as dores que sinto agora na garganta, no estômago e no abdômen... — isto está me sufocando.’ — Fiquei alarmado e olhei para ela. Parecia pálida e inchada. Pensei comigo mesmo que, afinal de contas, devia estar deixando de perceber algum distúrbio orgânico. Levei-a até a janela e examinei-lhe a garganta, e ela deu mostras de resistências, como fazem as mulheres com dentaduras postiças. Pensei comigo mesmo que realmente não havia necessidade dela fazer aquilo. — Em seguida, ela abriu a boca como devia e, no lado direito, descobri uma grande placa branca; em outro lugar, vi extensas crostas cinza-esbranquiçadas sobre algumas notáveis estruturas recurvadas, que tinham evidentemente por modelo os ossos turbinados do nariz. — Chamei imediatamente o Dr. M., e ele repetiu o exame e o confirmou.... O Dr. M. tinha uma aparência muito diferente da habitual; estava muito pálido, claudicava e tinha o queixo escanhado... Meu amigo Otto estava também agora de pé ao lado dela, e meu amigo Leopold a auscultava através do corpete e dizia: ‘Ela tem uma área surda bem embaixo, à esquerda.’ Indicou também que parte da pele do ombro esquerdo estava infiltrada. (Notei isso, tal como ele fizera, apenas do vestido.)... M. disse: ‘Não há dúvida de que é uma infecção, mas não tem importância; sobrevirá uma disenteria, e a toxina será eliminada.’... Tivemos também pronta consciência da origem da infecção. Não muito antes, quando ela não estava se sentindo bem, meu amigo Otto lhe aplicara uma injeção de um preparado de propil, propilos.... ácido propiônico... trimetilamina (e eu via diante de mim a fórmula desse preparado, impressa em grossos caracteres).... Injeções como essas não deveriam ser aplicadas de forma tão impensada.... E, provavelmente, a seringa não estava limpa (p. 141).

Freud (1900/1969p) adotou este sonho como um modelo de investigação e seu intuito inicial, segundo ele mesmo, consistia em utilizar a interpretação dos sonhos para elucidar questões relativas à psicologia das neuroses, mas percebemos que a análise do sonho da injeção em Irma ultrapassou este objetivo e acabou alcançando não só os aspectos inconscientes do psiquismo humano, como descortinou diversos aspectos da vida mental de Freud.

Como pontuou Robert (1974/1977), a decodificação deste sonho, que Freud conduziu detalhadamente, frase por frase, revela não só que a vida mental pode ser confirmada pelos sonhos e que todos os sonhos, mesmo os mais absurdos, podem

iluminar as profundezas da mente humana, mas também desnudou o sofrimento de Freud no momento do sonho: a insatisfação consigo mesmo e com os outros, a inveja dos colegas melhor posicionados social e profissionalmente, a preocupação com sua difícil situação financeira, a frustração por não ter realizado a sua ambição de sucesso e fama, as suas dúvidas quanto à qualidade de sua conduta profissional e quanto à eficácia de seu método de tratamento das neuroses, a sua elevada autocrítica, os corrosivos sentimentos de culpa e sua ânsia pela remissão indulgente de seus “pecados”.

Além de Freud, que abordou este sonho em diversos tópicos da *Traumdeutung*, muitos outros autores analisaram o sonho da *Injeção em Irma* destrinchando-o à exaustão, o que rendeu a ironia de Mezan (1985/2006) de que este sonho se transformou no segundo mais famoso da história, perdendo apenas para o sonho do faraó interpretado por José do Egito. Do universo das revelações que emergiram do estudo deste sonho, que inclui desde a intimidade do sonhador até os ganhos para a psicanálise que se sucederam à sua elucidação, gostaríamos de nos focar nos três aspectos centrais para a compreensão do conceito de superego, que são de um lado a autocensura e a culpa, e de outro, a defesa frente à culpa, que é acionada com o intuito de aplacar a angústia persecutória e a expectativa dolorosa por castigos e retaliações.

Antes de relatar o sonho, Freud (1900/1969p) esclareceu que Irma⁴⁰ era uma jovem que fazia parte de seu círculo de amizades e que ela o havia procurado por conta de uma suspeita de histeria. Porém, após algum tempo em tratamento e mediante

⁴⁰ A figura real de Irma nunca ficou clara, suscitando muitos debates posteriores. Segundo Anzieu (1959/1989), Irma é uma *pessoa compósita*, que condensa principalmente duas personagens reais, Anna Hammerschlag-Lichtheim e Emma Eckstein, podendo incluir outras, como Anna O (Bertha Pappenheim) e Martha, que naquele momento estava grávida pela sexta vez.

alguma melhora em seus sintomas, a paciente interrompeu a análise contra a indicação do médico. Freud se recorda que na noite anterior ao sonho, seu amigo Otto⁴¹ lhe disse que ele havia estado com Irma e percebera que ela não estava inteiramente curada. Freud afirma que ouviu o comentário de Otto como uma *recriminação* à sua conduta profissional, tanto que precisou redigir, na mesma noite, o caso clínico de Irma para “se justificar” junto ao Dr. M. (p. 141).

Fica transparente no texto do sonho a censura e a culpa, bem como todo o processo defensivo colocado em ação para aplacar a ansiedade persecutória e o medo: Freud não poderia ser culpabilizado pelo fracasso no tratamento de Irma uma vez que ela havia rejeitado a *solução* por ele recomendada – “se você ainda sente dores, é realmente apenas por culpa sua”, disse Freud na primeira cena do sonho (p. 141). Além disto, na sua interpretação Freud (1900/1969p) afirmou que

se as dores de Irma tivessem uma base orgânica, também neste aspecto eu não poderia ser responsabilizado por sua cura; meu tratamento visava apenas a eliminar as dores histéricas. Ocorreu-me de fato, que eu realmente estava desejando que tivesse havido um diagnóstico errado, pois, se assim fosse, a culpa por minha falta de êxito também estaria eliminada (p. 144).

A acusação recai então sobre Otto, este sim um médico negligente que teria ministrado à paciente uma injeção com a seringa suja, por isto a infecção e suas dores constantes. Com este expediente, Freud além de aliviar o sentimento de culpa, vingou-se de Otto, transferindo a responsabilidade pela doença de Irma para aquele, que na leitura de Freud, o havia recriminado na noite anterior ao sonho.

⁴¹ Otto era na realidade Dr. Oscar Rie, um jovem amigo de Freud, que além de ser pediatra de seus filhos era seu assistente.

Neste sonho aparecem outros três personagens, Josef Breuer, Ernst von Fleischl-Marxow e Wilhelm Fliess, que de diferentes formas protagonizam a série superegóica de sentimentos que pode ser assim esquematizada: censura → culpa → medo da punição (angústia persecutória) → defesa contra a culpa (negação, projeção, cisão e racionalização). A primeira figura superegóica surgiu na cena onírica sob o pseudônimo de Dr. M, que na realidade era Breuer, o mentor intelectual de Freud, amigo por muitos anos e também testemunha de alguns de seus erros clínicos. De acordo com Jones (1926), Breuer manteve uma relação paternal com Freud oferecendo-lhe precioso apoio profissional, emocional e inclusive financeiro. No entanto, Freud desenvolveu uma grande antipatia por ele, e provavelmente, um dos motivos para a ruptura do relacionamento foi a sua discordância quanto a etiologia sexual das neuroses. Mas Freud tinha consciência de seus erros, sentia-se dolorosamente culpado e precisava desculpabilizar-se para sentir-se melhor. Na interpretação que se seguiu ao texto do sonho, Freud (1900/1969p) confessa:

Certa feita, eu havia provocado um grave estado tóxico numa paciente, receitando repetidamente o que, na época era considerado um remédio inofensivo (sulfonal), e recorrera às pressas à assistência e ao apoio de meu colega mais experiente [Breuer]. Havia um detalhe adicional que confirmou a idéia de que eu tinha esse incidente em mente. Minha paciente – que sucumbiu ao veneno – tinha o mesmo nome de minha filha mais velha. Isto nunca me ocorrera antes, mas me pareceu agora quase que um ato de *retaliação* do destino. Era como se a substituição de uma pessoa por outra devesse prosseguir noutro sentido: essa Mathilde por aquela Mathilde, olho por olho, dente por dente. Era como se eu viesse coligindo todas as ocasiões de que podia me acusar como prova de *falta de conscienciosidade médica* (p. 146, grifo nosso).

Segundo Robert (1974/1977), ao colocar comentários inapropriados e um tanto estúpidos nas falas de Dr. M, Freud estava subliminarmente atacando Breuer, denegrindo-o. Segundo aquela autora, neste sonho Freud se valeu maciçamente de uma defesa psíquica que ele não tardaria a identificar – a projeção, através da qual ele pôde se defender atacando aqueles que ele sentia como sendo seus maiores censores: se o tratamento psicanalítico das neuroses não alcançava os resultados desejados era porque os pacientes não aderiam ao tratamento e não por sua incompetência; os outros médicos, ao contrário de Freud, é que faziam diagnósticos estapafúrdios, eram negligentes e irresponsáveis com a vida dos pacientes, podendo inclusive intoxicá-los com seringas infectadas ou mesmo matá-los com substâncias tóxicas e venenosas.

Fleischl, a segunda figura que apareceu subliminarmente no sonho, era, de acordo com Jones (1926), um amigo que Freud muito admirava, tanto por suas capacidades como cientista como por sua elegância e distinção, mas este relacionamento acabou se tornando uma fonte de censuras e remorsos para Freud. Foi por sua orientação que Fleischl começou a fazer uso de cocaína em substituição da morfina, que ele utilizava em doses elevadas na tentativa de eliminar a intensa dor nervosa que o atormentava há anos⁴². Na ocasião, Freud usava cocaína para aliviar a dor de uma nevralgia do trigêmeo e acreditava que este tratamento que lhe havia sido recomendado por Fliess, também poderia ser valioso para seu amigo. Aos poucos ficou comprovado o poder viciador da cocaína e Freud, que esperava alcançar reputação

⁴² De acordo com Robert (1974/1977), Fleischl tinha apenas 25 anos quando contraiu uma doença infecciosa enquanto conduzia algumas experiências em psicopatologia. Seu polegar foi amputado, mas a contínua formação de neuromas (tumores) levou à necessidade de diversas cirurgias, de modo que sua vida se transformou em um tormento de dor e morte lenta. Freud tentou tratá-lo com cocaína, em substituição à morfina, mas rapidamente o vício se instalou e, além disto, o tratamento, que não lhe trouxe nenhum benefício, apressou seu fim (p. 194).

com a descoberta dos poderes curativos dessa substância, acabou sendo acusado de disseminar o mal pelo mundo. E pior, Freud acreditava que havia contribuído para precipitar a morte de Fleischl, sem que ele usufrísse de algum benefício com o tratamento.

Os sentimentos de amor, ódio, inveja, pena, culpa e remorsos relacionados a Fleischl desempenharam importante papel na *Interpretação dos Sonhos*, tanto que Freud (1900/1969p) explicitamente menciona este acontecimento relacionando-o ao sonho com Irma:

As crostas nos ossos turbinados fizeram-me recordar uma preocupação sobre meus próprios estados de saúde. Nesta época eu vinha fazendo uso freqüente da cocaína para reduzir algumas incômodas inchações nasais, e ficara sabendo alguns dias antes que uma de minhas pacientes, que seguira meu exemplo, desenvolvera uma extensa necrose na membrana nasal. Eu fora o primeiro a recomendar o emprego da cocaína em 1885, e essa recomendação trouxera sérias recriminações contra mim. O uso indevido dessa droga havia apressado a morte de um grande amigo meu (p. 146).

O terceiro personagem que aparece no sonho é Fliess⁴³, que surge apenas implicitamente na cena onírica e não é mencionado nos comentários de Freud que se seguiram ao relato do sonho, mas segundo Anzieu (1959/1989), é a ele que Freud rende tanto homenagens como recriminações. Fliess, durante alguns anos, foi o principal, senão o único interlocutor de Freud para assuntos pessoais e científicos, transformando-se na principal fonte de onde ele extraía o incentivo psicológico que

⁴³ Segundo Jones (1953/1989), a amizade de Freud com Fliess foi uma experiência incrível, dado o caráter inusitado desta – “para um homem de meia-idade, bem casado e com seis filhos, a nutrir uma amizade apaixonada por alguém intelectualmente inferior e durante anos subordinar seu juízo e opiniões aos desse outro homem – isso é extraordinário no mais alto grau” (p. 292).

necessitava, principalmente nos anos que esteve deprimido e sentindo-se isolado intelectualmente.

Anzieu (1959/1989) mencionou que nos dias que precederam o sonho da *Injeção em Irma*, Freud estava especialmente decepcionado com Fliess por conta de uma malfadada cirurgia que ele havia conduzido em uma paciente sua, Emma Eckestein. Este infeliz episódio, de acordo com a interpretação de Anzieu, se refletiu no sonho, especialmente na passagem em que Freud examina a garganta de Irma e encontra *grandes placas brancas e crostas esbranquiçadas sobre as estruturas recurvadas do nariz*.

Freud encaminhou Emma a Fliess para que este a examinasse e verificasse se porventura havia alguma origem nasal para seus sintomas. Fliess a operou, mas após a intervenção, a jovem começou a sentir dores muito fortes e a expelir secreções purulentas e sanguinolentas pelo nariz. Estes padecimentos foram causados por uma séria infecção que a paciente contraiu através de uma gaze de quase meio metro que Fliess deixou esquecida no local cirúrgico. Ao ser retirada a gaze, a paciente teve uma hemorragia intensa que quase foi letal, e que a deixou em estado grave por diversas semanas, sob ameaça de nova infecção.

Schur (1972) salienta que apesar de Freud ter consciência de que Fliess era o único responsável pelo calvário de Emma, ele precisou proteger o amigo e atribuiu a culpa ao cirurgião que realizou a cirurgia para a retirada da gaze. Freud justificou sua acusação dizendo que este procedimento jamais deveria ter sido realizado na clínica daquele médico, mas sim num hospital que possuísse estrutura e recursos para deter a

hemorragia que quase matou a paciente. Além disto, Freud escreveu uma carta a Fliess isentando-o de qualquer responsabilidade e lhe assegurando que mantinha inabalável a confiança em suas capacidades; mas perante Emma, Freud assumiu a culpa pelo incidente, já que ele a havia encaminhado a Fliess. Esta atitude de Freud, segundo Schur, era mais que compreensível uma vez que naquela época Freud ainda não podia abrir mão da amizade por Fliess e da influência positiva que ele obtinha deste relacionamento, e provavelmente foi por isto que Freud precisou manter irretocável a imagem do amigo, negando que ele havia cometido um erro irreparável.

O vínculo de Freud com Fliess se aprofundou depois que Freud rompeu os laços que o ligavam a Breuer. Segundo Jones (1926),

Breuer falhava em seu papel de pai protetor ao repudiar as pesquisas de Freud e rejeitar suas conclusões. No entanto, como pode alguém, com consciência tranqüila voltar-se contra uma pessoa que por quinze anos tanto fizera para auxiliá-lo e apoiá-lo? No início de sua vida, Freud achara impossível odiar seu pai e ocultara sua hostilidade com amor. Agora, a mesma solução era a única possível, mas a realidade externa impedia-a, a não ser por meio do artifício de ‘decompor’ a pessoa paterna em duas, uma ‘boa’ e outra ‘má’. Assim o ódio foi dirigido a Breuer e o amor a Fliess – Ambos em grau excessivo, em proporção aos méritos e deméritos das próprias pessoas. Sabemos que no caso de Freud, amor e ódio intensos andavam especialmente juntos (p. 311).

Voltando à questão do pai, Freud foi o primeiro a notar que a agressividade parricida dirigida a um objeto que é ao mesmo tempo amado e odiado (ambigüidade), além de ser fundamental para a constituição psíquica do ser humano, é uma das causas das psiconeuroses. Segundo Freud, estas afecções psíquicas são patrocinadas pela atuação da consciência moral, que é responsável pelo desencadeamento da corrente de

sentimentos representados por censura → culpa → medo da punição → defesa contra a culpa.

Conforme descreveram os biógrafos de Freud, a morte de seu pai o afetou profundamente,⁴⁴ provocando uma intensa modificação em sua vida interior e um aturado trabalho psíquico. Por ocasião dos funerais de Jakob, Freud teve um sonho que ele qualificou de *um lindo sonho*,⁴⁵ que ficou conhecido como *Pede-se fechar os olhos*.

Na interpretação de Anzieu (1959/1989), o sonho com Irma propiciou a Freud a percepção da culpa, e o sonho com o funeral de Jakob lhe revelou que a culpa⁴⁶ surgiu da relação com seu pai. Freud (1896/1969h) assim relatou o sonho:

⁴⁴ Freud (1896/1954c) descreveu o que sentiu com a morte de seu pai da seguinte forma: “Por conta de uma daquelas vias obscuras atrás da consciência, a morte do velho homem me afetou profundamente. Eu lhe atribuía grande valor e o compreendia muito bem, com sua mistura peculiar de profunda sabedoria e serenidade, ele representou muito na minha vida. Quando ele faleceu, sua vida há muito havia acabado, mas na morte, o passado nos commove. Eu me sinto agora como se eu tivesse sido arrancado pelas raízes” (p. 170, tradução nossa). (Tradução livre de: “*By one of the obscure routes behind the official consciousness the old man’s death affected me deeply, I valued him highly and understood him very well indeed, and with his peculiar mixture of deep wisdom and imaginative light-heartedness he meant a great deal in my life. By the time he died his life had long been over, but at a death the hole past stirs in within one. I feel now as if I had been torn up by the roots*”). (p. 170).

E depois, no prefácio à segunda edição da *Traumdeutung* (1900/1969p), Freud afirmou: “...este livro tem para mim, pessoalmente, outra importância subjetiva – uma importância que só aprendi após tê-lo concluído. Ele foi, como verifiquei, parte de minha própria auto-análise, minha reação à morte de meu pai – isto é, o evento mais importante, à perda mais pungente da vida de um homem. Tendo descoberto que assim foi, senti-me incapaz de obliterar os vestígios dessa experiência” (p. 32)

⁴⁵ Na edição das cartas de Freud feita por Bonaparte, Freud e Kris (1954), a tradução para o Inglês seria: “*I must tell you about a very pretty dream I had on the night after the funeral*” (p. 171), mas nas obras completas este trecho aparece da seguinte forma: “preciso contar-lhe um sonho **interessante** que tive na noite após os funerais” (p. 280).

⁴⁶ A história havia se repetido, lembrou Rodrigué (1995): Jakob não assistiu ao enterro de Schlomo, seu pai, e Freud, o filho que herdou a responsabilidade de expiar a sua falta, acabou reincidindo nela ao fazer um funeral simples, aquém das honras fúnebres merecidas por Jakob, além de chegar atrasado à cerimônia. O sentimento de culpa de Freud ficou potencializado por esta dívida diferida e acumulada e o sonho, que era para ser um *lindo sonho*, ficou indelevelmente marcado pelo peso amargo da culpa.

Eu me encontrava num local público e li um aviso que havia lá: Pede-se que você feche os olhos. Imediatamente reconheci o local como sendo o salão de barbearia a que vou diariamente. No dia do sepultamento, tive de me demorar ali, esperando minha vez, e por isso cheguei à casa funerária um tanto atrasado. Na ocasião, meus familiares estavam aborrecidos comigo porque eu providenciara para que o funeral fosse modesto e simples, com o que depois concordaram, achando isso bastante acertado. Também interpretaram um pouco mal o meu atraso. A frase no quadro de avisos tem um duplo sentido, e em ambos os sentidos significa: ‘deve-se cumprir a obrigação para com os mortos’. (Uma desculpa, como se eu não a tivesse cumprido e como se minha conduta precisasse ser tolerada, e a obrigação, assumida literalmente). Assim, o sonho é uma saída para a tendência à autocensura, que costuma estar presente entre os sobreviventes (p. 280).

Na *Traumdeutung*, Freud (1900/1969p) citou novamente este sonho, só que desta vez, ele modificou⁴⁷ alguns detalhes importantes:

Durante a noite anterior ao funeral de meu pai, tive um sonho com um aviso, placa ou cartaz impresso — bem semelhante aos avisos proibindo que se fume nas salas de espera das estações de trem — onde aparecia:

‘Pede-se que você feche os olhos’
ou,
‘Pede-se que você feche um olho’.

Costumo escrever isto na forma:

	o (s)	
‘Pede-se que você feche		olho (s).’
	um	

Cada uma dessas duas versões tinha um sentido próprio e levou numa direção diferente quando o sonho foi interpretado. Eu escolhera o ritual mais simples possível para o funeral, pois conhecia as opiniões de meu pai sobre essas cerimônias. Mas alguns outros membros da família não simpatizavam com tal simplicidade puritana e achavam que ficaríamos desonrados aos olhos dos que comparecessem ao enterro. Daí uma das versões: ‘Pede-se que você feche um olho’, ou seja ‘feche os olhos a’ ou ‘faça vista grossa’. Aqui, é particularmente fácil ver o sentido da imprecisão expressa pelo ‘ou ... ou’. O trabalho do sonho não conseguiu estabelecer um enunciado unificado para os pensamentos dos sonhos, que pudesse ao mesmo tempo ser ambíguo, e,

⁴⁷ De acordo alguns de seus biógrafos, com Anzieu (1959/1989) e Robert (1974/1977), é preferível fiar-nos na primeira versão, que foi mais imediata, mas para nossos propósitos esta informação não é relevante.

conseqüentemente, as duas principais linhas de pensamento começaram a divergir até no conteúdo manifesto do sonho. (p.343)

Fechar os olhos é um dever sagrado para com os mortos – *deve-se cumprir a obrigação para com os mortos*, lembrou Freud. As censuras dos familiares que o recriminaram não só pela simplicidade do funeral, como também por seu atraso (provocado por sua ida à barbearia, sendo que fazer a barba no dia das exéquias de um ente querido fere as regras religiosas judaicas), ecoaram em Freud que se auto-recriminou por ter sido negligente com suas obrigações filiais. Desta forma, a expressão *pede-se fechar um olho* toma outro sentido, o de um pedido de indulgência: fazer *vista grossa* às suas faltas – “uma desculpa, como se eu não tivesse cumprido [a obrigação para com meu pai] e como se minha conduta precisasse ser tolerada, e a obrigação, assumida literalmente” (Freud, 1896/1969h, p.281)

Anzieu (1959/1989) acrescentou que

em alemão, a expressão ‘fechar os olhos’ só tem um sentido concreto, o de um ato físico; ela é utilizada pelo sonhador, para figurar o último dever filial; a expressão ‘fechar um olho’ é que tem o sentido moral de mostrar indulgência. O sonho reúne em uma fórmula de aspecto matemático as duas expressões, parecidas se consideradas ao pé da letra, mas opostas no sentido. O duplo sentido é mais simples em francês⁴⁸, onde a expressão ‘fechar os olhos’ possui tanto sentido físico como moral. Foi necessário este luto doloroso para que Freud sentisse voltar, de sua infância, um sentimento oculto de culpa por seu pai (p. 80).

A tendência à autocensura, que costuma estar presente entre os sobreviventes, como mencionou Freud, certamente não é fruto apenas da auto-recriminação pelo não

⁴⁸ E também em português, podemos acrescentar.

cumprimento de algumas obrigações para com o morto. Suas raízes são mais profundas e a culpa recalcitrante que roga por indulgência indica, de acordo com Gerez-Ambertín (2003), que alguma satisfação foi extraída pelo filho com a morte do pai. A sua morte é a prova cabal do triunfo do filho sobre o pai, que agora pode ocupar seu lugar e tomar para si seu poder, conforme postularia Freud algum tempo depois em *Totem e Tabu*.

Anzieu (1959/1989) assinala que o sonho de Freud se passou ora numa barbearia, ora numa estação de trem, mas deste cenário nada havia para ser visto além da placa que anunciava a proibição ou a censura, solicitando que os olhos fossem fechados. Segundo este autor, faltou na interpretação de Freud a recordação infantil que mobilizou parte do conteúdo culposos do sonho, e que junto com a agressividade parricida viria constituir o complexo de Édipo: a nudez vislumbrada de Amalie durante a viagem de trem que os levou de Leipzig a Viena. De acordo com Anzieu (1959/1989), diante da visão de *matrem nudam*, que despertou a libido do pequeno Freud, Jakob não poderia “senão convidá-lo, com firmeza, a fechar os olhos” (p. 82).

Conforme destacou Gerez-Ambertín (2003), para rogar ao pai que ele seja condescendente com seus impulsos parricidas e incestuosos, o filho lhe oferece algo em troca: ele também fará *vista grossa* aos erros do pai. Desta forma, *fechar os olhos* é um compromisso de ambas as partes. Mas como toda defesa é incompleta, um olho se fecha, mas o outro fica bem aberto: *fazer vista grossa* apenas mascara, não elimina as faltas do pai que o olho censor do filho não deixa de ver, e muito menos suprime os impulsos edípicos vindos do filho, que o pai, mesmo sendo indulgente, enxerga e recrimina. A culpa então continuará rondando, inevitável e ameaçadora mesmo após o

triunfo derradeiro sobre o pai (sua morte), ficando o filho exposto às vergastadas do destino: “a se tratar cada homem segundo seu merecimento, quem escapará do açoite? Sua consciência é seu sentimento inconsciente de culpa”, lembrou-nos Freud.

Emergiram assim novos contornos para o conceito de consciência moral, que passou a ser uma condenação imperativa que vem desde as entranhas do mundo interno: mesmo sabendo ser impossível não frustrar o pai, não há como ser absolvido da culpa, e a possibilidade de ser castigado rondará inevitavelmente a mente do sujeito. Esta é mais uma marca registrada do futuro conceito de superego, que já nestes primeiros momentos de teorização, antes mesmo de ter nome próprio e um trono na tríade do aparelho psíquico, já se apresentava como uma temível voz da consciência, destacada do ego e que se ocupa de censurá-lo, produzindo um sentimento perene de ameaça, insuficiência e inadequação.

Gerez- Ambertín (2003) assinalou:

Não é possível, portanto, cumprir todo o dever para com o pai, como Freud se recrimina, nem escapar dos dardos do castigo. O próprio dever, figura anônima do pai, é herança de seu mandamento e de sua coação: dever que, como Consciência Moral, diz que se deve uma morte (p. 37).

5.2 CENSURA DOS SONHOS, SONHOS PUNITIVOS E O SUPEREGO

De acordo com a teoria freudiana, o sonho é uma formação inconsciente que engendra uma realização alucinatória de desejos com o intuito de eliminar ou desviar

quaisquer estímulos mentais que possam perturbar o sono, sendo que todos os sonhos, mesmo os pesadelos mais angustiantes, representam um desejo realizado. Os desejos que subjazem os sonhos são libidinosos e segundo Freud (1916 [1915-16]/1969b1), “[escolhem] sem inibição seus objetos, e de preferência os proibidos: não somente as mulheres de outros homens, mas acima de tudo objetos incestuosos, objetos sagrados segundo o consenso da humanidade, mãe, irmã de um homem, pai e irmão de uma mulher.... Desejos sensuais, que imaginamos distantes da natureza humana, mostram-se suficientemente fortes para provocar o surgimento dos sonhos. Também surgem ódios rancorosos, sem constrangimento. Desejos de vingança e morte, dirigidos contra aqueles que nos são mais próximos e mais caros na vida desperta, contra os pais, irmãos e irmãs, marido ou esposa, e contra os próprios filhos não são raros. Esses desejos censurados parecem nascer de um verdadeiro inferno; depois que são interpretados, quando estamos acordados, nenhuma censura a eles parece tão rigorosa” (p. 145).

Conforme a teoria freudiana, a censura é uma função mental permanente que impede que conteúdos inconscientes ignóbeis e aflitivos vindos do inconsciente irrompam na consciência, infringindo a ética e a estética do ego. Através dos mecanismos de deslocamento e condensação, a censura deforma o conteúdo latente do sonho e faz com que o sonhador dificilmente o reconheça como uma manifestação de seus desejos inconscientes ou como a representação de aspectos internos reprimidos.

Para ilustrar a atuação da censura onírica, Freud (1916 [1915-16]/1969b1)⁴⁹ trouxe um sonho relatado por uma paciente da doutora H. von Hug-Hellmuth, cujo conteúdo abismou a sonhadora. No sonho, esta senhora de aproximadamente cinquenta anos se oferece para prestar *serviços de amor* aos soldados e oficiais do exército com o objetivo patriótico de satisfazer suas necessidades eróticas. Durante o sonho, ela se recriminou por sua atitude obscena, mas se conformou com o pensamento de que estava simplesmente fazendo o que deveria ser feito. O que chamou a atenção de Freud neste relato foi a ação da censura, que além de produzir falhas em seu texto (a fala da sonhadora foi substituída por sussurros inaudíveis que impediram a expressão da *fantasia libidinal desavergonhada*), transformou o anseio sexual inadmissível em uma obrigação cívica, cujo cumprimento podia ser interpretado como um ato de extremo altruísmo.

De acordo com Freud, a censura raramente se apresenta tão indisfarçadamente como neste tipo de sonho; ao contrário, normalmente ela surge de forma mais dissimulada, mas sempre tentando coibir assuntos considerados aversivos para o sonhador em estado vigil. Mas a força da censura nem sempre é suficiente para extirpar completamente o desejo repulsivo e impedir que este se revele no sonho, o que aflige sobremaneira o sonhador, que mesmo sem poder identificar o pensamento onírico como sendo seu, condena-o moralmente.

A análise dos sonhos de angústia levou Freud (1900/1969p) a formular que o sonho é uma espécie de “solução de compromisso” (p. 501), cuja construção depende

⁴⁹ Este sonho é relatado tanto em uma nota de rodapé acrescentada em 1919 na *Interpretação dos Sonhos* quanto na conferência IX de 1915. No entanto, foi no texto de 1915 que Freud analisou o sonho, com o intuito de esclarecer a censura.

da ação de duas forças psíquicas, sendo que a primeira representa o desejo que é expresso pelo sonho, e a segunda exerce a censura sobre o desejo. A conjunção destas duas forças é que determinará o conteúdo onírico, sendo que o predomínio da censura acarretará uma distorção na expressão do desejo e ao contrário, se a censura for subjugada pelo desejo, este se expressará nitidamente no sonho manifesto, como acontece nos sonhos que Freud classificou como *os sonhos com a morte de pessoas queridas*.

Segundo Freud (1900/1969p), estes sonhos representam uma “realização indisfarçada de desejo” (p. 176), na qual o pensamento inconsciente passa ileso pela censura e pelas distorções que ela produz, e vai diretamente para o sonho, sem qualquer modificação em seu conteúdo ou forma. Estas manifestações oníricas não são reconhecidas pelo sonhador, pois o desejo que engendrou o sonho provém da infância, numa época em que o sujeito ainda não podia alcançar o real significado da morte. Além disto, a existência e a atuação de impulsos agressivos são estruturais no psiquismo humano. Freud (1900/1969p) observou:

A questão levantada foi de que modo os sonhos com conteúdo aflitivo podem decompor-se em realizações de desejos. Vemos agora que isto é possível, se a distorção do sonho tiver ocorrido e se o conteúdo penoso servir apenas para se disfarçar algo que se deseja. Tendo em mente nosso pressuposto da existência de duas instâncias psíquicas, podemos ainda dizer que os sonhos aflitivos de fato encerram alguma coisa que é penosa para a segunda instância [da censura]. São sonhos de desejos, na medida em que todo sonho decorre da primeira instância: a relação da segunda instância com os sonhos é de natureza *defensiva*, e não *criativa* (p. 179).

A hipótese freudiana da presença destas duas instâncias psíquicas em conflito permanente no psiquismo, no nosso entender, antecipa a idéia que surgiria em 1914 na *Introdução ao Narcisismo* de uma divisão do ego contra si mesmo, prenunciando, através da noção de ideal de ego, o futuro conceito de superego. Freud (1916 [1915-16]/1969c1) se questiona:

Não há dúvida de que uma realização de desejo deve proporcionar prazer, mas então surge a pergunta: A quem? À pessoa que tem o desejo, naturalmente. Mas como sabemos, a relação do sonhador para com seus desejos é uma relação muito especial. Ele os repudia e os censura – não tem nenhuma simpatia por eles, em suma. De modo que sua realização não lhe dará prazer, e sim o oposto; e a experiência mostra que este oposto aparece sob a forma de ansiedade, um fato ainda a explicar. Assim, aquele que sonha, em sua relação com seus desejos oníricos, só pode ser comparado ao amálgama de duas pessoas separadas, que estão ligadas por um forte elemento em comum (p. 217).

A hipótese de uma divisão interna do sujeito começou a se delinear quando Freud (1900/1969p) analisou os sonhos de angústia, mas esta idéia atingiu a sua expressão mais elaborada nos sonhos definidos como *autopunitivos ou hipócritas*⁵⁰. Segundo Freud (1900/1969p), é difícil reconhecer nos sonhos autopunitivos o “domínio da realização de desejos, uma vez que estes são produzidos por impulsos masoquistas” (p. 508) que expressam não um desejo da primeira instância psíquica dos sonhos, mas da segunda, que é responsável pela censura, podendo inclusive constituir uma exceção à teoria do sonho como uma realização de desejo. Em suas palavras:

⁵⁰ Para ilustrar esta categoria onírica, Freud (1900/1969p) mencionou a série de sonhos de um escritor renomado que durante meses consecutivos foi assaltado em seus sonhos por reminiscências dolorosas de um período de sua juventude quando trabalhava como aprendiz de alfaiate.

Cabe admitir que reconhecê-los [os sonhos punitivos] significa, em certo sentido, um novo acréscimo à teoria dos sonhos. O que neles se realiza é também um desejo inconsciente, a saber, o desejo do sonhador de ser punido por uma moção de desejo recalçada e proibida. Nessa medida, tais sonhos se enquadram no requisito aqui estabelecido de que a força propulsora para a formação do sonho seja fornecida por um desejo pertencente ao inconsciente. Uma análise psicológica mais minuciosa, no entanto, mostra como eles diferem de outros sonhos de desejo.... Os sonhos de punição não estão sujeitos, em geral, à condição de que os restos diurnos sejam de conteúdo aflitivo. Ao contrário, ocorrem com mais facilidade quando se dá o oposto – quando os restos diurnos são pensamentos de natureza satisfatória, mas a satisfação que expressam é proibida.... A característica essencial dos sonhos de punição,... seria que, em seu caso, o desejo formador do sonho não é um desejo inconsciente derivado do recalçado (do sistema *Ics.*), mas um desejo punitivo que reage contra este e pertence ao ego, embora seja, ao mesmo tempo, um desejo inconsciente (isto é, pré-consciente) (p. 587).

Interessante notar que em 1930, Freud acrescentou uma nota de rodapé ao parágrafo acima dizendo textualmente que “este seria o local apropriado para uma referência ao superego, uma das descobertas posteriores da psicanálise” (p. 587), o que provavelmente motivou Gerez-Ambertín (2003) a afirmar que foram necessários mais de vinte e três anos de trabalho para Freud esclarecer que “não há desejo punitivo, mas necessidade de castigo e que esta, mais além do inconsciente, depende da instância do supereu” (p. 43).

Para Laplanche e Pontalis (1982/1995), os primeiros vestígios do conceito de superego surgiram com a noção de censura dos sonhos, mais especificamente quando Freud reconheceu a atuação da censura como um poderoso empecilho ao desejo inconsciente. No entanto, constatamos que afora a censura, Freud detectou outros atributos do superego como a ação restritiva da consciência moral, o sentimento de culpa e a necessidade de punição, que estavam presentes desde os primórdios da psicanálise em seus relatos clínicos e teóricos. Além destas categorias, Freud descobriu em sua auto-análise a participação dos conflitos parricidas e incestuosos do

complexo de Édipo, aprofundando seu estudo na *Interpretação dos Sonhos*, especialmente no capítulo sobre a morte de pessoas queridas quando interpretou as tragédias de Hamlet e Édipo Rei. O próximo passo de Freud foi observar a presença dos sonhos autopunitivos e constatar a tendência do ego de se dividir e se voltar contra si mesmo, galgando mais um degrau em direção ao futuro conceito de superego.

Gerez-Ambertín (2003) observou que na primeira tópica o conceito de superego está ausente, mas seu esboço já estava delineado através dos conceitos de censura e de consciência moral. Segundo ela:

No percurso dos primeiros casos freudianos... pode-se vislumbrar claramente a presença – sob os nomes de sacrifício, automartírio, autopunição e delírio de ser notado – de uma força aniquiladora no destino de todo sujeito. Força que podemos reconhecer, nestes primeiros casos, por trás da fachada da (ainda) nocional ‘consciência moral’ vinculada ao parricídio, à culpa e ao castigo (p. 44).

6 Crime e Castigo

Atormentado pelos remorsos de uma consciência purificada, pelas torturas de um sofrimento moral perante as quais empalidece qualquer outro castigo, submete o seu crime a um julgamento muito mais implacável do que aquele a que a lei mais severa o poderia submeter.

Dostoievski

6.1 O FATOR DESCONHECIDO QUE CAUSA ANGÚSTIA

Vimos que desde o período inicial de gestação da psicanálise, a clínica da psicopatologia levou Freud a assinalar os primeiros traços da futura constelação superegóica, sendo que a ação coercitiva e restritiva da então chamada consciência moral foi observada sob a forma de delírios de ser notado, de auto-recriminações, da hiper-culpabilidade e da autopunição. Em seguida, foi através da análise dos sonhos punitivos e de angústia e da descoberta dos mecanismos de deslocamento e de distorção onírica, bem como dos murmúrios incompreensíveis e das falhas no texto do sonho produzidos pela censura, que Freud confirmou a existência de uma moção psíquica que além de cercear a prevalência do desejo inconsciente, produzia danos ao ego.

No entanto, foi a clínica da neurose obsessiva que propiciou um maior

aprofundamento da investigação de outras categorias do universo superegóico⁵¹ como a onipotência do pensamento, a compulsão para se submeter a mandatos imperativos e insensatos, a propensão para manter relações duais de dominação e dependência, a imposição de restrições e proibições morais excessivas e descoladas da realidade, o sentimento inconsciente de culpa, a ambivalência e o remorso, além da atuação dos mecanismos de identificação e projeção.

A investigação da sintomatologia e das causas da neurose obsessiva, caricaturada por Freud (1907/1969t) como uma espécie de “religião particular” (p. 111) ou como “o correlato patológico da formação de uma religião” (p. 116), levou Freud a crer que a submissão compulsiva a rituais aparentemente tolos e sem sentido do neurótico obsessivo tem a função de aplacar a culpa gerada por impulsos edipianos incestuosos e parricidas. A cuidadosa execução do cerimonial obsessivo é uma espécie de arranjo psíquico⁵² que afasta de forma mágica, porém temporária, não só a tentação sexual como também as consequências funestas que o paciente acredita que certamente sobrevirão em caso de negligência ou de descumprimento dos rituais. De acordo com Freud (1907/1969t):

A análise de atos obsessivos já nos possibilitou alguma compreensão interna (*insight*) de suas causas e da seqüência de motivos que os tornam ativos. Podemos dizer que aquele que sofre de compulsões e proibições comporta-se

⁵¹ Gerez-Ambertín (2003) pontuou que a partir do artigo *Atos obsessivos e práticas religiosas* (Freud, 1907/1969t), surgiu na psicanálise a tendência enganosa de considerar a neurose obsessiva como o paradigma do superego. De fato, podemos confirmar através da vivência clínica, que o superego não escolhe uma estrutura psicopatológica específica para se manifestar. Ao contrário, ele está presente não só nas neuroses como também nas psicoses, na psicopatia e também na normalidade.

⁵² Segundo Freud (1907/1969t), “uma outra característica da neurose obsessiva, e de todas as enfermidades semelhantes, é que suas manifestações (seus sintomas, inclusive atos obsessivos) preenchem a condição de ser uma conciliação entre as forças antagonicas da mente” (p. 115).

como se estivesse dominado por um sentimento de culpa, do qual, entretanto, nada sabe, de modo que podemos denominá-lo de sentimento inconsciente de culpa, apesar da aparente contradição dos termos. Esse sentimento de culpa origina-se de certos eventos mentais primitivos, mas é constantemente revivido pelas repetidas tentações que resultavam de cada nova provocação. Além disso, acarreta um furtivo sentimento de ansiedade expectante, uma expectativa de infortúnio ligada, através da idéia de punição, à percepção interna da tentação. Quando o cerimonial é formado, o paciente ainda tem consciência de que deve fazer isso ou aquilo para evitar algum mal, e em geral a natureza desse mal que é esperado ainda é conhecida de sua consciência. Contudo, o que já está oculto dele é a conexão — sempre demonstrável — entre a ocasião em que essa ansiedade expectante surge e o perigo que ela provoca. Assim o cerimonial surge com um *ato de defesa* ou de *segurança*, uma *medida protetora* (p. 113).

Freud (1907/1969t) acrescenta que estas medidas protetoras rapidamente se tornam insuficientes para conter o perigo da tentação e o obsessivo entra no processo de criar infinitas proibições que teriam o poder de obstar a emergência do desejo:

No decurso da repressão do instinto cria-se uma consciência especial, dirigida contra os objetivos do instinto; essa formação reativa psíquica, porém, sente-se insegura e constantemente ameaçada pelo instinto emboscado no inconsciente. A influência do instinto reprimido é sentida como uma tentação, e durante o próprio processo de repressão gera-se a ansiedade que adquire controle sobre o futuro, sob a forma de ansiedade *expectante*. O processo de repressão que acarreta a neurose obsessiva deve ser considerado como um processo que só obtém êxito parcial, estando constantemente sob a ameaça de um fracasso. Podemos, pois, compará-lo a um conflito interminável; reiterados esforços psíquicos são necessários para contrabalançar a pressão constante do instinto. Assim, os atos cerimoniais e obsessivos surgem, em parte, como uma proteção contra a tentação e, em parte, como proteção contra o mal esperado. Essas medidas de proteção logo parecem tornar-se insuficientes contra a tentação, surgindo então as proibições, cuja finalidade é manter à distância as situações que podem originar tentações (p. 114, grifo nosso).

Freud ainda levaria alguns anos para definir e nomear esta *consciência especial* que assume a forma de uma força interna que regula, arbitra, julga, condena e critica o

ego, que precisará se fortalecer para não sucumbir a este castigo interminável, como se ele tivesse cometido um crime sem expiação possível.

Gerez-Ambertín (2003) comparou o *conflito interminável* que o superego pode causar ao ego às condenações míticas de Tântalo, Sísifo e de Prometeu, que segundo ela, representam “o castigo como repetição *ad infinitum*” (p. 49). Realmente, de diferentes formas e com objetivos distintos, estes três personagens ofenderam os deuses cometendo delitos considerados gravíssimos, como a desobediência aos mandatos divinos (no caso de Prometeu que roubou o fogo que era exclusivo dos deuses e ofereceu aos homens); a arrogância e a desmedida (como Tântalo, que teria testado a clarividência dos deuses oferecendo-lhes seu filho feito em pedaços em um banquete); e o desdém pela morte (como Sísifo, que a teria acorrentado e roubado os segredos dos deuses). Estas faltas cometidas contra os deuses jamais poderiam ser expiadas ou perdoadas, e os insolentes foram condenados a suplícios eternos: Prometeu foi acorrentado em uma montanha e uma águia enviada por Zeus comia-lhe o fígado durante o dia, sendo que durante a noite o órgão imortal voltava a crescer, apenas para ser devorado novamente; Tântalo, mergulhado até o pescoço em água límpida e com uma árvore cheia de frutos bem próxima de si, foi condenado a jamais saciar sua fome e sede, sendo que água e os frutos desapareciam toda vez que tentava alcançá-los; O suplício de Sísifo consistia em levar uma pedra extremamente pesada montanha acima, para que esta rolasse montanha abaixo logo em seguida, sem perder a consciência que todo seu sofrimento e esforço seriam inúteis, sem esperança, e para sempre.

Nesta reconstrução diacrônica do conceito de superego na obra de Freud chegamos a *Totem e tabu*, um trabalho complexo e fundamental⁵³, em que Freud aprofundou a investigação da gênese da moralidade e da culpa, correlacionando-as ao sistema totêmico e este ao complexo de Édipo. Segundo Freud, este último não só está presente desde o início da civilização humana como também é um dos fatores determinantes de seu surgimento, marcando inclusive a distinção entre a natureza e cultura. Ao estudo da moral, da culpa e dos conflitos edipianos, Freud acrescentou a análise de outras categorias psíquicas como a inveja, a admiração, o remorso, o sacrifício, a indulgência, a angústia persecutória e a nostalgia, todas entrelaçadas no onipresente complexo paterno, tornando o esboço do conceito de superego cada vez mais nítido e próximo de sua formulação final.

O primeiro capítulo de *Totem e tabu* foi dedicado basicamente a reafirmar a universalidade do conceito de complexo de Édipo, sendo que Freud ressaltou o caráter protetor do tabu frente aos impulsos edipianos parricidas e incestuosos que fazem parte “do polimorfismo perverso de nosso patrimônio ancestral” (Rodrigué 1995, p. 311.). A imposição de uma lei como a exogamia é, na opinião de Freud, a prova de que o *horror ao incesto* não é um sentimento espontâneo ou natural, já que seria desnecessário proibir rigorosamente algo que o homem não fosse tentado a fazer.

⁵³ De acordo com Rodrigué (1995) “este livro não é um texto colateral nem uma hipótese *ad hoc*: estamos frente a uma peça central da teoria, elaborada para explicar a constituição do sujeito, irreduzível às experiências individuais.... o *Livro dos mitos* é o segundo mais importante livro doutrinário da psicanálise, cedendo primeiro lugar apenas ao *Livro do sonhos*” (p. 308).

Freud (1913/1969w) analisou o extremo rigor com que o tabu do incesto era supostamente praticado no totemismo e comparou sua estrutura com o psiquismo do neurótico. Segundo ele:

Tudo o que pude acrescentar à nossa compreensão [do tabu do incesto nas sociedades primitivas] foi dar ênfase ao fato de que se trata fundamentalmente de uma característica *infantil*, e que revela uma notável concordância com a vida mental dos pacientes neuróticos. A psicanálise nos ensinou que a primeira escolha de objetos para amar feita por um menino é incestuosa e que esses são objetos proibidos: a mãe e a irmã. Estudamos também a maneira pela qual, à medida que cresce, ele se liberta dessa atração incestuosa. Um neurótico, por outro lado, apresenta invariavelmente um certo grau de infantilismo psíquico; ou falhou em libertar-se das condições psicosexuais que predominavam em sua infância ou a elas retornou; duas possibilidades que podem ser resumidas como inibição e regressão no desenvolvimento. Assim, as fixações incestuosas da libido continuam (ou novamente começam) a desempenhar o papel principal em sua vida mental inconsciente. Chegamos ao ponto de considerar a relação de uma criança com os pais, dominada como é por desejos incestuosos, como o complexo nuclear das neuroses. Esta revelação da importância do incesto na neurose é naturalmente recebida com ceticismo geral pelos adultos e pelas pessoas normais. (...) Somos levados a acreditar que essa rejeição é, antes de tudo, um produto da aversão que os seres humanos sentem pelos seus primitivos desejos incestuosos, hoje dominados pela repressão. Por conseguinte, não é de pouca importância que possamos mostrar que esses mesmos desejos incestuosos, que estão destinados mais tarde a se tornarem inconscientes, sejam ainda encarados pelos povos selvagens como perigos imediatos, contra os quais as mais severas medidas de defesa devem ser aplicadas (p. 35).

No segundo capítulo de *Totem e tabu*, Freud (1913/1969w) alinhavou os conceitos de consciência moral, ambivalência, culpa e tabu, além de levantar uma hipótese acerca da origem da consciência moral segundo a qual as “proibições morais e as convenções pelas quais nos regemos podem ter uma relação fundamental com estes tabus primitivos e uma explicação sobre os tabus pode lançar luz sobre a origem obscura de nosso próprio imperativo categórico” (p. 41).

Os imperativos categóricos⁵⁴ são uma referência à filosofia de Kant, segundo a qual a lei moral se apresenta ao homem como um imperativo que não está condicionado a nenhuma finalidade prática, ou seja, a moral tem um fim em si mesma. Lalande (1926/1999) afirma que “um imperativo é uma proposição que possui a forma de uma ordem (em particular uma ordem que o espírito dá a si mesmo) e é categórico se ordena sem condição: sê justo. Esta distinção é estabelecida por Kant na [Metafísica da moral]. Só existe, segundo ele, um imperativo categórico, cuja fórmula é a seguinte: Aja sempre segundo a máxima tal que possas querer ao mesmo tempo que ela possa tornar-se uma lei universal”. (p.531)

Entendemos que Freud foi mais longe que Kant ao associar a moral ao registro da culpa, dando a ela contornos mais amplos, de cunho psicológico. Como vimos, a culpa na teoria freudiana foi inicialmente localizada num campo pático, ligada à devassidão e à libertinagem dos impulsos sexuais, para depois ser vinculada à agressividade parricida e ao amor incestuoso do complexo de Édipo. Além disto, foi a partir de *Totem e tabu* que Freud ampliou a figura paterna ao associá-la com o modelo do pai da horda primitiva (um personagem onipotente que ao mesmo tempo é admirado por sua força e temido por seu poder de vingança), sendo que desde este momento, o pai deixou definitivamente de ser o sedutor ou um objeto de fantasia sexual, para se constituir no elemento fundamental da inserção do homem na cultura e de sua constituição simbólica, apontando tanto para a saúde mental quanto para a psicopatologia.

⁵⁴ Segundo Lalande (1926/1999), é imperativo, porque é um dever moral; e categórico, porque atinge a todos, sem exceção.

Freud (1913/1969w) iniciou o segundo capítulo de *Totem e tabu* caracterizando este último, que segundo ele significa tanto “sagrado e consagrado, como misterioso, perigoso, proibido, impuro e [que] traz em si um sentido de algo inabordável, sendo principalmente expresso em proibições e restrições” (p. 37). Ao contrário das restrições religiosas ou morais, os tabus não estão atados a um sistema simbólico que esclareça suas origens, especifique suas regras (proibições, abstinências, sacrifícios, rituais) ou explique as razões para a obrigatoriedade de seu cumprimento, o que os torna ininteligíveis para os observadores externos, mas perfeitamente naturais para aqueles que estão submetidos a eles. Ou seja, o tabu é uma proibição que se impõe por si mesma, não precisa de uma razão lógica para existir e em geral se relaciona com o cerceamento da liberdade de prazer, de movimento e de comunicação.

Assim como nos tabus, os rituais e os interditos obsessivos são obscuros quanto à sua origem e são mantidos pelo pavor das conseqüências funestas que os envolvidos acreditam que inelutavelmente advirão em caso de negligência ou descumprimento das regras. De acordo com Freud (1913/1969w), o obsessivo padece de uma “certeza interna, uma convicção moral de que qualquer violação [dos rituais] conduzirá à desgraça insuportável (p. 44).

Para Freud, tanto o tabu como o sintoma obsessivo funcionam como uma formação reativa que tenta impedir que atos proibidos, mas intensamente desejados, se realizem. No entanto, como a proibição é incapaz de abolir os instintos, eles são reprimidos e banidos para o inconsciente, mas a proibição permanece, porque na sua ausência, há o risco dos instintos ultrapassarem a barreira do inconsciente e

alcançarem a consciência. Por isto que novos rituais obsessivos são criados sucessiva e indefinidamente. Segundo Freud (1913/1969w):

As proibições obsessivas envolvem renúncias e restrições tão extensivas na vida dos que a ela estão sujeitos como as proibições do tabu, mas algumas podem ser suspensas se certas ações forem realizadas. A partir daí, essas ações devem ser realizadas; elas se tornam atos compulsivos ou obsessivos, não podendo haver dúvida de que são da mesma natureza da expiação, da penitência, das medidas defensivas e da purificação (p. 46).

Freud (1913/1969w) acredita que a proibição, tanto na neurose obsessiva quanto no tabu, é consciente, mas o sujeito nada sabe sobre o desejo expulso para o inconsciente:

Como resultado da repressão que foi forçada e que envolve uma perda de memória – uma amnésia – os motivos da proibição (que é consciente) permanecem desconhecidos e todos os esforços para eliminá-los por processos intelectuais têm de falhar, visto não poderem encontrar qualquer base de ataque. A proibição deve sua força e seu caráter obsessivo precisamente ao seu oponente inconsciente, o desejo oculto e não diminuído – isto é, a uma necessidade interna inacessível à inspeção inconsciente.... O desejo instintivo se desloca constantemente, a fim de fugir ao impasse, e se esforça por encontrar substitutos – objetos substitutos e atos substitutos – para colocar em lugar dos proibidos (p. 47).

Para o criador da psicanálise há uma importante correlação entre o complexo de Édipo, o totemismo e a neurose obsessiva, sendo que as medidas defensivas e os interditos obsessivos e do tabu resultam da ambivalência dos impulsos incestuosos e parricidas do complexo edipiano. Para ilustrar sua tese e apoiando-se nos estudos de Frazer e Wundt, que eram os mais importantes pesquisadores desta área em sua época,

Freud verifica três tipos considerados básicos de tabus: aqueles ligados aos inimigos, os tabus para com chefes e governantes e finalmente o tabu para com os mortos.

A partir dos dados que Freud colheu em sua pesquisa sobre a conduta de alguns povos primitivos, ele concluiu que os impulsos dirigidos aos inimigos não são exclusivamente hostis. Ao contrário, a prática de rituais para apaziguar a fúria do morto e de seu povo, as restrições sobre o assassino que é obrigado a passar por ritos de expiação e de purificação, e o hábito de transformar os inimigos mortos em protetores e benfeitores, são “também manifestações de remorso, de admiração pelo inimigo e de consciência pesada por havê-lo matado” (Freud, 1913/1969w, p. 55).

A atitude dos povos primitivos para com seus governantes, chefes, reis e sacerdotes é bastante complexa. Estas figuras de autoridade são tratadas como seres superiores dotados de extraordinários poderes mágicos. Aos governantes, por exemplo, eram atribuídas faculdades equivalentes às de um deus, que pode usufruir e distribuir incontáveis benefícios a seu bel prazer, além de ter capacidade e força ilimitadas para velar e proteger seus súditos. Mediante tal poder e autoridade, e para que possam ser merecedores das dádivas e da proteção que certamente não são igualmente distribuídas, cabe aos súditos não só cuidar, guardar e preservar seus governantes, como ser extremamente solícitos e atender seus desejos, além de idolatrá-los e venerá-los nos cerimoniais do tabu.

Esta relação propicia um agradável sentimento de segurança e bem estar àqueles submetidos à entidade poderosa e benfazeja, mas não nos enganemos, ela

esconde a face ameaçadora de Jano⁵⁵, pois não é possível assegurar que o potentado usará sua força exclusiva e indefinidamente para o bem e a segurança de seus súditos. As pessoas em geral desconfiam de seus governantes, e por isto estes precisam ser não só protegidos como vigiados. Não é por outra razão que os reis primitivos eram submetidos a uma completa etiqueta de tabus e rituais, pagando um preço exorbitante pelo poder que lhes foi atribuído.

De acordo com Freud (1913/1969w), o tabu para com os governantes é um exemplo típico de uma atitude emocional ambivalente que também está presente na neurose, pois a solicitude excessiva e as demonstrações exageradas de lealdade aparecem

onde quer que, além de um sentimento predominante de afeição, exista também uma corrente de hostilidade contrária, mas inconsciente.... A hostilidade é então feita calar no grito, por assim dizer, por uma intensificação excessiva da afeição, que se expressa em solicitude e se torna compulsiva, porque de outro modo seria inadequada para desempenhar a missão de manter sob repressão a corrente de sentimentos contrária e inconsciente.... A hostilidade não é admitida como tal, mas disfarçada em cerimonial (p. 4).

Por isto, se um governante fracassa em desempenhar seus deveres e frustra as expectativas de seus súditos, toda hostilidade vem à tona, fazendo com que “o cuidado, a devoção e as homenagens religiosas que até então lhe haviam prodigalizado [cessem] e se [transformem] em ódio e desprezo; ele é ignominiosamente posto de lado e pode

⁵⁵ Jano era uma divindade romana representada com duas cabeças que deu origem ao nome do mês de Janeiro. Segundo a mitologia, Jano era o porteiro celestial responsável por abrir as portas para o ano que se inicia, sendo que cada porta se voltava para dois lados diferentes, representando o começo e o fim, o passado e o futuro.

considerar-se feliz se escapar com vida. Adorado como um deus um dia, é morto como um criminoso no seguinte (p. 59).

Freud lembra que esta relação dual de dominação e submissão, onde a importância de uma das pessoas é exagerada e seus poderes são aumentados em um grau muito além dos limites do possível, sendo-lhes atribuída a responsabilidade por toda felicidade e por todo o infortúnio, bem como pela subtração de toda angústia, não é típica apenas da relação com governantes, mas também é comum entre pais e filhos e em casais devotados. Nós acrescentaríamos que também a relação analítica corre este risco. A crença em onipotência de alguns pacientes pode levá-los a atribuir poderes idealizados ao analista, que em sua imaginação, passa a ter não só a capacidade, mas a obrigação de curar e eliminar a sua dor. Se o analista se sente narcisicamente alimentado por estes poderes mágicos que lhe foram atribuídos, ele inconscientemente entra em conluio com o paciente e permite que a relação analítica se mantenha num patamar idealizado e confortável para ambos. Mas a realidade rapidamente se impõe, e o paciente frustrado em suas expectativas começa a sentir-se traído e atacado pelo analista, fazendo com que toda esta situação coloque em risco o processo analítico.

Os tabus para com os governantes e para com os inimigos elucidam a ambivalência, que é o fundamento central do tabu, enquanto o tabu com relação à morte de pessoas queridas ilustra o mecanismo de atuação do tabu, que é a projeção. Segundo Freud (1913/1969w), “os mortos são poderosos soberanos, mas talvez fiquemos surpresos de saber que podem ser tratados como inimigos” (p. 66). De fato, as pesquisas de Freud revelaram diversos tabus com relação aos mortos, sendo que em diversas sociedades primitivas é proibido, por exemplo, tocar um morto ou pronunciar

seu nome. Aqueles que violam os tabus são contaminados por seu poder virulento de contágio, tornando-se a pessoa, por sua vez, um tabu. Além disto, alguns povos têm medo que a alma do morto se transforme num demônio e imaginam que serão retaliados por esta força sobrenatural, que se voltará contra eles com sua hostilidade perversa. Fariam isto porque a morte é um terrível infortúnio indesejado pelo morto, que se torna uma alma vingativa e rancorosa que sente inveja dos vivos, e deles se vinga enviando doenças e outros males que os levariam também à morte.

A psicanálise revelou que no luto patológico, as autocensuras, as auto-acusações e o sentimento de ser responsável pela morte do ente querido escondem uma corrente inconsciente de hostilidade, fruto do amor ambivalente, que em seu íntimo, também abriga os desejos agressivos pela morte do objeto amado. Segundo Freud (1913/1969w), esta ambivalência é típica das relações humanas e está presente em maior ou menor grau dependendo da “disposição inata de cada um; normalmente não é tanta que dê para produzir as autocensuras obsessivas que estamos considerando.... Deve-se supor que a presença de um grau particularmente elevado dessa ambivalência emocional original é característica da disposição dos neuróticos obsessivos – a quem tão freqüentemente trouxe para a comparação nesse exame do tabu” (p.74).

Freud acredita que a idéia primitiva de que há necessidade de se proteger da alma dos mortos pode ser explicada não só pela ambivalência, mas também pela projeção de impulsos agressivos. Ao contrário do neurótico, cujas autocensuras são uma reação contra o desejo inconsciente e agressivo de que a pessoa querida morra, o homem primitivo, por ter o pensamento mais concreto, desloca sua hostilidade

diretamente para o morto, atribuindo-lhe características demoníacas que na verdade são projeções de sua própria agressividade.

Nas palavras de Freud (1913/1969w):

O sobrevivente nega assim que tenha algum dia alimentado quaisquer sentimentos hostis contra o morto querido; em vez disso, é a alma do defunto que os alimenta e procura pô-los em ação durante todo o período de luto. Apesar da defesa bem sucedida que o sobrevivente consegue através da projeção, sua reação emocional apresenta as características de castigo e remorso, porque é o sujeito dos temores, e submete-se a renúncias e restrições embora estas sejam em parte disfarçadas como medida de proteção contra o demônio hostil. Mais uma vez então descobrimos que o tabu desenvolveu-se com base numa atitude emocional ambivalente. O tabu sobre os mortos surge como os outros, do contraste existente entre o sofrimento consciente e a satisfação inconsciente pela morte que ocorreu (p. 74).

Visto por este ângulo, a projeção é um mecanismo de defesa, mas como acontece com todos os mecanismos de defesa, a projeção alivia a angústia do momento, para na seqüência produzir mais angústia, tornando este processo cada vez mais doloroso. Disse Freud (1913/1969w):

A hostilidade, da qual os sobreviventes nada sabem e, além disto, nada desejam saber, é expelida da percepção interna para o mundo externo, sendo assim desligada deles e empurrada para outrem. Não se pode dizer que estejam alegres por haverem se livrado do morto, pelo contrário, estão de luto por ele, mas, é estranho dizê-lo, ele transformou-se num demônio perverso, pronto a tripudiar sobre os seus infortúnios e ansioso por matá-los. Torna-se-lhes então necessário aos sobreviventes defender-se contra o inimigo malvado; aliviam-se da pressão provinda de dentro, mas apenas a trocaram pela opressão vinda de fora (p. 76).

Este autor aponta que a projeção, apesar de ser um mecanismo de defesa fundamental para o manejo de conflitos psíquicos, ela não surgiu com este propósito. Antes de funcionar como uma defesa, a projeção é um mecanismo primitivo e normal

do funcionamento mental que desempenha um papel importante na construção de nossa concepção do mundo externo, que inevitavelmente é modelada por estímulos sensoriais e pela percepção, que por sua vez, é influenciada por processos emocionais e de pensamento, que além de individuais, são subjetivos.

A abordagem psicanalítica do tabu, que é considerado “o código de leis não escrito mais antigo do homem” (p. 37), permitiu a Freud (1913/1969w) não só aprofundar o estudo da neurose obsessiva⁵⁶, como também iluminou o entendimento psicanalítico da natureza e da origem da consciência⁵⁷. De acordo com Freud, tanto o tabu quanto a consciência moral emanam de uma inabalável certeza interior, de uma espécie de convicção interna que escapa à razão, sendo que seria possível falar não só de *consciência tabu*, como inclusive de um *senso de culpa tabu* que surge em função da violação, ou apenas do desejo de violar o tabu. Freud fez a seguinte afirmativa:

A consciência é a percepção interna da rejeição de um determinado desejo a fluir dentro de nós. A ênfase, contudo, é dada ao fato desta rejeição não precisar apelar para nada mais em busca de apoio, de achar-se inteiramente certa de si própria. Isto é ainda mais claro no caso da consciência de culpa – a percepção da condenação interna de um ato pelo qual realizamos um determinado desejo.... Esta mesma característica pode ser observada na atitude do selvagem para com o tabu. Trata-se de uma ordem emitida pela consciência: qualquer violação dela produz um temível senso de culpa que vem como coisa natural e do qual a origem é desconhecida. Dessa maneira parece provável que também a consciência tenha surgido numa base de ambivalência emocional, de relações humanas bastante específicas, às quais essa ambivalência estava ligada e que surgiu sob as condições que demonstramos se aplicarem ao caso do tabu e da neurose obsessiva, a saber: que um dos sentimentos opostos envolvido seja inconsciente e mantido sob repressão pela dominação compulsiva do outro (p. 80).

⁵⁶Freud (1913/1969w) afirmou que poderia inclusive chamar a neurose obsessiva de *doença do tabu* (p. 44), dado que a forma como se apresentam são muito semelhantes.

⁵⁷Freud lembra que a palavra consciência em algumas línguas é usada para dois sentidos diferentes, o de consciência moral e o de percepção do que se passa em nós ou ao nosso redor.

Ao partir da ambivalência e do sentimento de culpa representados pelo tabu, Freud dá mais um passo em direção ao conceito de superego e chega mais próximo da origem da consciência moral, vinculando-a à percepção de um *fator desconhecido* que causa angústia. Na medida em que a consciência nasce da ambivalência e corresponde à percepção da existência de desejos de natureza agressiva e incestuosa, a moral se origina da culpa que emerge diante destes impulsos edipianos que estão presentes no inconsciente de todo ser humano.

Nas palavras de Freud (1913/1969w):

Descobrimos que um dos aspectos do caráter dos neuróticos obsessivos é uma escrupulosa conscienciosidade, que é um sintoma reagindo contra a tentação a espreitar no inconsciente. Se a doença se torna mais aguda, desenvolvem um senso de culpa do mais intenso grau.... Não podemos deixar de nos impressionar com o fato de uma sensação de culpa ter em si muito da natureza de ansiedade; podemos descrevê-la, sem nenhum receio como um pavor da consciência. Mas a ansiedade aponta para fatores inconscientes.... E isto nos faz lembrar que há algo de desconhecido e inconsciente em relação ao sentimento de culpa, a saber, as razões para o ato de repúdio. O caráter de ansiedade que é inerente à sensação de culpa corresponde ao fator desconhecido (p. 81).

E finalmente, o terceiro capítulo de Totem e Tabu trata primeiramente do animismo, que de acordo com Freud, é um sistema de pensamento segundo o qual o mundo é povoado por incontáveis seres espirituais, tanto benevolentes quanto malignos, que podem com seu espírito, dar vida aos animais, às plantas e a quaisquer outros objetos inanimados. Freud (1913/1969w) acredita que o homem ao longo de sua evolução desenvolveu três grandes sistemas de pensamento: primeiro ele criou o animismo, sendo que este estágio inicial continha os fundamentos sobre os quais seria

criada a segunda forma de representar o universo, que vem a ser a religião. A terceira etapa do desenvolvimento foi marcada pelo conhecimento científico, mas segundo Freud, alguns atributos do animismo “ainda persistem na vida moderna, seja sob a forma degradada da superstição, seja como base viva de nossa fala, nossas crenças e nossas filosofias (p. 89).

De acordo com Freud, a técnica do animismo é a magia, mas seu funcionamento só é possível dada a tendência do ser humano (especialmente da mente primitiva) de acreditar mais nas próprias idéias que na observação da realidade. Freud (1913/1969w) denominou este mecanismo psíquico de onipotência do pensamento e afirmou que é na neurose obsessiva que este é mais visível, apesar de também estar presente em outras afecções psíquicas. Segundo ele:

Em todas [as neuroses] o que determina a formação dos sintomas é a realidade, não da experiência, mas do pensamento. Os neuróticos vivem um mundo à parte,... são afetados apenas pelo que é pensado com intensidade e imaginado com emoção, ao passo que a concordância com a realidade externa não tem importância. O que os histéricos repetem em suas crises e fixam através dos sintomas são experiências que ocorreram daquela forma apenas em sua imaginação – embora seja verdade que, em última instância, essas experiências imaginadas remontem a acontecimentos reais ou sejam neles baseadas. Atribuir a sensação neurótica de culpa a malfeitos reais demonstraria um mal-entendido equivalente. Um neurótico obsessivo pode ser oprimido por uma sensação de culpa que seria adequada para um grande assassino, embora, na realidade, de sua infância em diante, tenha se comportado para com seus concidadãos como o mais escrupuloso e respeitável membro da sociedade. Não obstante, sua sensação de culpa tem uma justificativa: está fundada nos intensos e freqüentes desejos de morte contra os seus semelhantes que estão inconscientemente em ação dentro dele. Tem uma justificativa se levarmos em consideração os pensamentos inconscientes e não os atos intencionais (p. 97).

6.2 UM MITO CIENTÍFICO: CULPA DE SANGUE, SACRIFÍCIO E NOSTALGIA DO PAI

Em *Totem e tabu* Freud propôs uma hipótese acerca da origem da civilização e através desta determinou que foi a partir da passagem pelo totemismo que a mente humana saltou do estado primitivo e selvagem para o civilizado. Freud também estabeleceu um ponto de intersecção entre o totemismo e a psicanálise, ligando o complexo de Édipo ao assassinato do pai primordial, sendo que de acordo com sua teoria, os homens primitivos atuaram o que foi simbolizado na mente civilizada através da percepção da existência de impulsos incestuosos e parricidas do complexo edipiano. Desta forma, é a partir da qualidade da elaboração do complexo de Édipo que o psiquismo do indivíduo vai se estruturar de forma saudável ou patológica. Para Freud, o complexo de Édipo além de ser fundamental para a organização do ego, faz parte do núcleo das neuroses e é o elemento para o qual convergem as origens não só da cultura, como também da religião e da moral.

Na visão de Mezan (1985/2006),

Totem e tabu representa o ponto de convergência de todo um período de investigações: são retomados elementos da neurose obsessiva (a ambivalência e os tabus), da psicose (projeção e narcisismo) e da fobia (o sentido paterno do animal totêmico); as questões propostas têm como horizonte a função do pai, onipotente nesta temática; e o resultado do trabalho consiste em ancorar o complexo de Édipo não apenas nas fantasias dos neuróticos, mas no ponto de origem da civilização, fundando assim de modo mais amplo e seguro a afirmação de sua universalidade.... Por fim, *Totem e tabu* corresponde a uma etapa particular na elaboração do complexo paterno do próprio Freud e, numa de suas vertentes, a um instrumento particularmente eficaz nas disputas que agitaram os primeiros anos do movimento psicanalítico, em relação ao qual Freud está em posição de pai (p. 360).

Rodrigué (1995) pontuou que “Totem e tabu foi a obra mais rejeitada que Freud jamais escreveu” (p. 316), recebendo inúmeras críticas negativas, principalmente de alguns etnólogos que não concordavam com a hipótese de que o totemismo teria constituído o estágio inicial da cultura humana. Além desta ressalva, os oponentes de Freud questionaram a realidade do crime primordial e as fontes em que o criador da psicanálise bebeu para formular suas hipóteses. Para apimentar ainda mais a polêmica, na ocasião em que *Totem e tabu* foi publicado, a antropologia estava justamente revendo a validade científica de pesquisas teóricas realizadas sem o respaldo da experiência direta com seu objeto de estudo (como aqueles mencionados por Freud em seu ensaio) e questionando o princípio evolucionista seguido por Freud, segundo o qual era suficiente uma lei comum para o desenvolvimento cultural de todos os povos e todas as raças.

Na mesma linha, Peter Gay (1988/2005) acrescentou que estudos antropológicos posteriores vieram constatar que a teoria de Robertson Smith adotada por Freud acerca da prática do ritual de repasto sacrificial do totem, ao contrário de ser uma regra, era uma exceção entre os povos selvagens. Além disto, a teoria de Darwin a respeito das hordas primitivas serem governadas por um macho ciumento e monopolizador, que Freud assumiu como verdadeira, não puderam ser comprovadas. Peter Gay descreve *Totem e tabu* como um ensaio especulativo e imaginativo de psicanálise aplicada, que o próprio Freud reconhecia como sendo uma “fantasia científica” (p. 304). Segundo aquele autor, neste artigo

Freud convidava os seus leitores a aceitar sua empolgante conjectura como a reconstrução analítica de um acontecimento pré-histórico fundamental, há muito tempo soterrado. Ele se afastara perigosamente da íntima concretude de suas inferências clínicas, mas isto não o deteve (p. 303)

Mezan (1985/2006) defende Freud, ressaltando apenas que ele poderia, sem prejuízo algum para o objetivo central de seu trabalho, ter excluído o adjetivo *científico* que ele usou para qualificar seu estudo. Ao invés de um *mito científico*, *Totem e tabu* poderia ter sido considerado simplesmente como *um mito*. Segue o comentário de Mezan a este respeito:

A narrativa de *Totem e tabu* é um mito, primeiro porque pensa a origem, e a origem só pode ser pensada sob a forma do mito – quer os personagens deste sejam homens, deuses ou os elementos desencantados da nebulosa primordial, a inverificabilidade total é o destino de toda afirmação sobre a origem. Mas há mitos e mitos. O de Freud guarda um poder de fascínio imenso, pois, como o Édipo de Sófocles, reaviva em cada um de nós momentos subjugados, submergidos nas brumas da história, tanto de nossa história pessoal como, talvez da história da humanidade. Neste sentido, ele é inverificável e, ao pretender, na antropologia explícita um valor de verdade, torna-se uma teoria duvidosa, que em certos pontos essenciais camufla mais do que revela a natureza do social. É preferível, pois, conservá-la como mito, deixando de lado o adjetivo ‘científico’. Mas, no plano individual, ele contém em resumo as vicissitudes de cada história singular, e é por essa razão que a psicanálise não o pode dispensar (p. 394).

Peter Gay (1988/2005) também acredita que a realidade histórica do crime primordial não é relevante e se indignou com o posicionamento de Freud, que apesar de ter aventado a possibilidade do parricídio ser fruto apenas da realidade psíquica do homem selvagem, ele decidiu reafirmar a sua existência. Disse Peter Gay (1988/2005):

Ironicamente, a realidade histórica do crime primordial não era absolutamente essencial ao argumento de Freud. Os sentimentos de culpa

podem ser transmitidos por mecanismos menos fantasiosos e cientificamente mais aceitáveis. Os neuróticos, como o próprio Freud ressaltou em *Totem e tabu*, fantasiam sobre homicídios edipianos, mas nunca os executam. Se estivesse disposto a aplicar esta idéia clínica a seu relato do crime primordial, tal como empregou outros conhecimentos colhidos junto ao divã, ele teria antecipado e desarmado as críticas mais devastadoras a que *Totem e tabu* viria se expor. Apresentando este conto assombroso não como fato, mas como uma fantasia que aflige os jovens através dos séculos, quando enfrentam os pais, ele poderia ter abandonado sua tese lamarckiana. A universalidade da experiência familiar, de rivalidades íntimas e sentimentos conflitantes – em suma, do ubíquo complexo de Édipo – teria bastado para explicar a recorrência dos sentimentos de culpa e para encaixá-los perfeitamente em sua teoria da mente. No final dos anos 1890, a passagem da realidade para a fantasia salvara Freud da absurda teoria da sedução na neurose. Mas agora, embora hesitasse sobre sua asserção e apresentasse conscienciosamente provas em contrário, ele finalmente aferrou-se a ela: no princípio era o ato! (p. 310).

Feitas estas considerações, voltemos ao conteúdo de *Totem e tabu*. Vimos que foi neste trabalho que Freud postulou que o sistema totêmico representou “uma fase regular em todas as culturas” (p. 115), antecedendo a era dos heróis e dos deuses. O totem, que era o objeto sagrado do totemismo, podia ser uma espécie animal ou um tipo de planta, e existiam diversas regras a serem seguidas com relação a este objeto venerável, como por exemplo, não matá-lo ou comê-lo, não tocá-lo, e em alguns casos era proibido inclusive pronunciar seu nome. Qualquer violação destes tabus era severamente punida com doença grave ou morte imediata.

Segundo Freud, tudo que se relaciona ao totemismo é misterioso, mas alguns aspectos são especialmente relevantes para a psicanálise, como as origens do totem e o tabu do incesto. Freud alerta o leitor que há inúmeras vertentes teóricas sobre a origem do tabu, que vão desde as teorias nominalistas segundo as quais o totem surgiu como uma necessidade dos clãs de se distinguirem uns dos outros, sendo que para tanto adotaram um objeto que os representasse e nomeasse, passando por teorias

sociológicas que postulam que o totem, além de ser um objeto de adoração, é também o representante concreto e visível da religião e da organização social de um povo, até as diversas teorias psicológicas que em geral relacionam o totem à alma e à crença em espíritos. Com relação ao tabu do incesto, Freud (1913/1969w) assegura que as regras da exogamia eram mais restritivas no totemismo que na família civilizada, uma vez que naquela época eram proibidos o casamento e quaisquer relações sexuais entre os membros de um clã, que era considerado uma grande família.

Freud (1913/1969w) acrescenta que apesar de todas as pesquisas nesta área, os cientistas sociais ainda não responderam se exogamia é anterior ao totemismo ou se ela surgiu justamente em consequência deste. Freud acredita que a observação psicanalítica poderia contribuir para a elucidação deste enigma e recorreu à sua clínica, mencionando a análise da fobia de algumas crianças neuróticas. Freud não só relembrou o medo de cavalos do *pequeno Hans*, como acrescentou o relato de um psicanalista russo acerca do pavor que um paciente seu sentia por cachorros, e ainda incluiu a fobia de galinhas do pequeno Arpád, descrita por Ferenczi. De acordo com Freud, por conta da tendência projetiva da mente, o objeto fóbico passa a ser um substituto do pai. Ou seja, para se defender da dor advinda do conflito emocional que emerge da presença concomitante de sentimentos não só de admiração pela força e poder do pai, como de ódio por sua desvantagem frente a ele na competição pelo amor exclusivo da mãe, a criança desloca seus afetos amorosos e agressivos para o animal. Este passa a ser o fiel depositário de toda ambivalência, como o pequeno Hans, que apesar de ter um verdadeiro pavor de cavalos, se aproximava destes animais com admiração e interesse.

Freud (1913/1969w) monta então uma equação simbólica, segundo a qual o totem, que também é tão amado quanto temido, era o objeto de projeção do homem primitivo, que deslocou para este objeto sagrado os sentimentos antes direcionados ao pai. Freud concluiu por derivação, que o sistema totêmico e as fobias de animais poderiam ambas ser fruto da atuação do complexo de Édipo.

Peter Gay (1988/2005) foi bastante crítico a respeito desta metodologia freudiana:

[Após] passar por hipóteses de Charles Darwin e Robertson Smith, sua própria explicação [sobre as origens do totemismo] acaba, depois de rodeios, retornando ao divã analítico. Darwin supusera que o homem pré-histórico vivia em pequenas hordas, cada qual governada por um macho dominador, sexualmente zeloso; Robertson Smith havia sustentado a hipótese de que o sacrifício ritual em que se come o animal totêmico é o componente essencial de todo totemismo. Adotando a estratégia comparativa típica de sua teorização, Freud associou estas suposições incomprovadas e bastante incertas às fobias de animais apresentadas por crianças neuróticas, introduzindo a seguir o complexo de Édipo, até então flutuando nas alturas, no centro do palco. Ele convocou ninguém menos que o *Pequeno Hans*, o inteligente e interessante menino de cinco anos de idade com medo de cavalos e em profundo conflito a respeito de seu pai, como mediador entre a Viena do começo do século XX e as épocas mais remotas e obscuras do passado humano. Além de seu pequeno favorito, ele acrescentou outras duas jovens testemunhas: um menino com fobia de cães estudado pelo psicanalista russo M. Wulff, e um caso que lhe fora comunicado por Ferenczi, o *Pequeno Arpád*, que se identificava com as galinhas e ao mesmo tempo deliciava-se em vê-las abatidas. O comportamento destes garotos perturbados ajudou Freud a interpretar o animal totêmico como representação do pai. Essa leitura permitiu a Freud considerar extremamente provável que todo o sistema totêmico, tal como a fobia animal do *Pequeno Hans* e a perversão galinácea do *Pequeno Arpád*, tenha surgido das condições do complexo de Édipo (p. 306).

Partindo das idéias de Robertson Smith, Freud valeu-se da hipótese de que o

homem primitivo tinha a necessidade e o hábito de sacrificar⁵⁸ periodicamente seu animal totêmico em uma cerimônia ao mesmo tempo festiva e solene, na qual a carne e o sangue do animal morto eram divididos e devorados por todos os membros do clã. O curioso, segundo Freud, é que à alegria desta comemoração sagrada, onde todos os excessos eram permitidos, e todos os instintos gratificados, via de regra se seguia um luto, em que o animal era pranteado e sua morte lamentada coletivamente.

Freud associou a ambivalência do selvagem revelada no ritual do sacrifício totêmico à já conhecida ambivalência do complexo edipiano e correlacionou estas duas idéias à hipótese darwiniana de que a horda primitiva era dominada por um macho cruel e ciumento que expulsava violentamente os filhos e arrebatava as fêmeas para seu uso pessoal. A esta equação teórica Freud acrescentou a idéia da refeição totêmica e com estes ingredientes construiu o polêmico mito do parricídio primordial, que segundo ele, explica a origem da consciência, das restrições morais, da religião e da civilização humana.

O mito é conhecido. Freud parte da hipótese “monstruosa” (1913/1969w, p. 145) de que um dia os filhos que haviam sido expulsos do clã, retornaram, e motivados pelo ódio que nutriam pelo pai, principalmente por este representar um empecilho à realização de seus anseios sexuais e de poder, além de assassiná-lo, o devoraram. Ou seja, os filhos primeiro satisfizeram seu ódio exterminando o pai, e em seguida cada

⁵⁸ Segundo Freud, o sacrifício era inicialmente um ato de companheirismo e de comunhão com o deus e esta cerimônia sagrada possibilitava ao homem reafirmar sua semelhança e parentesco com a divindade. Teria sido somente em um período posterior que o sacrifício passou a ser considerado uma forma de obter favorecimentos ou a indulgência do deus.

um imaginou ter incorporado uma parcela de sua força descomunal, através da ingestão de seu corpo e de seu sangue.

Segundo Freud (1913/1969w), depois de cometido o ato inspirado no desejo de se tornar semelhante ao pai e que ao mesmo tempo deveria libertá-los de seu poder opressivo, cada um dos filhos desejou ocupar o lugar do pai e possuir, como ele, todas as mulheres. Mas nenhum dos irmãos individualmente tinha força suficiente para vencer os demais, ou seja, ninguém “poderia nem tentaria atingir o poder supremo do pai, ainda que isso fosse o objetivo pelo qual todos tinham se empenhado” (p. 151). Freud acredita que foi por esta razão que a horda patriarcal acabou sendo transformada em uma horda fraterna, e para evitar que esta nova estrutura se dissolvesse em guerra com os irmãos entrematando-se pelo poder, foram criadas as principais regras de convivência entre eles: a exogamia e a proibição de matar qualquer outro membro do clã.

Freud (1913/1969w) imaginou que “após um longo lapso de tempo, o azedume contra o pai, que havia impulsionado [os irmãos] à ação, tornou-se menor, e a saudade deles aumentou” (p. 151), despertando assim seus sentimentos amorosos que estavam soterrados no abismo recalcado do inconsciente, o que contribuiu para aumentar, em proporções geométricas, seu sentimento de culpa. Com o intuito de aliviar a dor deste recalcitrante sentimento, os irmãos tentaram se reconciliar com o pai engendrando um pacto, segundo o qual este deveria “prometer-lhes tudo o que uma imaginação infantil pode esperar de um pai – proteção, cuidado e indulgência – enquanto que, por seu lado, [os filhos] comprometiam-se a respeitar-lhe a vida, isto é, não repetir o ato que causara a destruição do pai real” (p. 148).

Esta solução de compromisso acabou apaziguando a culpa, mas como Freud pontuou, produziu o efeito colateral de intensificar a submissão ao pai, exatamente o contrário do que tencionavam os filhos. O feitiço acabou virando-se contra o feiticeiro: a submissão indesejada e odiada ao pai, ao invés de ser eliminada com o parricídio, acabou sendo instituída pelos próprios filhos, que ficaram inelutavelmente submetidos ao fantasma do pai morto. De acordo com Freud (1913/1969w):

O pai morto tornou-se mais forte do que o fora vivo – pois os acontecimentos tomaram o curso que com tanta frequência os vemos tomar nos assuntos humanos ainda hoje. O que até então fora interdito por sua existência real foi doravante proibido pelos próprios filhos, de acordo com o procedimento psicológico que nos é tão familiar na psicanálise, sob o nome de ‘obediência adiada’. Anularam o próprio ato proibindo a morte do totem, o substituto do pai; e renunciaram aos seus frutos abrindo mão da reivindicação às mulheres que agora tinham sido libertadas. Criaram assim, do sentimento de culpa filial os dois tabus fundamentais do totemismo, que, por essa própria razão, corresponderam aos dois desejos reprimidos do complexo de Édipo (p. 147).

Mas a culpa não é apenas conseqüência do amor, sublinhou Freud. Há que se considerar uma espécie de culpa persecutória que surge em virtude dos impulsos agressivos que levaram ao parricídio⁵⁹. Afinal, cada um dos parricidas tem consciência de que cometeu um ato proibido e a exata noção do tamanho da violência e da profundidade de seu ódio, sendo que foi justamente por isto que todos os inconfidentes, individual e coletivamente, cultivaram o temor de uma vingança feroz por parte do pai.

⁵⁹ Freud (1913/1969w) afirmou: “não podemos subestimar o fato de que, em geral, a vitória ficou com os impulsos que levaram ao parricídio” (p. 149).

Segundo Freud (1913/1969w), o banquete totêmico serviu justamente para exorcizar o crime, a culpa e o pavor da retaliação que assaltava os irmãos. A cerimônia, além de permitir a comemoração da façanha memorável dos filhos, que através dela reencenavam a derrota do pai e renovavam a apropriação de seus imensos poderes, também possibilitava a crença consoladora na supremacia de seus impulsos amorosos sobre os agressivos, demonstrando a dor pela morte do pai, o luto e o arrependimento. O sacrifício repetido e cultuado no banquete totêmico tinha então a finalidade paradoxal de “oferecer satisfações ao pai pelo ultraje que lhe foi infligido no mesmo ato em que aquele feito é comemorado” (p. 152).

Freud (1913/1969w) acrescenta que ao longo do tempo foi impossível manter a igualdade democrática no clã fraterno e o homem se viu inclinado a reviver o antigo ideal totêmico através da criação dos deuses. Segundo ele,

a noção de um homem que se torna deus ou de um deus que morre nos impressiona hoje como chocantemente presunçosa, mas, mesmo na antiguidade clássica, nada havia de revoltante nela. A elevação do pai que outrora fora assassinado à condição de um deus de quem o clã alegava descender constituía uma tentativa de expiação muito mais séria do que fora o antigo pacto com o totem (p. 151).

Ou seja, de acordo com Freud, a transformação do pai assassinado em um deus revela a intenção dos filhos de se eximirem da responsabilidade pelo parricídio, atribuindo-a ao deus. Freud (1913/1969w) assinalou:

A vingança tomada pelo pai deposto e restaurado foi rude: o domínio da autoridade chegou ao seu clímax. Os filhos subjugados utilizaram-se da nova situação para aliviar-se ainda mais de seu sentimento de culpa. Não eram de maneira alguma responsáveis pelo sacrifício, tal como agora se fazia. Era o próprio Deus que exigia e regulamentava.... Temos aqui a negação mais

extrema do grande crime que constituiu o começo da sociedade e do sentimento de culpa (p. 152).

Freud (1913/1969w) em seguida compara novamente a vida mental dos neuróticos com a dos selvagens, e volta à questão da origem da moral, vinculando-a diretamente ao parricídio (executado em vão) e à culpa. Segundo ele:

Os preceitos e restrições morais mais antigos da sociedade primitiva foram por nós explicados como reações a um ato que deu àqueles que o cometeram o conceito de ‘crime’. Sentiram remorso por ele e decidiram que não se deveria repetir e que sua execução não traria vantagens. Este sentimento de culpa criativo ainda persiste entre nós. Encontramo-lo operando de uma maneira não social nos neuróticos e produzindo novos preceitos morais e restrições persistentes, como expiação por crimes que foram cometidos e precaução contra a prática de novos. Se, contudo, pesquisarmos entre esses neuróticos para descobrir quais foram os atos que provocaram tais reações, ficaremos desapontados. Não encontraremos atos, mas apenas impulsos e emoções, pretendendo fins malignos, mas impedidos de realizar-se. O que jaz por trás do sentimento de culpa dos neuróticos são sempre realidades psíquicas, nunca realidades concretas. O que caracteriza os neuróticos é preferirem a realidade psíquica à concreta, reagindo tão seriamente a pensamentos como as pessoas normais às realidades (p. 160).

Freud (1913/1969w) finalmente questiona se o mesmo não poderia ter acontecido com os povos primitivos, ou seja, se o impulso hostil (a intenção parricida) e a fantasia plena de desejos incestuosos e de poder seriam suficientes para produzir a “reação moral” (p. 161) que levou os selvagens ao totemismo e ao tabu. Freud levantou algumas possibilidades tanto a favor quanto contra esta hipótese, para chegar, taxativo, à conclusão de que o crime primordial realmente existiu:

Os neuróticos são, acima de tudo, *inibidos* em suas ações: neles o pensamento constitui um substituto completo do ato. Os homens primitivos, por outro lado, são *desinibidos*: o pensamento transforma-se diretamente em

ação. Neles, é antes o ato que constitui um substituto do pensamento, sendo por isso que, sem pretender qualquer finalidade de julgamento, penso que no caso que se nos apresenta pode-se presumir com segurança que ‘no princípio foi o ato’⁶⁰ (p. 162).

Para concluir este capítulo, gostaríamos de assinalar que neste ponto que chegamos da teorização freudiana já é possível divisarmos os contornos da futura noção de superego se seguimos alguns de seus atributos que foram até então inseridos por Freud na psicanálise, sendo eles:

- Os *imperativos categóricos e os tabus*: Freud pontuou que na neurose obsessiva a obediência a mandatos ininteligíveis é compulsiva e obrigatória, sendo que o obsessivo fica extremamente ameaçado quando um ritual não é cumprido ou não é perfeitamente realizado de acordo com as regras por ele mesmo estabelecidas. Ou seja, a observação dos sintomas da neurose obsessiva e sua comparação com os tabus anunciaram a presença do superego como uma força que ultrapassa a vontade racional, destrói toda a lógica e se impõe sobre o ego, que fica fatalmente submetido a ela.
- A consciência moral ou *aquilo que se está consciente com mais certeza*: de acordo com Freud (1913/1969w), a voz da consciência é uma espécie de condenação interna cuja atuação percebemos através das autocensuras, da criação de interditos e da autopunição. Freud (1913/1969w) acredita que as primeiras restrições morais (a exogamia e o imperativo – *não matarás*)

⁶⁰ Esta é uma citação de Goethe, que parecia ser muito cara a Freud, sendo que ele ainda a citaria em outros trabalhos futuros. Segundo Rodrigué (1995), Freud “sempre considerou a importância deste grão fático de areia que aglutina a pérola fantasmática e que até o final de sua vida [ele] acreditou na realidade do parricídio original” (p. 318).

surgiram em conseqüência da culpa que se seguiu ao parricídio primordial, uma hipótese que prenuncia a noção de que o superego é fruto de uma herança edípica.

- O fator desconhecido que causa angústia: Freud (1913/1969w) constatou que “há algo de desconhecido e inconsciente em conexão com a sensação de culpa, a saber, as razões para o ato de repúdio. O caráter de ansiedade que é inerente à sensação de culpa corresponde ao fator desconhecido” (p. 81), que na nossa visão é constituído pelos pedaços devorados do pai morto, que como um espectro destroçado e internalizado assombrará o sujeito para sempre e desde dentro.
- A submissão, o sacrifício, e a punição: segundo Freud, estas categorias surgem em conseqüência dos conflitos edípianos. Ou seja, a agressividade parricida não conduziu à satisfação dos anseios dos filhos, ao contrário, seu ato gerou terríveis angústias persecutórias que fizeram com que os parricidas, para expiar a culpa, criassem inúmeras restrições morais e se submetessem a sacrifícios e a rituais autopunitivos, tornando-se assim, mais submissos ao pai morto do que eram ao pai vivo (*obediência adiada*).
- A culpa: a partir de *Totem e tabu* esta categoria deixou definitivamente de ser fruto da excessiva moralidade frente a percepção de impulsos sexuais inadmissíveis à consciência e passou a ser considerada como um subproduto dos conflitos edípicos e da ambivalência que lhe é peculiar, fazendo com que a moralidade deixasse de ser causa, para ser conseqüência da culpa.

Lembremos das palavras de Freud (1913/1969w): “os preceitos e restrições morais mais antigos da sociedade primitiva foram por nós explicados como reações a um ato que deu àqueles que o cometeram o conceito de ‘crime’” (p. 160). Com estes acréscimos teóricos, a culpa pôde ser analisada do ponto de vista dinâmico, sendo que a partir de 1907 Freud discriminou alguns de seus registros, sendo eles:

- a. a *consciência de culpa inconsciente*: esta forma aparentemente paradoxal da culpa revela que este sentimento, quando associado à moralidade, conduz o sujeito a uma necessidade inconsciente e premente de autopunição e sacrifício;
- b. a culpa proveniente de impulsos amorosos: esta surge sob a forma de remorso e em consequência da cisão do objeto. Ou seja, a percepção da inutilidade ou do estrago provocado pela agressividade despiciada contra o objeto é capaz de despertar impulsos amorosos soterrados no inconsciente, gerando culpa;
- c. a culpa que nasce de impulsos agressivos: trata-se de uma espécie de culpa persecutória, que Freud chamou de *culpa sangüínea*. Esta se apresenta como uma *ansiedade expectante*, produzida pelo medo de que o objeto atacado, que é tido como um poderoso adversário, use a sua força para retaliar violentamente o agressor. Disse Freud (1913/1969w): “a lei de talião, que se acha tão enraizada nos sentimentos humanos, estabelece que

um homicídio só pode ser expiado pelo sacrifício de outra vida: o auto-sacrifício aponta para a culpa sangüínea” (p. 156);

d. e por último a *culpa criativa*: esta surge da constatação de que foi desnecessário agredir o objeto amado – os irmãos “sentiram remorso [pelo crime] e decidiram que este não deveria ser repetido, já que sua execução não traria vantagens”, disse Freud (1913/1969w, p. 160) –, sendo que por esta razão a culpa pode atuar na construção de novas restrições morais para expiar ‘crimes’ antigos e prevenir os futuros.

Poderíamos dizer que no período que compreende os anos de 1896 a 1913, Freud descreveu a atuação de algumas categorias psíquicas que prenunciaram o futuro universo superegóico, sendo elas a rigidez da consciência moral, os tabus, os imperativos categóricos, as autocensuras, a culpa, a punição sacrificial, a submissão e a angústia persecutória. Identificado inicialmente como a *angústia da consciência moral* e depois como o *fator desconhecido que causa angústia*, vimos que o superego, desde o começo da clínica freudiana, despontou como um baluarte inexpugnável da neurose, apresentando-se como hiper-culpabilidade na neurose obsessiva (a doença dos tabus), como delírio de ser notado na paranóia, e como auto-vitimização na histeria (a doença do sacrifício). Nestes anos de trabalho Freud também discriminou alguns veículos psíquicos que propiciam atuação do superego na neurose, sendo eles a projeção, a ambivalência, a crença na onipotência dos pensamentos e a idealização. Ou seja, por força da ambivalência, da culpa e da conseqüente necessidade de indulgência e perdão, os filhos onipotentes transmudaram a figura do pai violento na imagem de um pai idealizado, numa tentativa de anular magicamente o ato parricida. No entanto,

esta equação psíquica deixou aberto um flanco assustador: o pensamento onipotente e a mudança na percepção a respeito do pai não o transformou, nem muito menos eliminou o crime, pelo contrário, o caráter cruel e vingativo do pai assassinado e devorado ficou introjetado no mundo mental de cada um dos filhos. Nós sabemos que a negação da realidade não é capaz de eliminá-la, e por isto, o pai feito em pedaços cobrará desde dentro e para sempre, a dívida impagável dos filhos – não há sacrifício ou acordo de não agressão mútua que possa saldar esta dívida: houve um crime contra o pai, e todos têm consciência dele. E pior, este crime foi executado com muito gosto.

6.3 AS VERSÕES DO PAI

Segundo Mezan (1985/2006), a pauta levantada por *Totem e tabu* passa pela procedência da civilização e aporta na origem do sujeito, sendo que ambas são mediadas pela categoria do pai morto, que para Freud, foi fundamental na estruturação do psiquismo humano. Na visão de Mezan, foi justamente por amargar as conseqüências do ataque criminoso ao pai que o homem sofreu um corte profundo em sua onipotência e depois disto pôde se ver como realmente ele é, uma criatura limitada. Ou seja, foi pela via da castração, patrocinada pela elaboração do complexo de Édipo, que o homem desenvolveu não só a consciência, como também a capacidade de pensar, discernir, observar a realidade e de reconhecer seus desejos, garantindo assim seu acesso ao real.

De acordo com Freud (1900/1969p), o crescimento psíquico consiste na evolução do processo primário para o secundário: o processo primário, próprio das dinâmicas onírica e inconsciente, é dependente do princípio do prazer e inclui a negação do mundo exterior, a atemporalidade, a realização plena e imediata de desejos, a ausência de dúvida e a magia. A passagem evolutiva para o processo secundário depende da introdução do funcionamento mental no princípio da realidade e a saída do princípio do prazer com a realização de um corte profundo na onipotência e no pensamento mágico. Somente desta forma o indivíduo poderá ampliar sua consciência e sua capacidade de discernimento, o que lhe possibilitará distinguir imaginação de realidade, memórias de observações e o eu do não-eu. Além disso, é a entrada no princípio da realidade que vai permitir ao sujeito desenvolver a condição mental necessária para não se submeter cegamente aos próprios impulsos, tornando-se capaz de elaborar e integrar elementos da experiência, internalizando-os e assimilando-os.

Freud (1914/1969v) acredita que o nascimento psíquico do ser humano é posterior ao seu nascimento biológico e acompanha as fases de desenvolvimento da libido. Para este autor, no início da vida não há ego⁶¹, apenas um organismo investido por pulsões parciais espalhadas pelo corpo em estado anárquico⁶². Nesta fase da libido

⁶¹ Segundo Freud (1914/1969y): “Uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem que ser desenvolvido. Os instintos auto-eróticos, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo – uma nova ação psíquica – a fim de provocar o narcisismo” (p. 84).

⁶² Freud (1915/1969a1) definiu que as pulsões são os representantes psíquicos de fontes somáticas de estimulação e são definidas através de quatro atributos fundamentais: a pressão ou impulso, que é o fator que determina a sua magnitude; a finalidade, que é sempre de satisfação, com a descarga do impulso; o objeto da pulsão, que é a coisa através da qual o instinto encontra seu objetivo de satisfação; e a fonte, que é o órgão do qual a pulsão emerge.

que Freud designou como sendo auto-erótica, a fonte e o objeto da pulsão coincidem, de forma que estas podem se satisfazer por si mesmas. Esta fase só será perturbada pela necessidade de sobrevivência, impulsionada pelo instinto de autopreservação e pelo desconforto (tensão) causado por sua não satisfação. Freud (1911/1969u) afirmou:

...o estado de repouso psíquico foi originalmente perturbado pelas exigências peremptórias das necessidades internas. Quando isto aconteceu, tudo que havia sido pensado (desejado) foi simplesmente apresentado de maneira alucinatória, tal como ainda acontece hoje com nossos pensamentos oníricos a cada noite. Foi apenas a ausência da satisfação esperada, o desapontamento experimentado, que levou ao abandono desta tentativa de satisfação por meio da alucinação. Em vez disso, o aparelho psíquico teve de decidir tomar uma concepção das circunstâncias reais no mundo externo e empenhar-se por efetuar nelas uma alteração real. Um novo princípio de funcionamento mental foi assim introduzido; o que se apresentava na mente não era mais o agradável, mas o real, mesmo que acontecesse ser desagradável. Este estabelecimento do *princípio de realidade* provou ser um passo momentoso (p. 238).

Ou seja, é sob a pressão das necessidades biológicas que o sujeito inicialmente se confronta com a realidade⁶³, e é a partir deste momento que o ego desponta, começando a exercer suas primeiras funções, a começar pela distinção entre o seio alucinado que frustra e o seio real que lhe atende, para em seguida perceber que o seio não lhe pertence, mas sim à mãe, que agora pode ser percebida como uma pessoa separada. Este processo psíquico não é linear e sofre alterações patrocinadas pelos mecanismos de projeção e introjeção, que segundo Freud, distorcem a percepção da realidade, pois a mente, ao mesmo tempo que internaliza o aspecto prazeroso do

⁶³ Do nosso ponto de vista, uma das melhores definições de realidade, foi oferecida oralmente pelo Dr. Pêrsio Nogueira, dizendo que *a realidade é o ponto onde a satisfação do desejo encontra um obstáculo*.

mundo externo representado pelo seio nutridor e reconfortante, tende a expulsar, por razões defensivas, os estímulos internos desconfortáveis atribuindo-os ao mundo externo.

A reconstituição hipotética dos primeiros momentos da vida psíquica do ser humano se estruturou na teoria freudiana em torno da noção de narcisismo, um conceito polêmico⁶⁴, que foi inserido em 1914 e como veremos, já nasceu enodado na constelação superegógica. Segundo Freud (1914/1969v), o narcisismo é uma fase da libido em que as pulsões parciais, que na etapa inicial e auto-erótica do desenvolvimento psíquico estavam dispersas pelo organismo, se unificam e investem o ego, que se transforma no primeiro objeto de amor da libido.

Dentro do vai e vem teórico da inclusão do narcisismo na teoria psicanalítica, Freud (1915/1969a1) acabou modificando esta sua idéia inicial segundo a qual o auto-erotismo é uma fase libidinal imediatamente anterior ao narcisismo. Em suas palavras:

Originalmente, no próprio começo da vida mental, o ego é catexizado com os instintos, sendo, até certo ponto, capaz de satisfazê-los em si mesmo. Denominamos esta condição de 'narcisismo' e essa forma de obter satisfação, de 'auto-erótica'. Nesta ocasião, o mundo externo não é catexizado com interesse (num sentido geral), sendo indiferente aos propósitos de satisfação. Durante este período, portanto, o sujeito do ego coincide com o que é agradável, e o mundo externo, com o que é indiferente (ou possivelmente desagradável, como sendo uma fonte de estimulação) (p. 140).

⁶⁴ Não nos cabe aqui adentrar nas vicissitudes da teoria do narcisismo. Nós precisaremos apenas fazer uma pequena digressão por este tema, que na verdade será uma ponte para o que realmente nos interessa neste ensaio que é o conceito de ideal de ego. Para um aprofundamento da análise do narcisismo, veja a dissertação de mestrado desta autora, que é justamente sobre este tema.

Freud (1914/1969v) asseverou que há uma antítese entre os *instintos do ego* (cuja força é representada pelo *interesse* do ego pelo mundo externo) e os *instintos sexuais*⁶⁵ (a energia sexual ou libido), apesar de no início da vida eles estarem intimamente vinculados um ao outro: quando um recém-nascido sente fome ele ainda não tem atributos egóicos para discriminar qual é o sentimento que lhe aflige. Ao ser atendido e colocado no seio, tanto a fome quanto a angústia são aliviadas, o que lhe propicia uma agradável sensação de prazer. Em 1905 Freud fez a seguinte afirmação (1905/1969r):

A primeira e mais vital das atividades da criança - mamar o seio materno (ou em seus substitutos) - há de tê-la familiarizado com este prazer. Diríamos que os lábios da criança comportaram-se como uma zona erógena, e a estimulação pelo fluxo cálido de leite foi sem dúvida a origem da sensação prazerosa. A princípio, a satisfação da zona erógena deve ter-se associado com a necessidade de alimento. A atividade sexual apóia-se primeiramente numa das funções que servem à preservação da vida, e só depois torna-se independente delas (p. 171).

Como a mais primitiva satisfação sexual se confunde com a nutrição, a pulsão sexual adquire um objeto fora do corpo da criança (o seio), e com isto suas primeiras escolhas objetais são direcionadas para as pessoas que cuidam dela (a mãe ou algum substituto). Este passeio da libido, que flui do ego para os objetos e destes de volta para o ego, introduz profundas transformações no ego: este, quando traz de volta para

⁶⁵ Segundo Freud (1915/1969a1), os instintos sexuais “são numerosos, emanam de uma grande variedade de fontes orgânicas, atuam em princípio independentemente um do outro e só alcançam uma síntese mais ou menos completa numa etapa posterior. A finalidade pela qual cada um luta é a consecução do ‘prazer do órgão’.... Logo que surgem, estão ligados aos instintos de autopreservação, dos quais só gradativamente se separam;” (p. 134).

si a libido objetal transformada em libido narcísica carrega partes do objeto, que por identificação, ficam instalados dentro dele, modificando-o.

A constatação de que ego pode ser tanto sujeito das relações objetais quando objeto da relação narcísica trouxe definitivamente para a psicanálise a imagem do ego propenso a se dividir e a incluir dentro de si um estrangeiro, que pode tanto cuidar e proteger, como no pólo oposto, agir contra ele. Esta idéia ficou especialmente clara a partir da introdução do conceito de ideal de ego, uma estrutura que inclui duas entidades psíquicas distintas, uma crítica e outra ideal. É importante assinalar que esta decisão de Freud de abarcar sob o mesmo regimento duas comarcas completamente opostas quanto a sua origem, natureza e finalidade, gerou inúmeras controvérsias teóricas que parecem não ter fim na psicanálise.

Acreditamos que estas duas faces opostas do ideal de ego surgiram como um reflexo teórico necessário da versão do pai exposta em *Totem e tabu*, já que Freud ainda não dispunha do conceito de superego: a *nostalgia do pai* morto, sustentada pelos mecanismos de idealização, levou ao endeusamento do pai e a à exaltação de seus poderes protetores. Vimos que esta vertente idealizada do pai conduziu os filhos, ao contrário de seus objetivos, à submissão, que se sustentou de um lado pela culpa, e de outro, pelo pavor da retaliação, esta sim, fruto da perspectiva de que a outra face do pai, que é cruel, vingativa e violenta, não havia desaparecido. Claro, a idealização é uma defesa, e como todas as defesas, ela não é infalível. Este medo da vingança do pai se materializou em diversas formas de sacrifício, que visavam aplacar sua ira e expiar a culpa. Na *Introdução ao narcisismo* Freud retornou a este tema, só que agora deu um tratamento metapsicológico a esta idéia, repousando tanto o caráter protetor quanto as

exigências morais e críticas do pai morto e idealizado sob a instância recém-criada do ideal de ego, como veremos.

O ideal de ego foi concebido como uma entidade destacada do ego a quem coube zelar pelo narcisismo primitivo e proteger psiquicamente o sujeito das vicissitudes da vida adulta, que inelutavelmente lhe imprimirá, pela via da experiência, o conhecimento de sua vulnerabilidade e de seus limites. Ao ideal do ego também coube medir a distância entre o ego real e o ideal e funcionar como um referente ou uma meta de excelência e valor, que ao ser alcançada, deveria garantir alguma satisfação narcísica ao sujeito, principalmente depois das ilusões perdidas da infância. Freud (1914/1969v) nos ofereceu a seguinte definição de ego ideal⁶⁶:

Esse ego ideal é agora alvo do amor de si mesmo (*self-love*) desfrutado na infância pelo ego real. O narcisismo do indivíduo surge deslocado em direção a esse novo ego ideal, o qual, como o ego infantil, se acha possuído de toda perfeição de valor. Como acontece sempre que a libido está envolvida, mais uma vez aqui o homem se mostra incapaz de abrir mão de uma satisfação que outrora desfrutou. Ele não está disposto a renunciar à perfeição narcísica de sua infância; e quando, ao crescer, se vê perturbado pelas admoestações de terceiros e pelo despertar de seu próprio julgamento crítico, de modo a não mais poder reter aquela perfeição, procura recuperá-la sob a forma de um ego ideal. O que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era o seu próprio ideal (p. 100).

De acordo com a teoria freudiana, o ideal de ego se constitui não só pelo resgate do narcisismo primitivo, como também pela internalização da crítica parental e social, sendo que é através deste duplo modelo, narcísico e crítico, que o ego “forma um

⁶⁶ Freud usa indiscriminadamente os termos *ego ideal* e *ideal de ego*. Alguns autores pós freudianos fizeram uma distinção entre estes dois termos, mas considerando os limites desta tese, nós não adentraremos esta seara e vamos nos manter nas definições de Freud.

padrão para si próprio” (p. 101) ao qual se submete com o intuito de zelar por sua imagem e realização narcísicas. Ou seja, norteado pela referência do ideal, o ego reprime⁶⁷ os impulsos libidinais contrários aos valores culturais e éticos do sujeito, preservando, desta forma, a sua integridade moral. No entanto, o ideal de ego não tem apenas este lado benevolente e zeloso do pai amável e protetor que estabelece os limites e a medida do razoável. Segundo Freud (1914/1969v), “a formação de um ideal aumenta as exigências do ego” (p. 101) e o ego ideal, que funcionava como uma referência positiva, passa a ser uma meta impossível de ser alcançada, como se ele fosse um hóspede impossível de ser satisfeito, que através de recriminações e críticas hiperbólicas, ao invés de proteger, produz danos ao ego.

Não nos esqueçamos da categoria do pai morto inscrito em *Totem e tabu*: ao lado do pai idealizado mora o pai cruel e vingativo, que pode mostrar sua face a qualquer momento, e pior, não há sacrifícios, pedidos de indulgência ou lisonjas que possam zerar o placar da culpa. Deste crime que jamais será anulado restou uma dívida impagável, que foi parcelada *ad eternum* sob a forma de castigos e críticas implacáveis. Foi deste escolha do pai morto que surgiu na metapsicologia a vertente cruel do ideal de ego, e mais tarde como veremos, será justamente dos ressaibos do pai morto que o superego irá extrair sua natureza maligna. Ou seja, na *Introdução ao narcisismo*, o futuro conceito de superego já mostrou sua face, imiscuída no conceito de ideal de ego e nomeado como “um agente psíquico especial” (p. 102). Disse Freud (1914/1969y):

⁶⁷ Freud (1914/1969y) diz textualmente: “a repressão, como dissemos, provém do ego” (p. 100).

Não nos surpreenderíamos se encontrássemos um agente psíquico especial que realizasse a tarefa de assegurar a satisfação narcisista proveniente do ideal de ego, e que, com esta finalidade em vista, observasse constantemente o ego real, medindo-o por aquele ideal. Admitindo-se que esse agente de fato exista, de forma alguma seria possível chegar a ele como se fosse uma descoberta – podemos tão-somente reconhecê-lo, pois podemos supor que aquilo que chamamos de nossa ‘consciência’ possui as características exigidas. O reconhecimento desse agente nos permite compreender os chamados ‘delírios de sermos notados’, ou, mais corretamente, de sermos *vigiados*, que constituem sintomas tão marcantes nas doenças paranóides, podendo também ocorrer como uma forma isolada de doença, ou intercalados numa neurose de transferência. Pacientes desse tipo queixam-se de que todos os seus pensamentos são conhecidos e suas ações vigiadas e supervisionadas; eles são informados sobre o funcionamento desse agente por vezes que caracteristicamente lhes falam na terceira pessoa (‘Agora ela está pensando isto de novo’, ‘Agora ela está saindo’). Essa queixa é justificada; ela descreve a verdade. Um poder desta espécie, que vigia, que descobre e critica todas as nossas intenções, existe realmente. Na realidade, existe em cada um de nós em nossa vida normal (p. 102).

Percebe-se no trecho acima destacado que Freud relacionou a *consciência* e o *delírio de ser notado* à versão crítica do ideal de ego e veremos que um pouco mais adiante neste mesmo texto ele incluirá a censura dos sonhos⁶⁸ na equação superegógica. Freud já havia mencionado estas categorias clínicas (a consciência crítica e o delírio de ser notado) em suas primeiras constatações clínicas e agora as reintegra na teoria atribuindo-lhes um papel definitivo na estruturação psíquica, embasado no conceito de ideal de ego. Ou seja, Freud verificou que a atuação deste *agente especial* está presente na normalidade, na vida onírica e na patologia, e ressegurou sua participação na

⁶⁸ Segundo Freud (1914/1969y): “Lembramo-nos aqui de já termos verificado que a formação de sonhos ocorre sob o domínio de uma censura que força a distorção dos pensamentos oníricos. Não figuramos, contudo, esta censura como tendo um poder especial, mas escolhemos o termo para designar uma faceta das tendências repressivas que regem o ego, a saber, a faceta que está voltada para os pensamentos oníricos. Se penetrarmos ainda mais na estrutura do ego, também poderemos reconhecer, no ideal de ego e nas expressões orais dinâmicas da consciência, o censor dos sonhos” (p. 104).

neurose obsessiva e na paranóia⁶⁹, se fazendo notar principalmente por sua crueldade, revelada na impossibilidade da tarefa exigida do ego, que independente de exortação, castigos ou coerção, jamais corresponderá plenamente às expectativas do ideal de ego.

Gerez-Ambertín (2003) descreve o significado e as conseqüências da atuação do ideal de ego para a economia psíquica com todas as letras:

A encarnação do Ideal sempre oscila entre a *exaltação* (do pai maravilhoso) e a *opressão* (do pai diabólico e maligno). Apesar da primazia simbólico-imaginária do Ideal que promove o amável das insígnias, a captura da imagem não deixa de coagir a partir da trama simbólica: ‘Assim deves ser para te tornares amável!!’, mandato que acaba sempre aniquilando. A desgraçada história da *psicologia das massas* e os vários holocaustos do século XX são lamentáveis amostras da conexão entre o lado amável das insígnias e o lado mortífero ao qual conduzem ‘hipnoticamente’ além do amor. Tripla função a do Ideal – que não deveria nos enganar: *impele, normatiza e coage* (p. 61).

Ou seja, o aspecto impossível contido no ideal destrói sua benignidade no momento que ele aponta para algo além do sujeito, que é mandatório, porém inacessível, que ressurgirá sob os desígnios mais tenebrosos do superego em 1923. Disse Freud (1923/1969h1) neste ensaio: “a relação [do superego] com o ego não se exaure com o preceito: ‘você deveria ser como o pai’. Ela também compreende a proibição: ‘Você não pode ser assim (como seu pai), isto é, você não pode fazer tudo o que ele faz; certas coisas são prerrogativas dele’” (p. 47).

⁶⁹ Em *Neurose e psicose* (1924[1923]/1969n1), Freud afirmou que “a atitude do superego deveria ser tomada em consideração – o que até aqui não foi feito – em toda forma de enfermidade psíquica” (p. 169).

6.4 SACRIFÍCIO E CULPA SANGÜÍNEA

Na *Introdução ao narcisismo* Freud atribuiu algumas funções ao ideal de ego tais como a consciência normal, a censura dos sonhos e os delírios paranóicos, mas foi em *Luto e melancolia* que ele estendeu a atuação da vertente crítica do ideal de ego ao luto patológico, à psicose e às demais neuroses de transferência (neurose obsessiva, fobias e histeria) e reassegurou que o ego é uma estrutura psíquica propensa a se dividir. Segundo Freud (1915/1969z),

uma parte do ego se coloca contra a outra, julga-a criticamente, e, por assim dizer, toma-a como seu objeto. Nossa desconfiança de que o agente crítico, que aqui se separa do ego, talvez também revele sua independência em outras circunstâncias, será confirmada ao longo de toda a observação ulterior (p. 253).

Freud constatou que de todas as afecções psíquicas, é na melancolia que o *agente crítico* se apresenta em sua forma mais cruel e patológica, voltando toda sua ira e malignidade contra o ego. Segundo Freud (1915/1969z), os sintomas da melancolia, apesar de não serem idênticos, podem ser comparados àqueles observados no luto:

Os traços mentais distintivos da melancolia são um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade, e uma diminuição dos sentimentos de auto-estima a ponto de encontrar expressão em auto-recriminação e auto-envilecimento, culminando numa expectativa delirante de punição. Este quadro torna-se um pouco mais inteligível quando consideramos que, com uma única exceção, os mesmos traços são encontrados no luto. A perturbação da auto-estima está ausente no luto; afóra isso, porém, as características são as mesmas (p. 250).

Freud (1915/1969z) ressalta que a comparação com o luto levou-o a crer que a melancolia também pode surgir em consequência da perda do objeto com o qual o sujeito havia se identificado⁷⁰, mas nesta doença, a perda é de natureza mais *ideal* que real, incluindo não só o luto patológico, mas situações que trazem uma tonalidade hostil aos relacionamentos, pois o sujeito se sente desprezado, diminuído e rejeitado pelo objeto. Além disso, na melancolia a perda do objeto é retirada da consciência, mas como o objeto perdido leva consigo uma parcela do ego do sujeito que estava nele projetado, estes pacientes, ao contrário dos enlutados, não se queixam de ter perdido um objeto amado, mas sim de uma perda no ego, referida através de uma lista de sintomas assim enumerados por Freud (1915/1969z):

O melancólico exhibe ainda uma outra coisa que está ausente no luto – uma diminuição extraordinária de sua auto-estima, um empobrecimento de seu ego em grande escala. No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio ego. O paciente representa seu ego para nós como sendo desprovido de valor, incapaz de qualquer realização e moralmente desprezível; ele se repreende e se envilece, esperando ser expulso e punido. Degrada-se perante todos, e sente comiseração por seus próprios parentes por estarem ligados a uma pessoa tão desprezível. Não acha que uma mudança tenha se processado nele, mas estende sua autocrítica até o passado, declarando que nunca foi melhor. Este quadro de um delírio de inferioridade (principalmente moral) é completado pela insônia e pela recusa a se alimentar, e – o que é psicologicamente notável – por uma superação do instinto que compele todo ser vivo a se apegar à vida (p. 252).

A teoria do narcisismo recentemente desenvolvida e a descoberta dos mecanismos psíquicos envolvidos na melancolia permitiram que Freud avançasse significativamente em alguns de seus antigos questionamentos. Vimos que desde 1897 este autor já suspeitava que a relação hostil com o pai poderia estar na origem da

⁷⁰ Poderíamos acrescentar que a identificação na melancolia corresponde a um estado de fusão psíquica do sujeito com o objeto.

moralidade (*Carta 64*) e da neurose (*Rascunho N*), e agora ele acrescentou que o ódio e as recriminações dirigidas ao pai podem se voltar contra o sujeito, conforme se observa na melancolia e em menor grau na neurose obsessiva e na histeria. A partir da constatação de que a vertente crítica do ideal de ego pode atacar o ego fragilizando-o de tal forma que este pode ser conduzido à morte psíquica, tornou-se necessário discriminar a origem e a natureza desta instância crítica, já que conceitualmente não faz sentido depositar sua proveniência no eu narcisista. Ou seja, é difícil assimilar a idéia de que o ideal de ego – definido como uma formação psíquica que salvaguarda o narcisismo infantil e consola o homem adulto diante da constatação de suas limitações e da perda das ilusões da infância – possa ser responsável pela crueldade melancólica.

Gerez-Ambertín (2003) acredita que estas dúvidas conceituais que surgiram a partir da clínica da melancolia e sua vinculação com as vicissitudes do ideal de ego são fruto da indefinição teórica de Freud. Segundo ela:

Há uma armadilha escondida ao englobar a moção maligna sob o nome de ‘Ideal do eu’: o lodo do qual surge o Ideal, que estabelece os limites e outorga medida para preservar o eu, coexiste com a crítica que é consubstancial a estes limites e à medida (com a crítica também se mede a distância do eu ao ideal). Todavia, se de um lado preserva, de outro, quando se torna severamente crítico, abandona o papel de anjo da guarda para se converter em assoladoramente demoníaco, deixa de velar pela satisfação narcisista e se transforma em um tenaz inimigo da segurança euótica. Buraco negro no narcisismo, onde se formaliza a temática da ‘divisão do sujeito contra si mesmo’, que atenta contra as identificações e o amável da circulação libidinal (p. 59).

Freud (1915/1969z) assinalou que é surpreendente como o ego pode deixar de ser um objeto de amor de si mesmo e consentir não só em ser atacado na neurose

obsessiva como não reagir frente a sua destruição suicida na melancolia. Segundo ele, isto só se torna possível por conta de um temível desarranjo na economia narcísica, que faz com a catexia objetal seja substituída por uma identificação:

existem, num dado momento, uma escolha objetal, uma ligação da libido a uma pessoa particular, então, devido a uma real desconsideração ou desapontamento proveniente da pessoa amada, a relação objetal foi destroçada. O resultado não foi o normal – uma retirada da libido desse objeto e um deslocamento da mesma para um novo –, mas algo diferente, para cuja ocorrência várias condições parecem ser necessárias. A catexia objetal provou ter pouco poder de resistência e foi liquidada. Mas a libido livre não foi deslocada para outro objeto; foi retirada para o ego. Ali, contudo, não foi empregada de maneira não especificada, mas serviu para estabelecer uma identificação do ego com o objeto abandonado. Assim, a sombra do objeto caiu sobre o ego, e este pôde, daí por diante, ser julgado por um agente especial, como se fosse um objeto, um objeto abandonado (p. 254).

A contrapartida fenomenológica deste funcionamento da libido surge nas auto-acusações do melancólico, que na verdade são recriminações e queixas contra o objeto amado e perdido⁷¹, sendo que é por isto que o ego é torturado na mesma medida e intensidade que seria o objeto, caso o sujeito pudesse confrontá-lo. Ou seja, é a regressão para o narcisismo e a identificação com o objeto denegrado que destroem o ego na melancolia. De acordo com Freud (1915/1969z):

Se o amor pelo objeto – um amor que não pode ser renunciado, embora o próprio objeto o seja – se refugiar na identificação narcisista, então o ódio

⁷¹ Freud ilustra esta formulação teórica com o exemplo da “mulher que lamenta em altos brados o fato de o marido estar preso a uma esposa incapaz como ela, na verdade está acusando o marido de ser incapaz, não importando o sentido que ela possa dar para isto” (p. 254).

Poderíamos também citar um episódio da análise de uma paciente deprimida que se queixava de uma atitude supostamente injusta de sua mãe, que segundo ela, tem uma preferência notória por seu irmão mais novo. Quando escuta da analista que ela deve estar com muito ódio de sua mãe, a paciente responde imediatamente: *Como? Eu amo muito a minha mãe, eu seria incapaz de ter qualquer raiva dela.*

entra em ação nesse objeto substitutivo, dele abusando, degradando-o, fazendo-o sofrer e tirando satisfação sádica de seu sofrimento. A autotortura na melancolia, sem dúvida agradável, significa do mesmo modo que o fenômeno correspondente na neurose obsessiva, uma satisfação das tendências do sadismo e do ódio relacionadas a um objeto, que retornaram ao próprio eu do indivíduo.... É exclusivamente esse sadismo que soluciona o enigma da tendência ao suicídio, que torna a melancolia tão interessante – e tão perigosa. ... De há muito, é verdade, sabemos que nenhum neurótico abriga pensamentos de suicídio que não consintam em impulsos assassinos contra outros, que ele volta contra si mesmo, mas jamais fomos capazes de explicar que forças interagem para levar a cabo esse propósito. A análise da melancolia mostra agora que o ego só pode se matar, se, devido ao retorno da catexia objetual puder tratar a si mesmo como um objeto – se for capaz de dirigir contra si mesmo a hostilidade relacionada a um objeto (p. 257).

Na melancolia, o ataque do agente crítico contra o ego é tão feroz que ele perde a identidade e se divide em duas partes. Uma crítica e truculenta (que será posteriormente chamada de superego) e outra pacífica, que por ter sido adulterada pela identificação, acaba sob a posse do objeto (uma *possessão demoníaca*, Freud havia mencionado anos atrás com relação à histeria). Ou seja, de acordo com Freud (1915/1969z), na melancolia “uma perda objetual se transforma em uma perda no ego, e o conflito entre o ego e a pessoa amada, numa separação entre a atividade crítica do ego e o ego enquanto alterado pela identificação” (p. 255).

Percebemos que em *Luto e melancolia* a identificação com o pai não é tão evidente quanto Freud demonstrou ser na *Introdução ao narcisismo* e em *Totem e tabu*. Mas quando usamos a técnica freudiana de transposição (veja *Totem e tabu*) e comparamos estes três textos, veremos claramente que o objeto perdido e internalizado na melancolia é o pai, mas que a *instância crítica*, alimentada pelo ódio, acabou encobrando e assumindo o seu papel. Tanto a neurose obsessiva quanto a melancolia são resultado da mesma operação edípica onde impulsos parricidas e incestuosos

colidem com a consciência moral, e de qualquer forma, é o ressaibo do pai morto internalizado que fustiga e subjuga desde dentro, com a diferença que na melancolia o *agente crítico* é tomado por uma hiperatividade mortífera. Segundo Moreira (2002),

isto ocorre porque o melancólico se identifica com o objeto a que sua ira se aplica: ele mesmo é, em seu mundo de fantasia, o assassino que vela e o morto pelo qual chora. Dessa operação de defesa contra impulsos assassinos, portanto, resulta um melancólico que será atacado por seu próprio superego, constituindo-se assim, desde o princípio, um suicida (p. 91).

*7 O Caráter e sua Relação com o
Superego*

*Por tanto amor
Por tanta emoção
A vida me fez assim
Doce ou atroz,
Manso ou feroz,
Eu caçador de mim.*

Luiz Carlos Sá

7.1 O CARÁTER NA TEORIA FREUDIANA

De acordo com Fenichel (2000), o caráter de um indivíduo reflete os padrões comportamentais de seu ego frente o entrelaçamento dos impulsos instintuais inatos e das forças inibidoras da mente, que são influenciadas não só por exigências internas, como também pela presença reguladora do mundo externo. Segundo ele, o conceito de caráter é maior que a idéia de

modalidades de defesa fixadas na personalidade. O ego tanto protege o organismo de estímulos internos e externos, lhes bloqueando as reações, quanto também reage; peneira e organiza estímulos e impulsos; permite que alguns se expressem diretamente, outros de forma um tanto alterada. A organização dinâmica e econômica dos seus atos positivos e as maneiras pelas quais o ego combina as suas diversas tarefas, a fim de encontrar solução satisfatória, tudo isso vem compor o caráter (p. 433).

Freud (1908/1969o1) afirmou que o caráter⁷² “se forma a partir dos instintos

⁷² Segundo o editor das obras completas, há poucas apreciações na teoria freudiana a respeito da natureza do caráter e o mecanismo segundo o qual ele é constituído. As primeiras contribuições de Freud a este respeito surgiram no capítulo final dos *Três ensaios* de 1905 e posteriormente no *Caráter e erotismo anal* de 1908, na *A disposição à neurose obsessiva* de 1913, em *Alguns tipos de caráter* de

constituintes: os traços de caráter permanentes são, ou prolongamentos inalterados dos instintos originais, ou sublimação desses instintos, ou formações reativas contra os mesmos” (p. 164). Para Freud (1913/1969x), excetuando o fracasso da repressão e o retorno do reprimido que não estão presentes na constituição do caráter, as forças instintuais que operam neste caso e na neurose são as mesmas, o que torna os “processos de formação do caráter mais obscuros e menos acessíveis à análise que os neuróticos” (p. 347).

A preocupação de Freud com relação a este tema diz respeito principalmente à necessidade teórica de diferenciar os processos psíquicos que atuam na neurose daqueles que constituem o caráter, já que na sua concepção, estes últimos, mais que os primeiros, estão relacionados com a resistência ao tratamento analítico (reação terapêutica negativa). Na introdução ao ensaio de 1916, Freud (1916/1969d1) assinalou:

Quando um médico empreende o tratamento psicanalítico de um neurótico, seu interesse não se dirige de modo algum em primeiro lugar para o caráter do paciente. Prefere saber o que significam os sintomas, quais os impulsos instintuais ocultos por detrás deles e por eles satisfeitos, e qual o curso seguido pelo caminho misterioso que conduziu dos desejos instintuais aos sintomas. Contudo, a técnica que ele é obrigado a seguir logo o compele a dirigir sua curiosidade imediata para outros objetivos. Observa que sua investigação se acha ameaçada por resistências erguidas contra ele pelo paciente, podendo o médico com toda razão, encarar essas resistências como parte do caráter do paciente (p. 325).

A correlação entre a formação do caráter e o superego começou a ser delineada através da análise de três *surpreendentes* tipos de caráter que segundo Freud

1916, e finalmente na terceira parte de *O ego e o id*, sendo que as idéias neste contidas foram repetidas na *Conferência XXXII* de 1933.

(1916/1969d1) são afixados como cicatriz no psiquismo do sujeito. São eles: as exceções, os arruinados pelo êxito e os criminosos em consequência do sentimento de culpa. A vinculação do caráter ao *agente crítico* ainda não é direta neste texto de 1916, mas veremos que Freud afirmou que a rebeldia, a culpa e o crime (que são atributos superegóicos), são instalados no caráter por meio da identificação e da fixação pulsional. Freud só pôde estabelecer uma relação direta do superego com a formação caracterial depois que ele introduziu os conceitos da segunda tópica, obtendo o respaldo teórico necessário para fazer a seguinte afirmação em 1932⁷³:

Os senhores mesmos sem dúvida supunham que aquilo que se conhece como caráter, coisa tão difícil de definir, deve ser atribuído inteiramente ao ego. Um pouco disso que cria o caráter já compreendemos. Primeiramente e acima de tudo, existe a incorporação, sob a forma de superego, da anterior instância parental, que é, indubitavelmente, a sua parte mais importante e decisiva; e ademais, identificações com ambos os pais do período subsequente e com outras figuras de influência, e as identificações semelhantes formadas como remanescentes de relações objetais a que se renunciou. E podemos agora acrescentar como contribuições à construção do caráter, que nunca estão ausentes, as formações reativas que o ego adquire – no início, executando suas repressões e, depois, por um método mais normal, quando rejeita impulsos instintuais indesejáveis (Freud, 1933 [1932]/1969k1, p. 94).

7.2 OS TIPOS DE CARÁTER QUE FREUD ENCONTROU NO TRABALHO PSICANALÍTICO

7.2.1 As exceções

⁷³ Esta citação de Freud deriva de conceitos discutidos em 1923 em *O ego e o id*.

De acordo a teoria freudiana, o amadurecimento psíquico pressupõe a passagem do princípio do prazer para o princípio da realidade, num processo que envolve a dolorosa renúncia de gratificações pulsionais imediatas em prol de benefícios duradouros no futuro. Mas algumas pessoas acreditam que já sofreram e renunciaram o bastante no passado e por esta razão, teriam adquirido o direito de serem poupadas de quaisquer novos infortúnios ou exigências da realidade. Segundo Freud, estes pacientes se consideram exceções, e por isto presumem que é justo obterem o privilégio de não mais se submeterem a quaisquer sentimentos dolorosos ou a qualquer imposição da vida sentida como desconfortável.

Freud (1916/1969d1) assegura que os pacientes com este caráter são predispostos à neurose, e afirma que a doença psíquica que os acometem está relacionada

a alguma experiência ou sofrimento a que estiveram sujeitos em sua primeira infância, e em relação aos quais eles próprios sabiam não ter culpa, podendo encará-los como sendo uma desvantagem injusta a eles imposta. Os privilégios que reclamavam como resultado desta injustiça, e a rebeldia que ela engendrava, contribuíram, e não em pequena dose, para intensificar os conflitos que levaram à irrupção da neurose (p. 327).

Percebe-se que este caráter inclui um desafio narcisista ao destino, representado principalmente por uma arrogância rebelde ao desígnio da castração. Ou seja, a afronta à castração, que é uma condição inevitável e inerente ao vir a ser humano, vai conduzir o sujeito inexoravelmente à neurose, prediz a teoria freudiana. Poderíamos inferir que a luta humana contra a castração é para Freud como a *hybris* (a desmedida) na tragédia grega, que é sempre punida com o fracasso e a derrocada do herói. Da mesma forma,

todo aquele que arrogar a si direitos e exigir benesses que ultrapassem os limites próprios da natureza humana, sofrerá inexoravelmente as vergastadas do destino através da doença mental.

Na sua análise, Freud cita Ricardo III de Shakespeare como sendo um modelo do caráter de exceção, sendo que neste caso, o caráter do personagem foi forjado pela influência de uma desvantagem congênita. Freud (1916/1969d1) começa citando a reflexão que o futuro rei faz logo no início da tragédia:

Mas eu, que não fui talhado para habilidades esportivas, nem para cortejar um espelho amoroso; que grosseiramente feito e sem a majestade do amor para pavonear-me diante de uma ninfa de lascivos meneios; eu, privado dessa bela proporção, desprovido de todo encanto pela pérfida natureza; disforme, inacabado, enviado por ela antes do tempo para este mundo dos vivos; terminado pela metade e isso tão imperfeitamente e fora de moda que os cães ladram pra mim quando paro perto deles.

E assim, como não posso mostrar-me como amante, para entreter estes belos dias da galanteria, resolvi portar-me como vilão e odiar os frívolos prazeres deste tempo (p. 328).

Freud (1916/1969d1) desconstruiu o lamento do duque de Gloucester, traduzindo seu significado da seguinte forma:

A natureza me causou um doloroso mal ao negar-me a beleza das formas que conquista o amor humano. A vida me deve uma recuperação por isso, e farei tudo para consegui-la. Tenho o direito de ser uma exceção, de desprezar os escrúpulos pelos quais os outros se deixam tolher. Posso fazer o mal, já que a mim foi feito o mal (p. 329).

Apesar de Freud não ter sido explícito, é possível correlacionar o caráter de exceção com o *agente crítico*, neste caso fundamentado na pena de talião: *olho por olho, dente por dente*. A interpretação distorcida da realidade (eu recebi o mal, eu

tenho o direito de exercer o mal), faz com que as ações do sujeito sejam movidas pelo ódio, mas ele não se sente responsável por sua agressividade, ao contrário, de seu ponto de vista, ele é vítima: ele não é agressivo, mas sim, justiceiro. Ofendido, o indivíduo acredita que qualquer atrocidade por ele cometida é legitimada por sua finalidade última de ser recompensado pelas perdas que lhe foram impostas por sua existência. O seu maior engano é que por esta via ele não vai conseguir extrair bônus algum da vida, a não ser mais sofrimento.

Para traduzir este comportamento em termos edipianos, voltamos às palavras de Freud (1923/1969h1) que já mencionamos no início desta tese dizendo que “a relação [do superego] com o ego não se exaure com o preceito: ‘Você deveria ser assim (como o seu pai)’. Ela também compreende a proibição: ‘Você não pode ser assim (como o seu pai), isto é, você não pode fazer tudo o que ele faz; certas coisas são prerrogativas dele’ (p. 47). Ou seja, se o homem não se sujeita aos limites impostos pela realidade aqui representada pelo pai (a castração), ele, além de perder seu amor, jamais poderá contar com sua indulgência. O pai poderoso e cruel certamente irá puni-lo à altura de seus erros e na medida de sua consciência moral⁷⁴. Ou seja, é inútil exigir da vida algo que extrapola seus limites. Todas as exigências, principalmente as

⁷⁴ Em 1916 Freud ainda não suspeitava que a existência de uma divisão do ego (o ideal de ego e futuramente superego) poderia influenciar a formação do caráter. Vejamos o que ele afirmou em 1923: “Alcançamos sucesso em explicar o penoso distúrbio da melancolia supondo [naqueles que dele sofrem] que um objeto que fora perdido foi instalado novamente no ego, isto é, que uma catexia do objeto foi substituída por uma identificação. Nesta ocasião, contudo, não apreciamos a significação plena desse processo e não sabíamos quão comum e típico ele é. Desde então, viemos a saber que esse tipo de substituição tem grande parte na determinação da forma tomada pelo ego, e efetua uma contribuição essencial no sentido da construção do que é chamado seu caráter” (Freud, 1923/1969h1, p. 41).

balizadas pelo ódio, não só serão negadas pelo destino como trarão conseqüências nefastas ao sujeito. Melhor caminhar pela via do amor, diria Freud (1923/1969h1):

... lado a lado com as exigências da vida, o amor é o grande educador, e é pelo amor daqueles que se encontram mais próximos dele que o ser humano incompleto é induzido a respeitar os ditames da necessidade e a poupar-se do castigo que sobrevém a qualquer infração dos mesmos (p. 326).

É importante assinalar que a questão do caráter sempre remete a uma valorização superegóica do comportamento, expressa na construção de um *bom caráter* ou de um *mau caráter*, sendo que o amor tem um importante papel na formação do primeiro⁷⁵. No entanto, o inverso não parece ser necessariamente verdadeiro. Ou seja, no caso das exceções, não é a falta de amor que conduz ao *mau caráter*, mas sim o ressentimento, sendo que a culpa pelo infortúnio é depositada num outro invisível, numa forma de criador malvado, a quem é atribuída a falta ou a perda imperdoável que pousou sobre o sujeito⁷⁶.

Gerez-Ambertín (2003) conclui:

⁷⁵ Melanie Klein (1957/1985c) foi mais específica com relação a este tema. Segundo ela: “minhas observações mostraram-me que alterações significativas do caráter, têm muito mais probabilidade de acontecer em pessoas que não estabeleceram firmemente seu primeiro objeto e que não são capazes de manter gratidão para com ele. Quando a ansiedade persecutória aumenta nestas pessoas, por motivos internos ou externos, elas perdem completamente seu objeto originário bom ou, melhor dizendo, seus substitutos, sejam essas pessoas ou valores. Os processos subjacentes a essa mudança são um retorno regressivo a mecanismos arcaicos de cisão e à desintegração. Como isso é uma questão de grau, essa desintegração, embora em última análise afete intensamente o caráter, não leva necessariamente a doença manifesta. A ânsia por poder e prestígio, ou a necessidade de apaziguar perseguidores a qualquer custo, estão sempre entre os aspectos de mudança de caráter que tenho em mente” (p. 221).

⁷⁶ Encontramos freqüentemente na clínica de obesos este tipo de pensamento. É recorrente a idéia de que foram desprivilegiados pela vida, ao contrário dos demais. Na sua imaginação apenas eles precisam fazer sacrifícios e se ater frente a limites, todas as outras pessoas são magicamente magras e saudáveis. Esta idéia produz ódio e uma tremenda reatividade à realidade que leva à certeza de que eles têm o direito de receber a mesma dádiva que imaginam que os outros receberam gratuitamente, o que dificulta sua adesão à análise.

Para Freud, não há formação caracterial sem as ferroadas do superego, sem a incidência da Consciência Moral e, embora atribuídos ao eu, seus fragmentos mais importantes provêm do superego. Ao tomar dele o pior, é sempre *mau caráter*. Porfia, obstinação, desafio, irritabilidade, suscetibilidade, dureza são amostras deste *mau*. Mas compaixão, timidez, doçura, docilidade, paciência, como traços do *bom caráter*, são sempre suspeitos se considerarmos o processo de formação reativa. O humor freudiano em relação à mudança que certas mulheres sofrem no declínio de sua vitalidade sexual – anjos que se transformam em ‘bruxas malditas’ – fornece pistas sobre o caráter, do qual é melhor não esperar bondades. A quota supereuótica afugenta dele qualquer esperança relativa a sua domesticação (p. 71).

7.2.2 Os arruinados pelo êxito

Segundo Freud, para que a mente engendre uma neurose deve haver um conflito patogênico entre os desejos libidinais e o ego (parte da personalidade que inclui os ideais e os instintos de autopreservação). Ou seja, quando alguns impulsos são condenados e proibidos pelo ego, a libido neles investida fica impedida de alcançar qualquer forma de gratificação ego-sintônica, produzindo a neurose. De acordo com Freud (1916/1969d1), “a privação, a frustração de uma satisfação real, é a primeira condição para a geração de uma neurose, embora, na verdade, esteja longe de ser a única” (p. 331).

No entanto, segundo observou Freud, há casos em que surpreendentemente o sujeito adoece justamente quando um desejo profundo e antigo é realizado. Ou melhor, a satisfação do impulso conduz justamente à derrocada psíquica do sujeito, cujo fracasso, acredita Freud, é um castigo imposto por sua consciência moral que vai

fustigar e impedir o indivíduo de fruir da mudança tão desejada da realidade. Ou seja, nestes casos, a pena não se traduz num fracasso pulsional, mas sim na autodestruição do sujeito que ousou ambicionar algo considerado além de suas possibilidades.

Para compreender “a origem dessas tendências julgadoras e punitivas” (p. 333) que levam à constituição de um caráter que se arruína diante de seu êxito, além de retomar conceitos anteriores de censura, autopunição e culpa, Freud (1916/1969d1) se apoiou em duas das colunas de seu tripé metodológico, voltando-se para sua vivência clínica e para a cultura. Ou seja, foi através de exemplos literários e de fatos clínicos que Freud pretendeu demonstrar que a ambição desmedida é associada a um crime edípico (incesto e parricídio), sendo que esta conjunção de fatores contribui para incrementar a ferocidade do *agente crítico*, cuja atuação produz culpa, e por seu intermédio, toda a gama de doenças psicológicas.

Freud citou dois exemplos extraídos do cotidiano. Primeiro mencionou o caso de uma jovem que fugiu da casa paterna e perambulou pelo mundo em busca de liberdade, até que ela encontrou um pintor, que mesmo contrariando a opinião de seus familiares, acolheu a moça em sua casa. Decorreram muitos anos, antes que a jovem conseguisse finalmente ser aceita pela família do pintor, mas depois que seu casamento foi anunciado, podendo ela então realizar seu sonho de ser reabilitada socialmente, a jovem surpreendentemente sucumbiu com uma doença mental incurável. Em seguida, Freud trouxe a história de um professor que nutriu por muitos anos o desejo de suceder seu mestre em sua cadeira na universidade, mas quando ele

foi escolhido, se afundou numa profunda melancolia que se arrastou por muitos anos⁷⁷.

Da literatura Freud citou o exemplo de Lady Macbeth de Shakespeare. A tragédia apresenta Lady Macbeth como uma figura implacável⁷⁸ que encoraja e incita o marido, um ambicioso general do exército real, a assassinar o bondoso rei Duncan, com o intuito de apressar a realização da profecia maliciosa de três Feiticeiras que predizia que Macbeth seria rei.

Freud aponta a mudança no caráter dos personagens, enfatizando primeiramente a transformação que passou Lady Macbeth, de uma cruel, fria, decidida e inescrupulosa personagem para uma pobre e delirante suicida, dominada pela culpa; e depois, a transformação do próprio Macbeth, um sujeito assustado, vacilante e dominado por delírios culposos, num inexorável assassino em série.

Freud (1916/1969d1) lembra que no primeiro ato, Lady Macbeth revela a sua crueldade e determinação através das seguintes palavras:

Acorrei espíritos que velais sobre os pensamentos mortais! Trocai-me de sexo e, dos pés à cabeça, enchei-me, fazei que transborde da mais implacável crueldade! Fazei que meu sangue fique mais espesso; fechai em mim todo o acesso, todo caminho à piedade, para que nenhum escrúpulo compatível com a Natureza possa turvar meu propósito feroz, nem possa interpor-se entre ele e a execução! Vinde a meus seios maternos e convertei meu leite em mel, vós, gênios do crime, do lugar de onde presidis, sob substâncias invisíveis, a hora de fazer o mal! Vem, noite tenebrosa, envolve-te com a mais sombria fumaça do inferno para que meu punhal agudo não veja a ferida que ele vai

⁷⁷ Na nossa interpretação, estes exemplos oferecidos por Freud não traduzem necessariamente uma formação caracterial, acreditamos que se trata de auto-inveja, um fenômeno psíquico inconsciente e extremamente destrutivo que foi descrito na psicanálise kleiniana, segundo o qual indivíduo invejoso projeta a sua inveja no outro e desta forma passa a temer que ele seja invejado na mesma proporção que ele invejaria o outro, se este alcançasse o êxito almejado por ele.

⁷⁸ Segundo Freud, o caráter de Lady Macbeth “parecia forjado do metal mais rijo” (Freud, 1916/1969d1, p. 335).

fazer e para que o céu, espiando-me através da cobertura das trevas, não possa gritar-me: Pára! Pára! (Shakespeare, 1978, p. 131).

E assim ela incita o marido:

Estava, então, ébria a esperança com que te ataviavas? Será que dormiu depois e acorda agora para contemplar, pálida e verde, o que soube contemplar tão arrogantemente? Desde este momento acreditarei tão frágil assim teu amor? Tens medo de ser o mesmo em ânimo e em obras que em desejos? Queres possuir o que estimas como ornamento da vida e viver como um covarde em tua própria estima, deixando que um “não me atrevo” vá atrás de um “eu gostaria”, como o pobre gato do adágio? (Shakespeare, 1978, p. 134).

Quando Lady Macbeth se torna rainha, logo depois do assassinato de Duncan⁷⁹, o tom de suas palavras começa a mudar: “Nada se ganha, ao contrário, tudo se perde, quando nosso desejo se realiza sem satisfazer-nos. Mais vale ser a vítima do que viver com o crime numa alegria cheia de inquietudes!” (Shakespeare, 1978, p. 152).

Do outro lado, Macbeth, antes de cometer o assassinato do rei, tem uma alucinação com o punhal do crime, sente medo e dúvida da validade de sua empreitada, mas estimulado por sua esposa ele realiza seus propósitos criminosos. Logo depois de apunhalar Duncan durante o sono, Macbeth se atormenta com culpa e dolorosos delírios persecutórios:

Onde estão batendo? Que há comigo que qualquer ruído me aterra?... Que mãos são estas aqui? Ah!... Estão arrancando meus olhos! Todo o oceano do grande Netuno poderia limpar este sangue de minhas mãos? Não, seria mais fácil que esta mão tinja as vagas tumultuosas, mudando o mar de verde para vermelho (Shakespeare, 1978, p.140).

⁷⁹ Os filhos de Duncan fugiram do país com receio de terem o mesmo destino do pai.

Após ser coroado rei, mas ainda aflito devido à segunda parte do vaticínio das Bruxas que dizia que ele reinaria, mas não engendraria reis, ao contrário de seu companheiro Banquo, Macbeth engendra o assassinato deste e de seu filho. Inconformado, Macbeth faz a seguinte reflexão acerca da possível esterilidade da ação criminosa que o tornou rei:

Não existe ninguém de quem sinta temor, a não ser dele [Banquo] e meu gênio fica intimidado em sua presença como, segundo dizem, intimidava-se Marco Antônio diante de César. Ele censurou logo as feiticeiras, quando elas me deram o título de rei e ordenou-lhes que lhe fizessem uma predição. Então, profeticamente, elas o saudaram como pai de uma linhagem de reis. Sobre a minha cabeça, colocaram elas uma coroa infrutífera e puseram um cetro estéril em minhas mãos que me será arrancado por mão estranha, pois não possuo filho que possa me suceder. Sendo assim, foi para a posteridade de Banquo que eu maculei minha alma, por ela assassinei o bondoso Duncan, só por ela derramei o ódio no vaso de minha paz e entreguei a jóia de minha vida eterna ao inimigo comum do gênero humano, para fazê-los reis, para fazer reis os filhos de Banquo! Antes que isto aconteça, vem, Destino, desce à liça e lutemos, eu e tu, até a morte! (Shakespeare, 1978, p. 149).

Enquanto Lady Macbeth se derrete na doença mental até o suicídio, Macbeth se transforma num personagem inexorável e sem sentimentos como era sua esposa no início da ação. Vimos que quando ele recebe a notícia da morte da rainha, Macbeth inabalável comenta: *devia ter morrido mais tarde*. E pressentindo seu fim também próximo, o tirano continua:

O amanhã, o amanhã, o amanhã, avança em pequenos passos, de dia para dia, até a última sílaba da recordação e todos os nossos ontens iluminaram para os loucos o caminho da poeira da morte. Apaga-te, apaga-te, fugaz tocha! A vida nada mais é do que uma sombra que passa, um pobre histrião que se pavoneia e se agita uma hora em cena e, depois, nada mais se ouve dele. É uma história contada por um idiota, cheia de fúria e tumulto, nada significando (Shakespeare, 1978, Shakespeare, 1978, p. 186).

Freud (1916/1969d1) propõe algumas hipóteses para descobrir a causa da ruína de Lady Macbeth diante do êxito de sua terrível empresa, sendo que dentre elas, citou a sua infertilidade. Segundo Freud, é pela via da infecundidade “que ela se convence de sua impotência diante dos ditames da natureza, sendo ao mesmo tempo lembrada de que foi através de sua própria falta que seu crime foi roubado da melhor parte de seus frutos” (p. 337). Em outro momento, Freud menciona que o assassinato de Duncan foi na verdade um parricídio. De fato, Lady Macbeth, minutos antes do crime diz: “Deixei os punhais preparados, de modo que ele [Macbeth] não podia deixar de vê-los... Eu mesma teria feito tudo, se ele não se parecesse com meu pai adormecido” (Shakespeare, 1978, p. 138).

Macbeth e Lady Macbeth fracassam fustigados pela consciência moral que produz culpa, que como o sangue nas mãos, mancha seu destino “– Há aqui sempre um cheiro de sangue!... Todos perfumes da Arábia não purificariam esta pequena mão!...”, disse Lady Macbeth (Shakespeare, 1978, p. 180). Seguindo o conceito anteriormente proposto em *Totem e tabu*, um assassinato só pode ser pago com o sacrifício de outra vida, como afirmou Freud:

Seria um exemplo perfeito de justiça poética à maneira de talião se a ausência de filhos de Macbeth e a infecundidade de sua Lady fossem o castigo pelos seus crimes contra a santidade da geração – se Macbeth não pudesse tornar-se pai porque roubara de um pai os filhos, e dos filhos um pai, e se Lady Macbeth sofresse o assexuamento que exigira dos espíritos do assassinato (p. 337).

Mas Freud (1916/1969d1) foi cuidadoso ao afirmar que ele foi “incapaz de responder porque Lady Macbeth sucumbiu após seu êxito” (p. 339) e passou à análise de outra peça da literatura, desta vez a história da personagem Rebecca Gamvik de Ibsen. Enquanto em Macbeth o foco estava no parricídio, em Rebecca este se volta para a vertente incestuosa do complexo de Édipo, mas em ambos casos, a culpa recai sobre o indivíduo ambicioso que fracassa, sendo este o seu castigo por ter, a qualquer preço, procurado realizar seu desejo.

Conta Freud (1916/1969d1), que Rebecca era filha de uma parteira e vivia com Dr. West, um médico que a criou como filha adotiva e com quem ela manteve relações sexuais depois da morte de sua mãe. Com o falecimento do médico, que a havia criado para ser uma *livre-pensadora* completamente desvinculada da moral religiosa, Rebecca aceita um emprego em Rosmersholm, que era o lar de uma família de rígidos princípios, constituída por um ex-pastor, o Sr. Rosner, e a Sra. Beata, sua esposa, que era inválida e infértil.

Segundo a história, ao se apaixonar pelo patrão, Rebecca engendra a morte de Beata induzindo-a maliciosamente ao suicídio usando a estratégia de convencê-la não só de sua inutilidade, como também dos prejuízos que ela estaria impondo à felicidade do marido por não poder gerar filhos. Após a morte de Beata, Rebecca consegue realizar seu intento e é pedida em casamento por Rosner. No entanto, ela nega terminantemente a oferta, persistindo na sua decisão mesmo depois de confessar seu envolvimento no suicídio de Beata e de ser perdoada por Rosner, que interpretou a maldade de Rebecca como uma boa intenção, justificada pelo grande amor que ela nutria por ele. O autor, segundo Freud, não foi específico a respeito do motivo real

para que Rebecca recusasse Rosner, este apenas foi insinuado através do seguinte comentário da personagem: “Querido – nunca mais fale nisso! É impossível! Pois você deve saber, Rosner, eu tenho um.... um passado” (p. 342).

De acordo com Freud, o passado de Rebecca era uma fonte dolorosa de culpa mesmo antes que a moça soubesse, por intermédio de Kroll (irmão de Beata), que na verdade ela não era filha adotiva do Dr. West como ela pensava, mas sim uma filha ilegítima dele. Freud (1916/1969d1) então pontuou que de qualquer forma, o passado de Rebecca estava inelutavelmente manchado por um crime incestuoso:

O sentimento de culpa de Rebecca tem sua fonte na exprobração do incesto, mesmo antes de Kroll, com perspicácia analítica, tê-la tornado consciente disso. Se reconstruirmos o passado dela, ampliando e preenchendo os indícios fornecidos pelo escritor, poderemos sentir-nos seguros de que ela não pode ter deixado de suspeitar da existência de uma relação íntima entre sua mãe e o Dr. West. Deve ter ficado fortemente impressionada ao se tornar sucessora da mãe junto a esse homem. Ficou sob o domínio do complexo de Édipo, embora não soubesse, que em seu caso, essa fantasia universal se convertera em realidade. Quando chegou a Rosmersholm, a força interna dessa primeira experiência impeliu-a a provocar, por uma razão vigorosa, a mesma situação que já se realizara no exemplo original devido à sua inação – a livrar-se da esposa e da mãe, de modo a poder ocupar o lugar desta junto ao marido e ao pai (p. 344).

Assim como Lady Macbeth e seu marido, Rebecca sucumbe diante do domínio do sentimento de culpa, rejeitando a felicidade que esperava obter pela via do crime. O fracasso precipitado pelo êxito de anseios ao mesmo tempo ambiciosos e pecaminosos, revela a impossibilidade de superar tanto os pecados cometidos pelo pai (incesto) quanto os cometidos contra o pai (parricídio), fazendo com que o sujeito desemboque na doença. No caso de Rebecca, a revelação de seu sentimento de culpa pelo suicídio de Beata, a verificação da inferioridade de seu caráter comparado ao nobre espírito de

Rosner e por fim a vergonha da ilegitimidade de sua origem, serviram para mascarar o pecado considerado mais grave, que foi o incesto. E este, na verdade, foi um pecado (ou um crime) cometido a dois, entre ela e o pai. Segundo Gerez-Ambertín (2003):

Em relação a esse ardil da culpa que teima em percorrer motivos laterais – às custas ainda de carregar seu peso, remorso e recriminação – Freud adverte que, com este pesaroso estratagema, o sujeito é um encobridor. E o que ele encobre são justamente os pecados do pai. Primeiro esboço freudiano da culpa do filho em resposta às faltas paternas. Tentativa de desculpabilizar o pai para conseguir dele a consistência e a garantia da lei. Rebecca idealizou Dr. West, mas no encontro com a verdade da ‘falta do pai’ e seu impossível recobrimento não fica senão o expediente do auto-aniquilamento: o pai falhou como fiador da Lei... o que esperar senão a morte? (p. 81).

Freud (1916/1969d1) conclui a sua descrição deste tipo de caráter fazendo uma correlação entre o Édipo (a proibição do incesto e do parricídio) e a instância crítica:

as forças da consciência que induzem à doença em conseqüência do êxito, em vez de normalmente, em conseqüência da frustração, se acham intimamente relacionadas com o complexo de Édipo, a relação com o pai e a mãe – como talvez na realidade, se ache nosso sentimento de culpa em geral (p. 346).

Estas *forças da consciência* somente seriam nomeadas em 1923, e a idéia de que a tendência psíquica ao fracasso, relacionada à impossibilidade culposa de superar as faltas do pai e em contrapartida, as faltas contra o pai, foi explicitamente desenvolvida por Freud (1936/196911) na carta que ele escreveu a Romain Rolland na qual ele mencionou um distúrbio de memória que ele próprio, Freud, sofreu diante da Acrópole em sua primeira visita à Grécia. Lembramos um trecho desta carta que já mencionamos no primeiro capítulo:

Deparamos com a solução do pequeno problema da causa pela qual, já em Trieste, interferíamos em nosso regozijo pela viagem a Atenas. Pode ser que um sentimento de culpa estivesse vinculado à satisfação de havermos realizado tanto: havia nessa conexão algo de errado, que desde os primeiros tempos tinha sido proibido. Era alguma coisa relacionada com as críticas da criança ao pai, com a desvalorização que tomou o lugar da supervalorização do início da infância. Parece como se a essência do êxito consistisse em ter realizado mais do que o pai realizou, e como se ainda fosse proibido ultrapassar o pai. (p.245)

7.2.3 Criminosos em consequência de um sentimento de culpa

Nos três tipos de caráter analisados por Freud, é a culpa que promove a relação do *agente crítico* (a crueldade da consciência moral) com os crimes que Freud considera fundamentais da humanidade (o incesto e o parricídio), e estes ao caráter. Mas há que se estabelecer uma diferenciação dentro do universo da culpa, pois apesar do fato de que na concepção de Freud a origem do sentimento de culpa é sempre a mesma, dependendo de sua atuação e da combinação com outros fatores psíquicos, as consequências que ela produz no psiquismo são diferentes. Por exemplo, no caso das *exceções* e dos *arruinados pelo êxito*, a culpa conduz a um castigo apaziguador, mas que aniquila o próprio sujeito. Já no caso dos *criminosos por sentimento de culpa*, a culpa leva a um crime apaziguador, sendo que em todos os casos, o intuito inconsciente é de encobrir um crime considerado mais grave, que para Freud (1916/1969d1), é inevitavelmente de caráter edípico:

O resultado invariável do trabalho analítico era demonstrar que esse obscuro sentimento de culpa provinha do complexo de Édipo e constituía uma reação às duas grandes intenções criminosas de matar o pai e de ter relações sexuais com a mãe. Em comparação com estes dois, o propósito de fixar o sentimento de culpa em alguma coisa vinha como um alívio para os sofredores. Nesse sentido, devemos lembrar que o parricídio e o incesto com a mãe são os dois grandes crimes humanos, os únicos que, como tais, são perseguidos e execrados nas comunidades primitivas. Também devemos lembrar como outras investigações nos aproximaram da hipótese segundo a qual a consciência da humanidade, que agora aparece como uma força mental herdada, foi adquirida em relação ao complexo de Édipo (p. 347).

Para descrever o caráter dos que delinqüem por culpa, Freud trouxe exemplos de adultos bem conceituados que durante a sua juventude cometeram diversos delitos como pequenos furtos, fraudes e até incêndios voluntários, eram geralmente interpretados como comportamentos corriqueiros, que surgiam em consequência da fraqueza dos conceitos morais na infância e na adolescência. Mas segundo Freud (1916/1969d1),

o trabalho analítico trouxe então a surpreendente descoberta de que tais ações eram praticadas principalmente por serem proibidas e por sua execução acarretar, para seu autor, um alívio mental. Este sofria de um opressivo sentimento de culpa, cuja origem não conhecia, e, após praticar uma ação má, essa opressão se atenuava. Seu sentimento de culpa estava pelo menos ligado a algo. Por mais paradoxal que isso possa parecer, devo sustentar que o sentimento de culpa se encontrava presente antes da ação má, não tendo surgido a partir dela, mas, inversamente — a iniquidade decorreu do sentimento de culpa. Essas pessoas podem ser apropriadamente descritas como criminosas em consequência do sentimento de culpa (p. 347).

Já no final do texto e sem maiores explicações, Freud acrescenta que o caráter dos delinqüentes por sentimento de culpa já era conhecido de Nietzsche, sendo que no seu livro *Assim falava Zaratustra*, ele descreveu um tipo de personalidade que ele chamou de *pálido delinqüente*. Como Freud deixou entender que ele não havia

pessoalmente entrado em contato com este autor, não sabemos especificamente a qual aforismo de Zaratustra ele se referia, mas supomos que seja relativo ao seguinte trecho:

O juiz vermelho fala assim: ‘Por que foi que este criminoso matou? Queria roubar’.

Mas eu vos digo: a sua alma desejava sangue e não o roubo; tinha sede do gozo da faca! A sua pobre razão, porém, não compreendia essa loucura e decidiu-o: ‘Que importa o sangue? Disse ela. – Nem ao menos deseja roubar ao mesmo tempo? Não deseja você vingar?’ E atendeu a sua pobre razão, cuja linguagem pesava sobre ele como chumbo; então roubou ao assassinar. Não queria envergonhar-se da sua loucura. E agora pesa sobre ele o chumbo de seu crime; mas a sua pobre razão está tão neutralizada, tão torpe!....

...Vede este pobre corpo! O que ele sofreu e o que desejou, a alma o interpretou a seu favor; interpretou-o como deleite e desejo sanguinário do prazer da faca. O que adoece, agora, vê-se dominado pelo mal, que é mal agora; quer fazer sofrer com o que o faz sofrer; porém houve outros tempos e outros males e bens. Antes era um mal a dúvida e a vontade própria. Então o enfermo torna-se herege e bruxo, sofria e fazia sofrer (p. 30).

Assim como exemplificou Nietzsche, para Freud as manobras do criminoso por sentimento de culpa⁸⁰ nos remetem a culpas obscuras, a angústias da consciência moral, vergonha, castigo e conseqüentemente a expiação da culpa. E mais, sadismo e masoquismo: *quer fazer sofrer com o que faz sofrer*. Segundo Gerez-Ambertín (2003),

fazer sofrer com um crime menor para padecer seu castigo é a alegação de um crime maior. Fazer o pai – juiz e algoz – sofrer com o que faz sofrer: sua falta e seu pecado, sua inconsistência ante a lei que fatalmente se volta contra o filho na moção que o ‘insta’ a partir da Consciência Moral, a promover seu próprio castigo (p. 84).

⁸⁰ É importante pontuar que Freud deixou claro que nem todos os crimes são cometidos por sentimento de culpa.

Em 1923 Freud (1923/1969h1) retomou superficialmente esta questão do caráter quando ele introduziu o conceito de superego na teoria psicanalítica. Neste ensaio, Freud lembrou que anteriormente (na *Introdução ao narcisismo*) ele já havia presumido a existência de uma gradação no ego que ele chamou de ideal de ego, mas só agora ele pôde perceber que a substituição de um objeto perdido por uma identificação, além de ter uma grande participação “na determinação da forma tomada pelo ego, vai efetuar uma contribuição essencial no sentido da construção do que é o seu caráter” (p. 41). Ou seja, na segunda tópica o de ideal de ego (ou superego) continuou sendo definido como uma parte diferenciada do ego, mas Freud acrescentou que aquela estrutura psíquica surge não só como um precipitado de resíduos das primeiras relações objetais abandonadas pelo id, como também é consequência da dissolução do complexo de Édipo, sendo que esta dupla origem vai influenciar a formação do caráter do ego. Segundo ele:

A princípio, na fase oral primitiva do indivíduo, a catexia do objeto e a identificação são sem dúvida, indistinguíveis uma da outra. Só podemos supor que, posteriormente, as catexias do objeto procedem do id, o qual sente as tendências eróticas como necessidades. O ego, que inicialmente ainda é fraco, dá-se conta das catexias do objeto, e sujeita-se a elas ou tenta desviá-las pelo processo da repressão. Quando acontece de uma pessoa ter que abandonar um objeto sexual, muito amiúde se ergue uma alteração de seu ego que só pode ser descrita como instalação do objeto dentro do ego, tal como ocorre na melancolia;... Pode ser que esta identificação seja a única condição em que o id pode abandonar seus objetos. De qualquer maneira, o processo, especialmente nas fases primitivas do desenvolvimento, é muito freqüente, e torna possível supor que o caráter do ego é um precipitado de catexias objetais abandonadas e que ele contém a história destas escolhas de objeto (p. 42).

Freud (1925/1969i1) descreveu o processo de dissolução do complexo de Édipo tanto na menina quanto no menino e afirmou que este se dá de forma distinta em cada

sexo, sendo que as suas conseqüências serão sentidas tanto na formação do superego quanto do caráter do ego, que é diferente no homem e na mulher. Não gostaríamos neste momento de entrar pela complicada seara da dissolução do complexo de Édipo no homem e na mulher, mas por ora, gostaríamos apenas de mencionar que Freud, no trabalho de 1925 e depois em 1933 [1932] na 33ª conferência sobre a feminilidade, surpreendentemente afirmou que o caráter das mulheres é em geral menos rígido que o dos homens. Segundo ele, este fenômeno ocorre devido ao complexo de castração, que surge de forma diferente no menino e na menina (por conta da diferença anatômica entre os sexos), o que vai influenciar diretamente a forma como o complexo edipiano é elaborado e, portanto, como seu herdeiro direto, o superego, é constituído. Nas palavras de Freud (1925/1969i1):

A respeito da relação existente entre os complexos de Édipo e de castração, existe um contraste fundamental entre os dois sexos. Enquanto, nos meninos, o complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração, nas meninas ele se faz possível e é introduzido através do complexo de castração.... Corresponde à diferença entre uma castração que foi executada [a ausência do pênis na menina] e outra que simplesmente foi ameaçada.... Nos meninos... o complexo não é simplesmente reprimido; é literalmente feito em pedaços pelo choque da castração ameaçada. Suas catexias libidinais são abandonadas, dessexualizadas, e, em parte, sublimadas; seus objetos são incorporados ao ego onde formam o núcleo do superego e fornecem a essa nova estrutura suas qualidades características. Em casos normais, ou melhor em casos ideais, o complexo de Édipo não existe mais, nem mesmo no inconsciente; o superego se tornou seu herdeiro.

Na menina está faltando o motivo para a demolição do complexo de Édipo. A castração já teve seu efeito, que consistiu em forçar a criança à situação do complexo de Édipo. Assim, esse complexo foge ao destino que encontra nos meninos: ele pode ser lentamente abandonado ou lidado mediante a repressão, ou seus efeitos podem persistir com bastante ênfase na vida mental das mulheres. Não posso fugir à noção (embora hesite em lhe dar expressão) de que, para as mulheres, o nível daquilo que é eticamente normal, é diferente do que ele é nos homens. Seu superego nunca é tão inexorável, tão impessoal, tão independente de suas origens emocionais como exigimos que o seja nos homens. Os traços de caráter que críticos de todas as épocas erigiram contra as mulheres – que demonstram menor senso de justiça que os homens, que estão menos aptas a submeter-se às grandes

exigências da vida, que são mais amiúde influenciadas em seus julgamentos por sentimentos de afeição ou hostilidade – todos eles seriam amplamente explicados pela modificação na formação de seu superego que acima inferimos (p. 285).

Na 33ª conferência, Freud (1933[1932]/1969k1) retoma o tema do caráter feminino em contraposição ao masculino, mas agora pelo ângulo da inveja do pênis, um sentimento tipicamente feminino, que segundo ele, surge devido à constatação de que são privadas do pênis, deste órgão que confere aos homens superioridade e poder.

De acordo com Freud:

O fato de que as mulheres devem ser consideradas possuidoras de pouco senso de justiça sem dúvida se relaciona à predominância da inveja em sua vida mental; isso porque a exigência de justiça é uma fixação da inveja e estabelece a condição sob a qual uma pessoa pode pôr de lado a inveja. Também consideramos as mulheres mais débeis em seus interesses sociais e possuidoras de menor capacidade de sublimar os instintos, do que os homens (p. 133).

Freud parecia ciente da polêmica que ele poderia gerar com estas formulações a respeito do caráter masculino em detrimento do feminino, e foi provavelmente por esta razão que ele tentou se justificar (comprometendo-se mais, em nossa opinião), fazendo a seguinte afirmação (Freud, 1925/1969i1):

Não devemos nos permitir ser desviados de tais conclusões pelas negações dos feministas, que estão ansiosos por nos forçar a encarar os dois sexos como completamente iguais em posição e valor, mas, naturalmente, concordaremos de boa vontade que a maioria dos homens também está muito aquém do ideal masculino e que todos os indivíduos humanos, em resultado de sua disposição bissexual e da herança cruzada, combinam em si características tanto masculinas quanto femininas, de maneira que a masculinidade e a feminilidade puras permanecem sendo construções teóricas de conteúdo incerto (p. 286).

Poucos anos depois, Freud fez outra consideração a este respeito, que no nosso modo de ver, também foi bastante infeliz (Freud, 1933[1932]/1969k1):

...estive descrevendo as mulheres na medida em que sua natureza é determinada por sua função sexual. É verdade que essa influência se estende muito longe; não desprezamos, todavia, o fato de que uma mulher possa ser uma criatura humana também em outros aspectos (p. 134).

8 O Superego e as Pulsões

*Ah! par formoso! Mal agora pensas
Na mudança que perto já te assalta:
E desgraça tremenda lhes sucede
(...) És feliz, mas durar assim não podes
(...) Contudo, violentado é que eu te invisto:
(...) Busco em estreito nó a ti unir-me;
Quero contigo ter mútua amizade,
Tão vinculada que moremos ambos,
Tu em mim, eu em ti, por todo sempre.*

(Satanás referindo-se a Adão e Eva em *O paraíso perdido*, Milton)

8.1 UM RESÍDUO DO PIOR DO PAI

Em *Uma criança é espancada* de 1919, Freud estudou principalmente o masoquismo, que segundo ele, é um fenômeno psíquico da ordem das perversões sexuais que “se origina do sadismo que foi voltado contra o eu (*self*) – por meio da regressão de um objeto para o ego”⁸¹ (p. 209). Esta transformação do sadismo em masoquismo se deve à atuação do sentimento de culpa⁸², que segundo Freud, surge da acusação da consciência moral frente à percepção da presença no psiquismo de impulsos edípicos considerados proibidos ou pecaminosos.

⁸¹ Neste momento de teorização Freud ainda não dispunha do conceito de pulsão de morte, e por esta razão não considerava a possibilidade da existência do masoquismo primário.

⁸² Mesmo que o conceito de superego ainda não tenha sido inserido na teoria psicanalítica, Freud (1919/1969e1) já pôde atribuir a origem da culpa a um fenômeno estrutural. Segundo ele: “De acordo com a nossa orientação atual na estrutura do ego, que ainda é incerta, devíamos atribuir [o sentimento de culpa] à instância mental que se instala como uma consciência crítica sobre o resto do ego, que produz o fenômeno funcional de Silberer⁸² [1910] nos sonhos e que se desprende do ego nos delírios de observação” (p. 209).

Ou seja, para Freud, o masoquismo deriva do complexo de Édipo e está vinculado à necessidade de coerção dos impulsos incestuosos e parricidas que pressionam o ego por satisfação. Freud (1919/1969e1) afirmou que há muito ele presumia que este sentimento de culpa “se relacionava com a masturbação da primitiva infância, e não com a da puberdade; e que no essencial, deve-se ligá-lo não com o ato da masturbação, mas sim com a fantasia que, embora inconsciente, está na sua raiz – ou seja, com o complexo de Édipo” (p. 210).

Este artigo de 1919 não só reforça a idéia de que a formulação freudiana do superego está enredada ao complexo de Édipo e em seus subprodutos (a castração, o castigo, a punição, a culpa e a necessidade de indulgência), como foi esta a primeira vez que Freud conectou as pulsões ao Édipo, e o fez através do masoquismo, revelando a existência de uma porção do desejo que estranhamente pode encontrar prazer justamente no desprazer. O masoquismo na visão de Freud (1919/1969e1), “é um desconcertante acompanhamento para a satisfação de um instinto” (p. 209), mas segundo ele, este mecanismo da libido parece atuar na operação psíquica que engendra a qualidade perversa de toda fantasia neurótica.⁸³

Para Freud, a fantasia a respeito de *uma criança ser espancada* é constituída em três etapas: primeiro ela surge na mente do sujeito como “o meu pai está batendo na criança que eu odeio”; depois “eu estou sendo espancada pelo meu pai”; e finalmente

⁸³ De acordo com Freud (1919/1969e1), as fantasias de espancamento que ele observou eram sempre acompanhadas de um alto grau de prazer e de satisfação auto-erótica, o que lhe permitiu considerá-las como um traço de perversão. No entanto, ele insiste que esta fantasia não persiste necessariamente por toda vida, podendo ser submetida à repressão, ser substituída por uma formação reativa ou ser sublimada.

ela se transforma em “alguém está sendo espancado”, revelando claramente a estrutura perversa do masoquismo e do sadismo.

De acordo com a observação de Freud (1919/1969e1), a primeira fase da fantasia de espancamento surge num período muito primitivo da vida psíquica. Neste momento da vida mental, o prazer ainda não pode ser considerado masoquista ou sádico (não é a criança que bate, mas o pai), mas existe um componente libidinal agradável que vai atender aos anseios narcísicos de exclusividade do infante: se o pai está batendo noutra criança, é sinal que “o meu pai não ama esta criança, ama apenas a mim” (p. 202). De acordo com a teoria freudiana, a vida sexual da criança evolui até atingir um estágio de organização genital em que o amor incestuoso faz sua prematura escolha de objeto e depois ela é interrompida pela repressão, que é um processo fundamental para constituição psíquica do ser humano. Freud (1920/1969f1) afirmou:

O florescimento precoce da vida sexual infantil está condenado à extinção porque seus desejos são incompatíveis com a realidade e com a etapa inadequada de desenvolvimento a que a criança chegou. Esse florescimento chega ao fim nas mais aflitivas circunstâncias e com o acompanhamento dos mais penosos sentimentos. A perda do amor e o fracasso deixam atrás de si um dano permanente à autoconsideração, sob a forma de uma cicatriz narcisista, o que, em minha opinião, bem como na de Marcinowski (1918), contribui mais do que qualquer outra coisa para o ‘sentimento de inferioridade’, tão comum nos neuróticos. As explorações sexuais infantis, às quais seu desenvolvimento físico impõe limites, não conduzem a nenhuma conclusão satisfatória; daí as queixas posteriores, tais como ‘Não consigo realizar nada; não tenho sucesso em nada’. O laço da afeição, que via de regra liga a criança ao genitor do sexo oposto, sucumbe ao desapontamento.... A menor quantidade de afeição que recebe, as exigências crescentes da educação, palavras duras e um castigo ocasional mostram-lhe por fim toda a extensão do desdém que lhe concederam. Estes são alguns exemplos típicos e constantemente recorrentes das maneiras pelas quais o amor característico da idade infantil é levado a um término (p. 31).

No entender de Freud, a repressão da libido infantil vem invariavelmente acompanhada de sentimentos de culpa, uma vez que os desejos edípicos persistem no inconsciente apesar – ou mesmo por causa –, da força contrária exercida pela repressão. Freud (1919/1969e1) sublinha que o sentimento de culpa não poderia se aproveitar de um castigo melhor e mais severo que inverter o triunfo narcísico, fazendo com que no segundo momento da fantasia de espancamento, a agressividade se torne masoquista: “eu estou sendo espancada por meu pai”. No entanto, na sua concepção, o sentimento de culpa que transforma o sadismo em masoquismo não é capaz de realizar toda esta operação sozinho, ele precisa de um impulso amoroso:

Se a organização genital, que mal conseguiu firmar-se, defronta-se com repressão, a consequência não é apenas a de que toda representação psíquica do amor incestuoso se torna inconsciente, ou permanece inconsciente, mas existe também outro resultado: um rebaixamento regressivo da própria organização genital para um nível mais baixo. ‘O meu pai me ama’ queria expressar um sentido genital; devido à regressão, converte-se em ‘o meu pai está me batendo (estou sendo espancada pelo meu pai)’. Esse ser espancado é agora uma convergência do sentimento de culpa e do amor sexual. Não é apenas o castigo pela relação genital proibida, mas também o substituto regressivo daquela relação, e dessa última fonte deriva a excitação libidinal que se liga à fantasia a partir de então, e que encontra escoamento em atos masturbatórios. Aqui temos pela primeira vez a essência do masoquismo (p. 204).

Na terceira fase da fantasia de espancamento, a criança participa como espectadora da cena de outras crianças sendo espancadas, mas agora não mais pelo pai, cuja função foi deslocada para outras figuras de autoridade, como professores, por exemplo. Como Freud observou, esta etapa da formação fantasmática é aparentemente sádica (o meu pai está batendo em outras crianças e isto me dá prazer), mas na

verdade, ela é masoquista, pois estas crianças indeterminadas que estão sendo espancadas, nada mais são que projeções da própria criança na imagem delas.

Ao decompor a fantasia de espancamento e traduzir o componente masoquista que perpassa suas reais motivações, Freud concluiu que na formação do *agente crítico* existe uma identificação primitiva com o pai, anterior a qualquer relação de objeto, representada pela incorporação direta de seus aspectos mais cruéis – o pai morto, portanto simbólico. Ou seja, estes *resíduos* do pai irascível e cruel que foram incorporados através do saldo parricida do complexo de Édipo é que vão se voltar contra o sujeito, sob a forma de culpa e castigo, representados neste caso, pelos impulsos masoquistas. Ouçamos o que Freud (1919/1969e1) disse a este respeito:

Se, no entanto, a derivação das perversões a partir do complexo de Édipo pode ser estabelecida de modo geral, a nossa estimativa quanto à sua importância terá adquirido força adicional. Porque, na nossa opinião, o complexo de Édipo é o verdadeiro núcleo das neuroses e a sexualidade infantil que culmina nesse complexo é que determina realmente as neuroses. O que resta do complexo no inconsciente representa a inclinação para o posterior desenvolvimento de neuroses no adulto. Desta forma, a fantasia de espancamento e outras fixações perversas análogas também seriam apenas resíduos do complexo de Édipo, cicatrizes, por assim dizer, deixadas no processo que terminou, tal como o notório ‘sentimento de inferioridade’ corresponde a uma cicatriz narcísica do mesmo tipo (p. 208).

Estes resíduos, ou pedaços do *pai morto* foram incorporados, mas não puderam ser assimilados pelo ego, permanecerão para sempre instalados no psiquismo como coisa em si, e vão atuar buscando e encontrando prazer na dor, no castigo e na hiperculpabilidade. Mais adiante, em *O ego e o id*, Freud relacionará esta forma de identificação intrusiva e direta à formação do superego, o que nos fará concordar com Gerez-Ambertín (2003), que insiste em afirmar que o superego não é apenas a

conseqüência de uma identificação com o pai, ele é fruto do depósito inassimilável de resíduos do pior que restou dele depois da batalha edípica. Segundo esta autora:

A fantasia de espancamento é a chave e fundamento para prosseguir com o que começa a se tornar insistente a partir dos textos de 1915. O superego como herdeiro do complexo de Édipo aludirá a uma herança que, como se adverte em ‘Uma criança é espancada’, deve ser pesquisada em sua *tramitação* e não em seu resultado final. Herdeiro de feridas de amor, ódio e terror. *Herdeiro* que no *eco da voz* insta contra si mesmo como remanescente de um gozo masoquista. Ratificamos a proposição inicial: do pai se trata, mas não do pai é.... se trata talvez, de seu resíduo mais inassimilável (p. 95).

8.2 A PULSÃO DE MORTE, ALIMENTO DO SUPEREGO

De acordo com Freud (1920/1969f1), a pulsão de morte é uma força destrutiva que atua no sentido de eliminar a tensão psíquica, e ao contrário da pulsão de vida, tende a reconduzir o sujeito a um estado inanimado, anorgânico. Em busca de seu objetivo de conquistar um estado mental livre de quaisquer estímulos (a obtenção de prazer com a eliminação do desprazer), a pulsão de morte desliga, desagrega e destrói toda a configuração a favor da vida. Na visão de Freud, a maior parte do desprazer que a mente experimenta é da ordem do *perceptivo*⁸⁴, ou seja, está relacionado “à percepção de uma pressão por parte de estímulos insatisfeitos, ou [é] a percepção externa do que é aflitivo em si mesmo ou que excita expectativas desprazerosas no aparelho mental, isto é, que é por ele reconhecido como um ‘perigo’” (p. 21).

⁸⁴ Melanie Klein (1935/1985a), se referindo às dificuldades inerentes à uma maior percepção da realidade, afirmou: “através da identificação com um objeto bom e com todos os avanços mentais que isto implica, o ego, se vê obrigado a ter uma noção mais completa da realidade psíquica, o que o expõe a conflitos violentos” (p. 307).

Laplanche e Pontalis (1982/1995) consideram a pulsão de morte um dos conceitos mais controvertidos de toda teoria freudiana. O próprio Freud, quando introduziu esta noção em sua última formulação da teoria das pulsões em 1920⁸⁵, o fez com bastante cuidado, ressaltando que as hipóteses contidas neste ensaio, apesar de estarem relacionadas a uma série de fenômenos observáveis na clínica, são apenas *idéias especulativas*, e por esta razão, estão expostas a críticas, inclusive dele mesmo:

Pode-se perguntar se, e até onde, eu próprio me acho convencido da verdade das hipóteses que foram formuladas nestas páginas. Minha resposta seria que eu próprio não me acho convencido e que não procuro persuadir outras pessoas a nelas acreditar, ou mais precisamente, que não sei até onde nelas acredito (p. 69).

No entanto, esta hesitação inicial de Freud cedeu lugar a uma convicção firme poucos meses depois, quando ele publicou *Psicologia de grupo e análise do ego*. A pulsão de morte passou a ser um conceito fundamental dentro do escopo teórico da psicanálise, relacionando-se com fenômenos importantes como a reação terapêutica negativa, a compulsão à repetição, o sadismo e o masoquismo. Apesar de Freud não

⁸⁵ Neste texto Freud incluiu uma nota de rodapé na qual ele resumiu brevemente o percurso da teoria das pulsões até chegar a sua concepção final em *Mais além do princípio do prazer* onde ele postulou a dualidade entre as pulsões de vida e de morte. Segundo ele (1920/1969f1) “não é tão fácil, talvez, acompanhar as transformações pelas quais o conceito de ‘instintos do ego’ passou. Inicialmente, aplicamos este nome a todas as tendências instintuais (de que não tínhamos conhecimento mais preciso) que podiam ser distinguidas dos instintos sexuais dirigidos no sentido de um objeto, e opusemos os instintos do ego aos instintos sexuais, dos quais a libido é a manifestação. Subseqüentemente, dedicamo-nos mais de perto à análise do ego e reconhecemos que uma parte dos instintos do ego também é de caráter libidinal e tomou o próprio ego do sujeito como seu objeto. Daí por diante, esses instintos narcisistas e autoconservadores tiveram de ser incluídos entre os instintos sexuais libidinais. A oposição entre os instintos do ego e os instintos sexuais transformou-se numa oposição entre os instintos do ego e os instintos de objeto, ambos de natureza libidinal. Em seu lugar, porém, surgiu uma nova oposição entre os instintos libidinais (do ego e de objeto) e outros instintos, quanto aos quais há que supor que se achem presentes no ego e que talvez possam ser realmente observados nos instintos destrutivos. Nossas especulações transformaram essa oposição entre os instintos de vida (Eros) e os instintos de morte” (p. 71).

ter atribuído especificamente à pulsão de morte alguma função na etiologia das neuroses, ela é o combustível que exacerba o sentimento de culpa e patrocina a autodestruição suicida na melancolia, que incentiva as formações reativas da neurose obsessiva e alimenta a vitimização histórica.

A inclusão da classe dos impulsos destrutivos na teoria freudiana se seguiu à constatação de que a vida psíquica não é governada apenas pelo princípio do prazer. Há uma porção mais além deste, representado por uma força catabólica⁸⁶ potente que atua desde o interior do organismo e que é capaz de engendrar diversas formas de aniquilar o próprio eu. Freud deduziu a existência desta força mortífera principalmente a partir da observação da compulsão à repetição, que acabou revelando a tendência regressiva das pulsões (seu caráter conservador) e o *poder demoníaco* da pulsão de morte. Nas palavras de Freud (1920/1969f1):

O que a psicanálise revela dos fenômenos de transferência dos neuróticos, também pode ser observado nas vidas de certas pessoas normais. A impressão que dão é de serem perseguidas por um destino maligno ou possuídas por algum poder 'demoníaco'; a psicanálise, porém, sempre foi da opinião de que seu destino, é na maior parte, arranjado por elas próprias e determinado por influências infantis primitivas.... Assim, encontramos pessoas em que todas as relações humanas têm o mesmo resultado, tal como o benfeitor que é abandonado irradamente, após certo tempo, por todos os seus *protégés*, por mais que eles possam, sob outros aspectos, diferir um dos outros, parecendo assim condenado a provar todo o amargor da ingratidão; o homem cujas amizades findam por uma traição por parte do amigo; o homem que repetidas vezes, no decorrer da vida, eleva outrem a uma posição de grande autoridade particular ou pública e depois, após certo intervalo, subverte essa autoridade e a substitui por uma nova; ou, ainda, o amante cujos casos amorosos com mulheres atravessam as mesmas fases e

⁸⁶ Freud (1923/1969h1) afirmou que “o surgimento da vida seria então, a causa da continuação da vida e também, ao mesmo tempo, do esforço no sentido da morte. E a própria vida seria uma conciliação entre essas duas tendências.... Segundo este ponto de vista, um processo fisiológico especial (de anabolismo ou catabolismo) estaria associado a cada uma das classes de instintos; ambos os tipos de instinto estariam ativos em toda partícula de substância viva, ainda que em proporções desiguais, de maneira que determinada substância poderia ser o principal representante de Eros (p. 54).

chegam à mesma conclusão.... Essa ‘perpétua recorrência da mesma coisa’ não nos causa espanto quando se refere a um comportamento *ativo* por parte da pessoa interessada e podemos discernir nela um traço de caráter essencial, que permanece sempre o mesmo, sendo compelido a expressar-se por uma repetição da mesma experiência. Ficamos muito mais impressionados nos casos em que o sujeito parece ter uma experiência passiva, sobre a qual não possui influência, mas nos quais se defronta com uma repetição da mesma fatalidade (p. 32).

Para Freud, a compulsão à repetição é um fenômeno de ordem inconsciente, portanto incontrolável, em que o sujeito se coloca em situações penosas e repetitivas, das quais não consegue se desvencilhar apenas com a força de vontade – querer nem sempre é poder. Isto ocorre porque o comportamento humano não é fruto apenas de motivações conscientes, externas e atuais, ao contrário, o indivíduo também atua de acordo com padrões psíquicos inconscientes antigos e recalçados, portanto inacessíveis à memória e às representações conscientes. O conteúdo reprimido força sua passagem de forma autônoma para o presente (o retorno do reprimido) através dos sonhos, dos sintomas, das formações reativas e da atuação. É justamente o caráter conservador dos impulsos que faz com que eles se transportem do passado para o presente mantendo suas características inalteradas: o impulso é sempre infantil, imediatista e exigente, sendo que sua tendência à repetição é uma forma insistente e persistente de obter gratificação, mesmo que o preço a ser pago pelo ego seja vultoso.

Freud (1920/1969f1) observou que os pacientes tendem a repetir na análise as suas experiências infantis mais sofridas, introduzindo no presente os padrões dolorosos do passado,

revivendo-os com a maior engenhosidade. Procuram ocasionar a interrupção do tratamento enquanto este ainda não se acha incompleto; imaginam sentir-

se desprezados mais uma vez, obrigam o médico a falar-lhes severamente e tratá-los friamente; descobrem objetos apropriados para seu ciúme; em vez do nenê apaixonadamente desejado de sua infância, produzem um plano ou a promessa de algum grande presente, que em regra se mostra não menos irreal (p. 32).

Como Freud ponderou, nenhuma destas experiências infantis repetidas transferencialmente pode ter sido agradável no passado, e certamente continuam não sendo no presente. No entanto, os instintos lutam incansavelmente para alcançar o prazer uma vez almejado e não realizado, mesmo que isto implique a produção de desprazer e dor no presente – para o impulso, o fim justifica os meios, poderíamos dizer. Ou seja, devido à sua natureza, os impulsos não se conformam jamais com a frustração. Os desejos precisam ser compulsivamente realizados, e esta meta está acima de qualquer conseqüência desastrosa que possa trazer para o ego. Poderíamos dizer que a compulsão à repetição é um fator autônomo, independente e anterior ao conflito entre o princípio do prazer e da realidade que provém de uma força *demoníaca*⁸⁷ que surge *mais além do princípio do prazer*, nomeadamente, a pulsão de morte. De acordo com Freud (1920/1969f):

Se levamos em consideração observações como essas, baseadas no comportamento, na transferência e na história de vida de homens e mulheres, não só encontraremos coragem para supor que existe realmente na mente uma compulsão à repetição que sobrepuja o princípio do prazer, como também ficaremos agora inclinados a relacionar com essa compulsão aos sonhos que ocorrem nas neuroses traumáticas e o impulso que leva as crianças a brincar (p. 33).

⁸⁷ Segundo Freud (1920/1969f1), “as pessoas desfamiliarizadas com a análise sentem um medo obscuro, um temor de despertar algo que, segundo pensam, é melhor deixar adormecido, aquilo que no fundo têm medo, é do surgimento dessa compulsão com sua sugestão de posse por algum poder demoníaco” (p.47).

Foi neste contexto que Freud mencionou a conhecida brincadeira de seu neto com o carretel. Segundo a sua descrição, o menino possuía um carretel de madeira amarrado num pedaço de cordão e ele repetitivamente brincava de arremessar este carretel, fazendo-o desaparecer entre cortinado de sua cama, ao mesmo tempo em que proferia a expressão “o-o-ó”. Em seguida ele fazia o carretel reaparecer, saudando-o com um alegre “da”. Freud interpretou esta brincadeira como uma espécie de elaboração das idas e vindas da mãe, que tinha um vínculo especial com o filho.

De acordo com a família, quando o garoto dizia “o-o-ó”, ele estava tentando pronunciar a palavra *fort* em alemão, que em português significa “vai”. Freud então pondera que apesar da partida da mãe ser muito aflitiva para a criança, ele repetia incansavelmente seu sofrimento na brincadeira, pois esta, a despeito do conteúdo doloroso, lhe permitia a satisfação de sair de uma posição passiva para uma posição ativa. Ou seja, neste jogo ele obtinha o controle sobre a situação: era ele que autorizava as saídas da mãe e a trazia de volta quando bem desejasse. Desta forma, objetivo da brincadeira era justamente obter o prazer da dominação que somente poderia ser alcançado secundariamente à revivência do desprazer. Traduzindo esta experiência em termos metapsicológicos, poderíamos afirmar que para que o princípio do prazer pudesse se instalar, foi necessário que a energia inicialmente livre da pulsão de morte se ligasse a uma representação psíquica, que neste caso, foi a brincadeira que reproduzia a cena traumática. É por isto que Freud afirmou que a compulsão à repetição não *contradiz* o princípio do prazer, mas é uma experiência anterior e mais primitiva, independente dele.

Com os conceitos de energia *livre* e energia *ligada* (ou vinculada), e de fusão e

defusão pulsional, Freud outorgou um elo entre a compulsão à repetição e a teoria das pulsões, permitindo-lhe exemplificar o modo de atuação da pulsão de morte⁸⁸, que segundo ele, tem o poder de se fundir aos instintos sexuais (próprios de *Eros*), produzindo o masoquismo e o sadismo. Na sua concepção, o sadismo é consequência do instinto de morte (Freud, 1920/1969f1), que “sob a influência da libido narcisista, foi expulso do ego e surgiu em relação ao objeto” (p. 64). Para Mezan (1985/2006), duas conclusões são possíveis a partir desta idéia de Freud. Em primeiro lugar

o sadismo [constitui] uma inversão para o objeto de uma tendência mortífera inicialmente voltada contra o sujeito, que seria o masoquismo primário; e segundo, que a pulsão de morte, em parte limitada pela libido em seu âmbito próprio – o interior do organismo –, se desvia para o exterior, como agressividade⁸⁹. O sadismo aparece assim como uma mescla de libido e agressividade, mas esta não é reputada originária, já que corresponde a uma exteriorização da pulsão de morte (p. 495).

Dentro da linha de raciocínio lógico proposto por Freud, se o sadismo é fruto da pulsão de morte, que é capaz não só de se exteriorizar, como de se fundir com *Eros*, o estado “puro” da pulsão só pode ser o resultado de uma defusão, que separa totalmente o impulso de destruição do impulso sexual. Com este artifício teórico, Freud pôde concluir que a fusão é função da pulsão de vida, ou *Eros*, enquanto que a defusão opera sob o controle de *Thânatos*, ou da pulsão de morte. De acordo com Freud (1920/1969f1):

⁸⁸ A pulsão de morte será também considerada como o combustível que alimenta a extrema severidade superegógica, observada principalmente na melancolia e na neurose obsessiva, como veremos.

⁸⁹ Lembramos que Freud não deduziu a pulsão de morte da agressividade, mas sim da compulsão à repetição. A agressividade surge apenas secundariamente.

[Os instintos de vida] operam contra o propósito dos outros instintos, que conduzem, em razão de sua função, à morte, e este fato indica que existe oposição entre eles e os outros, oposição que foi há muito tempo reconhecida pela teoria das neuroses. É como se a vida do organismo se movimentasse num ritmo vacilante. Certo grupo de instintos se precipita como se para atingir o objetivo final da vida tão rapidamente quanto possível, mas, quando determinada etapa do avanço foi alcançada, o outro grupo atira-se para trás até um certo ponto, a fim de efetuar nova saída e prolongar assim a jornada (p. 51).

...Nossas concepções, desde o início, foram dualistas e são hoje ainda mais definitivamente dualistas que antes, agora que descrevemos a oposição como se dando, não entre os instintos do ego e instintos sexuais, mas entre instintos de vida e instintos de morte (p. 63).

Resta-nos ainda tratar um aspecto muito importante deste texto, que é a ligação que Freud estabeleceu entre a pulsão de morte e o princípio do prazer. Novamente recorrendo à lógica teórica, Freud (1920/1969f) afirmou:

A tendência dominante da vida mental e, talvez da vida nervosa em geral, é o esforço para reduzir, para manter constante ou para remover a tensão interna devido aos estímulos (o princípio do Nirvana, para tomar de empréstimo uma expressão de Bárbara Low [1920,73]), tendência que se encontra expressão no princípio do prazer, e o reconhecimento desse fato constitui uma de nossas mais fortes razões para acreditar na existência dos instintos de morte (p. 66).

Ou seja, o princípio do prazer unido à pulsão de morte leva o indivíduo a extrair prazer da inércia mental e da permanência no nada (a ausência paradisíaca de estímulos), que a pulsão de morte tem por objetivo. Sobre este aspecto, lembramos da reflexão de Lévinas⁹⁰ (1947/1998) sobre a preguiça e a lassidão, figuras tratadas por

⁹⁰ Trata-se de um filósofo lituano que viveu a maior parte de sua vida na França, mas que durante a guerra foi aprisionado pelos nazistas.

este filósofo não como valores morais, mas como uma forma ativa de recusa à vida⁹¹, ao estilo da pulsão de morte:

Existe uma lassidão que é lassidão de tudo e de todos, mas sobretudo lassidão de si. O que então fatiga não é uma forma particular de nossa vida (nosso meio, porque ele é banal e morno; nossa vizinhança porque ela é vulgar e cruel), a lassidão visa a própria existência.... A essência da lassidão é como uma recordação de um engajamento a existir, de toda a seriedade, de toda a dureza de um contrato irrevocável. É preciso fazer alguma coisa, é preciso empreender e aspirar.... A obrigação do contrato [com a vida] impõe-se como um 'é preciso' inevitável.... É desta obrigação última que a lassidão é uma impossível recusa. É da própria existência, e não de alguns de seus cenários, na nostalgia de um céu mais belo, que queremos nos evadir, na lassidão. Evasão sem itinerário e sem termo, ela não espera atracar em algum lugar. Como para os verdadeiros viajantes de Beaudelaire, trata-se de partir por partir (p. 25).

Nós acrescentaríamos que o ser humano, quando inconscientemente atua no sentido de desistir da vida, o faz simplesmente porque viver dá trabalho psíquico, e o prazer está justamente em não ter que ter o trabalho de sentir os sentimentos que emanam inexoravelmente das relações humanas – todos os estímulos, como definiu Freud, dependem energia e por esta razão se tornam desprazerosos. Recordamos o que disse este autor (Freud, 1920/1969f1):

Outro fato notável é que os instintos de vida têm muito mais contato com nossa percepção interna, surgindo como rompedores da paz e constantemente produzindo tensões cujo alívio é sentido como prazer, ao passo que os instintos de morte parecem efetuar seu trabalho discretamente. O princípio do prazer parece, na realidade, servir aos instintos de morte. É verdade que mantém guarda sobre os estímulos provindos de fora, que são encarados como perigos por ambos os tipos de instintos, mas se acha mais especialmente em guarda contra os aumentos de estimulação provindos de dentro, que tornariam mais difícil a tarefa de viver (p. 74).

⁹¹ A maior parte das idéias contidas no livro *Da existência ao existente* foi escrita por Lévinas no cativeiro em que ele permaneceu por um longo tempo durante a segunda guerra mundial.

A conjunção da pulsão de morte e do princípio do prazer dentro do universo superegótico fica perceptível principalmente no ideal de ego. Explicamo-nos: o *agente crítico*, valendo-se do anseio narcísico do ego de ser tão perfeito quanto seus ideais, dele exige a realização deste desejo impossível. O ego, por conta de suas fragilidades, sucumbe à malícia do superego que não tem dificuldades para convencê-lo de que a perfeição só não foi alcançada por sua incompetência, e não por impossibilidade real. O ego, assim persuadido pelo superego de sua pequenez⁹², caminha a passos largos para a autodestruição, cumprindo o destino traçado pela pulsão de morte. “Tudo o que vive morre por razões internas”, disse Freud (1920/1969f1, p. 49).

Neste sentido, Gerez-Ambertín (2003) afirmou que diante do ideal de ego, o ego tem duas opções, ou melhor dizendo, “opções”:

ele poderá se orientar pelo amável caminho da libido (no acompanhamento narcísico da pulsão de vida) ou pelo catabólico das encruzilhadas traumáticas ligadas à pulsão de morte. Daquele lado, o ideal do eu, deste, a instância crítica ou catabólica..., porém, as fronteiras entre eles não são tão precisas (p. 99).

8.3 OS PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO

A identificação é um processo psíquico através do qual o sujeito assimila traços do objeto e os integra ao seu ego, que vai se transformar de acordo com o modelo extraído do objeto. Ou seja, a identificação deixa resíduos da presença do objeto no

⁹² Como Freud descreveu ter acontecido com a personagem Beata, da tragédia de Ibsen, que mencionamos dois capítulos atrás.

ego, e de acordo com a teoria freudiana, é apenas a partir destes depósitos do mundo externo trazidos com o objeto que o sujeito humano tem a possibilidade de sair de seu solipismo originário (narcisismo primário).

Segundo Laplanche e Pontalis (1982/1995), não há na obra de Freud uma sistematização da noção de identificação, sendo que sua exposição mais completa foi feita em 1921 na *Psicologia das massas*. Mas não foi esta a primeira vez que Freud se ocupou deste tema. Nós vimos que em *Totem e tabu* a identificação foi relacionada à fase oral ou canibalista da libido, sendo que no mito freudiano, o ato de devorar o pai foi considerado como a realização de uma identificação direta dos filhos com ele; logo depois em *Luto e melancolia* (1915/1969z), a identificação foi descrita como uma etapa preliminar da escolha objetal, ou seja, a forma pela qual o ego escolhe seu primeiro objeto sexual. Segundo Freud, na melancolia o ego necessita incorporar o objeto perdido e o faz devorando-o, em conformidade com a fase oral e canibalista da libido em que se encontra.

Em 1921 Freud (1921/1969g1) definiu a identificação como “a mais remota expressão de um laço emocional com uma pessoa” (p.115), um processo psíquico através do qual o sujeito assimila alguns aspectos ou atributos de outro indivíduo, integrando-os ao seu ego. Freud acrescentou que a identificação precede a catexia objetal e mesmo que ambas sejam derivadas da fase oral, do ponto de vista fenomenológico uma é distinta da outra, sendo que a identificação diz respeito ao desejo de *ser* como o objeto e a catexia objetal está relacionada ao objeto que o indivíduo gostaria de *ter* para si.

Neste ensaio de 1921, Freud distinguiu três diferentes formas que a identificação pode assumir: 1) a primeira delas, como dissemos, é proveniente da relação mais primitiva com o pai (do complexo de Édipo). Para exemplificar esta forma identificatória, Freud mencionou o exemplo de uma menina que desenvolveu os mesmos sintomas histéricos de sua mãe, sendo que na sua opinião, a doença foi uma expressão do amor objetal da filha pelo pai e seu desejo hostil de tomar o lugar da mãe (ela é igual à mãe pelo menos quanto ao seu sofrimento); 2) a segunda forma de identificação é regressiva, como ocorreu com Dora, que segundo Freud, imitava a tosse do pai. Neste caso, a identificação surgiu no lugar da escolha de objeto (a catexia objetal regrediu para uma identificação) e o ego assumiu as características do objeto introjetado. Freud assinalou que essa forma de identificação pode ocorrer tanto com uma pessoa amada ou com um desafeto, e pode ser parcial, com apenas alguns traços específicos do objeto; 3) o terceiro tipo de identificação se dá por meio do sintoma, e acontece como uma *infecção* mental, que segundo Freud, não leva em consideração quaisquer aspectos do objeto que está sendo copiado, mas surge devido à necessidade do sujeito de se colocar na mesma situação que outro membro de seu grupo. Freud mencionou o exemplo de um sintoma que se disseminou entre as estudantes de um internato para moças. Uma das alunas, que estava secretamente enamorada, desenvolveu algumas características histéricas por ciúmes. Então suas colegas, desejosas de terem também um amor secreto, assumiram o mesmo sintoma. Ou seja, a identificação ocorreu devido à percepção de uma qualidade em comum de uma pessoa com outra, sendo que esta última não é objeto de desejo sexual da primeira.

De acordo com Laplanche e Pontalis (1982/1995), o conceito de identificação foi paulatinamente assumindo um papel central na teoria psicanalítica, deixando de ser apenas um mecanismo de funcionamento psíquico para figurar entre os processos fundamentais de constituição do sujeito humano. Isto aconteceu não só porque a identificação é um processo capaz de introduzir transformações no ego, mas também porque Freud (1921/1969g1) vinculou a dinâmica das identificações diretamente ao complexo de Édipo:

[A identificação] desempenha um papel na história primitiva do complexo de Édipo. Um menino mostrará interesse especial pelo pai; gostaria de crescer como ele, ser como ele e tomar seu lugar em tudo. Podemos simplesmente dizer que toma o pai como seu ideal. Este comportamento nada tem a ver com uma atitude passiva ou feminina em relação ao pai (ou aos indivíduos do sexo masculino em geral); pelo contrário, é tipicamente masculina. Combina-se muito bem com o complexo de Édipo, cujo caminho ajuda a preparar (p. 115).

Ao posicionar a identificação como um procedimento edípico, Freud automaticamente trouxe à baila o vínculo da identificação com a idealização e a relação destas duas com as vicissitudes de *Eros* e *Thânatos*, sendo que todos estes conceitos se entrelaçam com a existência e a atuação da *instância crítica*. Observamos que Freud demonstrou na *Psicologia das massas* e anteriormente em *Totem e tabu*, que a fronteira entre a idealização do *pai-líder* e a submissão temerosa do sujeito a esta figura de autoridade é muito estreita: o excesso de amor produzido pela idealização pode levar o sujeito a uma submissão aniquiladora ao objeto, ou seja, a face amável dos ideais pode pender para o sacrifício e para a crueldade, revelando o lado mortífero da idealização, e, portanto, a sua intimidade com a *instância crítica* e com a pulsão de

morte. Melhor dizendo, para além do princípio do prazer, a pulsão de morte corrói silenciosa e disfarçadamente, sendo paradoxalmente patrocinada pelas fraquezas e perfídias de *Eros*.

De acordo com a teoria freudiana, a capacidade que algumas relações afetivas têm de inesperadamente transmudarem do amor ao ódio recalcitrante, é justamente fruto na natureza de *Eros*, que contém em si o potencial para se reverter em *Thânatos*. Esta labilidade da libido fica perceptível quando o sujeito, motivado pela idealização, atribui ao objeto todos os aspectos não realizados de seu ideal de ego. Esta atitude extremada de *Eros* deixa aberto o espaço para a ação da pulsão de morte, que aguarda e aproveita qualquer chance para se realizar, preferencialmente atacando o ego do sujeito⁹³. Nas palavras de Freud (1921/1969g1):

Nós amamos [o objeto] por causa das perfeições que nos esforçamos por conseguir para nosso próprio ego e que agora gostaríamos de adquirir, dessa maneira indireta, como meio de satisfazer nosso narcisismo.... O objeto, por assim dizer, consumiu o ego. Traços de humildade, de limitação do narcisismo e de danos causados a si próprio ocorrem em todos os casos de estar amando; ... Ao mesmo tempo desta devoção do ego ao objeto, a qual não pode mais ser distinguida de uma devoção sublimada a uma idéia abstrata, as funções atribuídas ao ideal do ego deixam inteiramente de funcionar. A crítica exercida por essa instância silencia; tudo que o objeto faz e pede é correto e inocente. A consciência não se aplica a nada que seja feito por amor do objeto; na cegueira do amor, a falta de piedade é levada até o diapasão do crime (p. 122).

Mas qual é a relação que se estabelece entre a identificação e a idealização?

Freud diz que do ponto de vista econômico (do enriquecimento ou do empobrecimento do ego), estes dois procedimentos mentais são diferentes: a identificação enriquece o

⁹³ De acordo com Melanie Klein (1957/1985c), a idealização é um corolário da ansiedade persecutória – uma defesa contra ela –, ou seja, o seio ideal é a contrapartida do seio devorador.

ego na medida em que ele incorpora os atributos trazidos do objeto; e a idealização empobrece o ego porque neste caso o ego se dispensa, entregando-se totalmente nas mãos do objeto. Já no plano fenomenológico, a diferença entre a idealização e a identificação pode desaparecer: no amor extremado a idealização corresponde a uma identificação completa do ego com o objeto, levando o ego a se diluir no objeto (fusão). De outra forma, se observarmos do ponto de vista metapsicológico, o limite entre a identificação e a idealização se estabelece pela posição do objeto, ou seja, se ele está no lugar do ego ou no lugar do ideal do ego. Freud (1921/1969g1) afirmou que

no caso da identificação, o objeto foi perdido ou abandonado; assim ele é novamente erigido dentro do ego e este efetua uma alteração parcial em si próprio segundo o modelo do objeto perdido. No outro caso, [na idealização] o objeto é mantido e dá-se uma hipercatexia dele pelo ego e a expensas do ego (p. 123).

Apesar destas fronteiras existentes entre a idealização e a identificação, há um ponto de interseção entre estas duas categorias que é representado pelas conseqüências desastrosas que ambas podem trazer para o ego. Este pode ser profundamente afetado tanto por um amor desmedido quanto por uma perda objetal, sendo que ambos são custeados pela pulsão de morte e seus artificios maléficos, que estão, como dissemos, atrelados à dinâmica de *Eros*.

Esta percepção de Freud do estreito vínculo que existe entre a pulsão de vida e a pulsão de morte foi-nos apresentada através da tese principal de *Psicologia das*

massas, segundo a qual os indivíduos nos diferentes grupos⁹⁴ são unidos por um laço de natureza libidinal, que é fruto do poder de coesão de *Eros* e da capacidade de sublimação da libido, que pode inibir-se quanto a sua finalidade. Mas de acordo com Freud, a identificação entre os membros de um grupo não é primária, ao contrário, ela resulta de um sentimento que anteriormente era hostil. Ou seja, devido à necessidade dos membros do grupo de receberem igual parcela de amor e atenção de seu líder, a hostilidade derivada das diferenças e da possibilidade de exclusão surge invertida nos grupos, apresentando-se como afetividade, sendo que é este sentimento que vai unir os membros do grupo e vinculá-los positivamente a seu líder. Desta forma, a identificação pode ser considerada como uma força intermediária entre *Eros* e *Thânatos*, sendo que ela está a favor da pulsão de vida dentro do grupo e a favor da pulsão de morte para fora dele: a agressividade é expelida para o mundo externo (atribuída àqueles que não fazem parte do grupo), enquanto o amor fica depositado no interior do grupo (entre seus componentes). Mas de acordo com Freud (1921), mesmo a libido amorosa que une os membros de um grupo está perigosamente próxima de *Thânatos*:

As provas da psicanálise demonstram que quase toda relação emocional íntima entre duas pessoas que perdura por certo tempo — casamento, amizade, as relações entre pais e filhos — contém um sedimento de sentimentos de aversão e hostilidade, o qual só escapa à percepção em consequência da repressão.... Quando essa hostilidade se dirige contra pessoas que de outra maneira são amadas, descrevemo-la como ambivalência de sentimentos e explicamos o fato, provavelmente de maneira demasiadamente racional, por meio das numerosas ocasiões para conflitos de

⁹⁴ Freud (1921/1969g1) afirmou que “há grupos muito efêmeros e outros extremamente duradouros; grupos homogêneos, constituídos pelos mesmos tipos de indivíduos, e grupos não homogêneos; grupos naturais e grupos artificiais, que exigem uma força externa para mantê-los reunidos; grupos primitivos e grupos altamente organizados, com estrutura definida” (p. 105).

interesse que surgem precisamente em tais relações mais próximas. Nas antipatias e aversões indisfarçadas que as pessoas sentem por estranhos com quem têm de tratar, podemos identificar a expressão do amor a si mesmo, do narcisismo. Esse amor a si mesmo trabalha para a preservação do indivíduo e comporta-se como se a ocorrência de qualquer divergência de suas próprias linhas específicas de desenvolvimento envolvesse uma crítica delas e uma exigência de sua alteração. Não sabemos por que tal sensibilidade deva dirigir-se exatamente a esses pormenores de diferenciação, mas é inequívoco que, com relação a tudo isso, os homens dão provas de uma presteza a odiar, de uma agressividade cuja fonte é desconhecida, e à qual se fica tentado a atribuir um caráter elementar (p. 112).

Tanto o narcisismo quanto o amor objetal são expressões libidinais de Eros, mas a diferença entre eles reside na qualidade do impulso amoroso: o narcisismo, ao contrário do amor objetal, é um amor intolerante e autocentrado. A libido narcísica se opõe frontalmente à libido objetal, sendo capaz de anular ou desprezar existência do outro e de tomar o próprio ego como objeto de amor. É importante ressaltar que apesar desta atitude da libido narcísica ser extremamente hostil, ela não é intencional. Segundo Mezan (1985/2006), este fato se explica pela

dialética própria a Eros, que se define justamente por esta peculiaridade: tendendo ao mesmo tempo à conservação e à ampliação das unidades em que opera, cada uma destas finalidades pode se opor à outra, pois a integração num conjunto mais complexo limita ou faz desaparecer a unidade individual. Dessa maneira, processos desencadeados sob a égide de Eros podem se colocar a serviço da pulsão de morte, por exemplo provocando reações de agressividade. Da mesma forma, uma vez estabelecido o laço erótico entre dois indivíduos, a nova molécula então formada pode se encontrar em oposição ao grupo mais amplo, e assim por diante: por sua própria dinâmica, cada movimento de Eros induz a uma resistência interna dos elementos postos em movimento, resistência que se deve simplesmente ao caráter contraditório da exigência de coesão que lhe é inerente. Nessa brecha, penetram as pulsões de morte, pois a resistência à coesão pode ser também interpretada como tendência à desagregação. Essa dupla face do movimento pulsional encontra uma expressão adequada na noção de ambivalência e Freud não deixa de evocar o resíduo de hostilidade que impregna mesmo as relações mais intensas e carinhosas entre os seres humanos, seja no amor, seja na comunidade dos interesses grupais, profissionais ou nacionais (p. 502).

Foi neste contexto que Freud (1921/1969g1) citou a famosa metáfora de Schopenhauer a respeito dos porcos-espinhos que diz o seguinte:

Um grupo de porcos-espinhos apinhou-se apertadamente em certo dia frio de inverno, de maneira a aproveitarem o calor uns dos outros e assim salvarem-se da morte por congelamento. Logo, porém, sentiram os espinhos uns dos outros, coisa que os levou a se separarem novamente. E depois, quando a necessidade de aquecimento os aproximou mais uma vez, o segundo mal surgiu novamente. Dessa maneira foram impulsionados, para trás e para a frente, de um problema para o outro, até descobrirem uma distância intermediária, na qual poderiam mais toleravelmente coexistir (p. 112).

Ou seja, a existência do outro na vida do sujeito é ao mesmo tempo necessária e dolorosa. Trata-se da própria dimensão do complexo de Édipo, que mesmo em condições normais de evolução psíquica produz duas vertentes diametralmente opostas: por um lado, o conflito edipiano é fundamental para a constituição do eu – a castração implica limitação de poder, mas a sua aceitação significa que o homem pode agora ser sujeito de seus próprios atos, uma manifestação do poder de *Eros*; por outro lado, *Thânatos* não iria se ausentar, apresentando-se através do herdeiro que o complexo de Édipo nos legou – o superego, como veremos adiante. O superego é como um espinho do outro, uma voz crítica internalizada que nos espeta insistentemente. Freud dirá (1923/1969h1):

Considerando a importância que atribuímos aos resíduos verbais pré-conscientes no ego, surge a questão de saber se o superego, na medida em que é *Ics.*, consista em tais representações verbais e, se são, em que mais consiste. Nossa tentativa de resposta será que é impossível, tanto para o superego quanto para o ego, negar sua origem a partir das coisas que ouviu; pois ele é parte do ego e permanece acessível à consciência (*consciousness*) por via dessas representações verbais (conceitos, abstrações) (p. 65).

***9 O Superego é finalmente inscrito
na teoria psicanalítica***

O homem normal não apenas é muito mais imoral do que crê, mas também muito mais moral do que sabe.

Freud, O ego e o id.

9.1 O CONCEITO DE SUPEREGO

Vimos que desde 1914 na *Introdução ao narcisismo* Freud apresentou o ego como uma estrutura psíquica propícia a se dividir e a incluir em seu seio um ideal de ego (ou ego ideal), ao qual foram atribuídas duas funções a princípio contraditórias: primeiro, a de proteger o narcisismo infantil da angústia de castração – o ideal de ego é o guardião da perfeição e da onipotência que a criança atribuía a si mesma e aos seus pais antes de vivenciar os limites impostos pela realidade; e depois, a função de avaliar o desempenho do ego, buscando garantir que este se adéqüe, a qualquer preço, aos ideais por ele mesmo criados. A contradição teórica repousa no fato de que o ego por definição, sempre estará aquém de seus ideais, e para que o ideal de ego desempenhe razoavelmente estas duas atribuições que Freud lhe atribuiu, seria preciso que seu caráter pudesse se converter de um benevolente protetor do ego no seu oposto, um algoz implacável, e vice-versa, dependendo da função que ele vai executar no momento. Além de atribuir esta dupla função ao ideal de ego, Freud (1914/1969y)

também determinou duas origens opostas para ele: uma é interna, representada pelo narcisismo infantil, e a outra é externa, constituída pelos aportes psíquicos educacionais impostos pelos pais, pela escola e pelas normas sociais, que contraditoriamente não podem ser reduzidos ao registro narcísico da infância.

A despeito destas dificuldades teóricas inerentes ao conceito de ideal de ego, é inegável, no plano fenomenológico, a coexistência no psiquismo de atributos ideais com aspectos críticos e autodestrutivos, sendo que a constatação irrefutável da existência e da atuação destes últimos ficou especialmente nítida para Freud através da observação dos sintomas melancólicos. Segundo este autor, na melancolia o *agente crítico* age de forma autônoma e feroz contra um ego frágil, açoitando-o com violência até que ele fique perigosamente debilitado, o que justifica a incidência considerável de suicídios nesta afecção psíquica. Mas na visão de Freud, esta entidade crítica e autocrítica está presente não só na melancolia, mas também na normalidade, com a ressalva de que é especialmente naquela afecção psíquica que o caráter mortífero do ideal de ego se revela sem censuras, apresentando numa espécie de hiperatividade doentia. Em 1921⁹⁵ Freud (1921/1969g1) afirmou:

Essas melancolias... mostram-nos o ego dividido, separado em duas partes, uma das quais vocifera contra a segunda. Esta segunda parte é aquela que foi alterada pela introjeção e contém o objeto perdido. Porém, a parte que se comporta tão cruelmente tampouco a desconhecemos. Ela abrange a consciência, uma instância crítica dentro do ego, que até em condições normais assume, embora nunca tão implacável e injustificadamente, uma atitude crítica para com a última. Em ocasiões anteriores fomos levados à hipótese de que no ego se desenvolve uma instância assim, capaz de isolar-se do resto daquele ego e entrar em conflito com ele. A essa instância chamamos de 'ideal do ego' e a título de funções, atribuímos-lhe a auto-

⁹⁵ Freud já havia feito afirmações semelhantes em Luto e melancolia.

observação⁹⁶, a consciência moral, a censura dos sonhos e a principal influência na repressão. Dissemos que ele é o herdeiro do narcisismo original em que o ego infantil desfrutava da auto-suficiência; gradualmente reúne, das influências do meio ambiente, as exigências que este impõe ao ego, das quais este não pode sempre estar à altura; de maneira que um homem, quando não está satisfeito com seu próprio ego, tem, no entanto, possibilidade de encontrar satisfação no ideal de ego que se diferenciou do ego (p. 119).

Através desta afirmação de Freud, percebemos que as dificuldades teóricas em torno do ideal de ego que surgiram com sua introdução na teoria em 1914, permaneceram inalteradas por quase uma década e não puderam ser totalmente dissipadas com a solução da identificação, uma noção que foi desenvolvida, como vimos, principalmente a partir do ensaio de 1921. Ou seja, a inclusão dos processos identificatórios pôde explicar a dupla identidade do ideal de ego como agente protetor e agente crítico ao derivá-lo diretamente da atuação da libido, que pode ser amorosa ou agressiva, sendo que a primeira vertente protege, e a segunda, destrói; mas Freud não conseguiu justificar, de um ponto de vista qualitativo, como uma instância derivada do narcisismo pode ser responsável pela repressão e pela crítica moral implacável. Ou melhor, se o ideal de ego se origina do narcisismo, não seria razoável esperar de sua natureza um pouco mais de indulgência para com as limitações do ego? E mais, como é possível que o sujeito possa encontrar satisfação no ideal de ego, se esta formação inclui a tortura psicológica representada pela cobrança implacável da discrepância entre o ego real e o ego ideal?

⁹⁶ As funções de auto-observação foi atribuída ao ego e não ao superego. O próprio Freud corrige este engano (1923/1969h1): "...pareço ter-me equivocado em atribuir a função de teste de realidade a esse superego, ponto que necessita de correção.... Ajustar-se ia perfeitamente às relações do ego se com o mundo da percepção se o teste da realidade permanecesse sendo tarefa do próprio ego" (p. 41).

Mezan (1985/2006) acredita que diante destas dificuldades, Freud obteve uma saída inteligente ao conectar todo este processo ao complexo de Édipo, e este ao superego. Ou seja, com esta estratégia teórica os impulsos libidinais amorosos e agressivos do ideal de ego foram relacionados respectivamente ao amor incestuoso e ao ódio parricida do complexo de Édipo, e por outro lado, foi através da dissolução deste último que surgiu o superego, que é uma entidade psíquica ao mesmo tempo destrutiva (que internalizou a violência da libido) e estruturante (que malgrado seu caráter, faz parte inevitavelmente da estrutura do aparelho psíquico). De acordo com Mezan:

É na relação da criança com os pais que se encontram os germes da agressividade de que é capaz a instância crítica; e ao vincular entre si as problemáticas do Édipo e do surgimento da consciência moral, Freud vai inventar a noção de superego, que surge assim num contexto que convoca de imediato a ameaça de castração e a interiorização da agressividade. A solução – de uma simplicidade genial e prenhe ao mesmo tempo de conseqüências para a teoria psicanalítica – consiste em conceber o superego como herdeiro do complexo de Édipo, o qual é reprimido pela ameaça de castração que vem sancionar o desejo incestuoso (p. 515).

Freud iniciou *O ego e o id* fazendo uma reflexão sobre a consciência e sobre o que é inconsciente no psiquismo, e concluiu que a divisão do aparelho psíquico nas categorias consciente e inconsciente era inadequada ou insuficiente para dar conta da complexidade da mente humana. Freud propõe então a divisão do aparelho psíquico em ego, id e superego, ressaltando não só que o ego é constituído de aspectos conscientes e inconscientes, mas também que superego surge das entranhas do ego, daquela sua porção mais profunda e distante da consciência, o que significa dizer que a maior parte do funcionamento superegógico é inconsciente.

Feitas estas considerações iniciais, Freud (1923/1969h1) começou o trabalho heróico de mapear o labirinto da mente humana, propondo-se a examinar “o indivíduo como um id psíquico, desconhecido e inconsciente, sobre cuja superfície repousa o ego” (p. 37). Para tanto, ele partiu da dinâmica das identificações, que percebemos, foi o fio de Ariadne que ele agarrou para não se perder nesta dificultosa empreitada.

De acordo com Freud (1923/1969h1), na fase mais primitiva do desenvolvimento psíquico, tanto os investimentos objetais quanto as identificações são fruto do mecanismo de incorporação oral, sendo que é desta forma que o ego vai introjetar o objeto ou partes dele, assumindo para si suas características. De acordo com a teoria freudiana, é devido à identificação e ao mecanismo de introjeção que o ego consegue 1) preservar (por incorporação) e ao mesmo tempo vingar-se do objeto (despedaçando e desmanchando); 2) oferecer-se ao id como objeto de amor e desta forma compensá-lo por sua perda; e 3) controlar os impulsos do id valendo-se do mecanismo de fatiar a libido objetal: uma parte dela é convertida em libido narcísica (o objeto é introjetado no ego), e a porção que resta é desviada de seus objetivos sexuais através da sublimação.

Estas constatações a respeito do ego somadas à introdução de uma mudança significativa na teoria que passou a considerar o id como o reservatório inicial de libido⁹⁷, permitiu a Freud (1923/1969h1) diferenciar os processos identificatórios que se processam no ego daqueles que acontecem no superego. Ou seja, se o ego nasce de um precipitado de catexias objetais abandonadas pelo id, o ego é, por conseguinte,

⁹⁷ Na primeira tópica o ego era considerado o reservatório inicial de libido, de onde partiam e para onde retornavam todas as catexias objetais, e em 1923 esta capacidade foi atribuída ao id.

fruto de uma identificação secundária e regressiva (a libido sai do id para o objeto e deste para o ego). Ao voltar do objeto para o ego, a libido traz consigo atributos do objeto que são assimilados pelo ego, que por sua vez se transforma de acordo com o modelo do objeto, enriquecendo-se. Com relação ao superego, se a identificação é primária e imediata (sem qualquer mediação), as marcas do outro se instalam intrusivamente no ego, sendo, além de adesivas, inassimiláveis, permanecendo como coisa em si no psiquismo. São os restos do pior do pai que podem enrijecer-se e fixar-se na mente, como nos traços de caráter.

De acordo com Gerez-Ambertín (2003), a identificação que ocorre no plano do ego introduz atributos do objeto que vão sustentar um *visto favorável* ao sujeito, enquanto que do lado do superego, o que resta do outro no ego depois da identificação é “um fragmento cruel que busca vingança e castigo, que avassala o eu e o obriga a ouvir suas recriminações pelo miserável abandono em que caiu depois dos novos investimentos de objeto”. Trata-se, na visão desta autora, do confronto entre o ego e o superego, onde o primeiro reconstrói “os objetos perdidos assimilando suas formas e traços, e o outro fustiga pelo abandono (fissura do amor) do objeto no id – pulsional –, e não suporta desancorar o objeto perdido” (p. 111).

Segundo Freud (1923/1969h1), o signo do pai se fixa estruturalmente no psiquismo através de *resíduos verbais que derivam primariamente de percepções auditivas* (os espinhos do outro) que foram incorporados (e não assimilados) pelo ego em um período que este ainda era *fraco*⁹⁸. De acordo com Freud (1923/1969h1):

⁹⁸ Para Freud (1914/1969y), o ego é uma estrutura que não nasce pronta com o sujeito, ele precisa ser desenvolvido.

Assim, temos afirmado repetidamente que o ego é formado, em grande parte, a partir de identificações que tomam o lugar de catexias abandonadas pelo id; que a primeira dessas identificações sempre se comporta como uma instância especial no ego e dele se mantém à parte sob a forma de um superego: enquanto que, posteriormente, à medida que fica mais forte, o ego pode tornar-se mais resistente às influências de tais identificações. O superego deve sua posição especial no ego, ou em relação ao ego, a um fator que deve ser considerado sob dois aspectos: por um lado, ele foi a primeira identificação, uma identificação que se efetuou enquanto o ego ainda era fraco; por outro, é o herdeiro do complexo de Édipo e, assim, introduziu os objetos mais significativos no ego. A relação do superego com as alterações posteriores do ego é aproximadamente semelhante à da fase sexual primária da infância com a vida sexual posterior, após a puberdade. Embora ele seja acessível a todas as influências posteriores, preserva, não obstante, através de toda a vida, o caráter que lhe foi dado por sua derivação do complexo paterno — a saber, a capacidade de manter-se à parte do ego e dominá-lo. Ele constitui uma lembrança da antiga fraqueza e dependência do ego, e o ego maduro permanece sujeito à sua dominação. Tal como a criança esteve um dia sob a compulsão de obedecer aos pais, assim o ego se submete ao imperativo categórico do seu superego (p. 61).

No entanto, Freud (1923/1969h1) aprofundou um pouco mais a complexidade deste tema ao introduzir um elemento novo ao processo identificatório que funda o superego. Em suas palavras:

Por trás [do superego] jaz oculta a primeira e mais importante identificação com o pai em sua própria pré-história pessoal. Isso aparentemente não é, em primeira instância, a consequência ou resultado de uma catexia de objeto; trata-se de uma identificação direta e imediata, e se efetua mais primitivamente do que qualquer catexia de objeto (p. 43).

A novidade é que Freud incluiu uma nota de rodapé neste parágrafo afirmando que seria mais seguro dizer que a identificação se dá “*com os pais*” (p. 44), ou seja, com o pai e a mãe, e não apenas com o pai. Este novo postulado freudiano que acabou introduzindo atributos ao mesmo tempo maternos e paternos na genealogia do superego foi explicado pela triangularidade da situação edípica e pela introdução do

conceito de bissexualidade infantil, que segundo Freud, é constitucional em todo indivíduo.

Quanto à triangularidade da situação edípica, Freud (1923/1969h1) afirmou que é a partir da relação com o seio materno que o menino desenvolve uma catexia objetal pela mãe e se identifica com o pai, sendo que estas relações permanecem inalteradas até que os desejos sexuais da criança pela mãe se intensifiquem, e o pai passe a representar um empecilho para sua realização. Surge daí o complexo de Édipo⁹⁹, representado por um anseio sexual pela mãe e uma relação ambivalente com o pai. De acordo com Freud (1923/1969h1), o desfecho deste processo vai implicar o abandono da catexia objetal materna e seu lugar pode ser preenchido tanto por uma identificação com ela, quanto por uma intensificação da identificação com o pai. O resultado mais *normal*, afirmou Freud, é o último, que permite ao menino manter uma relação afetiva com a mãe e ao mesmo tempo consolidar sua masculinidade. Na menina o processo ocorre ao contrário do menino, sendo que a dissolução do complexo de Édipo feminino, segundo Freud, leva a uma intensificação da identificação com a mãe e a uma atitude afetiva para com o pai, processo este que vai fixar, de forma análoga ao menino, o caráter feminino da menina.

Freud (1923/1969h1) assinalou que estes processos identificatórios não introduzem o objeto abandonado no ego, mas esta possibilidade continua existindo e

⁹⁹ Alguns questionamentos podem ser apontados neste processo descrito por Freud, mas realmente não é nosso propósito adentrar nas questões. Para não deixar totalmente em branco, citamos as considerações pertinentes tecidas por Mezan (1985/2006) a este respeito: “O Édipo surge de um processo de confluência em que, mais uma vez a hostilidade tem de aparecer por um passe de mágica da natureza ambivalente da identificação – natureza que é postulada, mas não demonstrada –; e em segundo lugar, a aspiração de união sexual com a mãe opera um salto das pulsões parciais à integração genital, que permanece então misteriosa, antes da introdução da fase fálica” (p. 517).

segundo ele, é mais observável no sexo feminino. Freud asseverou que a menina, depois de abandonar o pai como objeto de amor, ainda pode identificar-se com ele (o objeto perdido) ao invés da mãe, e isto é possível desde que sua masculinidade seja nela suficientemente forte para mudar a sua disposição sexual. É neste ponto que entra a questão da bissexualidade. Nas palavras de Freud:

Pareceria portanto, que em ambos os sexos a força relativa das disposições sexuais masculina e feminina é o que determina se o desfecho da situação edipiana será uma identificação com o pai ou com a mãe. Esta é uma das maneiras pelas quais a bissexualidade é responsável pelas vicissitudes subseqüentes do complexo de Édipo. A outra é ainda mais importante, pois fica-se com a impressão de que de modo algum o complexo de Édipo simples é sua forma mais comum, mas representa antes uma simplificação ou esquematização, que é sem dúvida freqüentemente justificada para fins práticos. Um estudo mais aprofundado geralmente revela o complexo de Édipo mais completo, qual é dúplice, positivo e negativo, devido à bissexualidade originalmente presente na criança. Isso equivale a dizer que um menino não tem simplesmente uma atitude ambivalente para com o pai e uma escolha objetal afetuosa pela mãe, mas que, ao mesmo tempo, também se comporta como uma menina e apresenta uma atitude afetuosa feminina para com o pai e um ciúme e uma hostilidade correspondentes em relação à mãe. É esse elemento complicador introduzido pela bissexualidade que torna tão difícil obter uma visão clara dos fatos em vinculação com as primitivas escolhas de objeto e identificações, e ainda mais difícil descrevê-las inteligivelmente. Pode mesmo acontecer que a ambivalência demonstrada nas relações com os pais deva ser atribuída inteiramente à bissexualidade e que ela não se desenvolva, como representei acima, a partir da identificação em conseqüência da rivalidade (p. 45).

Na visão de Freud (1923/1969h1), a bissexualidade é responsável pela emergência, tanto na menina quanto no menino, de uma identificação paterna e outra materna que surgem em conseqüência da dissolução do complexo de Édipo. Segundo ele,

a identificação paterna preservará a relação de objeto com a mãe, que pertencia ao complexo positivo, e, ao mesmo tempo, substituirá a relação de

objeto com o pai, que pertencia ao complexo invertido; o mesmo será verdade, *mutatis-mutantis*, quanto à identificação materna. A intensidade relativa das duas identificações em qualquer indivíduo refletirá a preponderância nele de uma ou outra das disposições sexuais (p. 46).

A introdução da bissexualidade como um fator que influencia os destinos do complexo de Édipo e chancela a existência de disposições masculinas e femininas em ambos os sexos, abriu caminho para que Freud pudesse postular e generalizar, sem entraves teóricos, a presença estrutural do superego no ser humano. Nas palavras de Freud:

O amplo resultado geral da fase sexual dominada pelo complexo de Édipo pode, portanto, ser tomada com sendo a formação de um precipitado no ego, consistente dessas duas identificações unidas uma com a outra de alguma maneira. Essa modificação no ego retém a sua posição especial; ela se confronta com outros conteúdos do ego como um ideal do ego ou superego (p. 47).

Logo depois que Freud (1923/1969h1) nomeou e posicionou o superego na estrutura do aparelho psíquico, ele lançou um dos postulados mais intrigantes a seu respeito: o superego se origina não só do complexo de Édipo, mas também do id. Além disto, o superego tem a função de se opor aos impulsos edípicos, que por sua vez são provenientes do id. Ou seja, Freud considerou o superego como uma estrutura que é ao mesmo tempo causa e conseqüência dos conflitos edípicos e também fruto e juiz do id. Vejamos o que ele disse neste ensaio de 1923:

O superego, contudo, não é simplesmente um resíduo das primitivas escolhas objetais do id; ele também representa uma formação reativa energética contra essas escolhas. A sua relação com o ego não se exaure com

o preceito: ‘Você não pode ser assim (como seu pai), isto é, você não pode fazer tudo que ele faz; certas coisas são prerrogativas dele’. Esse aspecto duplo do ideal do ego deriva do fato de que o ideal do ego tem a missão de reprimir o complexo de Édipo; em verdade, é a esse evento revolucionário que ele deve a sua existência. É claro que a repressão do complexo de Édipo não era tarefa fácil. Os pais da criança, e especialmente o pai, eram percebidos como obstáculo a uma realização dos desejos edipianos, de maneira que o ego infantil fortificou-se para a execução da repressão erguendo este mesmo obstáculo dentro de si próprio. Para realizar isto, tomou emprestado, por assim dizer, a força do pai, enquanto que quanto mais poderoso o complexo de Édipo e mais rapidamente sucumbir à repressão (sob a influência da autoridade do ensino religioso, da educação escolar e da leitura), mais severa será posteriormente a dominação do superego sobre o ego, sob a forma de consciência (*conscience*) ou talvez, de um sentimento inconsciente de culpa (p. 47).

Com esta proposição Freud conseguiu não só elucidar a origem da insensatez dos imperativos superegócios (o superego usa o ideal de ego para exigir que o menino seja igual ao pai, mas como censor, ele ordena ao mesmo tempo que ele não seja igual ao pai, pois a mãe é privilégio do pai), como também resolver a questão dos aspectos agressivos atribuídos ao ideal de ego, um flanco teórico que havia ficado aberto desde a *Introdução ao narcisismo*. Ou seja, a partir da segunda tópica¹⁰⁰, a vertente cruenta antes designada ao ideal de ego foi imputada ao superego, sendo que o caráter violento desta entidade foi explicado pela natureza igualmente violenta dos impulsos incestuosos e parricidas que compõem o complexo de Édipo. Nas palavras de Freud:

O ideal de ego é o herdeiro do complexo de Édipo, e, assim, constitui também a expressão dos mais poderosos impulsos e das mais importantes vicissitudes libidinais do id. Erigindo este ideal do ego, o ego dominou o complexo de Édipo e, ao mesmo tempo, colocou-se em sujeição ao id. Enquanto que o ego é essencialmente o representante do mundo externo, da realidade, o superego coloca-se, em contraste com ele, como o representante do mundo interno, do id (p. 48).

¹⁰⁰ Recordamos que no início deste capítulo pontuamos que na primeira tópica Freud não conseguiu explicar satisfatoriamente (ele contava apenas com os instrumentos teóricos da teoria da libido e do narcisismo) como uma entidade que se originava do narcisismo poderia se tornar tão violenta quanto o ideal de ego na melancolia.

Na constituição do caráter do superego há outro componente que vem se somar à força destrutiva dos impulsos incestuosos e parricidas do id, que é a pulsão de morte. Se partirmos do postulado freudiano segundo o qual a identificação implica uma dessexualização da libido e que esta corresponde a uma defusão pulsional, e se adicionarmos a idéia de que o investimento objetal é próprio da dinâmica de *Eros* que busca a coesão entre as libidos afetiva e agressiva, podemos concluir, dentro da lógica freudiana, que a retirada da catexia objetal e sua transformação em libido narcísica necessariamente irá apartar as pulsões que até então estavam unidas sob o poder da pulsão de vida. Com o retorno da libido para o ego, ela traz consigo uma porção da agressividade que estava depositada no objeto para dentro do ego, sendo que esta porção do ego vai se voltar contra ele mesmo pela via dos ataques superegóicos. Ou seja, a identificação que constitui o superego carrega uma parcela da pulsão de morte vinda do objeto que se vai se instalar no ego, intensificando a rigidez da consciência moral e a conseqüente produção de culpa. Vejamos como Freud (1923/1969h1) elaborou esta questão:

O superego surge, como sabemos, de uma identificação com o pai tomado como modelo. Toda identificação desse tipo tem a natureza de uma dessexualização ou mesmo de uma sublimação. Parece então que, quando uma transformação desse tipo se efetua, ocorre ao mesmo tempo uma defusão instintual. Após a sublimação, o componente erótico não mais tem o poder de unir a totalidade da agressividade que com ele se achava combinada, e essa é liberada sob a forma de uma inclinação à agressão e à destruição. Essa defusão seria a fonte do caráter geral de severidade e crueldade apresentado pelo ideal – seu ditatorial ‘farás’ (p. 67).

Na visão de Freud (1923/1969h1), a pulsão de morte¹⁰¹, que em geral é silenciosa – “os instintos de morte são por natureza mudos” (p. 59) –, grita na melancolia, “que se torna uma espécie de lugar de reunião para os instintos de morte” (p. 66), que foram instalados no superego. Freud então pondera:

Como é que o superego se manifesta essencialmente como sentimento de culpa (ou melhor, como crítica – pois o sentimento de culpa é a percepção no ego que responde a essa crítica) e, além disto, desenvolve tão extraordinária rigidez e severidade para com o ego? Se nos voltarmos primeiramente para a melancolia, descobrimos que o superego excessivamente forte que conseguiu um ponto de apoio na consciência dirige sua ira contra o ego com violência impiedosa, como se tivesse se apossado de todo o sadismo disponível na pessoa em apreço. Seguindo nosso ponto de vista sobre o sadismo, diríamos que o componente destrutivo entrincheirou-se no superego e voltou-se contra o ego. O que está influenciando agora o superego é, por assim dizer, uma cultura pura do instinto de morte e, de fato, ela com bastante frequência obtém êxito em impulsionar o ego à morte, se aquele não afasta o seu tirano a tempo, através da mudança para a mania (p. 65).

Logo em seguida à afirmação acima, Freud (1923) reafirma a posição estrutural do superego no psiquismo e assegura que esta entidade é severa por natureza:

Do ponto de vista do controle instintual, da moralidade, pode-se dizer do id que ele é totalmente amoral; do ego, que se esforça por ser moral, e do superego que pode ser supermoral e tornar-se tão cruel quanto somente o id pode ser. É notável que quanto mais o homem controla a sua agressividade para o exterior, mais severo – isto é, agressivo – ele se torna em seu ideal do ego. A opinião comum vê a situação do outro lado; o padrão erigido pelo ideal do ego parece ser motivo para a supressão da agressividade. Permanece, contudo, o fato de que, como afirmamos, quanto mais um homem controla sua agressividade, mais intensa se torna a inclinação de seu ideal à agressividade contra seu ego. É como um deslocamento, uma volta contra seu próprio ego. Mas mesmo a moralidade normal e comum possui

¹⁰¹ Freud lembra que devido aos processos de fusão e defusão da libido, a pulsão de morte pode dividir-se em três componentes distintos: uma parte dela torna-se inócua ao ligar-se a componentes eróticos; outra parte é expelida para o exterior sob a forma de agressividade; e grande parte dela continua atuando internamente, fazendo seu trabalho destrutivo sem maiores impedimentos por parte do ego.

uma qualidade severamente restritiva, cruelmente proibidora. É disso, em verdade, que surge a concepção de um ser superior que distribui castigos inexoravelmente (p. 67).

Apesar desta e de outras afirmativas que apontam para a severidade devastadora do superego, que foi definido como uma entidade que despica gratuitamente “generosas” porções de crueldade contra o ego, Freud jamais foi inequívoco quanto à definição de sua natureza. Tendemos a acreditar que uma estrutura que surge da luta sangrenta entre impulsos incestuosos e parricidas, que emerge das profundezas obscuras do id e para cujo universo foram homologados o masoquismo primário, a pulsão de morte, a compulsão à repetição, a obediência cega a mandatos insensatos, o sentimento de culpa inconsciente, a crítica desmedida, a reação terapêutica negativa e por fim o avassalamento do ego, não pode de forma alguma ser tida como um ente benfazejo. Apesar de Freud ter lançado em 1927 a possibilidade da existência de um superego benevolente, que surge pela via do humor, parece que o fundador da psicanálise, apesar de hesitante, apostou mais no caráter malévolo do superego. Mas veremos, no próximo capítulo.

9.2 A RELAÇÃO DO SUPEREGO COM O EGO

Como sabemos, em 1923 Freud introduziu formalmente o conceito de superego na psicanálise, concedendo-lhe uma certidão de nascimento e um registro definitivo na estruturação do psiquismo humano. Além disto, neste ensaio Freud lhe atribuiu um

certificado de origem, fez um mapeamento de suas funções e trouxe um bocado de incertezas e hesitações a respeito de sua natureza. Conforme dissemos no início desta tese, não temos a pretensão de dirimir dúvidas, desmanchar paradoxos, ou dar respostas definitivas às questões suscitadas no universo teórico do superego, mas gostaríamos de nos posicionar a respeito da origem, da natureza e das funções que esta entidade desempenha no psiquismo. Acreditamos que neste momento, depois de percorrida toda a fantástica trajetória do superego desde a sua concepção até o seu nascimento, estamos finalmente prontos para cumprir nosso objetivo inicial. Apesar destes três aspectos que pretendemos elucidar estarem profundamente entrelaçados, nós tentaremos, dentro do possível e por razões expositivas, analisá-los separadamente, sob o prisma das relações dependentes do ego com o superego.

9.2.1 Sobre a origem do superego

Como vimos no capítulo anterior, Freud (1923/1969h1) postulou que o superego, além de se originar das profundezas obscuras do id e da dissolução do complexo de Édipo, ele se assenta no auditivo e se constitui a partir da dinâmica das identificações. Além disto, ele afirmou que o ego tem uma espécie de “receptor acústico, sendo impossível, tanto para o ego quanto o superego negar sua origem a partir das coisas que ouviu” (p. 131), ratificando a sua observação anterior (na

Psicologia das massas e análise do ego) de que o sujeito humano está à mercê do outro e de seus espinhos desde a mais primitiva infância.

Enquanto o ego é fruto de investimentos objetais abandonados pelo id, surgindo, portanto, de identificações regressivas e edípicas, o superego é fruto de uma identificação direta com os aspectos cruéis e vingativos do pai morto. Estes objetos introjetados no superego não são passíveis de assimilação, e são sentidos pelo ego como uma intrusão traumática em seu mundo interno. Desta forma, o pai edípico assassinado revive no mundo interno do sujeito e desde dentro retalia, como um espectro demoníaco que ecoa como voz da consciência ou olhar crítico, perpetuando assim a relação de crime e castigo que se instituiu, de acordo com Freud, desde a época do totemismo, que por sua vez, está na raiz filogenética do superego. Segundo afirmou Gerez-Ambertín (2003):

[Do superego] sublinhamos resto, marca, traço primário do pai que encarna intrusivamente no corpo do filho: pura voz sobre uma fonte auditiva. Em suma, objeto pulsional que configura o canteiro dos investimentos libidinais: superego, agência do isso e condição estruturante de um sujeito sem eu (p. 110).

Ou seja, os mandatos imperativos e categóricos incorporados pelo superego mediante a voz e o olhar repreensivo do pai (ou de representantes dele) propiciam a internalização de sua marca¹⁰² como um objeto estranho que se instala como coisa em si dentro do ego. É por isto que nos relatos clínicos o superego é percebido como uma voz interior que emite críticas e ordens ao ego como se dentro dele habitasse um

¹⁰² O superego diz respeito à internalização de aspectos do pai, não do pai inteiro. Este é um engano muito comum, confundir o superego com o pai internalizado. Se fosse desta forma, o superego de cada um corresponderia à personalidade de seu pai.

ensor que lhe examina e controla permanentemente. Freud acredita que o superego se inscreve desta forma na personalidade devido ao desamparo e à dependência do ego, que não é forte o suficiente para se opor aos anseios edípicos, fazendo com que o superego seja ao mesmo tempo estrutura constituinte da personalidade e agente crítico dela mesma. Freud (1923/1969h1) afirmou:

Se considerarmos mais uma vez a origem do superego, tal como a descrevemos, reconheceremos que ele é o resultado de dois fatores altamente importantes, um de natureza biológica e outro de natureza histórica, a saber: a duração prolongada, no homem, do desamparo e dependência de sua infância, e o complexo de Édipo, cuja repressão demonstramos achar-se vinculada à interrupção do desenvolvimento libidinal pelo período de latência, e, assim ao início bifásico da vida sexual do homem.... Vemos então que a diferenciação do superego a partir do ego não é questão de acaso; ela representa as características mais importantes do desenvolvimento tanto do indivíduo quanto da espécie; em verdade, dando expressão permanente à influência dos pais, ela perpetua a existência dos fatores a que deve sua origem (p. 47).

A questão da origem do superego não se exaure com a elucidação do paradoxo que fundou esta estrutura como ao mesmo tempo herdeira do Édipo e do id, é preciso discriminar o conceito de superego da noção de ideal de ego. Na nossa visão, o ideal de ego não é uma estrutura psíquica como é o superego, mas sim um objeto interno, onde, segundo Freud, foi depositado toda a ilusão de perfeição criada pelo infante sobre si mesmo e seus pais. Apesar de Freud (1923/1969h1) não ter formalmente distinguido estas duas entidades, acreditamos que é possível fazê-lo, inclusive dentro de suas próprias premissas. Como vimos alhures, a primeira distinção entre estes dois conceitos pode ser feita através da análise de sua origem, levando em conta os processos identificatórios que os constituem. Ou seja, consideramos o superego como

fruto de uma identificação direta e imediata com a vertente mais temível do pai, e o ideal de ego como consequência de uma identificação secundária com sua face mais bondosa. Como o ideal de ego está associado à vertente amorosa da libido, sua natureza é amigável, ao contrário do superego, que transborda crueldade e violência: quando o ego constata¹⁰³ a distância entre o que ele é e o que ele gostaria de ser, o ideal de ego funciona como uma meta a ser alcançada, mas para o superego, este hiato funciona como munição a ser atirada com precisão contra o ego¹⁰⁴.

No ensaio de 1923, Freud usou indiscriminadamente os termos ideal de ego e superego para se referir a uma única coluna da estrutura tripartite do aparelho psíquico, mas quase 10 anos depois, na trigésima primeira conferência¹⁰⁵ ele fez uma distinção entre estes dois conceitos, a partir das funções que eles desempenham no psiquismo. Neste trabalho Freud (1933[1932]/1969k1) pronunciou:

Espero que já tenham formado uma opinião de que a hipótese do superego realmente descreve uma relação estrutural, e não é meramente uma personificação de abstrações tais como a da consciência. Resta mencionar mais uma importante função que atribuímos a este superego. É também o veículo do ideal do ego, pelo qual o ego se avalia, que o estimula e cuja exigência por uma perfeição sempre maior ele se esforça por cumprir. Não há dúvida de que este ideal do ego é o precipitado da antiga imagem dos pais, a expressão de admiração pela perfeição que a criança então lhes atribuía (p. 70).

¹⁰³ A função de percepção é do ego, de acordo com Freud.

¹⁰⁴ Interessante fazermos um paralelo entre estas idéias de Freud e a seguinte afirmativa de Nietzsche (1888/1995): “A realidade foi despojada de seu valor, seu sentido, sua veracidade na medida em que se *forjou* um mundo ideal... O ‘mundo verdadeiro’ e o ‘mundo aparente’ – leia-se: o mundo *forjado e a realidade*... A *mentira* do ideal foi até agora a maldição sobre a realidade, através dela a humanidade mesma tornou-se mendaz e falsa até seus instintos mais básicos – a ponto de adorar os valores *inversos* aos únicos que lhe garantiriam o florescimento, o futuro, o elevado direito ao futuro” (p.18).

¹⁰⁵ Segundo o editor das Obras completas, na conferência XXVI das “Conferências introdutórias, Freud (1916) fala de uma pessoa que sente uma instância que assume o domínio do seu ego e que mede seu ego real e cada uma de suas atividades mediante um ego ideal que ele, paciente, criou para si próprio no decorrer de seu desenvolvimento” (p. 70).

Segundo Kohut (1985/1988), sobrevivem nas profundezas da personalidade do homem adulto duas configurações narcísicas que surgem no início da vida, nomeadamente “o self grandioso e a imago genitorial idealizada” (p. 53), que vão constituir o *self* nuclear do sujeito. O *self* nuclear de cada ser humano clama para realizar suas ambições e viver seus ideais, integrando-se desta forma à sua personalidade total. Mas como observou aquele autor, estes ideais estão vinculados a um aspecto trágico da vida humana, posto que ao homem jamais será dada a possibilidade de realizá-los plenamente. O homem trágico é um ser limitado, cujo signo principal é a falta. Em suas palavras:

Cada indivíduo tem dois cursos que lhe acham abertos e todo indivíduo, de uma maneira ou de outra, segue ambos. Em sua vida comum, todo homem vive segundo os princípios do prazer e da realidade. É o homem do trabalho e do amor. Mas nenhum homem está excluído de participar das dimensões trágicas da vida. Nenhum homem, por aparentemente insignificantes que sejam os objetivos de auto-realização e as aspirações idealizadas de seu *self* nuclear, encontra-se, em todas as ocasiões, inteiramente absorvido pela labuta do trabalho e pela perseguição de prazeres limitados no tempo. Haverá períodos, ou, pelo menos, momentos da vida de todo homem que ele se dará conta, mesmo que apenas obscuramente, de um anseio que não se relaciona com a consecução da descarga agradável dos desejos-pulsões, mas com o compelente ímpeto a realizar o projeto profundamente enraizado de seu *self* nuclear. O homem é propelido por ambas as forças e a falta de qualquer delas torna a vida humana incompleta (p. 55).

O ideal de ego funciona como um importante motor para o crescimento e para o desenvolvimento do homem, podendo se constituir, como Freud propôs, em uma fonte de satisfação para o ego. Mas para tanto, o ego precisa ter força para impedir que o superego, patrocinado pela pulsão de morte, interfira com seu poder destrutivo e julgue cada um de seus avanços em direção a seus ideais como insuficiente e insignificante. Ou seja, dependendo da força de seu ego, o homem será capaz de ser tenaz na busca de

seus objetivos e poderá sentir-se realizado mesmo que não consiga alcançar plenamente todos eles, podendo fruir de pequenas ou grandes conquistas, e desta forma, a labuta cotidiana, que na verdade é a própria vida, será também gratificante, mesmo sendo trágica¹⁰⁶.

9.2.2 Quanto às funções que o superego desempenha no psiquismo

Vimos que ao localizar a origem do superego no legado edípico, Freud inevitavelmente vinculou essa entidade à estruturação do psiquismo humano. Tratado por Freud (1923/1969h1) como o “evento revolucionário” (p. 47) a que o superego deve sua existência, o complexo de Édipo é o núcleo da constituição do sujeito, o ponto em torno do qual toda a vida psíquica do homem se edifica, tanto para a saúde, quanto para a doença mental. De acordo com Migliavacca (2004), “O complexo de Édipo se refere aos conflitos vividos pelo indivíduo na constituição da própria identidade e ao processo de conhecimento de si mesmo, processo esse intimamente ligado à ampliação da consciência” (p. 19).

Por conta de sua linhagem edípica, o superego é um dos três pilares estruturais da mente, mas a sua atuação pode, paradoxalmente, comprometer a própria estrutura psíquica que ele foi pressuposto a constituir: quando se agiganta a severidade crítica do superego sobre o ego, principalmente com a atuação da pulsão de morte, o ego cada

¹⁰⁶ Para um estudo aprofundado da dimensão trágica do psiquismo, veja a tese de livre docência da Dra. Eva Migliavacca, citada na bibliografia.

vez mais fragilizado não consegue se defender dos ataques mortíferos do *agente crítico*, o que faz com que o desenvolvimento de faculdades egóicas fundamentais como a formação da identidade, a percepção, o discernimento e o impulso para a vida fiquem seriamente prejudicados. Percebemos que a suscetibilidade do ego à pressão superegóica se aprofunda com as insistentes invectivas do *agente crítico*, formando um círculo vicioso difícil de ser rompido, uma vez que quanto mais o ego se debilita, mais o superego vai crescer sobre ele, apequenando-o ainda mais.

Conforme definiu Freud, o ego é uma estrutura inicialmente frágil e desamparada, sendo que foi por esta razão que ele precisou recorrer ao superego para ajudá-lo na empreitada de reprimir o complexo de Édipo e de controlar as necessidades pulsionais do id, das quais se sentia ameaçado. Os entreveros do ego com o superego surgem inevitavelmente com a evolução do ego, pois o superego quer manter, a qualquer preço, o controle sobre o ego. Para realizar seus propósitos de reinar absoluto no mundo mental, o superego age no sentido de obstar, com seus acintes autodestrutivos, o amadurecimento e a estruturação do ego, impedindo-o de crescer e de exercer as funções que lhe cabem no psiquismo. Apequenado, e sentindo-se insuficiente e aquém daquilo que ele considera ideal, o ego, mesmo tendo potencialmente a força para responsabilizar-se por seus atos e a condição para discernir se lhe convém ou não ceder aos impulsos do id, ele não o fará, pois passou a acreditar que é incapaz, tornando-se, por força desta crença, realmente inepto para suportar as exigências não só de seu mundo interno, como também da realidade externa. Ou seja, a realidade psíquica representada pelo sentimento de incapacidade e inadequação passa então a ser tomada pelo ego como sendo a própria realidade e ele

perde a força e a esperança de vencer. Debitado psiquicamente, o ego deixa de ser sujeito para ser objeto do superego e da pulsão de morte.

Quanto a este atributo do superego, Freud (1923/1969h1) foi bem específico:

O [superego] portanto, é o herdeiro do complexo de Édipo, e assim constitui também a expressão dos mais poderosos impulsos e das mais importantes vicissitudes libidinais do id. Erigindo este ideal do ego [superego], o ego dominou o complexo de Édipo e, ao mesmo tempo, colocou-se em sujeição ao id. Enquanto que o ego é essencialmente um representante do mundo externo, da realidade, o superego coloca-se em contraste com ele, como um representante do mundo interno, do id. Os conflitos entre o ego e o ideal, como agora estamos preparados para descobrir, em última análise, refletirão o contraste entre o que é real e o que é psíquico, entre o mundo externo e o mundo interno (p. 49).

Novamente, na visão de Freud, o ego infantil só pôde adquirir controle sobre o id e sobre os anseios edipianos graças à intervenção do superego, que com sua anuência assumiu, de muito bom grado, a função de censor. Mas percebemos que o ego infantil não poderia discernir o caráter deste “colaborador” que ele engendrou, e muito menos vislumbrar as conseqüências que lhe adviriam por afiliar-se a uma entidade tão controversa como aquela. Da natureza do superego, parece que o ego imaturo captou apenas o peso de sua força e julgou-a útil a seus propósitos, pois afinal, somente um general com tal autoridade poderia combater impulsos tão ameaçadores. Mas o superego não faz nada gratuitamente, ele não tem a natureza generosa, ao contrário, ele exigirá do ego que a colaboração a ele prestada seja paga com o sangue do próprio ego. Foi assim que o feitiço virou-se contra o feiticeiro: o ego que tinha pavor do id e não suportou as angústias edipianas, agora tem medo da crueldade do superego. Disse Freud (1923/1969h1):

O ego é a sede real da ansiedade. ... O que o ego teme do perigo externo e do libidinal não pode ser especificado; sabemos que o medo é de ser esmagado ou aniquilado, mas ele não pode ser analiticamente compreendido. O ego está simplesmente obedecendo ao aviso do princípio do prazer. Por outro lado, podemos dizer que o que se acha escondido por trás do pavor que o ego tem do superego, o medo da consciência. O ser superior, que se transformou no ideal do ego, outrora ameaçara de castração, e esse temor da castração é provavelmente o núcleo em torno do qual o medo subsequente da consciência se agrupou; é esse temor que persiste como medo da consciência (p. 69).

De mãos dadas com o id, o superego exige do ego que a excelência narcísica do ideal de ego seja realizada, convencendo-o de que a perfeição existe, e que essa não é apenas fruto de uma idéia¹⁰⁷. É comum no consultório ouvirmos pacientes se compararem a uma outra pessoa, que em tese possui as características ideais que eles almejam, acreditando firmemente que eles, ao contrário do outro, não alcançaram a perfeição por serem incapazes ou inadequados. Trata-se da voz daquele estrangeiro que nos habita dizendo: “*você, este ser inútil e incapaz, nunca vai conseguir ser alguém na vida!*”

Segundo Freud, este comportamento autocrítico tem raízes na infância, quando a criança foi repreendida por seus pais ou educadores, que recorriam a comparações de seu comportamento com o de irmãos ou amigos, que eram tidos como o exemplo de excelência neste ou naquele quesito. Estas reprimendas recebidas quando o ego ainda era imaturo se incrustam na mente do sujeito de tal forma, que a tendência inconsciente, porém cruel, de se autocriticar e de se diminuir perante os outros pode permanecer por toda vida. O interessante é que alguns pacientes asseveram que estas advertências auto-impostas são necessárias, e que na ausência delas, poderiam se

¹⁰⁷ A etimologia da palavra *ideal* conforme o dicionário eletrônico Houaiss, revela sua origem do latim *ideális*, que significa *criado no entendimento ou na imaginação*.

tornar ainda mais fracos e incapazes. Esta fantasia é mais um dos truques do superego para trapacear o ego, induzindo-o a erroneamente interpretar violência como sendo força, o que faz com que o sujeito, ao contrário do que ele imaginou, se torne cada vez mais debilitado, deprimido e sem condições psíquicas (ou mesmo físicas) para suportar a carga emocional que a vida lhe exige.

Lembramos que Freud (1914/1969y) mencionou na *Introdução ao narcisismo* que o ideal de ego é “uma voz interior que ecoa imperativa desde o mais íntimo do eu, e que vigilante, critica e policia as intenções do ego” (p. 102), mas quando ele voltou a este tema quase dez anos depois, no *Ego e o id*, ele acrescentou que é através da mediação do ego que a palavra ouvida do exterior é internalizada e assimilada pelo sujeito. Ou seja, é através da interposição das representações verbais vindas do exterior que as idéias são internalizadas e os processos de pensamento são transformados em percepções. De acordo com Freud (1923/1969h1):

É como uma demonstração do teorema de que todo conhecimento tem sua origem na percepção externa. Quando uma hipercatexia do processo de pensamento se efetua, os pensamentos são realmente percebidos – como se proviessem de fora – e, conseqüentemente são considerados verdadeiros (p. 37).

É desta forma que a vivência adquirida no contato com o outro é introjetada pelo ego, podendo produzir um círculo virtuoso de crescimento emocional, no qual o sujeito aprende com suas experiências, sendo elas gratificantes ou não. Esta evolução psíquica pode ser interrompida pelo superego, cuja atuação faz com que o sujeito se distancie cada vez mais da realidade e se aproxime perigosamente do id. Ocorre que

sob o efeito das invectivas do superego, o ego deixa de realizar plenamente suas funções, levando o sujeito a perder a sua capacidade de pensar, de observar e de discernir. Ou seja, o mau funcionamento das funções egóicas obscurece (ou mesmo impede) uma boa percepção da realidade e obstrui a capacidade do sujeito de se adaptar às vicissitudes de sua vida psíquica, enfraquecendo seu poder de contrapor-se ao princípio do prazer e de lutar contra a atuação da pulsão de morte. Este assédio moral do superego introduz no ego um doloroso sentimento de insuficiência¹⁰⁸ e apequenamento, fazendo com que o sujeito se torne excessivamente tímido e retraído. Na imaginação do sujeito dominado pelo superego, todos em sua volta são mais aquinhoados que ele e por isto são mais amados e aceitos, fazendo com que o contato com o outro se transforme numa tortura perene.

Segundo Freud, o ego é uma estrutura que fica prensada entre dois senhores muito poderosos que ele tem dificuldade para enfrentar. Quando o ego sente que não pode lutar contra o id e o superego, ele tenta se aliar a eles, na tentativa de agradá-los para não ser massacrado. É justamente por tentar conquistar o amor do id e do superego que o ego embarca nos ataques do superego, que maliciosamente usa o ideal de ego como munição contra ele. Afinal, raciocina o ego, se ele pudesse ser igual ao seu ideal, tanto o id quanto o superego poderiam ficar satisfeitos e deixá-lo em paz.

No entanto, não há como agradar o superego. Além dele criticar o ego por ele ser uma criatura imperfeita e limitada, o superego o pune por sua tendência de ser seduzido pelo id, acusando-o de se deixar levar pelo caráter despudoradamente

¹⁰⁸ A atuação do superego é que faz com que muitas pessoas dêem um peso maior ao que lhes falta, do que a suas conquistas.

pulsional deste último. Quanto mais seduzido pelo id e mais submisso ao superego, maior é a diferença entre o ego real e aquele ideal que encarna o ser nobre, elevado, e onipotente que o ego, influenciado pelo id e pelo superego, almeja ser. Na nossa visão, o ego se torna suscetível às influências do id devido às suas fragilidades narcísicas. Estas que fazem com o ego assuma como sendo seu o anseio de perfeição que emana do id e faz com que ele acredite que as críticas do superego (que são confundidas com incentivo) serão úteis para ajudá-lo a alcançar, plena e imediatamente, a condição ideal, que apesar de inatingível, é maliciosamente apontada pelo *agente crítico* como factível.

Acreditamos que o homem, apesar de inevitavelmente ter incrustado em seu psiquismo uma estrutura destrutiva como o superego e uma entidade tão obscura quanto o id, ele não tem problema de superego ou de id. Ele tem problema de ego, pois esta estrutura pode funcionar bem ou mal, ou simplesmente não ter condições para exercer suas faculdades fundamentais como, por exemplo, discernir entre açoite e encorajamento, reconhecer suas capacidades psíquicas, apropriar-se de sua força, tolerar suas limitações e ainda assim tentar ampliá-las, sem precisar fazer alianças perigosas com parceiros suspeitos. Dito de outra forma, o ego pode ser mais ou menos forte, ou mais ou menos frágil, mas o superego é sempre e absolutamente cruel, como o id é por natureza impulsivo e imediatista, sendo que cabe ao ego dar conta destes seus dois senhores, sendo forte o suficiente para não se submeter a nenhum deles.

Reconhecemos que este trabalho do ego é gigantesco. Como postulou Freud, ao contrário do id e do superego, o ego é uma estrutura que precisa ser desenvolvida, sendo que este processo dá através de um longo e doloroso aprendizado através da

experiência. Ou seja, o ego cresce e se fortalece quando o sujeito experimenta e elabora os sentimentos que emergem de seu mundo interno, principalmente a partir dos relacionamentos consigo mesmo e com os outros. Lembramos das palavras de Nietzsche (1888/1995), que do nosso ponto de vista descreve magistralmente como funciona um ego amadurecido:

... fiz da minha vontade de saúde, de vida, a minha filosofia... Pois atente-se para isso: foi durante os anos de minha menor vitalidade que deixei de ser um pessimista: o instinto de auto-restabelecimento proibiu-me uma filosofia da pobreza e do desânimo... E como se reconhece, no fundo, a vida que vingou? Um homem que vingou faz bem a nossos sentidos: ele é talhado em madeira dura, delicada e cheirosa ao mesmo tempo. Só encontra sabor no que lhe é salutar; seu agrado, seu prazer cessa, onde a medida do salutar é ultrapassada. Inventa meios de cura para injúrias utiliza acasos ruins em seu proveito; o que não o mata o fortalece. De tudo o que vê, ouve e vive forma instintivamente sua soma: ele é um princípio seletivo, muito deixa de lado. Está sempre em sua companhia, lide com homens, livros ou paisagens: honra na medida em que elege, concede, confia. Reage lentamente a toda sorte de estímulo, com aquela lentidão que uma larga previdência e um orgulho conquistado nele cultivaram – interroga o estímulo que se aproxima, está longe de ir ao seu encontro. Descrê de “infortúnio” como de “culpa”: acerta as contas consigo, com os outros, sabe esquecer – é forte o bastante para que tudo tenha de resultar no melhor para ele. (p.25)

Todos sabemos que é muito difícil um homem adquirir tal estrutura psíquica, sendo que na maior parte dos casos, o ego se comporta essencialmente de modo passivo, tanto que Freud (1923/1969h1) lembrou das palavras de Georg Groddeck que dizia que “nós somos vividos por forças desconhecidas e incontroláveis” (p. 37). Ou seja, o ego em sua fragilidade estabelece relações de dependência e submissão com o superego e com o id e estas dificultam seu crescimento, formando um círculo vicioso de destrutividade, ou como diria Nietzsche, de decadência. Freud (1923/1969h1) fez a seguinte afirmação a respeito do ego:

....vemos este mesmo ego como uma pobre criatura que deve serviços a três senhores e, conseqüentemente, é ameaçado por três perigos: o mundo externo, a libido do id e a severidade do superego. Três tipos de ansiedade correspondem a estes três perigos, já que a ansiedade é a expressão de um afastar-se do perigo. Como criatura fronteira, o ego tenta efetuar mediação entre o mundo e o id, tornar o id dócil ao mundo e, por meio de sua atividade muscular, fazer o mundo coincidir com os desejos do id. De fato, ele se comporta como o médico durante um tratamento analítico: oferece-se, com a atenção que concede ao mundo real, como um objeto libidinal para o id, e visa ligar a libido do id a si próprio. Ele não é apenas um auxiliar do id; ele é também um escravo submisso que corteja o amor de seu senhor. Sempre que possível, tenta permanecer em bons termos com o id; veste as ordens do *Ics.* do id com suas racionalizações *Pcs.*; finge que o id está mostrando obediência às admonições da realidade, mesmo quando, de fato, aquele permanece obstinado e inflexível; disfarça os conflitos do id com a realidade e, se possível, também seus conflitos com o superego. Em sua posição a meio caminho entre o id e a realidade, muito freqüentemente se rende à tentação de tornar-se sicofanta, oportunista e mentiroso, tal como um político que percebe a verdade, mas deseja manter seu lugar no favor do povo (p. 68).

Ou seja, com medo de seus três senhores e sem forças para lidar com eles, o ego se une ao id e ao superego com o intuito de ludibriar a realidade. Esta atitude defensiva do ego faz com que ele se debilite cada vez mais, propiciando desta forma, a oportunidade esperada pelo superego para assumir seu lugar. O sujeito sem ego e desmentalizado pode ser facilmente dominado pelo superego, que rapidamente assume as funções do ego, pervertendo-as. Ou seja, as faculdades de percepção, discernimento, observação, consciência e razão, além da inteligência formal e intelectual, e a capacidade de zelar por si mesmo e por seus objetos significativos, são utilizadas pelo superego não com o intuito de enriquecer a vida psíquica do sujeito, mas sim para paralisá-lo e empobrecê-lo. Com a perda da capacidade perceptiva, o sujeito não consegue detectar as necessidades emocionais dele mesmo e muito menos as dos outros, transformando-as em obrigações e em regras inquestionáveis que ele é

compelido a obedecer cegamente. Da mesma forma que o sujeito se submete a dogmas, paradigmas e a figuras de autoridade que ele mesmo criou, ele exige do outro o mesmo padrão de comportamento, tornando-se por sua vez, um tirano insensato que atira contra si mesmo e contra o próximo. Ao ser dominado pelo superego, o ego perde a liberdade de pensamento, a criatividade e a independência psíquica, e passa a ser guiado pelo racional, pela lógica ou pelo que ele considera certo ou errado (tonalidade moral). Submetido inconscientemente à sua própria mente, o sujeito tem pouco contato com a realidade emocional, o que faz com que ele tenha grande dificuldade para lidar com o inesperado, com a incerteza, com a individualidade do outro e também com as vicissitudes da vida, podendo, por esta razão, desenvolver todos os tipos de neuroses e psicoses que Freud vinculou ao universo superegótico.

Segundo Freud (1923/1969h1), a atitude do superego é que vai determinar a gravidade de uma neurose, mas gostaríamos de re-enfatizar que o superego só vai agir e exercer sua natureza maligna se não houver força do ego para obstar sua cruzada em direção ao domínio total do psiquismo. Na nossa experiência, o fortalecimento das funções egóicas através da análise podem fazer com que o ego desenvolva atributos para impedir que o superego atinja seus objetivos. Somente a ação precisa e incansável do ego contra as agressões superegóticas é que pode fazer com que o superego recue, ficando assim impedido de dirigir sua ira contra ele. Mas não nos enganemos, a amenidade do superego não significa que ele tenha se transformado em figura benfazeja, como as Erínias, deusas filhas da noite, vingativas e furiosas, que sob a pena de Ésquilo foram transformadas nas bondosas e delicadas Eumênides. O superego está apenas sob controle do ego, ficando desta forma bem comportado e por

isto, menos virulento. O superego jamais se torna benevolente com o ego, sua natureza não permitiria. Se o ego baixar a guarda e abandonar por um segundo a cabine de comando, o superego retorna com força total sobre ele, obtendo todo o apoio do id.

9.2.3 Sobre a natureza do superego

Freud gostava muito de citar anedotas judaicas para elucidar seu pensamento e como ele, nós gostaríamos de lembrar a conhecida história do escorpião e da tartaruga. Segundo este conto, aqueles dois animais se encontravam em uma pequena ilha que estava prestes a submergir nas águas que subiam rapidamente à sua volta. A tartaruga, pronta para nadar até outra ilha mais segura, é interrompida pelo escorpião que lhe implora que o leve em suas costas, alegando que deixado ali, ele morreria afogado. A tartaruga a princípio se recusa a transportá-lo, alegando que era muito arriscado para ela colocar um escorpião sobre sua carapaça, pois ele poderia facilmente picá-la no pescoço. O escorpião contra-argumenta, dizendo que ele não faria tal coisa, porque desta forma, ambos morreriam. E ele acrescentou que mesmo que se sentisse tentado a ferroá-la, iria controlar seu impulso. O escorpião foi tão racional e convincente, que a tartaruga, com medo que sua consciência lhe acusasse caso ela simplesmente deixasse o outro morrer, acabou concordando com seu pedido. Mas claro, no meio do caminho o escorpião picou a tartaruga como ela havia previsto, mas antes de morrer, ela ainda teve tempo de lhe perguntar por que ele não havia cumprido sua promessa. O

escorpião simplesmente respondeu: “por favor, me perdoe, eu não consegui vencer a minha natureza”.

Paralelamente pensamos: o que esperar da natureza de uma entidade que nasce das profundezas do recôndito mais obscuro e tumultuado da alma humana, é herdeiro dos conflitos incestuosos e parricidas do complexo de Édipo e se alimenta da pulsão de morte, fonte de onde extrai sua força imperativa e violenta? Esta mistura de ingredientes jamais poderia gerar um nune bondoso, mas sim uma entidade *demoníaca* com vocação para a agressão e para a destruição.

Ao contrário do que alguns psicanalistas¹⁰⁹ acreditam, não conseguimos visualizar aspectos bondosos e protetores no caráter do superego. Mesmo Freud (1923/1969h1), que não foi definitivo a este respeito, afirmou que devido ao caráter do superego, “mesmo a moralidade normal e comum possui uma qualidade severamente restritiva, cruelmente proibidora” (p. 67).

Nós assinalamos alhures que na nossa percepção, o abrandamento da virulência do superego sobre o ego (que pode ser observada na clínica) não é fruto de uma nuance benevolente que surge no caráter do superego, mas sim da força do ego para reprimir a sua atuação. Ou seja, se o superego por um lado apresenta uma versão amenizada na normalidade e outra extremamente mortífera na melancolia, é por causa do desempenho do ego, que é mais forte no primeiro caso e em contrapartida, extremamente frágil na doença psíquica. Quando o superego está sob as rédeas do ego, ele não ataca violentamente, mas isto não significa que exista algum matiz de bondade em sua natureza, quer dizer apenas que ele está cerceado e sob controle.

¹⁰⁹ Veja O’Shaughnessy (1997/2001) e Moreira (2002), por exemplo.

Blergler (1959) vê o superego como um “Frankenstein interno, um monstro” (p. 131) que está pronto para se lançar sobre o ego, sendo que segundo este autor, a característica mais marcante de sua personalidade é a sua fantástica violência. De acordo com este autor, o superego mostra o ideal de ego ao ego como um espelho silencioso, sendo que toda diferença entre eles é experimentada sob a forma de depressão, insatisfação e sentimento de culpa. O superego – local de encontro dos setores antilibidinosos da consciência que estão dominados pelo instinto de morte – consegue perverter o instinto de vida presente no ideal de ego e utilizá-lo para seus próprios fins destrutivos, conseguindo desta forma fazer com que o ego se torne prisioneiro dos mecanismos protetores que ele mesmo criou.

Gerez-Ambertín (2003) é definitiva quanto à natureza do superego:

Existe na formulação freudiana um verdadeiro buquê de paradoxos sobre o superego que, como um modelo para armar, recusa toda *modelização*. O molde do superego elaborado e sustentado por muitos pós-freudianos que retrocederam horrorizados diante da pulsão de morte revelada na instância resultou em premissas monstruosas que pretenderam ‘benevolizar’ esta pulsão de morte (*en*) *cobrindo-a* de lugares comuns, como por exemplo: ‘o superego dá conta da relação do sujeito com a realidade’ – *absurdo*. ‘o superego garante o bom funcionamento da consciência moral’ – *impossível*, ‘o superego assegura a saúde mental do sujeito, pois o impede de circular pelas transgressões’ – *errôneo*, ‘o superego, como identificação paterna, substitui a função do pai, regulando a relação do sujeito à lei’ – *ridículo* (p. 20).

Nós reafirmamos que estes atributos supostamente homologados ao superego são, na verdade, funções do ego. Cabe a esta estrutura psíquica fazer o teste de realidade e procurar se adaptar a ela, ou seja, o ego é que deve avaliar se lhe convém ou não ceder aos impulsos obscuros do id, entrando assim em bons termos (ou não) com sua consciência moral. Além disto, o ego deve não só se responsabilizar pelas

conseqüências de seus atos e omissões e desenvolver a condição interna para perceber e atender às suas necessidades, discernindo-as de desejos impossíveis ou destrutivos, como também deve aprimorar a sua capacidade de amar e de zelar por seus objetos significativos, cuidando assim de ter relacionamentos positivos consigo mesmo e com os outros, mantendo-se dentro de um círculo virtuoso de evolução psíquica.

Diz respeito ao superego funcionar como um imperativo moral, mas enfatizamos que o superego não é a consciência moral. A consciência é função do ego, que observa e avalia os dados de realidade para decidir o que é melhor ou mais construtivo para o sujeito dados os valores intrínsecos à sua personalidade. Por ser um militante do id, o superego está distante da consciência e da realidade, fazendo com que sua moralidade seja extremamente insensata e restritiva. Ele é um ditador que ordena o impossível e produz tormentos infindáveis ao ego: o sujeito é sempre o culpado, não importa o crime, se houve crime, ou quem o cometeu, sempre haverá punição, e um crime de sangue só pode ser redimido com sangue¹¹⁰, disse Freud (1913/1969w).

Em 1933 Freud foi bem específico acerca da natureza malévola e destrutiva do superego, mas ele jamais formalizou esta sua percepção como sendo a definitiva, mantendo todas as anteriores sem quaisquer restrições. Vejamos o que Freud (1933[1932]/1969k1) afirmou:

¹¹⁰ Lembramos da interessante história que Freud (1905/1969s) contou sobre o ferreiro de uma vila húngara que fora condenado à pena de morte. Por decisão do burgomestre, como naquela pequena cidade havia apenas um ferreiro, em seu lugar foi executado um dos dois alfaiates da cidade, pois o crime deveria ser expiado de qualquer forma.

O superego, que assim assume o poder, a função e até mesmo os métodos da instância parental, é, porém, não simplesmente seu sucessor, mas também realmente seu legítimo herdeiro. Procede diretamente dele, e verificaremos agora por que processo. Antes, porém, atentemos para uma discrepância entre os dois. O superego parece ter feito uma escolha unilateral e ter ficado apenas com a rigidez e severidade dos pais, com sua função proibidora e punitiva, ao passo que o cuidado carinhoso deles parece não ter sido assimilado e mantido. Se os pais realmente impuseram sua autoridade com severidade, facilmente podemos compreender que a criança desenvolva, em troca, um superego severo. Contrariando nossas expectativas, porém, a experiência mostra que o superego pode adquirir essas mesmas características de severidade inflexível, ainda que a criança tenha sido educada de forma branda e afetuosa, e se tenham evitado, na medida do possível, ameaças e punições (p. 68).

Vimos que ao longo de sua obra, Freud descreveu do superego tanto a sua faceta mais maligna que emerge na melancolia, quanto a sua versão mais moderada, porém ainda severa, que se apresenta na normalidade. Mas para nossa surpresa, em 1927, num artigo de poucas paginas que foi lido por Anna Freud perante o X Congresso de Psicanálise, Freud descreveu uma espécie de superego benevolente, que segundo ele, surge na dinâmica do humor. O editor das obras completas afirmou que esta foi a primeira vez que Freud (1927/1969j1) apresentou o superego “num estado de espírito afável” (p. 163), mas que aproximadamente vinte e dois anos antes, ele já havia se ocupado da temática do humor. De fato, no último capítulo do livro dos chistes Freud (1905/1969s) postulou:

O humor é um meio de obter prazer apesar dos afetos dolorosos que interferem com ele; atua como um substitutivo para a geração destes afetos, coloca-se no lugar deles. As condições para seu aparecimento são fornecidas se existe uma situação na qual, de acordo com nossos hábitos usuais, devíamos ser tentados a liberar um afeto penoso, e então operam sobre este, motivos que o suprimem *in status nascendi* (p. 212).

Neste mesmo artigo, Freud citou alguns exemplos da literatura e da cultura popular para comprovar a sua hipótese de que na dinâmica do humor sempre está

presente um sentimento doloroso como compaixão, raiva, ternura, dor e tantos outros que o artista puder imaginar, que é *economizado*. Segundo ele, a economia do sentimento de compaixão é a mais freqüente, e como modelo de interpretação Freud (1905/1969s) mencionou a história de dois condenados à morte: numa segunda-feira, a caminho de sua execução um deles comentou: “É, a semana está começando otimamente”; O outro, minutos antes de morrer, pediu um lenço para cobrir sua garganta, a fim de não contrair um resfriado (p. 213). De acordo com Freud (1905/1969s), a situação em que se encontravam os criminosos poderia suscitar intensa compaixão em nós, “mas tal compaixão é inibida porque compreendemos que o diretamente interessado não se preocupa com a situação. Em consequência desta compreensão, a despesa com a compaixão, já preparada, torna-se inutilizável e podemos descarregá-la rindo. Estamos como que contagiados pela indiferença do vagabundo – embora notemos que isso lhe custa um grande dispêndio de trabalho psíquico” (p. 214).

Sobre esta espécie de humor que pode surgir diante da iminência da morte, ou de uma grande ameaça de morte, encontramos em Jones (1953/1989) o relato de duas ocasiões em que Freud viveu momentos muito difíceis e nos quais ele conseguiu fazer comentários humorísticos. Uma delas foi quando ele soube por Anna, sua filha, que alguns oficiais da gestapo haviam entrado na sua casa e saqueado o cofre da família, e Freud respondeu dizendo “que nunca fora tão bem pago por uma única visita” (p. 224). A outra situação aconteceu no mês de sua morte. Quando Freud já estava tomado pelo câncer e praticamente impossibilitado de comer, ele ainda leu um livro de Balzac, *La*

Peau de Chagrin, sobre o qual ele comentou com Ernest Jones: “Esse é exatamente o livro para mim. Trata de inanição” (p. 248).

Observamos que na primeira tópica, Freud (1905/1969s) tratou a questão do humor do ponto de vista da libido, explicando que por conta de uma *economia de afeto*, uma dose de prazer é extraída da dor, mas naquele momento ele não se deteve nos motivos psíquicos que poderiam promover a transformação do afeto doloroso em riso prazeroso. Com os instrumentos teóricos da segunda tópica, Freud vinculou o humor aos desdobramentos da relação do ego com o superego e teceu uma hipótese que consideramos deveras intrigante para um homem como ele, que segundo Jones (1953/1989), se manteve até o fim de sua vida aferrado à realidade. Disse Freud (1927/1969j1):

O humor tem algo de liberador a seu respeito, mas possui também qualquer coisa de grandeza e de elevação, que faltam às outras duas maneiras de obter prazer da atividade intelectual. Essa grandeza reside claramente no trunfo do narcisismo, na afirmação vitoriosa da invulnerabilidade do ego. O ego se recusa a ser afligido pelas provocações da realidade, a permitir que seja compelido a sofrer. Insiste em que não pode ser afetado pelos traumas do mundo externo; demonstra, na verdade, que esses traumas para ele não passam de ocasiões para obter prazer. Esse último aspecto constitui um elemento inteiramente essencial do humor.... O humor não é resignado, mas rebelde. Significa não apenas o triunfo do ego, mas também o do princípio do prazer, que pode aqui afirmar-se contra a crueldade das circunstâncias reais (p. 166).

Em seguida destas considerações, Freud reflete sobre o fato do humor – este arroubo do ego que recusa a dor oportuna, que sustenta a primazia do princípio do prazer e arroga sua invencibilidade frente à realidade – não ser um fenômeno do campo da doença mental. Ao contrário, de acordo com Freud, quando uma pessoa

adota uma atitude humorística com o intuito de afastar o sofrimento que a atormenta, ela está tratando a si própria como um adulto que sorri do sofrimento da criança, cuja dor é insignificante do ponto de vista do adulto, mas que para ela é insuportável. Freud lança então uma hipótese metapsicológica para explicar a dinâmica do humor, este artifício psíquico que segundo ele, tem o poder de rapidamente transmudar o padecimento em exaltação, sem que o sujeito esteja maníaco. Afirmou Freud (1927/1969j1):

Obteremos uma explicação dinâmica da atitude humorística, portanto, se supusermos que ela consiste em ter o humorista retirado a ênfase psíquica de seu ego, transpondo-a para o superego. Para o superego assim inflado, o ego pode parecer minúsculo, e triviais todos seus interesses, e, com essa nova distribuição de energia, pode tornar-se coisa fácil para o superego reprimir as possibilidades de reação do ego (p. 168).

Ou seja, de acordo com esta hipótese de Freud, o humor ensoberbece o superego que se apresenta com um grau ainda maior de superioridade frente ao ego. O superego sobranceiro trata de infantilizar e diminuir o ego, desdenhando de seus interesses e de seu sofrimento. O ego, *sem possibilidades de reação*, fica apenas com a alternativa de se divertir com a própria dor, obtendo assim algum prazer. Freud (1927/1969j1) fez a seguinte afirmação a este respeito:

A pilhéria feita por humor não é o essencial. Ela tem apenas o valor de algo preliminar. O principal é a intenção que o humor transmite, seja agindo em relação quer ao eu quer às outras pessoas. Significa: Olhem! Aqui está o mundo, que parece tão perigoso! Não passa de um jogo de crianças, digno apenas de que sobre ele se faça uma pilhéria! (p. 169).

Segundo Gerez-Ambertín (2003), esta nuance inesperada do superego *que cai na folia* junto com o ego, é na verdade uma versão remodelada do banquete totêmico, que na sua visão “significa o encontro de uma disposição para brincar com fogo (com o pior do pai) sem se queimar, obtendo ainda um certo ganho de prazer.... Este mal que muda de ênfase indica a verdadeira natureza do humor: o negro, o de morte. Freud diz: o do cadafalso” (p. 135). Ou seja, no humor o superego deixa de confrontar abertamente o ego, oferecendo-lhe uma espécie de trégua, diríamos. O súdito e o soberano festejam juntos, dividem a mesma mesa, e a comicidade do humor surge da comparação entre os extremos de um que se agiganta e de outro que se apequena. O ego, quanto mais infantilizado, empobrecido, atarantado e ignóbil, mais atrai a “benevolência” do superego, que aceita fazer parte deste pacto burlesco. Uma ilusão, ou ficção, que segundo Freud, pode se transformar em algo artístico, enobrecedor. Nas palavras de Gerez-Ambertin (2003):

Se o superego é assim tão poderoso, semelhante magnificência, confrontada à pobreza do eu, acaba em uma paródia do poder e da autoridade. Deveríamos ver nisso a versão cômica do pai surgindo como resíduo comparativo do desamparo extremo do filho. Interessante ardil este de fazer crescer sua potência no eventual inimigo para que o diminuto rebento monte seu ombro e percorra o mundo com festiva diligência, desdenhando as “miseráveis misérias” filiais. Um pai puro poder é diferente de um pai-caricatura-de poder. O primeiro é temível, a ele se oferece a submissão; o segundo, em contrapartida, finge fingir, assim é possível rebaixá-lo à sua qualidade desejante para fazer ficção e criação do poder. A resposta é o riso (p. 139).

Freud (1927/1969j1) acredita, apesar de ele ter afirmado que ainda “temos muito a aprender a respeito da natureza do superego”, que no humor o superego tenta “confortar o ego intimidado, ... consolar e protegê-lo do sofrimento” (p. 169). Mas no

nosso modo de ver, o humor não é uma concessão benévola do superego, ao contrário, é mais uma ironia desta entidade, de cuja natureza não se esperam bondades verdadeiras, só quimeras. No humor o superego passa por complacente, pois ele permite que ego obtenha um tantinho de prazer na sua dor. Mas na verdade, esta é mais uma astúcia do *agente crítico*, que enfunado, diverte-se tratando o ego como um bobo da corte. O ego aprecia esta situação por se sentir especialmente *liberado e enobrecido*, mas é por uma ilusão, disse Freud (1927/1969j1):

Com respeito a outros assuntos conhecemos o superego como um senhor severo. Dir-se-á que não combina bem com tal caráter o fato de o superego condescender em capacitar o ego a obter uma pequena produção de prazer. É verdade que o prazer humorístico jamais alcança a intensidade do prazer cômico ou dos chistes, que jamais encontra vazão no riso cordial. Também é verdade que, ocasionando a atitude humorística, o superego está repudiando a realidade e servindo a uma ilusão. Entretanto, (sem saber exatamente porque), encaramos esse prazer menos intenso como possuindo um caráter de valor muito alto; sentimos que ele é especialmente liberador e enobrecedor (p. 169).

Acreditamos que o efeito liberador que o ego sente com o humor surge da possibilidade que este mecanismo lhe oferece para modificar a sua forma de reagir à dor. O ego bem humorado deixa de se queixar das misérias da vida e da morte, estabelecendo assim uma ponte entre a angústia insuportável e o alento do riso. Isto é possível, não porque no humor a natureza do superego seja alterada, transformando-se como num passe de mágica numa entidade protetora do ego que bondosamente lhe concede um alento de prazer na dor. Do ponto de vista metapsicológico, a transferência da ênfase psíquica do ego para o superego faz com que a pulsão de morte do agente crítico seja revestida pela pulsão de vida do ego, o que enfraquece a sua

força maligna. Ou seja, a mescla das pulsões de vida e de morte no superego produz uma supressão temporária dos ataques diretos ao ego, dando a este uma trégua. Além disto, a transferência da libido do ego para o superego produz um vazio narcísico no ego, que não chega a aniquilá-lo, mas que o desafeta (a morte passa a ser um jogo de crianças), possibilitando-lhe minimizar, ainda que temporariamente, seu sofrimento. Segundo Gerez-Ambertín (2003):

O superego (camuflado apenas pelo superinvestimento libidinal no humor) conserva sua função de observação e crítica do eu, não sem ironia, mas com indulgência para suas debilidades extremas, o que provoca um efeito de comichão. O débil eu que passou para o lado do forte superego contempla o mundo com desdém. Portanto, a crueldade do superego se modificou na ressexualização e na mistura de pulsão de vida e de morte, modificando as respostas do eu, que deixa de se lastimar e de se dobrar masoquisticamente (p. 140).

Na visão de Freud (1927/1969j1), o humor é “um dom raro e precioso, e muitos sequer dispõem da capacidade de fruir o prazer humorístico que lhes é apresentado” (p. 169). Concordamos, mas novamente não acreditamos que se trata de uma concessão bondosa do superego. Na nossa visão, o humor diz respeito a uma habilidade do ego, que apesar da ironia e das mofas do superego, não se abate por ser tratado como um tolo, mas ao contrário, ele aproveita esta oportunidade para descansar do peso de sua dor¹¹¹, gozando a supressão, ainda que passageira, das espetadas do superego.

Do ponto de vista teórico, se o humor permite que o ego se sinta ilusoriamente inatingível pela realidade segundo afirmou Freud, isto só é possível porque o ego foi desinvestido de libido. Sem interesses ou necessidades, o ego fica vazio, deixa de ser

¹¹¹ Recordamos a fala de Nietzsche (1888/1995) que mencionamos alhures: “o homem que vingou só encontra sabor no que lhe é salutar ... inventa meios de cura para injúrias e utiliza acasos ruins em seu proveito...” (p.25)

sujeito (inclusive da própria dor) para ser objeto do superego, que vai pandegar às suas custas. Daí que poderíamos dizer que o humor não é uma defesa narcísica do ego como Freud imaginou, pois o ego esvaziado de libido não triunfa, sucumbe. O triunfo é do superego, que neste caso não vai extrair prazer de massacrar o ego como acontece na melancolia, mas vai se satisfazer na farra com o ego, que não nos esqueçamos, é um banquete animado pela toada macabra da pulsão de morte.

O humor não muda e não ameniza o caráter do superego, mas revela outra face deste, a de folião insensato, que enquanto festeja, pára de vigiar o ego, permitindo-lhe assim algum alívio, ainda que passageiro. Através do humor é possível rir dos desejos parricidas e incestuosos sem culpa e sem censura. Apesar de ser uma espécie de diversão tragicômica do superego às custas do ego, o humor é um bom aliado do ser humano. Como disse Freud, apesar dele não produzir o riso cordial, ele é capaz de produzir um sentimento liberador que alivia o ego do peso de seu mundo interno e externo. Na clínica, o humor pode ser usado pelo analista para driblar a resistência que o superego impõe à evolução psíquica com seu verdadeiro mau-humor e seu caráter maligno e contrário à vida. Mas isto seria outra tese. Diria Gerez-Ambertín (2003):

O bom-humor atravessa o sentido, enfrenta o nada e ri sem compulsão da pulsão de morte, do vazio-sem-sentido. O humor não torna ninguém mais feliz, ao menos permite uma quota menor de infelicidade.... esse resto de subjetividade objetalizada [ego objeto de riso do superego] permite rir de nada. Não é formação reativa, não é defesa, não é triunfo narcisista. Nas próprias bordas do marco da fantasia é possível encontrar o cômico como contribuição do superego. Achado surpreendente e inesperado (p. 141).

10 Considerações Finais

Que diferença faz se a descoberta de interpretação de sonhos lhes parecem desagradáveis ou, na realidade, embaraçosas e repulsivas? 'Ça n'empêche pas d'exister', conforme ouvi meu mestre Charcot dizer, em situação semelhante, quando eu era um jovem médico. Deve-se ter humildade e reprimir as simpatias e antipatias quando se deseja descobrir o que é real neste mundo.

Freud

O empenho em fazer uma leitura sistemática dos textos que deslindam a trajetória da noção de superego na obra de Freud nos revelou a incrível história deste conceito, que nasceu depois de quase 30 anos de trabalho de seu autor. A descoberta dos primeiros indícios da presença superegóica no psiquismo aconteceu já no início da carreira de Freud, sendo que o superego foi inicialmente considerado como um censor de impulsos sexuais inadmissíveis à consciência, depois passou a ser visto como a própria consciência moral e finalmente conquistou uma posição estrutural e definitiva no psiquismo humano.

Abismamo-nos o quão complexa, enigmática e polêmica pode ser esta estrutura psíquica imperativa, que além de lançar mandatos insensatos ao ego causando-lhe infundáveis tormentos enredando-o nas malhas da culpa e da insuficiência dos ideais impossíveis de serem atendidos, estende seus múltiplos tentáculos pela existência humana, não só como elemento presente na estruturação do psiquismo, mas também

como fulcro da doença mental e fonte de sofrimento, engendrando além das neuroses e psicoses, profundos conflitos psíquicos internos e relacionais.

Nós concluímos que o superego é um conceito complexo e paradoxal, que não pode ser reduzido apenas à consciência moral, não é um simples herdeiro do complexo de Édipo, não é uma mera identificação com o pai, nem tampouco representa a figura do pai internalizado. É importante assinalarmos que apesar dos postulados freudianos a respeito da noção de superego serem paradoxais e contraditórios, a natureza e o comportamento desta entidade no psiquismo são muito bem definidos. O superego é uma estrutura autocrítica destrutiva, perniciososa e cruel, que vai assombrar o ego desde as profundezas da mente, podendo atacá-lo mortalmente, caso este permita. O superego pode se apresentar de forma benevolente quando ele está associado ao princípio do prazer ou no humor, mas esta sua “bondade” é na verdade um ardil utilizado com a intenção de prejudicar ou de se divertir às custas do ego.

É na melancolia que o superego demonstra a força avassaladora de sua crueldade. Alimentado pela pulsão de morte, a atuação do superego é relevante para completar o trabalho de destruição do ego já fragilizado, que irá conduzir o sujeito, sem que ele se aperceba, para a morte psíquica. Na normalidade, isto é, quando o ego está mais estruturado, o superego atua de forma mais amena, porém ainda bastante malévola, surgindo sob a forma de autocríticas desmedidas, de ameaças, da emissão de mandatos insensatos e impossíveis de serem realizados e engendrando sentimentos dolorosos de culpa, incapacidade, inadequação e apequenamento. Na nossa visão, a variação da intensidade do ataque do superego contra o ego não é função de mudanças

em seu caráter, ao contrário, sua natureza é, e permanecerá indelevelmente malévolamente. O superego sempre tentará usar seu arsenal destrutivo contra o ego, mas se ele terá sucesso ou não, dependerá da força e da estrutura do ego para se defender.

O superego, por força de sua origem simultânea no id e Édipo, e por sua vinculação com a pulsão de morte, é uma entidade essencialmente maligna, assim como o id é essencialmente amoral, impulsivo e imediatista. Por força de sua natureza, o superego não é maduro ou imaturo, bondoso ou cruel e não sofre variações em sua essência. Ao contrário, ele é fundamentalmente pernicioso, e o único humor que conhece, é o humor negro. O ego, ao contrário, pode ser mais forte ou mais frágil, ser mais maduro ou mais imaturo, podendo inclusive crescer e se desenvolver, ou ao contrário, esfacelar-se, como acontece na melancolia. Desta forma, o que determina se o superego vai conseguir ou não mortificar o ego, não é a qualidade de seu caráter, mas sim a força do ego.

O superego é malicioso. Ele ataca quando o ego está debilitado e raramente o enfrenta de frente. Ao contrário, ele atua principalmente de forma indireta, através das artimanhas e artifícios e aprendidos do id: o superego seduz com a onipotência dos pensamentos, instiga com o ideal de ego, faz críticas pseudo-constructivas motivado pela pulsão de morte e justifica seus ataques destrutivos através de racionalizações, confundindo-os com exortações destinadas a incentivar o ego. A observação destes estratagemas utilizados pelo superego para assaltar o ego nos remeteu aos ardis empregados por Satanás descritos por Milton no *Paraíso perdido*, no qual o demônio,

por não poder com a força do criador, o atinge através de sua criatura, o homem, que é suscetível, frágil e limitado.

Entendemos que o superego, por conta de sua ascendência edípica, é um dos componentes trágicos da mente humana. Sua presença ameaçadora e sua atuação insidiosa pode destruir aos poucos o potencial construtivo do ego, subtraindo do homem a alegria e a potência para percorrer a trajetória da sua existência. Por isto acreditamos que conhecê-lo é fundamental para detectarmos suas trincheiras e debelá-las.

Estamos certos que da complexidade do universo superegótico, nós apenas arranhamos a superfície, mas agora adquirimos uma exata noção do tamanho e da periculosidade do minotauro que habita o interior do psiquismo humano, e, além disto, conquistamos a convicção de que apesar do poder destrutivo do superego ser incomensurável, a sua crueldade pode ser cerceada pela força do ego. Esta constatação é extremamente importante para a clínica psicanalítica, pois o discernimento a respeito da natureza e do modo que operam as funções psíquicas é essencial para que o analista possa guiar o paciente por seu labirinto mental, ajudando-o a lidar com as emergências dolorosas de seu mundo interno. Em outras palavras, se entendemos que a destrutividade superegótica é fruto da fragilidade do ego, é esta estrutura que devemos fortalecer, ao invés de esperar bondades do superego. Como disse Migliavacca (2004), *se conhecer-se é trágico, não se conhecer, é desastroso.* (p.103)

Referências

- Anzieu, D. (1989). *A auto-análise de Freud e a descoberta da Psicanálise*. Trad. Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas. (Obra original publicada em 1959).
- Bergler, E. (1959). *La neurosis básica*. (Serie Ediciones Hormé, Vol. 4) Buenos Aires: Hormé.
- Bonaparte, M., Freud, A. & Kris, E. (1954). *The Origins of Psycho-Analysis. Letters to Wilhelm Fliess, Drafts and Notes: 1887- 1902*. (E. Mosbacher & J. Strachey, Trad.). Nova York: Basic Books.
- Bion, W. R. (2004). *Elementos de Psicanálise*. (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1963).
- Fenichel, O. (2000). *Teoria psicanalítica das neuroses. Fundamentos e bases da doutrina psicanalítica*. (S. P. Reis, Trad.). São Paulo: Atheneu.
- Ferenczi, S. & Rank, O. (1925). *The Development of Psycho-Analysis*. (C. Newton, Trad.). Nova York, NY: Mental Disease Publications. (Obra original publicada em 1923).
- Figueira, S. A. (1993). Dissecando a mente do psicanalista: o superego técnico psicanalítico. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 26(4), 553-570.
- Figueira, S. (1994, março). Trajetória de um pesquisador em psicanálise. *Psicanálise e Universidade - Atas do primeiro encontro de pesquisa acadêmica e psicanálise*. São Paulo: PUC, (2), 77-99.
- Freud, S. (1954a). Cartas 30 e 31. In: S. Freud. *The origins of psychoanalysis. Letters to Wilhelm Fliess, drafts and notes: 1897-1902 by Sigmund Freud*. (E. Mosbacher & J. Strachey, Trad.). Nova Iorque, NY: Basic B. (Obra original publicada em 1895).
- Freud, S. (1954b). Carta 49. In: S. Freud. *The origins of psychoanalysis. Letters to Wilhelm Fliess, drafts and notes: 1897-1902 by Sigmund Freud*. (pp. 169-170). (E. Mosbacher & J. Strachey, Trad.). Nova Iorque, NY: Basic B. (Obra original publicada em 1896).
- Freud, S. (1954c). Carta 50. In: S. Freud. *The origins of psychoanalysis. Letters to Wilhelm Fliess, drafts and notes: 1897-1902 by Sigmund Freud*. (pp. 170-171). (E. Mosbacher & J. Strachey, Trad.). Nova Iorque, NY: Basic B. (Obra original publicada em 1896).

- Freud, S. (1954d). Carta 72. In: S. Freud. *The Origins of Psycho-Analysis. Letters to Wilhelm Fliess, Drafts and Notes: 1887- 1902.* (pp. 225-227). (E. Mosbacher & J. Strachey, Trad.). Nova York, NY: Basic Books. (Obra original publicada em 1897).
- Freud, S. (1954e). Carta 73. In: S. Freud. *The Origins of Psycho-Analysis. Letters to Wilhelm Fliess, Drafts and Notes: 1887- 1902.* (pp. 227-228). (E. Mosbacher & J. Strachey, Trad.). Nova York, NY: Basic Books. (Obra original publicada em 1897).
- Freud, S. (1969a). Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim. In: S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.* (Vol. 1, pp. 39-49), (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1886).
- Freud, S. (1969b). Um Caso de Cura pelo Hipnotismo - Com alguns comentários sobre a origem dos sintomas histéricos através da “contravontade”. In: S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.* (Vol. 1, pp. 159-170). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1892).
- Freud, S. (1969c). Estudos sobre a histeria. In: S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.* (Vol. 2, pp. 39-319). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1893-1895).
- Freud, S. (1969d). As neuropsicoses de defesa. In: S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.* (Vol. 3, pp. 51-72). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1894).
- Freud, S. (1969e). Rascunho E. Como se origina a angústia. In: S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.* (Vol. 1, pp. 235-241). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1894).
- Freud, S. (1969f). Rascunho H. In: S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.* (Vol. 1, pp. 253-258). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1895).
- Freud, S. (1969g). Projeto para uma psicologia científica In: S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.* (Vol. 1, pp. 335-454). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1895).
- Freud, S. (1969h). Rascunho K – As neuroses de defesa. In: S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.* (Vol. 1, pp. 267-276). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1896).

- Freud, S. (1969i). Carta 60. In: S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 1, pp. 293-296). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1897).
- Freud, S. (1969j). Carta 61. In: S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 1, pp. 296-297). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1897).
- Freud, S. (1969k). Carta 64. In: S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 1, pp. 303-304). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1897).
- Freud, S. (1969l). Rascunho N. In: S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 1, pp. 304-307). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1897).
- Freud, S. (1969m). Carta 69. In: S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 1, p. 309-311). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1897).
- Freud, S. (1969n). Carta 70. In: S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 1, pp. 311-314). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1897).
- Freud, S. (1969o). Carta 71. In: S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 1, p. 314-317). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1897).
- Freud, S. (1969p). A Interpretação dos Sonhos. In: S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 4/5, pp. 15-700). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1900).
- Freud, S. (1969q). Sobre a Psicopatologia da vida Cotidiana. In: S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 6, pp. 13-272). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1901).
- Freud, S. (1969r). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 7, pp. 123/251). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1905).
- Freud, S. (1969s). Os chistes e sua relação com o inconsciente. In: S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 8,

- pp. 11-222). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1905).
- Freud, S. (1969t). Atos obsessivos e práticas religiosas. In: S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 9, pp. 106-117). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1907).
- Freud, S. (1969u). Formulações sobre os dois princípios do suceder psíquico. In: S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 12, pp. 233-244). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1911).
- Freud, S. (1969v). Recomendação aos médicos que exercem a psicanálise. In: S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 12, pp. 124—133). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1912),
- Freud, S. (1969w). Totem e Tabu. In: S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 13, pp. 17-163). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1913).
- Freud, S. (1969x). A disposição à neurose obsessiva. Uma contribuição ao problema da escolha da neurose. In: S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 12, pp. 335-349). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1913).
- Freud, S. (1969y). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 14, pp. 82-119). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1914).
- Freud, S. (1969z). Luto e Melancolia. In: S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 14, p. 271-291). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1915).
- Freud, S. (1969a1). Os instintos e suas viscissitudes. In: S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 14, pp. 117-144). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1915).
- Freud, S. (1969b1). Conferências Introdutórias sobre a psicanálise. Conf. IX In: S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 15, pp. 139-150). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1916 [1915-16]).

- Freud, S. (1969c1). Conferências Introdutórias sobre a psicanálise. Conf. XIV. In: S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 15, pp. 215-228). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1916 [1915-16]).
- Freud, S. (1969d1). Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico. In: S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 14, pp. 322-348). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1916).
- Freud, S. (1969e1). Uma criança é espancada. Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In: S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 17, pp. 191-218). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1919).
- Freud, S. (1969f1). Além do Princípio do Prazer. In: S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 18, pp. 13-75). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1920).
- Freud, S. (1969g1). Psicologia de grupo e análise do ego. In: S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 18, pp. 79-154). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1921).
- Freud, S. (1969h1). O ego e o id. In: S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 19, pp. 13-83). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1923).
- Freud, S. (1969i1). Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 19, pp. 272-286). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1925).
- Freud, S. (1969j1). O humor. In: S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 21, pp. 161-169). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1927).
- Freud, S. (1969k1). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. Conf. XXXI. In: S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 22, pp. 63-84). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1933[1932]).
- Freud, S. (1969l1). Um distúrbio de memória na Acrópole. In: S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 22, pp. 237-245). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1936).

- Freud, S. (1969m1). Esboço de psicanálise. In: S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 23, pp. 153-155). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1938-1940).
- Freud, S. (1969n1). *Neurose e psicose*. In: S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 19, pp. 163-171). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1924[1923]).
- Freud, S. (1969o1). Caráter e erotismo anal. In: S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 9, pp. 159-168). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1908).
- Freud, S. (1969p1). Lembranças encobridoras. In: S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 3, pp. 285-230). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1899).
- Gay, P. (2005). *Freíd. Uma vida para nosso tempo*. (D. Bottmann, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1988).
- Gerez-Ambertín, M. (2003). *As Vozes do Supereu na clínica psicanalítica e no mal estar na civilização*. (S. M. Chesil, Trad.). Caxias do Sul, RS: Cultura Editores Associados.
- Grinberg, L. (2000). *Culpa e depressão*. (C. Mortágua, Trad.). Lisboa, Portugal: Climepsi.
- Jones, E. (1926). The origin and structure of the super-ego. *International Journal of Psycho-Analysis*, 7, 303-311.
- Jones, E. (1989). *Vida e Obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1953).
- Klein, M. (1985a). Uma contribuição à psicogênese dos estados maníacos-depressivos. In: M. Klein. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos*. (pp. 301-329). (B. H. Mandelbaum et al., Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1935).
- Klein, M. (1985b). Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In: M. Klein. *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. (pp. 17-43). (B. H. Mandelbaum et al., Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1946).
- Klein, M. (1985c). Inveja e gratidão. In: M. Klein. *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. (pp. 205-267). (B. H. Mandelbaum et al., Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1957).

- Kohut, H (1988). *Psicologia do self e a cultura humana. Reflexões sobre uma nova abordagem psicanalítica*. (J. O. A. Abreu, Trad.). Porto Alegre: Artes médicas. (Obra original publicada em 1985).
- Lalande, A (1999). *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. (F. S. Correia et al., Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1926).
- Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1995). *Vocabulário da Psicanálise*. (P. Tamen, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1982).
- Lévinas, E. (1998). *Da existência ao existente*. Campinas, SP: Papirus. (Obra original publicada em 1947).
- Mezan, R. (1994). Pesquisa teórica em Psicanálise. In: *Psicanálise e Universidade - Atas do primeiro encontro de pesquisa acadêmica e psicanálise*. São Paulo: PUC, 2, 51-75.
- Mezan, R. (2006) *Freud, pensador da cultura*. (7a ed.). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1985).
- Migliavacca, E. M. (2004). *A dimensão trágica do psiquismo: um ensaio na perspectiva psicanalítica*. Tese de Livre docência, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Moreira, A. (2002). *Clinica da melancolia*. São Paulo, SP: Escuta.
- Nietzsche, F. (1995) *Ecce homo. Como alguém se torna o que é*. (P. C. Souza, Trad.). São Paulo, SP: Cia das Letras. (Obra original publicada em 1888).
- Nietzsche, F. W. (2000) *Assim falava Zaratustra*. (7a ed.). (E. N. Fonseca, Trad.). Curitiba, PR: Hemus. (Obra original publicada em 1883).
- O'Shaughnessy, E. (2001). Com Relação ao Superego. In: E. R. Sang. (Ed.). *Livro Anual de Psicanálise*. (Vol.15, pp.79-88). São Paulo: Escuta. (Obra original publicada em 1997).
- Parker, I. (1996). Qualitative research. In: P. Bannister, E. Burman & I. Parker. *Qualitative methods in psychology - a research guide*. Philadelphia, PA: Open University Press.
- Robert, M. (1977). *From Oedipus to Moses. Freud's Jewish Identity*. Londres, Inglaterra: Routledge & Kegan Paul. (Obra original publicada em 1974).
- Rodrigué, R. (1995). *Sigmund Freud. O século da Psicanálise: 1895- 1995*. São Paulo, SP: Escuta.

-
- Roudinesco, E (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Schur, M. (1972). *Freud: Living and dying*. New York, NY: International Universities Press.
- Shakespeare, W. (1978). Macbeth. In: W. Shakespeare. *Teatro Inglês (Tragédia)*. (C. A. C. Medeiros & O. Mendes, Trad.). São Paulo, SP: Abril Cultural.
- Weiss, E. (1932). Regression and projection in the super-ego. *The International Journal of Psycho-analysis*. Londres, Instituto de Psicanálise, 13, 449-478.